



A PRINCESA DE GELO CAMILLA LÄCKBERG

“A RAINHA DO CRIME” *ParisMatch*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A princesa de gelo

A PRINCESA DE GELO CAMILLA LÄCKBERG

Tradução
Marco Syrayama de Pinto

2ª edição

 Planeta

Copyright © Camilla Läckberg, 2002

Edição original por Warne, Suécia, 2002.

Edição publicada de acordo com Nordin Agency, Suécia e Pontas Literary & Film Agency, Espanha.

Título original: The Ice Princess

Revisão: Maísa Kawata, Marta Almeida de Sá, Bel Ribeiro

Capa adaptada do projeto gráfico original de: HarperCollins Publishers Ltd. 2008

Imagem de capa: Millennium Images/Millennium Images/Latinstock

Diagramação: Renata Milan

Produção Digital: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Läckberg, Camilla

A princesa de gelo / Camilla Läckberg ; tradução Marco Syrayama de Pinto. – São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2010.

Título original: The ice princess.

ISBN 978-85-422-0010-2

1. Ficção policial e de mistério (Literatura sueca) 2.
Romance sueco I. Título.

10-03962

CDD-839.737

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura sueca 839.737

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 — 3º andar — conj. 32B

Edifício New York

05001-100 — São Paulo-SP

www.editoraplaneta.com.br

vendas@editoraplaneta.com.br

Para Wille

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 1



A casa estava desolada e vazia. O frio penetrava em cada canto. Uma fina camada de gelo tinha se formado na banheira. Ela tinha começado a adquirir uma coloração levemente azul. Ele achava que ela parecia uma princesa ali deitada. Uma princesa de gelo.

O chão onde estava sentado encontrava-se gelado, mas o frio não o incomodava. Ele estendeu a mão e a tocou. O sangue em seus pulsos já tinha coagulado havia muito tempo. Seu amor por ela nunca fora tão forte. Ele acariciou seu braço, como se estivesse acariciando a alma que agora havia saído do seu corpo. Ele não olhou para trás quando foi embora. Não foi um “adeus”, mas um “até logo”.

* * *

Eilert Berg não era um homem feliz. Sua respiração era forçada e o ar saía de sua boca como se fossem pequenas lufadas, mas ele não considerava que sua saúde fosse seu maior problema.

Svea era tão linda quando jovem, que ele mal pôde esperar a hora de vê-la na cama nupcial. Ela parecia dócil, afetuosa e um pouco tímida. Sua verdadeira natureza se manifestou após um período de lascívia adolescente que durou bem pouco. Ela bateu o pé e o manteve preso por quase cinquenta anos. Mas Eilert tinha

um segredo. Pela primeira vez, tivera a oportunidade de um pouco de liberdade no outono de sua vida, e não pretendia desperdiçá-la.

Ele deu duro como pescador por toda sua vida, e seu ganho tinha sido sempre o suficiente para sustentar Svea e as crianças. Após se aposentar, só tinha sua escassa pensão para se sustentar. Sem dinheiro no bolso, não tinha chance de recomeçar a vida em algum outro lugar sozinho. Agora essa oportunidade surgia como uma dádiva do céu, e, além disso, era ridiculamente fácil. Mas se alguém queria lhe pagar uma vergonhosa quantia de dinheiro por algumas horas de trabalho a cada semana, não era problema seu. Ele não ia reclamar. As notas dentro da caixa de madeira detrás do monte de adubo tinham se acumulado de maneira impressionante no período de um ano, e em breve teria dinheiro suficiente para se mudar para algum lugar com clima mais quente.

Ele parou para tomar fôlego na última estrada íngreme para a casa e massageou suas mãos artríticas. A Espanha, ou talvez a Grécia, derreteria o gelo que parece vinha bem de dentro dele. Eilert calculou que tinha pelo menos dez anos até bater as botas, e pretendia aproveitá-los ao máximo, por isso seria muito azar passar esse tempo com aquela velha rabugenta em casa.

Suas caminhadas diárias pela manhã eram seus únicos momentos de paz e tranquilidade; também significava que ele fazia os exercícios de que tanto precisava. Sempre fazia o mesmo caminho, e as pessoas que conheciam seus hábitos, muitas vezes, saíam para conversar com ele. Gostava especialmente de conversar com a linda garota da casa mais distante na colina, ao lado da escola Hakebacken. Ela só estava lá nos fins de semana, sempre sozinha, mas ficava feliz em aparecer para falar do tempo. A senhorita Alexandra antigamente se interessava em Fjällbacka também, e este era um assunto sobre o qual Eilert gostava de conversar. Ela era muito bonita... Isso era algo que ele ainda apreciava, muito embora estivesse velho agora. É claro que havia

um monte de fofoca a respeito dela, mas uma vez que você começasse a escutar a tagarelice das mulheres, não haveria muito tempo para outras coisas.

Cerca de um ano atrás, ela tinha lhe perguntado se ele consideraria dar um pulo na sua casa, caso estivesse por perto, nas manhãs de sexta-feira. A casa era velha, e tanto a fornalha como o encanamento não eram confiáveis. Ela não gostava de voltar para uma casa fria nos fins de semana, e lhe daria uma chave, para que ele somente desse uma olhada lá dentro e verificasse se tudo estava em ordem. Tinha acontecido alguns arrombamentos naquela região ultimamente, então ele também deveria ver se as fechaduras das portas e das janelas tinham sido mexidas.

A tarefa não parecia tão penosa, e uma vez por mês havia um envelope com seu nome aguardando-o na caixa de cartas contendo o que era, para ele, uma quantia opulenta. Ele também achava que era bom ser útil. Era tão difícil ficar sem fazer nada depois de ter trabalhado por toda a vida.

A porta estava torta e rangia quando ele a empurrava, girando-a em direção ao caminho para o jardim, onde a neve ainda não havia sido limpada. Ele se perguntava se ela teria pedido para um dos garotos que a ajudasse. Isso não era um trabalho para uma mulher.

Ele manuseou desajeitadamente as chaves, tomando cuidado para não deixá-las cair na neve profunda. Se tivesse de se ajoelhar, nunca se levantaria de novo. Os degraus do pórtico da frente estavam escorregadios, por isso tinha de segurar no corrimão. Eilert estava prestes a pôr a chave na fechadura quando viu que a porta estava entreaberta. Assustado, ele a abriu e entrou no corredor principal.

“Olá, tem alguém em casa?”

Talvez ela tivesse chegado um pouco mais cedo naquele dia. Não houve resposta. Ele viu a própria respiração saindo de sua

boca e percebeu que a casa estava gelada. De repente, não sabia o que fazer. Havia algo sério acontecendo, e não pensou que fosse somente uma fornalha defeituosa.

Ele caminhou pelos quartos. Parecia que não haviam tocado em nada. A casa estava tão arrumada como sempre estivera. O videocassete e a televisão estavam onde sempre tinham estado. Após olhar por todo o piso térreo, Eilert foi para o andar de cima. As escadas eram íngremes, e ele tinha de segurar firme no corrimão. Quando chegou ao andar superior, foi primeiro ao quarto de dormir. Era de mulher, mobiliado com gosto e tão arrumado quanto o resto da casa. A cama estava feita e havia uma mala ao seu pé que parecia não ter sido esvaziada. Agora ele se sentia um pouco envergonhado. Talvez ela tivesse chegado um pouco mais cedo, descoberto que a fornalha não estava funcionando e saído para achar alguém para consertá-la. Mas ele não acreditava nessa explicação. Algo de errado tinha acontecido. Ele podia sentir nas suas juntas, da mesma forma que sentia quando uma tempestade se aproximava. Cautelosamente continuou a olhar pela casa. O outro quarto era um sótão grande, com o teto inclinado e vigas de madeira. Dois sofás estavam um de frente para o outro em cada lado de uma lareira. Havia algumas revistas espalhadas na mesa de centro, mas, de resto, tudo estava no lugar. Ele desceu as escadas. Lá, também, tudo parecia estar como deveria. Nem a cozinha nem a sala de estar pareciam diferentes do normal. O único lugar que faltava olhar era o banheiro. Algo o fez parar antes de empurrar a porta. Ainda não havia nenhum barulho na casa. Ele ficou lá, hesitando por um momento, e, ao perceber que estava agindo de forma ridícula, empurrou com firmeza a porta.

Alguns segundos depois ele estava correndo para a porta da frente tanto quanto sua idade permitia. No último instante, lembrou-se de que os degraus estavam escorregadios e agarrou no

corrimão para evitar cair de cabeça escada abaixo. Caminhou com dificuldade na neve, no caminho para o jardim, e resmungou quando a porta emperrou. Ficou parado na calçada, sem saber o que fazer. Pouco mais abaixo, na rua, viu alguém se aproximando a passos rápidos e reconheceu a filha de Tore, Erica. Ele gritou para que ela parasse.

Ela estava cansada. Morta de cansaço. Erica Falck desligou seu computador e foi para a cozinha encher de novo sua xícara de café. Ela se sentia pressionada por todos os lados. Os editores queriam um primeiro esboço do livro em agosto, e ela mal tinha começado. O livro sobre Selma Lagerlöf, sua quinta biografia sobre uma escritora sueca, deveria ser o melhor, mas ela estava completamente destituída de qualquer desejo de escrever. Já fazia mais de um mês que seus pais tinham morrido, mas sua tristeza estava tão fresca nesse dia como quando ela recebera a notícia. Limpar a casa dos seus pais tampouco tinha sido tão fácil quanto ela esperava que fosse. Tudo suscitava lembranças. Demorou horas para empacotar cada caixa, porque com cada objeto ela se via mergulhada em imagens de uma vida que às vezes dava a sensação que estava muito perto, e outras, muito, muito longe. Mas o empacotamento não poderia se feito com pressa. Seu apartamento em Estocolmo estava sublocado no momento, e ela achou que seria melhor ficar em Fjällbacka e escrever. A casa ficava um pouco fora da cidade, em Sälvik, e os arredores eram calmos e tranquilos.

Erica sentou-se na sacada encoberta e olhou para as ilhas e os arrecifes. A vista nunca deixava de impressioná-la. Cada nova estação trazia consigo uma paisagem espetacular, e naquele dia estava banhada com a claridade do sol que enviava cascatas de luz deslumbrantes sobre a grossa camada de gelo no mar. Seu pai teria adorado um dia como aquele.

Ela sentiu um nó na garganta, e o ar da casa de repente se tornou sufocante. Decidiu sair para dar um passeio. O termômetro mostrava quinze graus abaixo de zero, por isso vestiu camadas e mais camadas de roupas. Ainda estava com frio quando saiu pela porta, mas não levou muito tempo para que seus passos rápidos a aquecessem.

Lá fora estava gloriosamente calmo. Não havia mais ninguém por perto. O único som que ela ouvia era o da sua respiração. Isso era um grande contraste com os meses de verão, nos quais a cidade fica fervilhante de vida. Erica preferia ficar longe de Fjällbacka no verão. Embora soubesse que a sobrevivência da cidade dependia do turismo, ela ainda não podia se livrar do sentimento de que em todo verão a cidade era infestada por um enxame de gafanhotos. Um monstro de muitas cabeças que lentamente, ano a ano, devorava o velho vilarejo de pesca, pois compravam as casas que ficavam perto do mar, e fazia dele uma cidade fantasma por nove meses ao ano.

A pesca era a subsistência de Fjällbacka há séculos. O ambiente impiedoso e a constante luta pela sobrevivência, quando tudo dependia de o arenque afluir de volta ou não, tinham tornado o povo da cidade forte e resistente. Então Fjällbacka havia se tornado pitoresca e começado a atrair turistas com carteiras recheadas. Ao mesmo tempo, o peixe perdera sua importância como fonte de renda, e Erica pensou que até podia ver as costas dos habitantes permanentes se inclinar mais para baixo a cada ano que passava. Os jovens iam embora, e os habitantes mais velhos sonhavam com os tempos passados. Ela também estava entre aqueles que tinham decidido ir embora. Apressou mais o passo e virou à esquerda em direção ao monte que levava à escola Hakebacken. À medida que Erica se aproximava do topo do monte, ouviu Eilert gritar algo que ela não conseguia entender. Ele estava acenando com os braços e vindo em sua direção.

“Ela está morta.”

Eilert estava ofegante, sua respiração curta, e um chiado horrível vinha de seus pulmões.

“Tenha calma, Eilert. O que aconteceu?”

“Ela está estendida lá! Morta.”

Ele apontou para a casa grande e azul-clara no cume do monte com um olhar implorador.

Levou um tempo para Erica compreender o que ele estava dizendo, mas quando absorveu as palavras empurrou com força a porta teimosa e caminhou penosamente em direção à porta dianteira. Eilert tinha deixado a porta entreaberta, e a moça cautelosamente atravessou o limiar, incerta do que poderia ver. Ele estava pálido e sua voz estava fraca quando disse: “Lá”.

Fazia tempo que Erica não ia àquela casa, mas a conhecia bem e sabia onde ficava o banheiro. Ela tremeu de frio apesar de suas roupas quentes. Empurrou a porta do banheiro lentamente e deu um passo para dentro.

Ela não sabia mesmo o que esperar depois da afirmação abrupta de Eilert, mas nada a tinha preparado para ver sangue. O banheiro era todo de azulejo branco, por isso o efeito do sangue dentro e em volta da banheira era ainda mais chocante. Por um átimo, ela achou o contraste bonito, para somente depois se tocar que era uma pessoa real que estava estendida lá na banheira.

Apesar da cor azulada do seu corpo, Erica a reconheceu na hora. Era Alexandra Wijkner, cujo sobrenome de solteira era Carlgren, filha da família dona da casa. Na infância, elas tinham sido amigas inseparáveis, mas isso já fazia uma eternidade. Agora a mulher na banheira parecia uma estranha.

Por sorte, os olhos do cadáver estavam fechados, mas os lábios tinham uma coloração azul-clara. Uma fina camada de gelo se formara ao redor do seu dorso, escondendo a parte inferior do

corpo completamente. O braço direito, manchado de sangue, caía debilmente da beira da banheira, e os dedos estavam mergulhados na piscina congelada de sangue no chão. Havia uma lâmina na beira da banheira. O outro braço era visível somente do cotovelo para cima, o resto estava escondido debaixo do gelo. Os joelhos também se faziam aparecer pela superfície congelada. Os longos cabelos loiros de Alex estavam espalhados como um leque numa extremidade da banheira e pareciam frágeis, congelados no frio.

Erica ficou lá, em pé, olhando para ela por um longo tempo, tremendo muito em razão do frio e da solidão exibida por aquele quadro macabro. Então, retrocedeu silenciosamente para fora do banheiro.

Depois disso, tudo parecia acontecer como num borrão. Ela ligou para o médico de plantão de seu celular e esperou com Eilert até que ele e a ambulância chegassem. Ela reconheceu em Eilert os sinais de choque semelhantes aos de quando recebera a notícia a respeito de seus pais e preparou uma dose generosa de conhaque assim que chegou em casa. Talvez não fosse o que o médico lhe receitaria, mas pelo menos fez com que suas mãos parassem de tremer.

Ver Alex a conduziu de volta à sua infância. Já fazia mais de vinte e cinco anos que elas tinham sido amigas íntimas, mas embora muitas pessoas tivessem entrado e saído de sua vida desde então, Alex ainda vivia no seu coração. Elas eram apenas crianças naquela época. Já adultas, afastaram-se uma da outra. Mesmo assim, Erica custava a acreditar que a amiga tirara sua própria vida, que era a interpretação inescapável do que tinha visto. A Alexandra que ela conhecia era a pessoa mais viva e confiante que podia conceber. Uma mulher atraente, segura de si, com um brilho que fazia as pessoas se virarem e olhar para ela. De acordo com a fonte de quem Erica tinha ouvido a notícia, Alex tinha uma vida

boa, assim como ela sempre achou que seria. Dirigia uma galeria de arte em Gotemburgo, era casada com um homem bem-sucedido e bom e morava numa casa que mais parecia uma mansão na ilha de Särö. Mas algo obviamente tinha dado errado.

Erica sentiu que precisava se distrair, então ligou para sua irmã:

“Você estava dormindo?”

“Está brincando? Adrian me acordou às três da madrugada, e quando ele finalmente pegou no sono, às seis, Emma já estava acordada e queria brincar.”

“O Lucas não poderia ter levantado?”

Silêncio gélido do outro lado da linha; Erica mordeu sua língua.

“Ele tem uma reunião importante hoje, então precisava dormir bem. Além disso, seu trabalho está fervilhando agora. A empresa está numa etapa estratégica que é crítica.”

A voz de Anna estava ficando mais alta, e Erica podia ouvir uma insinuação de histerismo. Lucas sempre tinha uma desculpa pronta, e Anna estava provavelmente citando-o literalmente. Se não fosse uma reunião importante, então ele estava sobrecarregado com tantas decisões fundamentais para tomar, e seus nervos estavam afetados por causa da pressão associada à sua pessoa, em suas próprias palavras, um homem de negócios tão bem-sucedido. Então, toda a responsabilidade pelas crianças recaía sobre a Anna. Com uma criança de três anos vivaz e um bebê de quatro meses, ela parecia ser dez anos mais velha do que os seus trinta quando as irmãs se viram durante o enterro de seus pais.

“Querida, não toque nisso”, Anna gritou, em inglês.

“Honestamente, você não acha que já é hora de falar sueco com Emma?”

“Lucas acha que deveríamos falar em inglês em casa. Ele diz que, de qualquer forma, vamos nos mudar de novo para Londres

antes de ela começar a ir para a escola.”

Erica estava tão cansada de ouvir “Lucas acha, Lucas diz, Lucas pensa que...”. Aos seus olhos, Lucas era um exemplo perfeito de um imbecil de primeira.

Anna o conhecera quando estava fazendo *au pair* em Londres e ficara instantaneamente encantada com a chuva de atenção do bem-sucedido corretor de valores Lucas Maxwell, dez anos mais velho. Ela abandonou todos os planos de começar uma faculdade, e decidiu dedicar toda sua vida para ser uma esposa perfeita e ideal. O único problema era que Lucas nunca ficava satisfeito, e Anna, que tinha feito tudo que sempre quisera quando criança, tinha extirpado sua personalidade por completo após se casar. Até chegarem as crianças, Erica achava que a irmã ia se tocar, deixar Lucas e começar a viver a própria vida. Mas quando primeiro Emma e depois Adrian nasceram, ela teve de admitir que seu cunhado chegara para ficar.

“Sugiro que deixemos as opiniões de Lucas sobre como educar uma criança para lá. O que as belezinhas da titia têm feito desde a última vez?”

“Bem, o de sempre, sabe... Emma fez pirraça ontem e conseguiu rasgar uma pequena fortuna em roupas de bebê, e Adrian ou tem vomitado ou gritado sem parar por três dias.”

“Parece que você está precisando de uma mudança de cenário. Você não pode trazer as crianças e passar uma semana aqui comigo? Sua ajuda seria muito bem-vinda. E em breve teremos de cuidar de toda a documentação também.”

“Humm, bem... Nós estávamos pensando em falar com você a respeito disso.”

Como sempre, quando tinha de lidar com algo desagradável, a voz de Anna começava a tremer incontrolavelmente. Erica ficou instantaneamente alerta. Aquele “nós” soou agourento. Sempre

quando Lucas se intrometia nos negócios, significava que algo o beneficiaria em detrimento dos outros envolvidos.

Erica esperou Anna continuar.

“Lucas e eu temos pensado em voltar para Londres assim que ele colocar a subsidiária sueca em pé. Realmente não estávamos querendo manter uma casa aqui. Tampouco é legal para você se incomodar com uma casa de campo enorme. Quero dizer, sem uma família e tudo mais...”

O silêncio era perturbador.

“O que você está tentando dizer?”

Erica enrolou seu cabelo cacheado no seu dedo indicador, um hábito que tinha desde a infância e aparecia sempre quando ficava nervosa.

“Bem... Lucas acha que deveríamos vender a casa. Seria difícil para nós ficarmos com ela e mantê-la. Além disso, queremos comprar uma casa em Kensington quando nos mudarmos, e mesmo que ele ganhe bastante bem, o dinheiro da venda faria uma grande diferença. Ou seja, uma casa na costa oeste, naquela região, sairia por alguns milhões de *kronor*. Os alemães são loucos por vistas do oceano e ar vindo do mar.”

Anna continuava impondo seu argumento, mas Erica sentiu que já tinha ouvido o suficiente e, silenciosamente, desligou o telefone bem no meio da frase. Anna certamente conseguiu fazê-la se distrair, como sempre.

Erica sempre fora mais uma mãe do que uma irmã para Anna. Desde quando eram crianças, ela sempre a tinha protegido e tomado conta dela. Anna era uma verdadeira filha da natureza, um furacão que seguia os próprios impulsos sem considerar os resultados. Mais vezes do que podia contar, Erica se viu forçada a salvar Anna de situações embaraçosas. Lucas tinha arrancado a espontaneidade e a alegria de viver de seu ser. Mais do que qualquer coisa, isso era algo que Erica nunca poderia perdoar.

Pela manhã, os acontecimentos do dia anterior pareciam um pesadelo. Erica teve um sono profundo, mas sem sonhar, e mesmo assim sentia como se mal tivesse tirado uma soneca. Ela estava tão cansada que todo seu corpo doía. O estômago estava reclamando, mas após uma rápida espiada na geladeira, ela percebeu que uma breve ida ao supermercado da Eva seria necessária antes de conseguir qualquer coisa para comer.

A cidade estava deserta, e na praça Ingrid Bergman não havia rastro do comércio vicejante dos meses de verão. A visibilidade estava boa, sem neblina ou cerração, e Erica podia avistar uma extremidade da ilha de Valö, que mostrava sua silhueta no horizonte. Junto de Krakholmen, fazia fronteira com uma passagem estreita para o outro arquipélago.

Erica não encontrou ninguém até ter andado metade do caminho da subida para Galärbacken. Foi um encontro que preferia ter evitado, e instintivamente procurou uma possível rota de escape.

“Bom dia.” A voz de Elna Persson estridulou com uma vivacidade desavergonhada. “Ora se não é a nossa querida escritora passeando ao sol da manhã.”

Erica quase morreu de vergonha.

“Sim, só estava a caminho do mercado da Eva para fazer algumas comprinhas.”

“Pobrezinha, você deve estar completamente arrasada após uma experiência tão terrível.”

O papo de Elna tremeu de entusiasmo, e Erica a achou parecida com um pardalzinho gordo. Seu casaco de algodão tinha tons de verde e cobria seu corpo dos ombros aos pés, dando a impressão de uma massa grande e amorfa. Sua mão segurava com firmeza a bolsa. Um chapéu desproporcionalmente pequeno equilibrava-se em sua cabeça. O material parecia feltro, e também era de uma cor verde-musgo indefinida. Seus olhos eram pequenos e

profundamente depositados numa camada de gordura, e agora se fixavam em Erica. Claramente ela estava esperando uma resposta.

“Sim, bem, não foi muito agradável.”

Elna consentiu com simpatia. “Sim, encontrei-me por acaso com a senhorita Rosengren e ela me disse que tinha passado de carro e visto você e uma ambulância fora da casa dos Carlgren, e percebemos na hora que algo horrível tinha acontecido. E depois, à tarde, quando liguei para doutor Jacobsson, soube da tragédia. Sim, ele me disse confidencialmente, e isso é algo que tem de se respeitar.”

Ela assentiu para mostrar quanto respeitava o juramento de confidência do doutor Jacobsson.

“Tão jovem, e tudo mais. Naturalmente devemos nos perguntar qual poderia ser a razão. Pessoalmente, sempre a achei um tanto extenuada. Já conhecia sua mãe, Birgit, havia anos, uma mulher que sempre foi uma pilha de nervos, e todos sabem que isso é hereditário. Ela ficou toda convencida também, a Birgit, quero dizer, quando Karl-Erik conseguiu aquele grande emprego de gerência em Gotemburgo. Então Fjällbacka não lhe era mais interessante. Não, a partir daí o importante para ela era a cidade grande. Mas eu lhe digo, o dinheiro não faz ninguém feliz. Se tivesse sido permitido que aquela garota crescesse aqui em vez de arrancar suas raízes e se mudar para a cidade grande, as coisas não teriam terminado dessa maneira. Ah, sim, esse tipo de coisa pode deixar uma marca na alma de uma pessoa pelo resto da vida. Antes de eles irem embora daqui, ela era a garotinha mais feliz e mais vivaz que se podia imaginar. Vocês duas não brincaram quando eram crianças? Bem, na minha opinião...”

Elna continuou com seu monólogo, e Erica, que não via um fim para sua angústia, começou desesperadamente a pensar numa maneira de desvencilhar-se da conversa, que estava começando a

ficar cada vez mais desagradável. Quando Elna parou para tomar fôlego, Erica viu sua oportunidade.

“Foi muitíssimo bom conversar com você, mas infelizmente tenho de ir agora. Preciso fazer tantas coisas. Tenho certeza de que você vai entender.”

Erica fez uma expressão patética, esperando convencer Elna.

“Mas é claro, minha querida. Eu não estava pensando direito. Tudo isso deve ter sido tão difícil para você, acontecendo logo depois da tragédia da sua própria família. Você tem que perdoar o descuido de uma velha.”

Nesse momento, Elna estava a ponto de chorar, então Erica somente acenou graciosamente e se apressou em se despedir. Com um suspiro de alívio, continuou a caminhar para o mercado da Eva, esperando evitar outras mulheres intrometidas.

Mas a sorte não estava do seu lado. Ela era atormentada sem piedade pela maioria dos residentes entusiasmados de Fjällbacka, e não pôde respirar livremente até que avistou sua casa. Mas um comentário que ouviu ficou em sua mente. Os pais de Alex tinham chegado na noite anterior e estavam agora com a tia dela.

Erica colocou os pacotes de compras na mesa da cozinha e começou a guardar a comida. Apesar de todas suas boas intenções, os pacotes não estavam tão cheios quanto tinha planejado antes de entrar na loja. Mas se não podia comprar guloseimas num dia tão triste como aquele, quando poderia? Como se fosse um sinal, o estômago começou a grunhir. Com um floreio, colocou num prato dois bolos de canela, que totalizavam doze pontos na ficha dos Vigilantes do Peso, e os acompanhou de uma xícara de café.

Dava um sentimento muito bom sentar e olhar para a conhecida vista externa da janela, mas Erica ainda não se acostumara ao silêncio na casa. Tinha estado em casa sozinha antes, claro, mas não era a mesma coisa. Naquele tempo havia

uma presença, a ciência de que alguém poderia entrar pela porta a qualquer momento. Agora parecia que a alma da casa tinha partido. O cachimbo seu pai estava ao lado da janela, esperando ser preenchido de tabaco. O cheiro ainda pairava pela cozinha, mas Erica achava que ele estava ficando mais fraco a cada dia.

Ela sempre gostou do cheiro de cachimbo. Quando era criança, sempre sentava no colo de seu pai e fechava os olhos enquanto encostava a cabeça no seu peito. A fumaça do cachimbo impregnava toda sua roupa e aquele aroma significava segurança no mundo da sua infância.

O relacionamento de Erica com a mãe era infinitamente mais complicado. Ela não conseguia se lembrar de um só momento enquanto crescia em que tivesse recebido algum carinho de sua mãe; nem um abraço, um afago, uma palavra de conforto. Elsy Falck era uma mulher dura e impiedosa, que mantinha sua casa numa ordem impecável, mas nunca se permitira ficar feliz com nada na vida. Era profundamente religiosa e, como muitos nas comunidades costeiras de Bohuslän, crescera numa cidadezinha ainda marcada pelos ensinamentos do pastor Schartau. Mesmo quando criança, tinham-lhe ensinado que a vida seria um sofrimento infinito; a recompensa viria no porvir. Erica se perguntou muitas vezes o que seu pai, com seu bom caráter e humor, vira em Elsy, e numa ocasião em sua adolescência fizera essa pergunta num momento de fúria. Ele não ficou nervoso, sentou-se e colocou o braço em volta dos seus ombros, e lhe disse para não julgar sua mãe tão duramente. Algumas pessoas têm mais dificuldade de mostrar seus sentimentos do que outras, ele explicara conforme acariciava suas bochechas, que ainda estavam enrubescidas de raiva. Ela recusara ouvi-lo na ocasião, e ainda estava convencida de que ele somente havia tentado encobrir o que era tão óbvio para Erica: sua mãe nunca a tinha amado, e isso era algo que ela teria que levar consigo pelo resto da vida.

Erica decidiu de um impulso visitar os pais de Alexandra. Perder um pai era difícil, mas ainda era parte da ordem natural das coisas. Perder um filho deve ser terrível. Além do mais, ela e Alexandra tinham sido tão próximas como somente melhores amigas podem ser. É claro, isso tinha sido há quase vinte e cinco anos, mas muitas de suas memórias de infância estavam intimamente associadas a Alex e sua família.

A casa parecia deserta. Os tios maternos de Alexandra moravam em Tallgatan, uma rua que ficava no meio do caminho entre Fjällbacka e o campo de Sälvik. Todas as casas estavam empoleiradas no alto de uma ladeira, e os jardins inclinavam-se de maneira íngreme em direção à estrada, do lado que dava para a água. A porta principal ficava na parte traseira da casa, e Erica não hesitou em tocar a campainha. O som ecoou e então parou; nem um pio vinha de dentro, e ela estava prestes a dar meia-volta e ir embora quando a porta se abriu lentamente.

“Sim?”

“Olá. Sou Erica Falck. Eu sou a que...”

Ela deixou a frase pela metade. Sentiu-se muito tola por se apresentar de maneira tão formal. A tia de Alex, Ulla Persson, sabia muito bem quem ela era. Sua mãe e ela tinham sido muito ativas no grupo da igreja por muitos anos, e às vezes Ulla ia para sua casa tomar café aos domingos. Ela deu um passo para o lado e deixou Erica entrar. Nem uma única luz estava acesa dentro da casa. Claro, não ficaria escuro por mais algumas horas, pois o crepúsculo já começava a se fazer presente e as sombras estavam ficando maiores. Soluços reprimidos podiam ser ouvidos do quarto que ficava no fim do corredor. Erica tirou os sapatos e o casaco, e caminhou de modo extremamente calmo e cauteloso, pois o ambiente na casa não permitia nada além disso. Ulla foi para a cozinha e deixou que Erica andasse pela casa. Assim que ela entrou

na sala de estar, o choro cessou. Num sofá defronte a uma janela panorâmica, Birgit e Karl-Erik Carlgren estavam sentados e se abraçavam forte, mostrando desespero. Ambos tinham vestígios de lágrimas em seus rostos, e Erica sentiu que estava invadindo um espaço extremamente particular. Talvez ela não devesse se intrometer. Mas era tarde demais para se preocupar com isso.

Ela se sentou cautelosamente no sofá em frente ao deles e juntou as mãos entre suas pernas. Ninguém tinha pronunciado uma palavra sequer desde que ela entrara na sala.

“Como ela parecia?”

A princípio, Erica não entendeu o que Birgit disse. Sua voz era fina como a de uma criança. Erica não sabia o que responder.

“Solitária”, finalmente respondeu, do que se arrependeu no mesmo instante. “Eu não quis dizer...”, a frase se esvaiu e foi absorvida pelo silêncio.

“Ela não se matou!”

A voz de Birgit parecia forte e determinada ao mesmo tempo. Karl-Erik apertou a mão de sua esposa e assentiu com a cabeça. Eles provavelmente perceberam a expressão cética de Erica, porque Birgit repetiu: “Ela não se matou! Eu a conheço melhor do que ninguém, e sei que nunca seria capaz de tirar a própria vida. Ela nunca teria coragem de fazer isso! Você deve entender. Você a conhecia também!”.

Ela se endireitava cada vez mais a cada sílaba, e Erica viu uma faísca acender em seus olhos. Birgit estava abrindo e fechando as mãos convulsivamente, repetidas vezes, e olhava bem nos olhos de Erica, até que uma delas foi forçada a olhar em outra direção. Foi Erica quem se rendeu primeiro, desviando o olhar para examinar a sala. Qualquer coisa para evitar fitar a angústia da mãe de Alexandra.

A sala era aconchegante, mas um pouco decorada demais para o gosto de Erica. As cortinas tinham sido habilmente penduradas

com enormes babados que combinavam com as almofadas do sofá, que tinham sido costuradas com o mesmo tecido floral. Bugigangas cobriam qualquer superfície livre. Tigelas de madeira feitas à mão enfeitadas com laços bordados em ponto-cruz compartilhavam o ambiente com cachorros de porcelana de olhos eternamente úmidos. O que salvou o ambiente foi a janela panorâmica. A vista era maravilhosa. Erica queria congelar aquele momento e continuar a olhar pela janela em vez de se deixar levar pelo sofrimento daquelas pessoas. No entanto, tornou a olhar para os Carlgren.

“Birgit, não tenho muita certeza disso. Faz vinte e cinco anos que Alexandra e eu fomos amigas. Eu realmente não sei nada a respeito dela. Às vezes você simplesmente não conhece alguém tão bem quanto pensa que conhece...”

Até mesmo Erica pôde perceber como aquela desculpa pareceu esfarrapada. Suas palavras pareceram ricochetear pelas paredes. Desta vez, Karl-Erik falou. Ele se desvencilhou do aperto convulsivo de sua mão e se inclinou para a frente como se quisesse se certificar de que Erica não perderia uma única palavra do que pretendia dizer.

“Eu sei que parece que estamos negando o que aconteceu, e talvez não estejamos apresentando uma impressão muito coerente neste momento. Mas mesmo que Alex tenha tirado sua vida por alguma razão, ela nunca, e eu repito *nunca*, teria feito dessa maneira! Você provavelmente se lembra de que Alex ficava histérica quando via sangue. Se ela se cortasse, ainda que fosse algo pequeno, perdia o controle até que alguém colocasse algum curativo sobre o corte. Às vezes, até desmaiava quando via sangue. É por isso que tenho bastante certeza de que ela teria escolhido algum outro método, como pílulas para dormir, por exemplo. Ponho a mão no fogo que Alex não foi capaz de pegar uma lâmina para se cortar, primeiro num braço, e depois no outro. E é como

minha esposa diz: Alex era frágil. Ela não era uma pessoa corajosa. É preciso de força interior para que alguém decida se matar. Ela não tinha esse tipo de força.”

Sua voz era persuasiva. Mesmo que Erica ainda estivesse convencida de que estava ouvindo a esperança de duas pessoas desesperadas, não pôde evitar sentir um pingo de dúvida. Quando pensava nisso, havia algo que não parecia certo no momento em que entrara naquele banheiro na manhã do dia anterior. Não porque alguma vez fora certo encontrar um cadáver, mas havia algo naquele ambiente que não combinava. Uma presença, uma sombra. Isso era o mais próximo de uma descrição que podia alcançar. Ela ainda acreditava que algo tinha conduzido Alexandra Wijkner a se suicidar, mas não podia negar que alguma coisa a respeito dos Carlgren, aquela insistência teimosa, tinha chamado sua atenção.

De repente lhe ocorreu quanto Alex, quando adulta, se parecia com a mãe. Birgit Carlgren era miúda e magra, tinha o mesmo cabelo loiro de sua filha, com exceção de que Alex tinha um cabelo abundante, ao passo que ela usava franja. Birgit estava vestida toda de preto e, apesar de sua tristeza, estava ciente de como se mostrava assustadora sua aparência por causa do contraste entre escuro e claro. Pequenos gestos denunciavam sua vaidade. Uma mão que cuidadosamente apalpava o penteado, um colarinho endireitado com perfeição. Erica lembrou-se de que o guarda-roupa de Birgit parecia uma verdadeira Meca para crianças de oito anos de idade que gostavam de brincar de se arrumar bem, e seu estojo de joias era a coisa mais próxima do paraíso que se podia imaginar naqueles dias.

Perto de Birgit, o marido parecia comum. Longe de não ser atraente, mas simplesmente pouco notável. Karl-Erik Carlgren possuía um rosto fino e longo, entalhado com linhas finas. Tinha uma entrada relativamente grande. Também estava vestido todo

de preto, mas, ao contrário da esposa, a cor o fazia parecer ainda mais grisalho. Erica pôde perceber que já era hora de ir embora, e se perguntou o que de fato queria visitando-os.

Levantou-se, e os Carlgren fizeram o mesmo. Birgit lançou um olhar de advertência, como se quisesse dizer alguma coisa. Aparentemente algo que já tinham discutido antes da chegada de Erica.

“Gostaríamos que você escrevesse um artigo sobre Alex. Para ser publicado no *Bohusläningen*. Sobre sua vida, seus sonhos... e sua morte. Uma homenagem à sua vida. Significaria muito para Birgit e para mim.”

“Mas vocês não prefeririam algo como o *Göteborgs Posten*? Quero dizer, ela, afinal de contas, viveu em Gotemburgo. E vocês também, aliás.”

“Fjällbacka sempre foi nossa casa, e sempre será. Assim como para Alex. Você pode começar conversando com o marido dela, Henrik. Já falamos com ele, e está disposto a ajudar. Claro que pagaremos por todas as suas despesas.”

Com isso eles aparentemente consideraram o assunto encerrado. Sem ter na verdade aceitado a tarefa, Erica se viu em pé, lá fora, nos degraus, com o número de telefone e o endereço de Henrik Wijkner nas mãos, enquanto a porta se fechava atrás de si. Mesmo que não tivesse vontade nenhuma de realizar aquela tarefa, para ser totalmente sincera, um grão de ideia já começava a brotar no seu cérebro de escritora. Erica afastou o pensamento e até se sentiu má pessoa por pensar nisso, mas era persistente e se recusava a ir embora. Uma ideia para um novo livro, que ela vinha buscando há tempos, estava ali, bem na sua frente. A história do caminho de uma mulher rumo ao seu destino. Uma explicação do que levava uma mulher jovem, bonita e obviamente privilegiada ao suicídio. Ela não mencionaria o nome de Alex, claro, mas seria uma história baseada no que conseguisse descobrir sobre o

caminho que a levaria à morte. Até agora, Erica tinha quatro livros publicados, mas eram todos biografias de outras autoras proeminentes. A coragem de criar sua própria história ainda não tinha aparecido, mas ela sabia que havia livros dentro dela que estavam só esperando que fossem postos no papel. Este poderia ser o empurrão de que ela precisava, a inspiração pela qual estava esperando. O fato de ter conhecido Alex seria só uma vantagem.

Como ser humano, contorcia-se com repugnância pelo pensamento, mas como escritora estava exultante.

O pincel espalhou largas faixas de vermelho pela tela. Ele estava pintando desde a madrugada, e pela primeira vez, em várias horas, dava um passo para trás para ver o que tinha criado. Para um olho não treinado, eram somente grandes manchas de vermelho, laranja e amarelo, irregularmente dispostas sobre uma tela grande. Para ele, era humilhação e resignação recriadas nas cores da paixão.

Sempre pintava usando as mesmas cores. O passado berrava e zombava dele, da tela, e agora ele voltava para a pintura com um crescente frenesi.

Após mais uma hora, ele percebeu que merecia a primeira cerveja da manhã. Pegou a lata que estava mais perto, ignorando o fato de que tinha sacudido de leve cinzas de cigarro nela em algum momento da noite anterior. Flocos de cinzas grudaram nos seus lábios, mas ele devorou a cerveja suja com sofreguidão, então, jogou a lata no chão após beber ruidosamente até a última gota.

Sua cueca, que era só o que estava vestindo, estava amarelada na frente, de cerveja ou de urina seca, não sabia dizer. Possivelmente uma combinação das duas. Seu cabelo oleoso caía pelos ombros, e seu peito era pálido e encovado. A impressão geral de Anders Nilsson era de destroços, mas a pintura que aparecia

sobre o seu cavalete mostrava um talento que contrastava bruscamente com a degeneração do próprio artista.

Ele se atirou ao chão e encostou-se à parede para encarar a pintura. Ao seu lado estava uma lata ainda fechada de cerveja, e ele gostava do som de estouro que ela fazia quando puxava o pino. As cores berravam para ele, lembrando-lhe de algo que tinha passado a maior parte de sua vida tentando esquecer. Por que diabos ele teria de estragar tudo agora? Por que ela simplesmente não o deixava em paz? Aquela puta egoísta só estava pensando em si. Doce e inocente como uma maldita princesa. Mas ele sabia o que tinha sido debaixo da superfície. Eles eram gesso do mesmo molde. Anos de dor mútua os tinham formado, fundindo-os, mas de repente ela pensou que podia mudar a ordem das coisas unilateralmente.

“Merda.”

Ele urrou e arremessou a lata de cerveja, ainda pela metade, bem na tela. Não conseguiu rasgá-la, o que o enfureceu ainda mais. A tela somente se curvou e a lata escorregou para o chão. O líquido se espalhou pela tela, e vermelho, laranja e amarelo começaram a fluir, misturando-se em novas nuances. Ele observou o efeito com satisfação.

Ainda não tinha ficado sóbrio após a farra de 24 horas do dia anterior. A cerveja tinha causado seu efeito rapidamente apesar de vários anos de muita bebida e da sua alta tolerância ao álcool. Ele lentamente se afundou na neblina familiar com o cheiro de vômito velho grudado nas suas narinas.

Ela tinha a chave do apartamento. No corredor, cuidadosamente limpou os sapatos, embora soubesse que era uma total perda de tempo. Tudo estava mais limpo do lado de fora. Ela colocou no chão os pacotes de compras e pendurou o casaco

caprichosamente no cabide. Não era uma boa ideia anunciar sua chegada. A essa hora ele provavelmente já tinha desmaiado.

A cozinha, à esquerda da entrada, estava no seu estado desditoso de sempre. Havia pilhas de pratos sujos de semanas atrás, não somente na pia, mas também na mesa, nas cadeiras, e até no chão. Bitucas de cigarro, latas de cerveja e garrafas vazias estavam por toda parte.

Ela abriu a porta da geladeira para guardar a comida e percebeu que tinha chegado no momento exato. Estava completamente vazia. Gastou vários minutos para guardar as coisas, e lá estavam as prateleiras cheias novamente. Ela ficou parada por um instante, juntando forças.

O apartamento era uma quitinete pequena. Era ela quem tinha trazido os poucos móveis, mas não havia muito com que pudesse contribuir. O quarto estava dominado pelo grande cavalete ao lado da janela. Um colchão surrado estava jogado em um canto. Ela nunca teve condições de lhe comprar uma cama adequada.

No início, tinha tentado ajudá-lo a manter tudo limpo, tanto o apartamento como ele mesmo. Ela limpava o chão, pegava as coisas que ele deixava no chão, lavava suas roupas e até lhe dava banhos. Naquela época, ainda acreditava que tudo mudaria. Que tudo iria... sozinho. Mas isso já fazia muitos anos. Depois de algum tempo, não podia mais encarar aquilo. Agora contentava-se somente em saber que ele pelo menos tinha o que comer.

Com frequência desejava que ainda tivesse energia. A culpa pesava sobre seus ombros e no seu peito. No passado, quando ela ficava de joelhos para limpar seu vômito, às vezes sentia que estava pagando um pouco daquela culpa. Mas agora a carregava sem esperança.

Ela olhou para ele largado na parede. Uma ruína fedorenta, mas com um talento incrível escondido por trás daquele exterior imundo. Por inúmeras vezes se perguntou como as coisas teriam

sido se ela tivesse feito uma escolha diferente naquele dia. Todos os dias, por vinte e cinco anos, ela se perguntou como teria sido a vida se tivesse agido diferente. Vinte e cinco anos é muito tempo para ficar pensando em algo. Às vezes, simplesmente o deixava deitado lá no chão e ia embora. O frio tinha penetrado de lá de fora, e o chão parecia gelado para seus pés com sua meia-calça fina. Ela tocou no seu braço que se pendurava sem vida ao lado. Ele não respondeu. Agarrando-o com suas duas mãos pelo pulso, ela o arrastou em direção ao colchão. Tentou colocá-lo ali em cima, e se arrepiou um pouco quando pressionou suas mãos na carne flácida da sua cintura. Após algumas manobras, ela conseguiu colocar a maior parte do seu corpo no colchão. Já que não havia nenhum cobertor, ela pegou a jaqueta dele na entrada e o cobriu. Esse esforço todo a fez ficar ofegante, e ela se sentou. Não fosse a força nos braços que muitos anos de faxina lhe tinham dado, ela nunca teria conseguido isso com sua idade. Estava preocupada com o que aconteceria no dia em que ela não pudesse mais lidar fisicamente com o esforço.

Um cacho de cabelo oleoso caiu no seu rosto e ela carinhosamente o tirou com seu dedo indicador. A vida não tinha sido da maneira que imaginara para nenhum dos dois, mas ela dedicaria o resto de seus dias para preservar o pouco que sobrara.

As pessoas evitavam seus olhos quando a encontravam na rua, mas não rápido o suficiente a ponto de não perceber o olhar de piedade delas. Anders tinha má fama por toda a cidade, e era membro permanente do AA local. Às vezes ele cambaleava pela cidade quando estava bêbado, xingando todos que encontrava. Ele recebia ódio e pena. Na verdade, deveria ser o contrário. Na verdade, ela era a repugnante, e Anders o que merecia pena. Foi sua fraqueza que moldou sua vida. Mas ela nunca mais seria fraca.

Ficou sentada lá por horas, acariciando a testa dele. Às vezes ele se mexia durante o sono, mas ela o acalmava com seu toque.

Fora da janela a vida seguia como de costume, mas dentro daquele quarto o tempo tinha parado.

A segunda-feira chegou com temperaturas acima do congelável e nuvens anunciando chuvas fortes. Erica sempre foi uma motorista cautelosa, mas agora estava dirigindo mais devagar para lhe dar uma margem de ação caso o carro derrapasse. Dirigir não era o seu forte, mas preferia a solidão de um carro a estar apertada no ônibus expresso E6 ou no trem.

Quando virou à direita para a estrada, as condições melhoraram e ela se permitiu acelerar um pouco. Deveria se encontrar com Henrik Wijkner ao meio-dia, mas saíra cedo de Fjällbacka e tinha bastante tempo para chegar a Gotemburgo.

Pela primeira vez desde que vira Alex naquele banheiro gelado, Erica pensou na conversa ao telefone que tivera com Anna.

Mesmo assim, não se conformava que sua irmã realmente fosse vender a casa, afinal de contas, era a casa de infância delas, e seus pais ficariam chateados se soubessem disso. Mas tudo era possível quando Lucas estava envolvido. Pois Erica sabia que ele era movido por seus próprios interesses e por isso era possível que desejasse vender a casa. Ele continuava a acentuar sua falta de escrúpulos, mas isso estava além de tudo que tinha feito antes. Porém, antes que Erica realmente começasse a se preocupar com a casa, deveria saber em que posição legal se encontrava. Até então, se recusara permitir que a tática mais recente de Lucas a deixasse deprimida. Nesse momento, precisa se concentrar na futura conversa com o marido de Alex.

Henrik Wijkner parecia simpático pelo telefone, e já tinha recebido a notícia quando Erica ligou. É claro que ela poderia ir a sua casa e fazer perguntas sobre Alexandra, já que o artigo memorial ia ser tão importante para seus pais.

Seria interessante ver como era a casa de Alex, muito embora Erica não estivesse disposta a confrontar o sofrimento de mais uma pessoa. O encontro com os pais de Alex tinha sido de partir o coração. Como escritora, ela preferia observar a realidade de longe, estudá-la de longe, com segurança e objetividade. Ao mesmo tempo, seria uma oportunidade de pressentir como Alex era como adulta.

Desde o primeiro dia na escola, Alex e Erica tinham sido inseparáveis. Erica ficara muitíssimo orgulhosa por Alex tê-la escolhido como amiga. Ela era como um ímã para todos os que se aproximavam dela. Todos queriam estar com Alex, mas ela era totalmente indiferente à sua popularidade. Era introvertida e mostrava uma autoconfiança que Erica agora, como adulta, via como totalmente anormal para uma criança. No entanto, Alex era aberta e generosa, e não mostrava nenhum sinal de timidez, apesar do jeito reservado. Foi ela quem escolhera Erica como amiga, que nunca teria ousado se aproximar de Alex por conta própria. Elas não se separavam, até o dia em que Alex se mudou e desapareceu de sua vida para sempre. Alex tinha começado a ficar cada vez mais introvertida, e Erica passava horas sozinha no seu quarto chorando sua amizade perdida. Então, um dia, quando ela tocou a campainha da casa de Alex, ninguém atendeu. Vinte e cinco anos depois, Erica ainda conseguia se lembrar da dor que sentira quando descobriu que Alex tinha se mudado sem lhe dizer nada, sem se despedir. E até agora não tinha ideia do que havia acontecido. Como criança, pusera toda a culpa em si mesma, supondo que Alex se cansara dela.

Erica teve dificuldade de encontrar o caminho de Gotemburgo para Särö. Conhecia bem a cidade após ter estudado lá por quatro anos, mas naquela época não tinha carro, então, de alguma forma Gotemburgo ainda era um espaço em branco no mapa. Se ela pudesse dirigir nas ciclovias, então as coisas seriam bem mais

fáceis. Gotemburgo era um pesadelo para um motorista inseguro, com muitas avenidas de mão única, rotatórias com tráfego pesado e o som estressante de sinos dos bondes atacando-a por todas as direções. Ela também tinha a impressão de que todas as avenidas conduziam a Hisingen, a noroeste da cidade. Se pegasse a saída errada, certamente pararia lá.

As explicações que Henrik lhe dera eram claras, por isso encontrou o endereço logo na primeira tentativa, conseguindo ficar longe de Hisingen dessa vez.

A casa ultrapassou todas as suas expectativas. Era uma enorme casa de campo branca da virada do século passado, com vista para a água e uma pequena sacada que levava à promessa de noites quentes de verão que estavam por vir. O jardim, agora escondido debaixo de uma grossa camada branca de neve, fora desenhado com esmero.

Por causa de seu tamanho, exigiria o cuidado delicado de um jardineiro habilidoso.

Erica seguiu por uma rua de salgueiros e passou por um alto portão de ferro forjado em direção ao pátio de cascalhos em frente da casa.

Degraus de pedra conduziam a uma maciça porta de carvalho. Não havia nenhuma campainha moderna; em vez disso, Erica bateu com força com uma pesada aldraba. A porta se abriu de imediato. Ela esperava ser recepcionada por uma empregada com um avental engomado e um chapéu, mas em vez disso foi recebida por um homem que ela julgou ser Henrik Wijkner. Ele era descaradamente bonito, e Erica ficou contente de ter dedicado um esforço a mais em sua aparência antes de sair de casa.

Ela passou para um grande *hall* de entrada e imediatamente viu que aquilo era maior que seu apartamento inteiro lá em Estocolmo.

“Erica Falck.”

“Henrik Wijkner. Nos conhecemos no verão passado, como me lembro. Naquele restaurante na praça Ingrid Bergman.”

“Sim, isso mesmo. No Café Bryggan. Parece que o verão foi há uma eternidade. Especialmente se considerarmos este tempo que tem feito.”

Henrik balbuciou algo educado em resposta, ajudou-a a tirar o casaco e a levou a uma sala de visitas perto do corredor. Erica cautelosamente se sentou num sofá. Mesmo com seu conhecimento limitado de móveis antigos, ela percebeu que aquele sofá era provavelmente muito valioso. Ela aceitou quando ele lhe ofereceu café. À medida que se entretinham com o café e trocavam comentários a respeito do tempo feio, ela o observava secretamente, chegando à conclusão de que ele não parecia estar enlutado. Mas Erica também sabia que isso poderia não significar nada. Pessoas diferentes têm formas diferentes de expressar luto.

Ele estava vestido casualmente com calças cáquis perfeitamente passadas e uma camisa azul-celeste da Ralph Lauren. Seu cabelo era escuro, quase preto, cortado num estilo elegante, mas não excessivamente meticuloso. Seus olhos eram castanho-escuros, o que lhe conferia um pouco a aparência de um europeu do Sul. Ela preferia homens que pareciam consideravelmente mais durões, mas não conseguia resistir ao poder atraente daquele homem que parecia ter saído direto de uma revista de moda. Henrik e Alex devem ter formado um casal notavelmente bonito.

“Que casa incrivelmente linda!”

“Obrigado. Eu sou a quarta geração da família Wijkner a morar aqui. Meu bisavô paterno mandou construir esta casa no começo do século passado, e ela tem estado com a família desde então. Se essas paredes pudessem falar...”, ele fez um gesto impetuoso e sorriu para Erica.

“Bem, deve ser uma sensação estranha ter tanto da história de sua família ao seu redor.”

“Sim e não. Mas é uma grande responsabilidade.”

Ela, no entanto, sentia-se impotentemente desconfortável naquela sala elegante, e se esforçava em vão para achar uma maneira confortável de se sentar no lindo mas espartano sofá. Por fim, acabou se acomodando na beirada mesmo enquanto sorvia seu *mochaccino* servido em xícaras pequenas. Seu dedo mindinho se contraía um pouco, mas ela procurava resistir ao impulso. As xícaras eram perfeitas para entortar o dedinho, mas ela temia que isso provavelmente desse uma impressão mais sarcástica do que de sofisticação. Lutou consigo mesma por um instante ao ver o prato de bolos na mesa, mas perdeu a batalha num duelo com um fatia grossa. Ela calculou dez pontos na ficha dos Vigilantes do Peso.

“Alex adorava esta casa.”

Erica estava pensando em como poderia introduzir o assunto do motivo de ela estar sentada lá. Mentalmente agradeceu quando o próprio Henrik trouxe à baila o assunto de Alex.

“Por quanto tempo vocês viveram aqui?”

“Desde que nos casamos, há quinze anos. Nos conhecemos quando estudávamos em Paris. Ela estudava história da arte, e eu estava tentando adquirir conhecimento suficiente sobre o mundo dos negócios para dirigir o império da família. E o fiz, pelo menos o suficiente.”

Erica teve uma forte dúvida de que Henrik nunca tinha feito nada “o suficiente”.

“Logo depois de nos casarmos, voltamos para a Suécia, para esta casa. Meus pais já haviam morrido, e a casa ficara vazia por alguns anos enquanto estávamos fora do país, mas Alex imediatamente começou a reformá-la. Ela queria que tudo estivesse perfeito. Todos os detalhes da casa, todos os papéis de parede, tapetes e móveis estavam aqui desde que a casa fora construída e restaurada à sua aparência anterior ou foram adquiridas por Alex. Nem sei a quantos antiquários ela foi para achar exatamente os

mesmos itens que estavam na casa quando meu bisavô morava aqui. Ela tinha pilhas de fotografias antigas para ajudá-la, e o resultado é fantástico. Ao mesmo tempo, ela estava ocupada montando sua própria galeria. Eu ainda não consigo entender como arranjou tempo para fazer tudo isso.”

“Como era a Alex?”

Henrik levou alguns instantes para responder.

“Bonita, calma, perfeccionista de dar desespero. Ela pode ter parecido vaidosa para aqueles que não a conheciam, mas isso era porque não deixava ninguém entrar na sua vida assim, sem mais nem menos. Alex era o tipo de pessoa que se tinha de lutar para conhecer melhor.”

Erica sabia perfeitamente o que ele estava dizendo. O caráter reservado de Alex era intrigante e a marcara como convencida mesmo quando era criança. No entanto, as garotas que a chamavam assim eram as que mais lutavam para sentar ao seu lado.

“Como assim?”

Henrik olhou para fora da janela e, pela primeira vez desde que entrara na casa dos Wijkner, ela achou que viu algum sentimento por trás daquela fachada encantadora.

“Ela sempre seguia o próprio caminho. Não levava ninguém em consideração. Não por maldade, pois isto não havia em Alex, mas, sim, por necessidade. A coisa mais importante para minha esposa era evitar se aborrecer. Todo o resto, todos os outros sentimentos vinham em segundo plano. Mas o problema é que se você não deixa ninguém passar pela muralha por medo de que possam ser inimigos, acaba deixando do lado de fora todos os seus amigos também.”

Ele ficou silencioso, depois olhou para Erica: “Ela falava muito de você”.

Erica não pôde esconder sua surpresa. Pela forma que a amizade delas tinha terminado, Erica julgava que Alex tinha lhe dado as costas e nunca mais pensado nela.

“Eu me lembro vividamente de algo que ela me disse uma vez, que você tinha sido a última amiga verdadeira que tivera. ‘A última amizade pura’, foi exatamente assim que ela disse. Achei que foi uma coisa estranha de se dizer, mas ela nunca mais tocou nesse assunto novamente, e naquela altura eu já tinha aprendido a não questioná-la mais. É por isso que estou lhe dizendo coisas a respeito de Alex que nunca disse a mais ninguém. Algo me diz que apesar de todos os anos que tinham se passado, você ainda morava num cantinho do coração da minha esposa.”

“Você a amava?”

“Mais do que qualquer coisa no mundo. Alexandra era a minha vida. Tudo que fazia, tudo que dizia, girava em torno dela. O mais irônico é que ela nunca nem mesmo percebeu isso. Se tão somente tivesse me deixado atravessar sua muralha, não estaria morta agora. A resposta sempre estava debaixo de seu nariz, mas ela se recusava a enxergar. Minha esposa tinha uma mistura estranha de covardia e coragem.”

“Birgit e Karl-Erik não acham que ela tirou sua própria vida.”

“Sim, eu sei. Eles julgam que eu tampouco acreditaria que ela o fizera, mas, sinceramente, não sei bem o que acho. Vivi com ela por mais de quinze anos, mas nunca a conheci de verdade.”

Sua voz continuava fria e objetiva. Julgando por seu tom, se poderia dizer que estava falando do tempo, mas Erica percebeu que sua primeira impressão de Henrik não poderia ter sido mais equivocada. A dimensão de sua tristeza era enorme. Ele somente não fazia questão de exibí-la da maneira que Birgit e Karl-Erik Carlgren o faziam. Talvez por causa das suas próprias experiências, Erica entendeu instintivamente que ele não estava sofrendo apenas pela morte de sua esposa, mas por ter perdido

para sempre a oportunidade de fazê-la amá-lo da maneira que ele a amava. Era um sentimento que ela conhecia muito bem.

“Do que ela tinha medo?”

“Eu me fiz essa pergunta mil vezes. Mas não sei mesmo. Assim que tentava falar a respeito disso, ela fechava a porta, e eu nunca conseguia entrar. Era como se ela abrigasse um segredo que não podia compartilhar com ninguém. Isso parece estranho? Mas, como não sei que segredo era esse, não posso dizer se ela era de fato capaz de tirar a própria vida.”

“Como era a relação dela com os pais e irmã?”

“Bem, como deveria descrevê-la?” Ele pensou por um bom tempo antes de responder. “Tensa. Como se estivesse andando nas pontas dos pés um em volta do outro. A única que dizia o que pensava era sua irmã menor, Julia, mas ela era uma pessoa muito estranha em geral. Sempre dava a impressão de que um outro diálogo estava rolando além do que estava sendo dito em voz alta. Não sei muito bem como explicar isso. Era como se estivessem sempre falando em códigos e alguém tivesse se esquecido de me dar a explicação.”

“O que você quer dizer quando afirma que Julia era estranha?”

“Como você deve saber, Julia nasceu quando Birgit já tinha uma idade avançada. Ela já passava dos quarenta anos, e, ainda por cima, não foi planejado. Então, de certa forma, Julia sempre foi o patinho feio da família. Além do mais, não deve ter sido fácil ter uma irmã como Alex. Julia não era uma garota bonita. E não ficou nem um pouco mais atraente quando adulta, e você sabe como Alex era linda. Birgit e Karl-Erik sempre foram muito apegados a Alex, e Julia era simplesmente esquecida. Sua maneira de lidar com tudo isso era se tornando cada vez mais introvertida. Mas eu gosto dela. Há algo a mais debaixo de sua aparente rabugice. Só espero que, um dia, alguém se esforce para descobrir o que é.”

“Como ela reagiu à morte de Alex? Que tipo de relação elas tinham?”

“Você deve perguntar isso a Birgit ou a Karl-Erik. Não vejo Julia há mais de seis meses. Está fazendo magistério em Umea e não gosta de voltar para cá. Nem mesmo veio para o Natal no ano passado. Ela sempre idolatrou a irmã mais velha. Alex já tinha começado o internato quando Julia nasceu, por isso não ficava muito em casa, mas sempre, quando visitávamos a família, Julia ficava atrás da irmã como um filhotinho. Alex não dava muita bola para ela. Às vezes, ficava com raiva de Julia e ralhava com ela, mas geralmente simplesmente a ignorava.”

Erica sentiu que a conversa estava chegando ao fim. Durante as pausas, o silêncio na casa era total, e podia perceber que em meio a todo aquele luxo ela tinha se tornado uma casa solitária para Henrik Wijkner.

Erica se levantou e estendeu a mão. Ele a apertou entre as suas e a segurou por alguns segundos, e então a soltou. Henrik a acompanhou até a porta.

“Acho que vou dar um pulo na galeria e dar uma olhada”, Erica disse.

“É uma boa ideia. Alex tinha muito orgulho da galeria. Ela a criou do nada juntamente com uma amiga dos seus anos de universidade, Francine Bijoux. Bem, seu sobrenome agora é Sandberg. Nos víamos bastante depois do trabalho, mas isso ficou cada vez mais raro depois que tiveram filhos. Francine deve estar na galeria. Vou ligar para ela e lhe dizer quem você é. Tenho certeza de que ela ficará feliz em ajudá-la e contar um pouco sobre Alex.”

Henrik abriu a porta para Erica. Agradecendo-lhe novamente, ela deu as costas ao marido de Alex e caminhou até o carro.

No mesmo instante em que saiu do carro, começou uma chuva torrencial. A galeria ficava em Chalmersgatan, paralela a Avenyn,

mas, depois de meia hora procurando por uma vaga para estacionar, Erica desistiu e estacionou em Heden.

Na verdade, não era tão longe, mas, debaixo de uma chuva como aquela, parecia que estava a dez quilômetros. Além disso, a taxa de estacionamento era doze *kronor* por hora. Erica começou a desanimar. Obviamente não tinha trazido um guarda-chuva consigo, e sabia que seu cabelo encaracolado logo adquiriria o aspecto de um permanente caseiro. Ela cruzou com pressa a Avenyn e parou bem a tempo quando passava velozmente o bonde número 4 que ia em direção a Mölndal. Após passar Valand, onde ficara muitas noites nos dias de estudante, virou à esquerda para ir a Chalmersgatan.

A *Galleri Abstrakt* ficava à esquerda e tinha grandes vitrines para a rua. Um sino tocou quando Erica entrou, e ela então percebeu que o lugar era muito maior do que parecia de fora. As paredes, o chão e o teto eram todos pintados de branco para que as pessoas não se distraíssem das obras de arte que decoravam as paredes.

No fundo estava uma mulher cuja origem era sem dúvida francesa. Ela simplesmente transpirava elegância à medida que discutia uma pintura com um cliente, gesticulando animadamente enquanto falava.

“Já falarei com você, mas, enquanto isso, dê uma volta pela exposição.” Seu sotaque francês parecia muito charmoso. Erica fez como ela disse. Com as mãos cruzadas nas costas, caminhou lentamente pelo recinto ao mesmo tempo em que olhava para as obras de arte. Conforme o nome da galeria mostrava, todas as pinturas eram feitas em estilo abstrato. Cubos, quadrados, círculos e figuras estranhas. Erica inclinou a cabeça e estreitou os olhos, tentando ver o que os apaixonados pela arte viam. Mas simplesmente não conseguia entender. Tudo era somente cubos e quadrados que, na sua opinião, qualquer criança de cinco anos

podia criar. Claramente teria de aceitar que aquilo estava além de seu entendimento.

Erica estava diante de uma pintura gigante de vermelho com amarelo distribuídos de forma irregular quando ouviu Francine se aproximar atrás dela, com ruídos de seus sapatos batendo no assoalho enxadrezado.

“Este não é maravilhoso?”

“Sim, claro. Um espetáculo. Mas, para ser sincera, não me sinto muito em casa no mundo da arte. Acho que os girassóis de Van Gogh são ótimos, porém é o máximo que meu conhecimento alcança.”

Francine sorriu. “Você deve ser a Erica. Henri acabou de me ligar e disse que você estava a caminho.”

Ela estendeu uma mão delicada. Erica rapidamente secou sua mão, ainda molhada da chuva, antes de pegar na de Francine.

A mulher que estava diante dela era pequena e magra, com uma elegância que as mulheres francesas parecem ter patenteado. Com um metro e setenta e cinco, sem sapatos, Erica sentia-se uma gigante ao lado dela.

Francine tinha o cabelo preto e liso, preso numa trança atrás da nuca. Trajava um vestido preto justo. A cor, sem dúvida, tinha sido escolhida por causa da morte de sua amiga e colega; ela parecia mais do tipo que se vestia de vermelho intenso, ou talvez amarelo. A maquiagem era leve e perfeita, mas não conseguia esconder a vermelhidão reveladora ao redor dos seus olhos. Erica, por sua vez, estava torcendo para que seu rímel não estivesse escorrendo; sem dúvida, uma vã esperança.

“Pensei que poderíamos nos sentar e conversar enquanto tomamos um café. O tempo está agradável hoje. Vamos lá para trás.”

Francine levou Erica para um quartinho atrás da galeria, totalmente equipado com geladeira, forno de micro-ondas e uma cafeteira. A mesa era pequena e havia espaço somente para duas cadeiras. Erica se sentou e Francine logo lhe serviu uma xícara de café fumegante. Seu estômago protestou após todas as xícaras que tomara durante sua visita a Henrik. Mas sabia por experiência, das inúmeras entrevistas que tinha realizado para conseguir material para seus livros, que, por alguma razão, as pessoas se sentiam mais à vontade para falar quando estavam com uma xícara de café na mão.

“Pelo que entendi do Henri, os pais de Alex lhe pediram para escrever um artigo em memória à vida de sua filha.”

“Sim. Vi Alex somente em algumas breves ocasiões nos últimos vinte e cinco anos, então preciso descobrir como ela era antes de começar a escrever.”

“Você é jornalista?”

“Não, escritora. De biografias. Só estou fazendo isso porque Birgit e Karl-Erik me pediram. E, além disso, fui a primeira a encontrá-la, ou melhor, quase a primeira. E, de alguma forma estranha, sinto necessidade de escrever sobre ela para poder criar para mim uma outra imagem de Alex, uma imagem viva. Isso parece estranho?”

“Não, de maneira alguma. Acho que é fabuloso que você esteja fazendo tanto esforço pelos pais de Alex... e Alex.”

Francine se inclinou sobre a mesa e colocou uma mão perfeitamente cuidada sobre a de Erica.

Erica sentiu um rubor quente se espalhar por suas bochechas e tentou não pensar no rascunho do livro sobre o qual estava trabalhando na maior parte do dia anterior.

Francine continuou: “Henri também me pediu para responder às perguntas com a maior sinceridade.”

Ela falava um sueco perfeito. Seus “erres” eram um pouco guturais e Erica percebeu que ela usava a versão francesa Henri, em vez da sueca Henrik.

“Você e Alex se conheceram em Paris?”

“Sim, estudamos história da arte juntas. Combinamos desde o primeiro dia. Ela parecia perdida, e eu me sentia perdida. O resto, como se costuma dizer, é história.”

“Há quanto tempo se conheciam?”

“Deixe-me pensar... Henri e Alex comemoraram o aniversário de quinze anos juntos, então fazia... dezessete anos. Em quinze desses anos trabalhamos juntas na galeria.”

Ela ficou quieta e, para surpresa de Erica, acendeu um cigarro.

Por alguma razão não tinha imaginado que Francine fosse fumante. A mão da francesa tremia enquanto acendia o cigarro, para logo depois dar uma grande tragada sem tirar os olhos de Erica.

“Você não se perguntou onde ela estaria?”, Erica questionou.

“Parece que já estava ali fazia uma semana quando a encontramos.”

De repente ocorreu a Erica que não tinha pensado em fazer a mesma pergunta para Henrik.

“Eu sei que soa estranho, mas não, não me perguntei. Alex...”, ela hesitou. “Alex sempre fazia o que queria. Isso podia ser incrivelmente frustrante, mas suponho que tenha me acostumado a isso com o passar dos anos. Essa não foi a primeira vez que desapareceu. Ela geralmente aparecia de repente como se nada tivesse acontecido. Além disso, fez mais do que o necessário na galeria sozinha quando eu estava de licença-maternidade. Sabe, de alguma forma ainda acho que a mesma coisa vai acontecer. Que ela simplesmente vai entrar pela porta. Mas sei que desta vez ela não vai...”, uma lágrima ameaçou escapar de seu olho.

“Não, não vai”, Erica olhou para baixo, para sua xícara de café, a fim de que Francine secasse seus olhos discretamente. “Como Henrik reagia quando Alex simplesmente desaparecia?”

“Você o conheceu. A seu ver, Alex não podia fazer nada de mal. Henri passou os últimos quinze anos idolatrando-a. Pobre Henri.”

“Por que pobre Henri?”

“Alex não o amava. Mais cedo ou mais tarde, ele seria forçado a notar isso.”

Ela apagou o primeiro cigarro e acendeu outro.

“Vocês devem ter se conhecido muito bem após tantos anos”, Erica disse.

“Eu acho que ninguém conheceu Alex muito bem. Embora eu deva tê-la conhecido melhor do que Henri. Ele sempre se negou a tirar a venda dos olhos.”

“Durante a nossa conversa, Henri deu a entender que em todos os anos do casamento ele tinha a sensação de que Alex escondia algo dele. Você sabe se isso é verdade? E, neste caso, o que podia ser?”

“Isso seria perspicaz demais da parte dele. Talvez eu o tenha subestimado.” Francine levantou de leve uma sobrancelha. “À sua primeira pergunta vou responder sim, eu também sentia que ela escondia algo. À segunda pergunta, devo responder não, não tenho a menor ideia do que podia ser. Apesar de nossa longa amizade, sempre houve um ponto quando Alex sinalizava: ‘Até aqui, não mais’. Eu aceitei, ao passo que Henri não. E isso o teria destruído mais cedo ou mais tarde. E sei que não demoraria muito.”

“Por quê?”

Francine hesitou. “Eles vão fazer uma autópsia em Alex, não vão?”

A pergunta pegou Erica de surpresa.

“Sim, sempre fazem em casos de suicídio. Por que a pergunta?”

“Porque, neste caso, o que pensei lhe contar virá à luz de qualquer maneira. Pelo menos ficarei com a consciência tranquila.”

Ela apagou o cigarro lentamente. Erica segurou a respiração, tensa e ansiosa, mas Francine acendeu o terceiro cigarro, sem pressa. Seus dedos não tinham aquele tom amarelado de um fumante, então Erica deduziu que ela não costumava fumar um cigarro atrás do outro.

“Você deve saber que Alex estava visitando Fjällbacka com uma frequência muito maior nos últimos seis meses ou mais.”

“Sim, os rumores se espalham muito bem nas cidades pequenas. De acordo com as fofocas, ela estava em Fjällbacka mais ou menos todo fim de semana. Sozinha.”

“Sozinha é uma meia verdade.”

Francine hesitou novamente. Erica teve que resistir ao impulso de se inclinar sobre a mesa e sacudir a mulher para fazê-la desembuchar o que sabia. Seu interesse tinha sido definitivamente despertado.

“Ela tinha conhecido alguém lá. Um homem. Bem, não foi a primeira vez que Alex teve um caso, mas eu senti que de alguma forma este era diferente. Pela primeira vez, em todos os anos que nos conhecemos, ela parecia quase satisfeita. E eu sei que é impossível ela ter se suicidado. Alguém deve tê-la matado, não resta dúvida.”

“Como pode ter tanta certeza? Nem mesmo Henrik pôde afirmar com certeza se ela cometeu suicídio ou não.”

“Porque ela estava grávida.”

A resposta de Francine a pegou desprevenida.

“Henrik sabe disso?”

“Eu não sei. De qualquer forma, não era filho dele. Eles não se relacionavam assim havia anos. E mesmo na época em que isto

acontecia, Alex sempre recusava ter um filho com Henrik. Mesmo com muita insistência da parte dele. Não, o pai do filho deveria ser este novo homem, seja lá quem for.”

“Ela nunca disse quem ele era?”

“Não. Como já deve ter entendido a esta altura, Alex era bastante econômica em suas confidências. Tenho de admitir que fiquei um tanto chocada quando ela me contou a respeito da criança, mas esta é também uma das razões que confirmam a hipótese de que não tirou sua própria vida. Ela estava literalmente transbordando de felicidade, e simplesmente não conseguiu guardar a notícia consigo. Ela amava o bebê, e nunca teria feito nada de mal a ele, muito menos matá-lo. Pela primeira vez, vi uma Alexandra que estava cheia de vontade de viver. Acho que ia ficar bastante apegada a ele.” Sua voz parecia triste. “Sabe, eu também sentia que ela queria se reconciliar com o seu passado. Não sei exatamente como, mas alguns comentários que fez algumas vezes me passaram esta impressão.”

A porta da galeria se abriu e elas ouviram alguém bater os pés no capacho para tirar a neve. Francine se levantou.

“Deve ser um cliente. Tenho de ir. Espero ter ajudado.”

“Agradeço por você e Henrik terem sido tão abertos. Vocês me ajudaram muito.”

Após Francine dizer ao cliente que já iria atendê-lo, acompanhou Erica até a porta. Elas pararam em frente a uma enorme tela com um quadrado branco num campo azul e se despediram.

“Só por curiosidade. Quanto vale um quadro como esse? Cinco mil? Dez mil?”

Francine sorriu. “Que tal cinquenta mil?”

Erica soltou um leve assobio. “Aí está. Arte e vinhos finos. Duas áreas que são um mistério completo para mim.”

“E eu mal consigo escrever uma lista de compras. Todos temos nossas especialidades.”

Ambas riram com vontade. Erica ajustou seu casaco, ainda úmido, e saiu debaixo da chuva.

A chuva tinha derretido a neve, e ela dirigia um pouco abaixo do limite de velocidade, para ter mais margem de reação. Após gastar mais de meia hora para sair de Hisingen, onde tinha ido parar por engano, agora se aproximava de Uddevalla. Um rugido surdo de seu estômago a lembrou de que havia esquecido de comer naquele dia. Virou na E6, no shopping center ao norte de Uddevalla, e parou no McDonald's; devorou um cheeseburger enquanto estava estacionada e logo voltou para a estrada. O tempo todo sua mente estava ocupada com as conversas que tivera com Henrik e Francine. O que eles lhe disseram criou a imagem de uma mulher que tinha desenvolvido altas muralhas defensivas ao seu redor.

O que deixou Erica mais curiosa foi quem poderia ser o pai do bebê de Alex? Francine não achava que fosse de Henrik, mas não se podia ter total certeza do que acontecia nos quartos das pessoas, e Erica ainda considerava essa possibilidade. Senão, a questão era se o pai era o homem que Francine mencionara que Alex supostamente ia visitar todos os fins de semana em Fjällbacka ou se ela tinha um amante em Gotemburgo.

Erica teve a impressão de que Alex estava de certa forma tendo uma vida paralela. Ela fazia o que gostava sem se importar como isso afetaria aqueles que estavam próximos, especialmente Henrik. Erica sentia que Francine custava a entender como Henrik podia aceitar um casamento naquelas condições. E também achava que Francine o desdenhava por isso. Mas conseguia entender muito bem como esses tipos de coisas aconteciam. Ela observava o casamento de Anna e Lucas há anos.

O que mais atormentava Erica a respeito da incapacidade de sua irmã mudar aquela situação era porque não conseguia deixar de se perguntar se ela mesma tinha alguma responsabilidade na falta de autoestima que Anna demonstrava. Erica tinha cinco anos quando Anna nasceu. Desde o primeiro instante em que viu sua irmãzinha, tentou protegê-la da realidade que ela mesma tinha sofrido e que levava como uma ferida invisível. Anna nunca teria de se sentir sozinha e rejeitada por causa da falta de amor de sua mãe por suas filhas. Os abraços e as palavras carinhosas que Anna não recebera da mãe, Erica lhe dera em abundância. Ela cuidava de sua irmãzinha com uma preocupação materna.

Anna era uma criança que se amava facilmente. Era totalmente imune aos aspectos mais tristes da vida, e vivia sempre o momento presente. Erica, que era muito madura e andava sempre preocupada, ficava fascinada com a energia com que a sua irmã amava cada minuto da vida. Anna levava com calma as angústias de Erica, mas não tinha paciência para ficar sentada no seu colo e se deixar ser acariciada por muito tempo. Ela se tornou uma adolescente rebelde que fazia exatamente o que desejava, uma jovem despreocupada e egocêntrica. Em momentos de lucidez, Erica admitia a si mesma que provavelmente tinha protegido e mimado Anna demais. Mas só estava tentando dar o que ela mesma nunca tinha recebido.

Quando se conheceram, Anna foi uma presa fácil para Lucas. Ela ficara encantada por sua aparência, mas não conseguiu enxergar os sórdidos matizes ocultos. Lentamente, muito lentamente, ele foi destruindo sua alegria de viver e autoconfiança ao se aproveitar de sua vaidade. Agora ela vivia em Östermalm como um lindo pássaro engaiolado, e não tinha forças para reconhecer seu erro. Todos os dias, Erica esperava que, por vontade própria, Anna estendesse a mão e pedisse ajuda. Até que isso acontecesse, Erica não poderia fazer nada mais que esperar e

ficar disponível. Não que tivesse tido muita sorte com relacionamentos. Teve uma longa série de relacionamentos e promessas destroçadas; geralmente era ela quem as tinha destruído. Havia algo que se rompia quando o relacionamento chegava a certo ponto. Um sentimento tão forte de pânico que ela mal conseguia respirar, e precisava retroceder sem olhar para trás. Mesmo assim, tanto quanto podia se lembrar, paradoxalmente ansiava ter filhos e uma família. Agora ela tinha trinta e cinco, e os anos estavam se esvaindo com toda pressa.

Droga! Tinha reprimido pensar em Lucas o dia todo, e agora ele estava se impondo novamente, e ela sabia que não tinha outra saída senão descobrir até que ponto se encontrava numa situação de desvantagem. Ela estava exausta para lidar com aquilo naquele momento. Teria de esperar até amanhã. Sentiu uma necessidade urgente de relaxar pelo resto do dia sem pensar nem em Lucas, nem em Alexandra Wijkner.

Ela pressionou o número de discagem rápida do seu celular.

“Oi, é a Erica. Vocês dois estarão em casa hoje à noite? Estava pensando em dar um pulinho rápido por aí.”

Dan soltou uma risada calorosa. “Se estaremos em casa? Não sabe o que vai haver nesta noite?”

O silêncio que se fazia sentir do outro lado da linha era surpreendentemente total. Erica se esforçou para pensar, mas não conseguiu se lembrar de nada de especial para aquela noite. Não era feriado, nem o aniversário de ninguém. Dan e Pernilla tinham se casado no verão, por isso não podia ser seu aniversário de casamento.

“Desisto, não faço nenhuma ideia. Diga-me.”

Ouviu-se um profundo suspiro do outro lado da linha, e Erica notou que o grande evento talvez fosse algo relacionado com esporte. Dan era fanático por esporte, o que às vezes causava um pouco de desentendimentos entre ele e Pernilla. Erica, por sua vez,

tinha encontrado o próprio método de se vingar por todas as noites que teve de passar olhando para um evento esportivo na televisão quando eles estavam juntos. Dan era um torcedor fanático do time de hóquei no gelo do Djurgarden, e Erica tinha decidido fazer o papel de torcedora fanática do AIK. Na verdade, ela não tinha o mínimo interesse por esporte em geral, e menos ainda por hóquei, e isso parecia irritar Dan ainda mais. O que realmente o deixava louco era quando o AIK perdia e ela não dava a mínima.

“A Suécia está jogando contra a Bielo-Rússia.”

Ele notou sua falta de compreensão e deu outro suspiro profundo. “Os Jogos Olímpicos, Erica, as Olimpíadas. Você não está ciente de que este evento está acontecendo...?”

“Ah, você está se referindo à partida de futebol? Sim, é claro que sei disso. Pensei que você queria dizer que havia outra coisa especial *além* dessa.”

Ela falou num tom exagerado, mostrando claramente que não sabia que havia uma partida naquela noite. Ela sorriu porque Dan estava literalmente arrancando os cabelos por causa de tamanha blasfêmia. Esporte não era uma brincadeira para ele.

“Bom, então vou ver a partida com você e assim verei como Salming vai arrasar a defesa russa...”

“Salming? Você não sabe quantos anos já faz que ele se aposentou? Você só pode estar brincando, não é? Diga-me que está brincando.”

“Sim, Dan, estou brincando. Eu não sou tão tosca. Bom, vou ver o Sundin jogar, se a ideia lhe parece melhor. A propósito, ele é um gato.”

Dan suspirou pela terceira vez. Desta vez porque ela cometera um terrível sacrilégio ao falar de um gigante do mundo do hóquei em outros termos que não o puramente atlético.

“Tudo bem, pode vir. Mas eu não quero que se repita o que aconteceu da última vez, está bem? Nada de tagarelice durante a partida, nada de comentários de como os jogadores ficam *sexy* com as torzeleiras e, sobretudo, nada de perguntas sobre se eles estão usando protetores e se usam cueca por cima, combinado?”

Erica reprimiu uma risada e disse com seriedade: “Juro com a minha honra de escoteira, Dan!”.

Ele resmungou: “Você nunca foi escoteira.”

“Precisamente.”

Então ela desligou o celular.

Dan e Pernilla moravam em uma das casas geminadas relativamente novas de Falkeliden. As casas eram dispostas em linha reta, subiam a colina de Rabekullen e se pareciam tanto que era difícil distinguir umas das outras. Era uma região popular para famílias com crianças, principalmente porque as casas não tinham vista para o oceano e por isso os preços não eram altos como os das que ficavam próximas à praia.

A noite estava fria demais para passear, mas o carro protestou energicamente quando ela forçou o veículo monte acima, onde não tinham colocado quantidade suficiente de areia. Erica entrou na rua de Dan e Pernilla e soltou um suspiro de alívio.

Tocou a campainha, que instantaneamente causou um barulho de pequenas pegadas do outro lado da porta, que foi aberta por uma garotinha vestindo um pijama que lhe cobria até os pés. Era Lisen, a caçula deles. Malin, a do meio, se enfureceu, pois achou injusto que Lisen tivesse aberto a porta para Erica, e a discussão só cessou quando a voz firme de Pernilla surgiu da cozinha. Belina, a mais velha, tinha treze anos, e Erica a tinha visto ao passar pela praça, junto ao quiosque de cachorros-quentes, rodeada de garotos de bochechas vermelhas com motonetas. Certamente Dan e Pernilla iriam ter muito trabalho com ela.

Após abraçar cada garota, elas desapareceram tão rápido quanto apareceram e deixaram Erica pendurar o casaco em paz e tranquilidade.

Pernilla estava na cozinha, preparando comida, com suas bochechas rosadas e usando um avental com os dizeres “Beije a Cozinheira” gravados em letras garrafais. Ela parecia estar no meio de uma etapa crítica de suas preparações, e somente acenou para Erica e rapidamente voltou às suas panelas e frigideiras, que estavam chiando e fumegando. Erica continuava na sala de estar, onde sabia que encontraria Dan, afundado no sofá e com os pés apoiados na mesinha de centro de vidro e segurando firmemente o controle remoto.

“Oi! Vejo que o machista está relaxando enquanto a esposa dá duro na cozinha.”

“Oi, Erica! Sim, sabe, se você mostrar a elas quem manda na casa e as dirigir com pulso firme, pode ter domínio sobre qualquer mulher.”

O sorriso amigável desmentia suas palavras, e Erica, embora não soubesse quem mandava na casa dos Karlsson, de uma coisa ela tinha certeza: certamente não era Dan.

Abraçaram-se rapidamente e ela se sentou no sofá preto de couro, e também colocou os pés na mesinha de vidro, sentindo-se bem, em casa. Eles assistiram ao noticiário no canal 4 por algum tempo, num silêncio aconchegante, e Erica se perguntou, não pela primeira vez, se ela e Dan poderiam ter tido uma vida assim.

Dan foi seu primeiro grande amor e namorado. Ficaram juntos enquanto durou o colegial, e não se separaram por três anos. Mas eles queriam coisas diferentes da vida. Dan queria ficar em Fjällbacka e ser pescador como seu pai e seu avô antes dele, ao passo que Erica mal podia esperar para se mudar daquela cidadezinha. Sempre se sentira sufocada ali; para ela, o futuro estava em outro lugar.

Eles tentaram ficar juntos por um tempo, Dan permanecendo em Fjällbacka e Erica em Gotemburgo, mas suas vidas tomaram rumos totalmente diferentes. Após um doloroso rompimento, eles lentamente conseguiram construir uma amizade que quase quinze anos depois ainda era forte e sincera.

Pernilla entrou na vida de Dan como um abraço caloroso e reconfortante quando ele estava tentando se acostumar à ideia de que ele e Erica não tinham nenhum futuro. Pernilla esteve a seu lado quando ele mais precisou, e ela o adorava de uma maneira que preenchia parte do vazio que Erica tinha deixado. Para Erica, havia sido uma experiência dolorosa vê-lo com outra pessoa, mas aos poucos percebeu que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. A vida continuava.

Dan e Pernilla tiveram três filhas, e Erica notava que, com o passar dos anos, eles construíram um amor sincero um pelo outro, muito embora ela achasse que percebia certa inquietação em Dan. A princípio, não foi completamente fácil para Erica e Dan continuar com a amizade. Pernilla, que era ciumenta, o vigiava, vendo Erica com suspeita. Mas lentamente Erica foi convencendo Pernilla de que não estava atrás do seu marido, e, mesmo que nunca tivessem se tornado melhores amigas, elas tinham uma relação tranquila e sincera. Talvez também porque as crianças adoravam Erica, que inclusive se tornara madrinha de Lisen.

“O jantar está na mesa!”

Dan e Erica, que estavam bastante relaxados, se levantaram e foram para a cozinha, onde Pernilla tinha posto uma caçarola fumegante sobre a mesa. Somente dois pratos tinham sido dispostos, fazendo Dan levantar sua sobrancelha de modo inquisitivo.

“Eu já comi com as crianças. Podem comer enquanto vou fazer a cama delas.”

Erica sentiu-se envergonhada pelo fato de Pernilla ter se esforçado tanto por sua causa, mas Dan deu de ombros e tranquilamente começou a devorar uma enorme porção de guisado de peixe, que estava bastante gostoso.

“E então, como tem estado? Faz semanas que não temos notícias suas.”

Seu tom era mais de preocupação do que de acusação, mas Erica sentiu uma pontada de culpa por ter ligado tão poucas vezes nas últimas semanas. É que simplesmente havia tantas coisas para pensar.

“Bem, as coisas estão melhorando. Mas parece que haverá uma discussão pela casa”, Erica disse.

“Como assim?”, Dan levantou os olhos do prato, surpreso. “Você e Anna adoram aquela casa; não devem ter dificuldade em entrar num acordo.”

“Sim, podemos. Mas você esqueceu que Lucas também está envolvido. Ele sente cheiro de dinheiro e não pode perder a oportunidade. E nunca prestou atenção na opinião de Anna antes, e não vejo por que deveria ser diferente desta vez.”

“Droga, se somente eu pudesse pegá-lo numa noite escura, ele não ia ser tão convencido depois.”

Dan deu uma forte pancada com seu punho na mesa, e Erica não duvidou por um instante que, se ele quisesse, poderia dar umas porradas no Lucas. Dan tinha um corpo musculoso na adolescência, e o trabalho duro no barco pesqueiro tinha criado mais músculos ainda, embora a ternura presente nos seus olhos desmentisse aquela imagem de durão. Pelo que Erica sabia, ele nunca tinha levantado a mão a uma única criatura viva.

“Não vou dizer muito, por ora. Ainda não sei qual é a minha situação. Amanhã vou ligar para Marianne, uma amiga que é advogada, e descobrir as possibilidades que tenho de impedir a venda, mas hoje não quero pensar nisso. Além disso, passei por

tanta coisa nos últimos dias, e pensar em minhas posses materiais parece um pouco insignificante agora.”

“É, eu soube o que aconteceu”, Dan fez uma pausa. “Como foi achar uma pessoa morta daquele jeito?”

Erica pensou no que ia dizer.

“Triste e horrível ao mesmo tempo. Espero nunca passar por esta experiência novamente.”

Ela lhe disse sobre o artigo que estava escrevendo e sobre as conversas que teve com o marido de Alexandra e sua colega. Dan ouvia em silêncio.

“O que não entendo é por que ela se fechou para as pessoas mais importantes em sua vida. Você devia ter visto o marido dela, ele a adorava. É assim com a maioria das pessoas, eu suponho. Elas sorriem e parecem estar felizes, mas na verdade se sentem sobrecarregadas com toda sorte de preocupações e problemas.”

Dan a interrompeu abruptamente.

“Erica, o jogo vai começar daqui a três segundos, e prefiro uma partida de hóquei no gelo às suas interpretações quase filosóficas.”

“Não se preocupe, vou parar. Além disso, eu trouxe um livro, para o caso de a partida ficar chata.”

Dan lhe lançou um olhar ameaçador, até que percebeu um brilho provocador nos olhos de Erica. Entraram na sala de estar exatamente no início da partida.

Marianne atendeu ao primeiro toque.

“Marianne Svan.”

“Oi, é a Erica.”

“Oi, quanto tempo! Que bom que você ligou. Como você está? Pensei muito em você ultimamente.”

Mais uma vez ela percebeu que não estava prestando muita atenção nos seus amigos ultimamente. Sabia que estavam

preocupados com ela, mas no mês passado nem pôde ligar para Anna. Mas sabia que eles entendiam.

Marianne era uma boa amiga desde a época da universidade. Elas tinham estudado literatura juntas, mas, após quase quatro anos de estudo, Marianne descobriu que ser uma bibliotecária não era a sua vocação, então migrou para Direito. E com êxito, como se pôde observar depois. Ela era a associada mais jovem de todos os tempos numa das maiores e mais respeitadas empresas de advocacia em Gotemburgo.

“Bem, dadas as circunstâncias, acho que estou bem. Estou começando a colocar minha vida em ordem novamente, mas há ainda muitas coisas com as quais tenho de lidar.”

Marianne nunca teve habilidade para bater papo, e teve uma intuição certa de que Erica não tinha simplesmente ligado para conversar.

“Então, o que posso fazer por você, Erica? Sei que está acontecendo algo, pode me dizer.”

“Estou tão envergonhada porque não ligo há tanto tempo, e quando ligo é para pedir sua ajuda.”

“Não seja tola. Como posso te ajudar? Algum problema com a herança?”

“Sim, pode-se dizer que sim.”

Erica estava sentada à mesa da cozinha mexendo com a correspondência que o carteiro lhe entregara de manhã.

“A Anna, ou melhor, o Lucas, quer vender a casa de Fjällbacka.”

“Como assim?”, a calma costumeira de Marianne explodiu. “Quem diabos ele pensa que é? Você adora aquela casa!”

Erica sentiu que algo se quebrava em seu interior e imediatamente rompeu em lágrimas. De súbito, Marianne se acalmou e a confortou por telefone.

“Você está mesmo bem? Quer que eu vá para sua casa? Poderia estar aí à noite.”

Suas lágrimas se tornaram ainda mais intensas, mas, após soluçar por alguns instantes, acalmou-se o suficiente para secar os olhos.

“É muitíssimo gentil de sua parte, mas estou bem. De verdade. É que tem acontecido muitas coisas ultimamente, só isso. Foi muito traumatizante separar as coisas do papai e da mamãe; aí fiquei atrasada com o livro, e a editora está atrás de mim, me cobrando; e agora essa questão da casa... e ainda por cima, na sexta-feira passada, encontrei minha amiga de infância morta.”

Um riso começou a se instalar em seu interior, e ainda com lágrimas nos olhos passou a dar uma risada histérica. Levou algum tempo para se recuperar.

“Você disse ‘morta’ ou ouvi errado?”

“Infelizmente você ouviu certo. Sinto muito, pode parecer horrível que eu esteja dando risada. É que tem sido demais para mim. Ela foi minha melhor amiga durante a infância, Alexandra Wijkner. Ela se suicidou no banheiro da casa de seus pais em Fjällbacka. Acho que você a conhecia, não? Ela e o marido, Henrik Wijkner, frequentavam os círculos mais chiques de Gotemburgo, com as mesmas pessoas com que você esbarra hoje em dia, não?”

Ela sorriu, e sabia que Marianne estava fazendo a mesma coisa do outro lado da linha. Quando ambas eram estudantes, tinham morado no distrito de Majorna, em Gotemburgo, e lutavam pelos direitos da classe trabalhadora. Ambas estavam cientes de que, com o passar dos anos, Mariane tinha sido forçada a pensar em questões completamente diferentes a fim de se encaixar nos círculos da sua carreira, na venerável empresa de advocacia. Agora vestia ternos chiques e blusas com laços. Era o coquetel de Örtgryte que contava, mas Erica sabia que isso só servia como uma fina camada de verniz que disfarçava sua rebeldia.

“Henrik Wijkner... Sim, me soa familiar. Até compartilhamos algumas de nossas amizades, mas nunca tive oportunidade de conhecê-lo. Um impiedoso homem de negócios, assim o descrevem. Do tipo que poderia despedir cem funcionários antes do café da manhã e não perder o apetite. Sua esposa tinha uma butikue, não?”

“Uma galeria de arte abstrata.”

As palavras de Marianne a respeito de Henrik a chocaram. Erica sempre achou que julgava as pessoas positivamente, e ele lhe parecera tudo, menos um impiedoso homem de negócios.

Ela deixou o assunto de Alex de lado e disse a verdadeira razão pela qual ligara.

“Recebi uma carta hoje. Do advogado de Lucas. Eles estão me convocando para uma reunião em Estocolmo, na sexta-feira, que diz respeito à venda da casa dos meus pais, e não entendo nada de leis. Ele pode realmente fazer isso?”

Ela podia sentir seu lábio inferior começar a tremer novamente, e respirou fundo para se acalmar. Fora da janela da cozinha, o gelo na baía brilhava após os últimos dias de chuva descongelante, seguida de temperaturas abaixo de zero à noite. Viu um pardal pousar na soleira da janela e lembrou-se de que tinha de comprar uma bola de sebo para os pássaros. Intrigado, o pardal inclinou um pouco a cabeça e deu uma bicada de leve no vidro. Após se certificar de que não havia nada para comer lá, alçou voo e foi embora.

“Como sabe, sou advogada de direito fiscal, e sei pouco de direito de família, por isso não posso lhe dar uma resposta imediata. Mas vamos fazer o seguinte, vou verificar junto aos especialistas no escritório e te ligo mais tarde. Você não está sozinha, Erica. Vou ajudá-la com isso, eu prometo.”

Foi muito bom ouvir as palavras tranquilizantes de Marianne, e quando se despediram, a vida parecia mais alegre, mesmo sabendo

que seria assim antes de ter ligado.

Mas a intranquilidade acometeu Erica repentinamente. Ela se forçou a retomar o trabalho sobre a biografia, mas não aguentou. Tinha mais do que a metade do livro para escrever, e os editores estavam ficando impacientes porque não tinham recebido nem um esboço ainda. Após preencher quase duas páginas, leu o que tinha escrito, viu que estava uma porcaria e rapidamente deletou várias horas de trabalho. A biografia a deprimia terrivelmente, e a alegria de trabalhar já tinha desaparecido há muito tempo. Em vez disso, terminou de escrever o artigo sobre Alexandra e o pôs num envelope endereçado ao jornal *Bohusläningen*. Aí já era hora de ligar para Dan e pôr o dedo na ferida psicológica quase mortal que ele sofrera após a espetacular derrota da Suécia na partida da noite anterior.

O delegado Mellberg apalpava sua enorme pança de maneira satisfeita e pesava a decisão de tirar uma soneca ou não. Ainda não havia quase nada para fazer, e o pouco que tinha não lhe parecia tão importante.

Ele decidiu que seria bom cochilar por um instante para que seu almoço substancioso fosse digerido em paz e tranquilidade. Mas, mal fechara os olhos quando uma batida determinada na porta anunciou que Annika Jansson queria algo.

“Mas que diabos! Não vê que estou ocupado?”

Com a intenção de parecer atarefado, o delegado remexeu a esmo os papéis amontoados em sua mesa, mas só conseguiu mesmo derrubar uma xícara de café.

O café fluiu em direção aos papéis e ele pegou a primeira coisa que viu para limpar a bagunça: a parte de sua camisa abaixo da cintura, que, aliás, raramente se encontrava dentro de sua calça.

“Mas que droga! Sou eu quem manda neste lugar! Você não aprendeu a mostrar respeito aos seus superiores e bater à porta

antes de entrar?”

Annika não estava a fim de dizer que tinha feito exatamente aquilo. Com a sabedoria de sua idade e experiência, esperou pacientemente até que aquela crise passasse.

“Presumo que você tenha algo a me dizer”, Mellberg disse, fervendo de raiva.

Annika respondeu com uma voz comedida: “A Unidade Forense de Gotemburgo está procurando por você. Para ser mais precisa, o médico forense Tord Pederson. Você pode ligar para ele neste número.”

Ela estendeu um pedaço de papel com um número de telefone cuidadosamente anotado.

“E ele disse do que se trata?”

A curiosidade estava fazendo cócegas na ponta do seu estômago. A unidade forense não costumava ligar com muita frequência para cidadezinhas isoladas como aquela. Talvez agora haveria a oportunidade de mostrar um trabalho brilhante, para variar.

De forma distraída, ele mandou Annika ir embora e encaixou o fone entre o ombro e o ouvido. Então, ansiosamente, começou a discar o número.

Annika saiu apressadamente do escritório e bateu a porta atrás de si. Sentou-se à sua mesa e amaldiçoou, como já tinha feito por muitas vezes, a decisão que fizera Mellberg ser enviado àquela minúscula delegacia em Tanumshede. Segundo os rumores que circulavam pela delegacia, ele tinha ficado impopular em Gotemburgo por maltratar um refugiado que estava preso lá. Isso claramente não foi o único erro cometido, mas, sim, o pior. Seu superior, por fim, perdeu a paciência. Uma investigação interna não conseguiu concluir nada, mas ainda havia a preocupação do que mais Mellberg poderia fazer, então ele foi imediatamente transferido para a delegacia de Tanumshede.

Cada um dos 12 mil habitantes da cidadezinha, a maioria dos quais era obediente à lei, era um constante lembrete de seu rebaixamento na carreira. Seus antigos superiores em Gotemburgo julgavam que não faria muito estrago ali. Até então aquele julgamento estava correto. Por outro lado, contudo, Mellberg tampouco estava fazendo muita coisa boa.

Até sua chegada, Annika se dava bem no trabalho, mas isso acabara com Mellberg, sendo seu chefe. Como se não bastasse ele ser sempre rude, também via a si mesmo como uma dádiva de Deus para as mulheres, e Annika era a que mais sofria com isso. Insinuações maliciosas, beliscões no traseiro e frases impróprias eram somente uma pequena porção do que ela tinha de aguentar no seu trabalho atualmente, contudo o que ela considerava seu traço mais repugnante, era o penteado horrível que ele tinha criado para esconder a calvície. Ele deixara crescer o que tinha restado do seu cabelo – era o que seus funcionários podiam supor –, para então fazer um penteado no topo de sua cabeça, que mais parecia o ninho de um corvo.

Annika tinha arrepios ao pensar como era quando estava com o cabelo solto, mas ao mesmo tempo ficava aliviada por nunca ter esta oportunidade.

Ela se perguntou o que a unidade forense queria. Bem, ela saberia o mais breve possível. A delegacia era tão pequena, que qualquer informação que fosse importante se espalharia por todos os lugares dentro de uma hora.

Bertil Mellberg ouviu o telefone tocar enquanto observava Annika se retirar de seu escritório.

Que jovem linda é essa. Firme e gostosa, com as curvas nos seus devidos lugares. Cabelo loiro comprido, peitos firmes e altos e um traseiro generoso. Era uma pena que ela usasse aqueles longos vestidos e camisas largas. Talvez ele devesse sugerir que roupas

mais apertadas lhe caíam melhor. Como chefe, ele tinha o direito de dar opiniões sobre como os funcionários poderiam se vestir melhor.

Trinta e sete anos de idade – ele sabia disso porque olhara no arquivo do pessoal. Cerca de vinte anos mais jovem do que ele, exatamente sua preferência. Que outra pessoa se ocupasse das mulheres mais velhas. Ele era homem o bastante para jovens talentos – maduro e experiente, com uma corpulência atraente, e certamente ninguém notaria que perdera um pouco de cabelo ao longo dos anos. Ele tocou no topo da cabeça com cuidado. Tudo estava bem, seu cabelo estava como deveria estar.

“Tord Pederson.”

“Sim, olá. Sou o delegado Bertil Mellberg, da delegacia de Tanumshede. Você estava procurando por mim?”

“Sim, isso mesmo. Trata-se de uma morte que chegou do seu distrito aos meus cuidados. De uma mulher chamada Alexandra Wijkner. Achavam que tenha sido suicídio.”

“Ah é?”, o interesse de Mellberg foi certamente despertado.

“Eu fiz a autópsia ontem e não tenho a menor dúvida de que não se trata de suicídio. Alguém a matou.”

“Maldição!”

Com sua agitação, Mellberg novamente derrubou a xícara de café e o pouco que tinha lá dentro se espalhou pela mesa. Ele novamente usou sua camisa como pano e conseguiu mais algumas manchas para ela.

“Como você sabe disso? Quero dizer, que tipo de prova você tem de que tenha sido assassinato?”

“Posso lhe enviar por fax o relatório da autópsia, pois tenho certeza de que conseguirá ver muita coisa lá. Contudo, deixe-me lhe dar um resumo dos pontos mais importantes. Só um momento, para que coloque meus óculos”, Pederson disse.

Mellberg o ouviu cantando enquanto analisava o relatório. Ele estava esperando ansioso pela informação.

“Muito bem. Vejamos. Mulher, trinta e cinco anos de idade, bom estado físico geral. Mas você já sabe disso. A mulher estava morta há uma semana, mas seu corpo ainda está em boas condições, principalmente por causa da baixa temperatura no ambiente em que o encontraram. O gelo em volta da parte inferior do corpo também ajudou na preservação.

“Incisões profundas nas artérias de ambos os pulsos feitas com uma lâmina que foi encontrada no local. Foi então que comecei a suspeitar. Ambas as incisões tinham a mesma profundidade e eram bastante retas, o que é muito incomum. Eu até mesmo ousaria dizer que nunca ocorreriam num suicídio. Isto porque as pessoas não são, na sua maioria, tanto destros quanto canhotas. A incisão deixada no braço esquerdo seria muito mais reta e mais forte para uma pessoa destra do que a ferida na direita. Isso é o que ocorre quando a pessoa é forçada a usar a mão ‘errada’, por assim dizer. Então examinei os dedos de ambas as mãos, e minhas suspeitas se confirmaram. A borda da lâmina é tão afiada que na maioria dos casos deixaria cortes microscópicos nas mãos. Alexandra Wijkner não tinha nada disso. Isso indica que foi outra pessoa que cortou os pulsos dela, provavelmente com o objetivo de simular um suicídio.”

Pederson fez uma pausa e continuou: “A pergunta que fiz a mim mesmo então foi: como uma pessoa conseguiria fazer isso sem que a vítima lutasse? A resposta veio com o relatório toxicológico. A vítima tinha resíduos de um forte sedativo no sangue.”

“O que isso prova? Ela não poderia simplesmente ter tomado uma pílula para dormir?”

“Claro, isso é possível. Mas felizmente a ciência moderna concedeu à medicina forense várias ferramentas e métodos indispensáveis. Uma dessas ferramentas é que hoje podemos calcular com precisão extrema as taxas de deterioração de vários

medicamentos e até de venenos. Fizemos vários testes com o sangue da vítima e cada vez chegávamos à mesma conclusão: teria sido impossível para Alexandra Wijkner cortar os próprios pulsos, já que, quando seu coração parou de bater devido à perda de sangue, ela já estava inconsciente há muito tempo. Infelizmente, não posso lhe dar uma informação exata sobre dados cronológicos; a ciência não chegou a este ponto ainda. Mas não resta a mínima dúvida de que se trata de um assassinato. Eu realmente espero que você possa lidar com este caso. Não há muitos homicídios nessa área, não?”

A voz de Pederson demonstrava ter grande dúvida, e Mellberg interpretou isso como sendo uma crítica pessoal.

“Você está certo em dizer que não temos muita experiência com esse tipo de crime aqui em Tanumshede. Por sorte, vou ficar aqui só temporariamente. Meu verdadeiro local de trabalho está no departamento de polícia de Gotemburgo. Meus longos anos de trabalho significam que não teremos dificuldade em lidar até mesmo com a investigação de um assassinato aqui. Será uma oportunidade para as autoridades locais verem que fazemos um trabalho policial sério. Não vai demorar muito para solucionarmos o caso. Escreva minhas palavras.”

E com esse comentário pomposo Mellberg sabia que tinha deixado extremamente claro ao médico forense Pederson que ele não estava falando com um novato. Os médicos sempre são convencidos. A parte do trabalho de Pederson já estava feita, e agora era a hora de um profissional entrar em cena.

“Ah, já ia me esquecendo.” O médico forense ficara impressionado com a altivez demonstrada pelo policial, e tinha quase esquecido de lhe citar duas descobertas adicionais que considerava significante. “Alexandra Wijkner estava no terceiro mês de gestação, e já tinha dado à luz anteriormente. Não sei se isso terá alguma relevância para sua investigação, mas é melhor

dispor de informação a mais do que a menos, você não acha?”, Pederson disse.

Mellberg somente bufou uma resposta, e após algumas frases gentis de despedida desligou. Pederson ficou com um sentimento de dúvida de que o delegado teria a competência necessária para perseguir o assassino, e Mellberg com o ânimo avivado e cheio de ansiedade. Um exame preliminar do banheiro tinha sido realizado imediatamente após o corpo ter sido descoberto, mas agora ele cuidaria para que a casa de Alexandra Wijkner fosse inspecionada a cada milímetro.

Capítulo 2



*E*sqquentou uma mecha de seu cabelo em suas mãos. Minúsculos cristais de gelo se derreteram e deixaram a palma de sua mão molhada. Ele lambeu a água, com prazer.

Encostou sua bochecha na beira da banheira e sentiu como se o frio mordesse sua pele. Ela era tão bonita. Flutuando na crosta de gelo.

O elo entre eles ainda existia. Nada tinha mudado. Nada era diferente. Eles eram da mesma natureza.

Foi preciso fazer um pouco de esforço para abrir suas mãos para que unisse as duas palmas. Ele entrelaçou seus dedos com os dela. O sangue estava coagulado e duro, e pequenos fragmentos grudaram na sua pele.

O tempo nunca teve sentido algum quando estava com ela. Anos, dias ou semanas, tudo se confundia, tornando-se uma entidade amorfa na qual a única coisa que significava algo era: a mão dela sobre a dele. É por isso que a traição fora tão dolorosa. Ela tinha feito o tempo ter sentido novamente. É por isso que o sangue nunca mais fluiria quente por suas veias.

Antes de ir embora, voltou a colocar sua mão na posição original.

Ele não olhou para trás.

* * *

Erica não pôde identificar o som que a acordara de um sono profundo e sem sonhos. Quando ela notou que fora o toque agudo do telefone que a tinha despertado, ele já havia tocado demais. Ela pulou da cama para atendê-lo.

“Erica Falck.” Sua voz não passava de um coaxo. Ela pigarreou sonoramente com a mão sobre o bocal do telefone para se livrar da rouquidão.

“Ah, me desculpe, eu a acordei? Sinto muito.”

“Não, eu já estava acordada.” A resposta veio automaticamente, e ela própria percebeu que soava bastante falsa. De qualquer forma, estava muito claro que tinha acabado de acordar.

“Bem, de qualquer maneira, peço desculpas. Quem fala aqui é Henrik Wijkner. Acabo de falar com Birgit por telefone, e ela me pediu para entrar em contato com você. Parece que ela recebeu uma ligação nesta manhã de um delegado bastante mal-educado da delegacia de Tanumshede. De certa forma, ele a mandou comparecer à delegacia, e de uma maneira não muito educada. Obviamente, minha presença também foi requisitada. Ele não quis dizer do que se tratava, mas temos uma ideia. Birgit estava bastante abalada, e já que nem Karl-Erik nem Julia estão em Fjällbacka no momento, por razões diferentes, eu gostaria de saber se poderia me fazer um grande favor de ir ver Birgit. Sua irmã e o cunhado estão trabalhando, então ela está sozinha na casa deles. Vai demorar algumas horas para eu voltar a Fjällbacka, e não quero que ela fique sozinha por tanto tempo. Sei que é pedir muito, pois na verdade não nos conhecemos muito bem, mas não tenho ninguém mais a quem recorrer.”

“Mas é claro que vou para lá ficar com Birgit. Não há problema algum. Apenas tenho que mudar de roupa. Posso chegar dentro de quinze minutos.”

“Ótimo. Fico-lhe muitíssimo grato. De verdade. Birgit nunca foi uma mulher muito equilibrada, e eu gostaria que alguém ficasse

com ela até que eu consiga chegar. Vou ligar para ela e dizer que você já está indo. Estarei lá depois de meio-dia, então poderemos conversar mais. Novamente lhe agradeço.”

Com sono ainda estampado nos olhos, Erica correu para o banheiro para lavar o rosto. Pôs a roupa que estava vestindo no dia anterior e, após pentear rapidamente os cabelos e passar um pouco de rímel, já estava dentro do seu carro em menos de dez minutos. Não levou mais de cinco minutos para ir de Tallgatan a Sälvik, e após precisamente quinze minutos ter falado ao telefone com Henrik, ela tocou a campainha.

Parecia que Birgit tinha emagrecido alguns quilos nos poucos dias que se passaram desde que a vira, e suas roupas tinha ficado folgadas no seu corpo. Dessa vez elas não foram para a sala de estar, mas Birgit a levou para a cozinha.

“Obrigada por se dar ao trabalho de vir aqui. Fico tão nervosa e simplesmente não consigo ficar sentada aqui, preocupada, até Henrik chegar.”

“Ele me disse que você recebeu uma ligação da delegacia de Tanumshede.”

“Às oito da manhã de hoje, um tal de delegado Mellberg ligou e disse que Karl-Erik, Henrik e eu teríamos de comparecer ao seu escritório sem demora. Expliquei que Karl-Erik tinha saído da cidade para tratar de um negócio urgente, mas que retornaria amanhã. Perguntei se havia algum problema em esperarmos até amanhã. Isso não seria aceitável, conforme ele disse, por isso eu e Henrik teríamos que ir por enquanto. O homem foi muito mal-educado, por isso liguei para Henrik logo em seguida. Ele disse que viria para casa o mais rápido que pudesse. Receio que tenha parecido um pouco perturbada, e foi aí que ele teve a ideia de ligar para você e pedir que viesse ficar comigo por algumas horas. Espero que não pense que estamos pedindo demais. Você deve querer não se envolver mais ainda na tragédia da nossa família,

mas eu não sabia a quem recorrer. Além disso, você é como uma filha na nossa casa há muito tempo, por isso achei que talvez...”

“Ora, não pense nisso agora. Estou feliz em poder ajudar. A polícia disse do que tudo isso se tratava?”

“Não, o delegado não quis dizer nada. Mas eu tenho uma ideia. Eu não lhe disse que Alex não tinha tirado a própria vida? Não disse?”

Com um gesto impulsivo, Erica segurou as mãos de Birgit.

“Minha querida Birgit, não vamos tirar conclusões precipitadas. Você pode estar certa, mas até que tenhamos certeza é melhor não especular.”

Elas ficaram por duas longas horas sentadas à mesa da cozinha. A conversa se esgotou em apenas alguns minutos, e a única coisa que se podia ouvir era o tique-taque do relógio. Erica fazia círculos com seu dedo indicador na superfície lisa do oleado. Birgit estava bem vestida, e sua maquiagem tão impecável quanto da última vez que a vira. Mas agora havia uma marca indefinível de cansaço e até de esgotamento nela, como uma fotografia cujas bordas tinham perdido o viço. O fato de ter perdido alguns quilos não combinava com ela. Mesmo da última vez já estava esquelética, e o emagrecimento tinha acrescentado mais algumas rugas ao redor de seus olhos e sua boca. Birgit estava segurando sua xícara de café tão firmemente que o nó de seus dedos estava branco. Se a longa espera estava sendo cansativa para Erica, devia estar sendo insuportável para a mãe.

“Eu não consigo imaginar quem poderia querer matar a Alex.” As palavras pareciam um tiro disparado após o longo silêncio. “Ela não tinha nenhum inimigo. Viviu uma vida completamente comum com Henrik.”

“Não sabemos ainda do que se trata. Não adianta especular antes de descobrirmos o que a polícia quer”, Erica disse

novamente, e interpretou o silêncio de Birgit como uma resposta tácita.

Pouco depois de meio-dia, Henrik estacionou na vaga que tinha em frente à casa. Elas o viram pela janela da cozinha, se levantaram aliviadas e colocaram seus casacos. Quando ele tocou a campainha, elas já estavam no *hall* de entrada da casa, prontas para sair. Birgit e Henrik se cumprimentaram com um beijo em cada lado da bochecha. Depois disso, Erica recebeu o mesmo cumprimento. Como não estava acostumada a essas formalidades, ficou um pouco preocupada com a ideia de começar pelo lado errado. Mas lidou com o problema sem dificuldades, e por um instante desfrutou do cheiro da loção pós-barba de Henrik.

“Você nos acompanha, não?”

Erica já estava a meio caminho do seu carro.

“Bem, não sei...”

“Ficaria muito grato.”

Por cima da cabeça de Birgit, ela encontrou os olhos de Henrik e com um suspiro silencioso entrou no banco de trás da sua BMW. Aquele seria um longo dia.

A viagem para Tanumshede não demorou mais do que vinte minutos. Eles conversaram sobre o tempo e a gradual despovoação das zonas rurais. Menos sobre a razão da iminente visita deles à delegacia de polícia.

Erica estava sentada no banco de trás e se perguntava o que fazia lá. Já tinha problemas suficientes sem se envolver num suposto assassinato. Além disso, isso implicava que a ideia de seu livro iria por água abaixo. Já tinha conseguido terminar o primeiro esboço, e agora, talvez, teria de jogá-lo na lata de lixo. Bem, pelo menos isso ia forçá-la a se concentrar completamente na sua biografia. Embora tivesse que fazer as devidas modificações, poderia valer a pena. Na verdade, talvez fosse melhor. A perspectiva do assassinato poderia ser uma vantagem e tanto. De

repente, percebeu o que estava fazendo. Alex não era um personagem fictício de um livro que ela modificaria a seu bel-prazer. Era uma pessoa real que tinha sido amada por pessoas reais. Ela mesma tinha um grande afeto por Alex. Erica olhou para Henrik pelo espelho retrovisor. Parecia tão tranquilo como sempre, apesar do fato de que seria informado dentro de alguns minutos que sua esposa havia sido assassinada. Não é verdade que, em sua maioria, os assassinatos são cometidos por alguém de dentro da própria família da vítima? Novamente Erica se envergonhou de seus pensamentos. Com esforço, bloqueou aquela linha de pensamento e percebeu, aliviada, que já tinham chegado. Agora, só queria resolver aquele assunto para que pudesse voltar às suas preocupações que, em comparação, pareciam tão triviais.

As pilhas de papel tinham crescido a altitudes imponentes na sua mesa. Era impressionante como uma cidade pequena como Tanumshede pudesse gerar tantas delas. A maior parte, contudo, era insignificante, mas cada uma das denúncias devia ser investigada, de modo que lá estava ele, imerso num trabalho administrativo digno de uma burocracia de um país da Europa oriental. Não seria nada mal se Mellberg ajudasse um pouco, em vez de ficar sentado sobre seu enorme traseiro o dia todo. Mas ele tinha que fazer o trabalho do chefe também. Patrik Hedström suspirou. Sem um pingão de humor negro, ele nunca teria sobrevivido por tanto tempo, mas ultimamente estava se perguntando se isso era o que ele realmente queria fazer da vida.

O grande evento do dia seria uma interrupção bem-vinda à rotina diária. Mellberg lhe pedira que estivesse presente durante o interrogatório com a mãe e o marido da mulher que fora encontrada morta em Fjällbacka. Claro que ele estava consciente da tragédia e sentia pela família da vítima, mas como nunca

acontecia nada de interessante no seu trabalho, não conseguia evitar de sentir uma cócega de expectativa pelo seu corpo.

Na academia de polícia, eles tinham sido treinados para interrogatórios, mas até agora ele só tivera a chance de experimentar seus talentos nessa área quando se tratava de roubos de bicicleta ou violência doméstica. Patrick olhou para o relógio. Hora de ir para o escritório de Mellberg, onde a conversa aconteceria. Do ponto de vista técnico, não havia motivo para interrogatório ainda, mas a reunião de hoje era igualmente importante. Ele tinha ouvido rumores de que a mãe sustentava a hipótese de que a filha não poderia ter se matado. Ele estava curioso para ouvir as razões dessa afirmação, que acabara se tornando correta.

Ele pegou seu bloco de anotações, uma caneta e uma xícara de café e atravessou o corredor. Com suas mãos ocupadas, teve de usar o cotovelo e os pés para abrir a porta, então foi somente após colocar as coisas na mesa e se virar para a sala que a viu. Por alguns segundos, seu coração parou de bater. Ele se sentiu como se tivesse dez anos de idade, tentando puxar seu rabo de cavalo. Um segundo depois, tinha quinze anos de idade e tentava convencê-la a pular na sua moto para darem uma volta juntos. Tinha vinte anos quando abandonou toda esperança ao ver que ela se mudaria para Gotemburgo. Após um rápido cálculo mental, concluiu que fora pelo menos há seis anos que a tinha visto pela última vez. Ela não mudara nada. Alta e com curvas. Seu cabelo encaracolado alcançava os ombros em vários tons de loiro que se mesclavam, resultando numa cor quente. Mesmo quando era uma garotinha, Erica tinha sido vaidosa, e ele podia ver que ainda dava muita importância aos detalhes de sua aparência. Seu rosto se iluminou de surpresa ao vê-lo, mas Mellberg estava lançando um olhar duro a fim de que se sentasse, então ele apenas pôde gesticular um ‘olá’.

Era um grupo de pessoas tensas que estava sentado diante dele. A mãe de Alexandra Wijkner era pequena e magra e usava joias de ouro pesadas demais para o seu gosto. Seu penteado era impecável e ela estava muitíssimo bem-vestida, mas suas enormes olheiras denunciavam seu sofrimento. Seu genro não mostrava os mesmos sinais de sofrimento. Patrik deu uma olhada nos documentos que continham suas informações pessoais. Henrik Wijkner, um homem de negócios bem-sucedido em Gotemburgo e herdeiro de uma considerável fortuna que vinha de várias gerações. Percebia-se. Não por causa da aparência claramente cara de suas roupas ou do aroma da fina loção pós-barba que pairava no ar, mas era algo mais difícil de se definir. Uma segurança inquestionável de que achava que tinha direito a um lugar de destaque no mundo, que provinha do fato de nunca ter tido desvantagens na vida. Apesar de Henrik parecer tenso, Patrik podia perceber que ele tinha o controle da situação.

Mellberg estava “se achando” atrás de sua mesa. Na verdade, tinha conseguido enfiar sua camisa dentro da calça, mas sua estampa multicolor estava manchada com pingos de café. Enquanto observava cada um dos convocados com um silêncio estudado, passou a mão direita sobre seu penteado, que tinha pendido demais para um lado. Patrik, por sua vez, estava se esforçando para não olhar para Erica. Para tanto, concentrava-se em uma das manchas na camisa de Mellberg.

“Bem, vocês devem estar cientes da razão pela qual os chamei aqui.” Mellberg fez uma longa pausa para aumentar o efeito. “Sou o delegado Bertil Mellberg, chefe da delegacia de Tanumshede, e este é Patrik Hedström, que me ajudará nesta investigação.”

Ele acenou para Patrik, que estava sentado um pouco distante do semicírculo formado por Erica, Henrik e Birgit em frente à mesa de Mellberg.

“Investigação? Ela foi assassinada, pelo amor de Deus!” Birgit se inclinou para a frente em sua cadeira, e Henrik rapidamente pôs seu braço protetor em volta de seus ombros.

“Sim, temos a confirmação de que sua filha não se suicidou. A hipótese de suicídio pode ser definitivamente descartada, de acordo com o relatório do médico forense. É claro, não posso entrar nos detalhes da investigação, mas a razão principal de sabermos que ela foi assassinada é que, no momento em que seus pulsos foram cortados, ela não devia estar consciente. Encontramos grande quantidade de sedativo no sangue. Enquanto ela estava inconsciente, alguma pessoa, ou pessoas, primeiro a colocou na banheira, encheu-a de água, e então cortou seus pulsos com uma lâmina para fazer parecer que foi um suicídio.”

As cortinas do escritório estavam fechadas para impedir que a luz do sol do meio-dia entrasse. O ambiente lá dentro estava confuso. Tristeza se mesclava com o alívio óbvio de Birgit de que Alex não cometera suicídio.

“E você já sabe quem fez isso?”, Birgit tirou de sua bolsa um pequeno lenço bordado e limpou os cantos de seus olhos com delicadeza, a fim de não estragar a maquiagem.

Mellberg cruzou as mãos sobre sua enorme pança e fixou os olhos nas pessoas que estavam diante dele. E pigarreou para mostrar autoridade.

“Isso vocês talvez possam me dizer.”

“Nós?”, a surpresa de Henrik parecia verdadeira. “Como vamos saber disso? Isso deve ser obra de um maníaco. Alexandra não tinha inimigos.”

“Isso é o que você está dizendo.”

Patrik achou que, por um instante, havia passado um vulto diante do rosto do marido de Alex. Isso durou um segundo, e Henrik já estava completamente calmo e no controle da situação.

Patrik sempre guardou uma descrença saudável em relação a homens como Henrik. Homens que nasceram para ser bem-sucedidos. Que tinham tudo sem precisar levantar uma palha. Naturalmente, Henrik parecia ser uma pessoa agradável e charmosa, mas, por debaixo daquela aparência, ele podia perceber que havia traços que sugeriam uma personalidade mais complexa. Patrick podia enxergar impiedade por trás daqueles traços bonitos, e se perguntava o porquê da falta de surpresa total no rosto de Henrik quando Mellberg revelou que Alex tinha sido assassinada. Acreditar em algo é uma coisa, mas ouvir aquilo como um fato é completamente diferente. Pelo menos isso ele tinha aprendido nos seus dez anos como policial.

“Somos suspeitos?”, Birgit pareceu tão assustada como se o delegado tivesse se transformado em uma abóbora diante de seus olhos.

“As estatísticas falam por si só em casos de assassinato. A grande parte dos criminosos normalmente é encontrada entre os próprios familiares. Vejam bem, não estou afirmando que este seja o caso de vocês, mas não tenho dúvida de que entendem que temos de nos certificar disso. Nada deixará de ser investigado, posso garantir. Com a minha vasta experiência em casos de assassinato”, outra pausa dramática, “isso com certeza será resolvido rapidamente. Mas gostaria que vocês dois prestassem depoimento sobre o que fizeram nos dias anteriores e posteriores ao momento em que suspeitamos que Alexandra foi assassinada.”

“E qual é esse momento?”, Henrik perguntou. “O último de nós a falar com ela foi Birgit, mas nenhum de nós ligou para ela até o domingo, então o assassinato pode até mesmo ter acontecido no sábado. Eu liguei na sexta-feira por volta das nove e meia, mas ela sempre ia dar um passeio antes de se deitar, então julguei que estivesse fora de casa, passeando.”

“Tudo que o médico forense pôde dizer é que ela já estava morta há aproximadamente uma semana. Naturalmente, vamos verificar suas afirmações sobre quando ligou para ela, mas temos uma evidência que indica que ela morreu antes das nove horas da sexta-feira à noite. Por volta de seis horas, que deve ter sido logo depois de ter chegado a Fjällbacka, ela ligou para um tal de Lars Thelander, por causa da fornalha que não estava funcionando direito. Ele não pôde ir imediatamente, mas lhe prometeu estar lá antes das nove da noite. De acordo com o seu depoimento, ele bateu à porta dela exatamente às nove horas. Ninguém veio atender, e após esperar por uns instantes, ele voltou para casa. Nossa hipótese de trabalho, portanto, é de que ela tenha morrido em algum momento daquela noite após ter chegado a Fjällbacka, já que parece inverossímil que tenha se esquecido de que o técnico iria consertar a fornalha, tendo em consideração o frio que fazia na casa.”

O cabelo do delegado estava começando a deslizar novamente, só que desta vez para o lado esquerdo. Patrik percebeu que Erica mal podia tirar os olhos do espetáculo. Ela provavelmente estava controlando um impulso de ir até lá e arrumar o cabelo dele. Todos os funcionários da delegacia já tinham passado por essa fase.

“Que horas você disse que falou com ela mesmo?”, Mellberg dirigiu sua pergunta à Birgit.

“Bom, não tenho muita certeza”, ela pensou por alguns instantes. “Em algum momento depois das sete horas. Por volta de sete e quinze ou sete e meia, eu acho. Falamos brevemente porque Alex me disse que estava com visita”, ao dizer isso, Birgit ficou pálida. “Será que se tratava de...?”

Mellberg assentiu, solene. “É completamente possível, senhora Carlgren. Mas é nosso dever averiguar, e posso lhe garantir que vamos colocar todos os nossos recursos a serviço desta investigação. Em nosso trabalho, eliminar os suspeitos é uma das

tarefas principais, por isso peço-lhes que redijam um relato da noite de sexta-feira.”

“Você quer que eu apresente um álibi também?”, Erica perguntou.

“Creio que não será necessário. Mas gostaríamos que nos dissesse tudo que viu quando estava dentro da casa no dia em que a encontrou. Vocês podem deixar as suas declarações com o agente Hedström.”

Todos se viraram e olharam para Patrik, ele assentiu com a cabeça, e começaram a se levantar.

“Este foi um acontecimento trágico. Em especial por causa do bebê.”

Todos os olhares se fixaram em Mellberg.

“Bebê?”, Birgit olhava, inquisitiva, ora para Mellberg, ora para Henrik.

“Sim, ela estava no terceiro mês de gestação, de acordo com o legista. Mas isso não era nenhuma novidade para você, ou era?”

Mellberg sorriu e deu uma piscada maliciosa para Henrik. Patrik estava totalmente chocado com a descompostura do seu chefe.

O rosto de Henrik foi lentamente empalidecendo até parecer um mármore branco. Birgit fixou os olhos nele, perplexa. Erica ficou imóvel e pasmada.

“Vocês iam ter um bebê? Por que não me disseram? Ah, meu Deus!”

Birgit pressionou o lenço contra a boca e começou a soluçar de modo incontrollável, sem nem considerar que seu rímel fluía por sua bochecha, em torrentes. Henrik novamente pôs seu braço protetor ao redor dela, mas por cima da cabeça de Birgit encontrou o olhar de Patrik. Era óbvio que ele não tinha a menor ideia de que

Alexandra estivesse grávida. Julgando pelo olhar desesperado de Erica, contudo, estava claro que ela, sim, sabia.

“Vamos falar disso quando chegarmos em casa, Birgit”, disse Henrik, e se virou para Patrik: “Vou me responsabilizar para que receba nossas declarações por escrito sobre a noite de sexta-feira. Suponho que você deva querer nos entrevistar com mais detalhes quando as tiver lido.”

Patrik confirmou com a cabeça e levantou as sobrancelhas, lançando um olhar inquisitivo para Erica.

“Henrik, estou indo agora mesmo”, ela disse. “Só tenho que falar com Patrik por alguns instantes. Somos velhos amigos, sabe?”

Ela se demorou no corredor enquanto Henrik conduzia Birgit ao carro.

“Quem imaginaria que a encontraria por aqui! Que surpresa!”, disse Patrik, balançando nervosamente para a frente e para trás sobre seus pés.

“Sim, se eu tivesse pensado um pouco, teria me lembrado de que você trabalha aqui, é claro.”

Ela estava torcendo a alça de sua bolsa entre os dedos e olhando para ele com a cabeça pendendo levemente para um lado. Todos os seus menores gestos lhe eram familiares.

“Faz tanto tempo! Lamento por não ter ido ao enterro. Como vocês têm lidado com isso, você e a Anna?”

Apesar de sua alta estatura, ela parecia pequenininha de repente, e ele resistiu ao impulso de acariciar sua bochecha.

“Estamos bem. Anna foi para casa logo após o enterro, mas eu já estou aqui faz umas semanas, tentando arrumar a casa. Não é fácil.”

“Ouvi dizer que foi uma mulher em Fjällbacka que descobriu a vítima, mas não fazia a menor ideia de que era você. Deve ter sido horrível. Vocês duas eram amigas na infância, não eram?”

“Sim. Acho que nunca vou conseguir apagar aquela cena da minha mente. Bem, tenho que ir agora; eles estão esperando por mim no carro. Talvez pudéssemos sair um dia desses. Ainda vou ficar aqui em Fjällbacka por mais algum tempo.”

Ela já estava atravessando o corredor.

“Que tal um jantar, sábado à noite?”, ele disse. “Na minha casa, às oito? O endereço está no guia.”

“Ótimo. Eu te vejo às oito, então”, Erica confirmou e saiu pela porta.

Assim que ela desapareceu de vista, Patrick fez uma dancinha improvisada no corredor, para grande surpresa de seus colegas. Mas sua alegria se esfriou um pouco quando pensou em quanto trabalho teria para deixar sua casa em um estado apresentável. Depois que Karin o deixou, não teve mais vontade de arrumar a casa.

Ele e Erica se conheciam desde que nasceram. Suas mães eram amigas íntimas desde a infância, e eram mais próximas que duas irmãs. Patrik e Erica brincavam muito quando eram pequenos, e não seria exagero dizer que Erica foi seu primeiro amor. Na verdade, ele acreditava que já nascera apaixonado por ela. Sempre houve algo óbvio e natural nos seus sentimentos. Erica, por sua vez, sempre ignorou sua admiração infantil. Foi somente quando ela se mudou para Gotemburgo que ele percebeu que era hora de abandonar seus sonhos. Claro que se apaixonou por outras nesse ínterim. E quando se casou com Karin, tinha plena certeza de que eles envelheceriam juntos, mas Erica sempre esteve num canto de seus pensamentos. Às vezes se passavam meses sem que ele pensasse nela, mas, em alguns momentos, pensava nela várias vezes ao dia.

As pilhas de papel não tinham ficado milagrosamente menores enquanto se afastara. Com um suspiro profundo, sentou-se à sua mesa e pegou o papel que estava logo em cima. O trabalho era

monótono o suficiente para lhe dar tempo de pensar no cardápio do sábado ao mesmo tempo. De qualquer forma, a sobremesa já estava decidida. Erica sempre adorou sorvete.

Ele acordou com um gosto horrível em sua boca. Tinha sido uma festa e tanto ontem. Seus companheiros vieram à tarde e eles beberam juntos até de madrugada. Uma lembrança vaga de que a polícia os tinha visitado em algum momento da noite ainda pairava em sua consciência. Ele tentou se sentar, mas o quarto todo girava, e então decidiu ficar onde estava por mais um tempo.

A mão direita estava doendo, e ele a levantou em direção ao teto a fim de que ficasse dentro de seu campo de visão. Os nós de seus dedos estavam bastante raspados e cheios de sangue coagulado. “Droga, é claro que deve ter havido uma briga ontem, e é por isso que a polícia veio.” Mais e mais lembranças começavam a voltar. Os caras tinham começado a falar do suicídio. Um deles começou a dizer um monte de merda sobre Alex. “Puta da alta sociedade” e “uma vadia da alta” foram as palavras que usaram sobre ela. Anders perdeu as estribeiras, e depois disso só se lembrava de uma bruma vermelha de ira, ao começar a dar porrada no cara, numa fúria embriagada. Claro, ele mesmo a tinha xingado porque tinha ficado furioso com sua traição. Mas aquilo não era a mesma coisa. Os outros não a conheciam. Ele era o único que tinha direito de julgá-la.

O telefone tocou com um som estridente. Ele tentou ignorá-lo, mas percebeu que era menos irritante levantar-se e atender do que deixar o barulho penetrar no seu cérebro.

“Sim, é o Anders quem está falando”, disse, engolindo as palavras.

“Oi, aqui é a mamãe. Como você está?”

“Sinto-me como uma bosta”, arrastou-se até ficar sentado com as costas apoiadas na parede. “Que horas são, cacete?”

“São quase quatro da tarde. Eu te acordei?”

“Imagina”, ele sentia como se sua cabeça tivesse um tamanho desproporcional e ameaçasse cair entre as suas pernas.

“Agora há pouco estava no centro, fazendo umas compras. Ouvi muitas conversas sobre algo que gostaria que você se inteirasse. Você está me ouvindo?”

“Claro, droga, estou ouvindo.”

“Parece que Alex não cometeu suicídio. Ela foi assassinada. Só queria que você soubesse disso.”

Silêncio.

“Alô? Anders? Você ouviu o que eu disse?”

“Sim, claro que ouvi. O que você disse? Alex foi... assassinada?”

“Sim, pelo menos é o que estão falando na cidade. Parece que Birgit esteve na delegacia de Tanumshede e recebeu a notícia hoje.”

“Merda! Olhe mamãe, tenho muita coisa a fazer. Conversamos depois.”

“Anders? Anders?”

Ele já tinha desligado.

Com um esforço enorme, ele tomou um banho e se vestiu. Depois de tomar dois analgésicos, voltou a se sentir como um ser humano. A garrafa de vodca na cozinha o estava chamando, mas ele se recusou a ceder. Tinha de estar sóbrio agora. Bem, relativamente sóbrio, pelo menos.

O telefone tocou de novo. Ele o ignorou. Em vez de atender, pegou uma lista telefônica do armário no corredor e com rapidez achou o número que estava procurando. Suas mãos tremiam à medida que apertava as teclas no aparelho. Segundos depois tinha a impressão de que ele estava tocando pela centésima vez.

“Oi, é o Anders”, ele disse quando o telefone foi finalmente atendido. “Não, não desligue, droga! Temos que conversar... Bem, você não tem muita escolha, cacete... Tenho que te dizer. Estarei aí

dentro de quinze minutos. E é melhor que esteja aí, hein! Não dou a mínima para quem mais esteja aí, que se foda! Não se esqueça de quem é que tem mais a perder nesta história... Isso é mentira. Estou indo agora. Até daqui a quinze minutos.”

Anders desligou o telefone. Após respirar fundo por alguns minutos, colocou sua jaqueta e saiu. Nem se importou em trancar a porta. O telefone, dentro do apartamento, começou a tocar sem parar novamente.

Erica estava exausta quando voltou para casa. Havia um silêncio forçado no carro durante o caminho de volta, e ela entendeu que Henrik estava diante de uma escolha difícil. Ele deveria dizer a Birgit que não era o pai da criança ou ficar em silêncio e somente esperar que isso não viesse à baila durante a investigação? Erica não o invejava, e não poderia dizer como teria agido em seu lugar, naquela situação. Dizer a verdade nem sempre é a melhor solução.

Já estava escurecendo, e ela se sentia grata por seu pai ter colocado lâmpadas externas que se acendiam automaticamente quando alguém se aproximava da casa. Ela sempre teve pavor do escuro. Quando era pequena, pensava que isso ia acabar quando crescesse, porque os adultos não tinham medo do escuro, não é mesmo? Mas ela estava com trinta e cinco anos de idade e ainda olhava para baixo da cama para se certificar de que nada estivesse escondido lá embaixo. Que patético.

Após ter ligado todas as luzes da casa, ela se serviu de uma grande taça de vinho tinto e se recolheu no sofá de vime na sacada. A escuridão estava impenetrável, mas mesmo assim ela olhava para a frente, embora não enxergasse nada. Sentia-se só. Havia tantas pessoas lamentando a morte de Alex, pessoas que foram afetadas por sua morte. Mas Erica somente tinha Anna

agora. Às vezes, ela se perguntava se mesmo a irmã sentiria saudade dela.

Ela e Alex eram tão íntimas quando garotinhas! Quando Alex começou a se retrair, para finalmente desaparecer completamente, ao se mudar, parecia que o mundo havia acabado para Erica. Alex era a única pessoa que ela tinha sentido como verdadeiramente dela, e, com exceção de seu pai, a única pessoa que realmente se importava com ela.

Erica colocou o cálice de vinho sobre a mesa com tanta força que pareceu que a base ia se quebrar. Estava se sentindo completamente inquieta para ficar sentada. Tinha de fazer alguma coisa. Não adiantava fingir que a morte de Alex não a afetara de uma maneira profunda. O que a perturbava mais era que a imagem que a família e os amigos tinham pintado de Alex fosse tão diferente da Alex que ela mesma havia conhecido. Mesmo que as pessoas mudem no caminho da infância para a vida adulta, ainda assim existe um núcleo da personalidade que permanece inalterado. A Alex que lhe haviam descrito era uma completa estranha.

Ela se levantou e pôs seu casaco de novo. A chave do carro estava no seu bolso, e no último momento ela pegou uma lanterna portátil e enfiou dentro de seu casaco.

A casa, que ficava no topo da colina, parecia deserta sob a luz violeta do poste da rua. Erica estacionou o carro no estacionamento atrás da escola. Não queria que ninguém a visse entrar na casa.

Os arbustos do jardim ofereciam uma boa cobertura à medida que ela furtivamente se aproximava da sacada. Torceu para que os hábitos antigos ainda persistissem e levantou o capacho. De fato, lá estava a chave reserva da casa, escondida exatamente no mesmo lugar de vinte e cinco anos atrás. A porta rangeu um pouco quando

ela a abriu, mas novamente torceu para que nenhum dos vizinhos tivesse ouvido nada.

Era assustador entrar naquela casa escura. Seu medo do escuro dificultou a respiração, e ela foi obrigada a respirar fundo várias vezes a fim de que seus nervos se acalmassem. Com alívio, lembrou-se da lanterna no bolso do seu casaco e rezou em voz baixa para que as pilhas estivessem funcionando. E estavam. A luz da lanterna a acalmou um pouco mais.

Ela passou o feixe de luz da lanterna pela sala de estar no primeiro andar. Não sabia o que estava procurando ali. E torcia para que nenhum vizinho ou transeunte visse a luz e chamasse a polícia.

O ambiente era bonito e amplo, e Erica percebeu que os móveis de cores marrom e laranja, típicos dos anos 1970, que ela lembrava de sua infância, tinham sido substituídos por outros de bétula, mais claros, com desenho escandinavo e linhas retas. Ela percebeu que Alex tinha deixado sua marca na casa. Tudo estava em perfeita ordem, o que criava uma impressão de desolação. Não havia uma única ruga no sofá ou mesmo uma revista deixada sobre a mesa de centro. Erica não viu nada que merecesse um escrutínio maior.

Ela se recordou de que a cozinha ficava à frente da sala de estar. Era grande, espaçosa e impecável, habitada somente por uma solitária xícara de café no corredor de pratos. Erica voltou à sala de estar e subiu para o andar de cima. Chegando ao topo das escadas, virou à direita e entrou no dormitório principal. Lembrava-se de que esse era o quarto dos pais de Alex, mas tinha sido, até há pouco, o quarto de Henrik e Alex. Ele também tinha sido decorado com gosto, mas com um toque mais exótico. Os tecidos eram marrom-chocolate e magenta, e havia máscaras africanas de madeira penduradas nas paredes. O quarto era espaçoso e tinha um teto alto, o que permitia que um lustre se

encaixasse perfeitamente. Parece que Alexandra resistiu à tentação de decorar de cima a baixo com detalhes marinhos, algo que era comum nas casas de veraneio. Tudo – desde cortinas enfeitadas com conchas a pinturas de nós complicados – vendia como água nas pequenas lojas de verão de Fjällbacka.

Diferente dos outros cômodos que Erica olhara, o dormitório parecia ter sido utilizado. Pequenos detalhes pessoais estavam espalhados aqui e acolá. Sobre a mesa de cabeceira estava um par de óculos e um livro de poemas de Gustaf Fröding. Um par de meias-calças estava jogado no chão e algumas blusas esticadas sobre a colcha. Essa era a primeira vez em que Erica sentia que Alex tinha morado naquela casa.

Erica começou a remexer cuidadosamente nas gavetas e nos armários. Ainda não sabia o que estava procurando, e se sentiu como uma *voyeur* enquanto mexia nas lindas *lingeries* de seda de Alex. Mas assim que decidiu olhar a próxima gaveta, tocou em algo no fundo.

De repente parou, com suas mãos cheias de calcinhas e sutiãs de renda. Ela tinha claramente ouvido um barulho vindo de lá de baixo em meio ao silêncio que inundava a casa. Uma porta que havia sido cuidadosamente aberta e fechada. Erica olhou ao seu redor, tomada de pânico. Os únicos esconderijos no quarto eram debaixo da cama ou em um dos guarda-roupas que cobriam uma das paredes do dormitório. Repentinamente sentiu-se claustrofóbica. Não conseguia se mexer, até que ouviu pegadas vindas das escadas; instintivamente entrou no guarda-roupa mais próximo. Por sorte, a porta abriu sem ranger, e ela rapidamente se enfiou no meio das roupas e em seguida fechou a porta atrás de si. Não tinha como ver quem entrara na casa, mas podia claramente ouvir pegadas chegando cada vez mais perto. A pessoa se deteve por um momento do lado de fora do quarto antes de entrar. Então, Erica notou que estava segurando algo com uma mão. Sem pensar,

levara consigo o que tinha apanhado na gaveta. Cautelosamente o colocou no bolso de seu casaco.

Mal se atrevia a respirar. O nariz começou a coçar, e desesperadamente tentou sacudi-lo para se aliviar. Ela estava com sorte; então parou.

O intruso estava revistando o quarto. Parecia que ele, ou ela, estava fazendo a mesma coisa que Erica, antes de ser interrompida. Gavetas eram abertas, e Erica sabia que os guarda-roupas seriam os próximos. Seu pânico aumentou. Gotas de suor se formavam em sua testa. O que podia fazer? A única solução que enxergou foi se espremer o máximo possível no fundo do guarda-roupa. Teve sorte de entrar em um no qual havia vários casacos longos, e cautelosamente se espremeu entre eles escondendo a frente de seu corpo. Ela só torcia para que os dois tornozelos que saíam de um par de sapatos não fossem notados.

Demorou um bocado para que a pessoa perpassasse o cômodo. Ela inalou um odor rançoso de naftalinas, desejando de todo coração que tivessem feito bem seu trabalho e que os insetos não estivessem passeando por ali no escuro. Também desejou que não fosse o assassino de Alex lá fora, somente a uns poucos metros de distância dela. “Mas quem mais podia ter motivos para entrar furtivamente naquela casa?”, Erica pensou, escolhendo ignorar o fato de que ela tampouco tinha um convite por escrito para entrar ali.

De repente a porta do guarda-roupa se abriu e Erica sentiu uma corrente de ar fresco vindo sobre a pele exposta de seus tornozelos. Ela prendeu a respiração.

Não parecia que no guarda-roupa estavam escondidos objetos de valor ou segretos – pelo menos não para a pessoa que estava fazendo a revista –, e a porta se fechou tão rapidamente quanto tinha sido aberta. As portas dos outros guarda-roupas foram abertas e fechadas com a mesma rapidez, e no minuto seguinte ela

ouviu as pegadas saindo pela porta do dormitório e descendo as escadas. Não ousou sair de onde estava após um bom tempo se passar desde que a porta da frente tinha sido cuidadosamente fechada. Era um sentimento maravilhoso poder por fim respirar novamente sem ter que estar consciente de cada movimento.

O quarto parecia o mesmo de quando Erica havia chegado. Quem quer que tivesse sido o visitante, tinha feito uma revista cuidadosa sem deixar nenhum vestígio. Erica tinha certeza de que não se tratava de um ladrão. Olhou mais detidamente para dentro do guarda-roupa no qual havia se escondido. Quando tinha se encolhido na parte do fundo, sentira algo duro tocar nas suas panturrilhas. Afastando as roupas, viu que o que tinha sentido era um quadro grande. Estava com a parte de trás voltada para fora. Ela cuidadosamente o levantou e o virou do outro lado. Era uma pintura belíssima. Até mesmo Erica podia julgar que fora pintada por um artista talentoso. O tema do quadro era a nudez de Alex, deitada de lado com sua cabeça repousando sobre uma de suas mãos. O artista tinha escolhido usar cores quentes, o que conferira ao rosto de Alexandra uma sensação de paz. Erica se perguntou por que uma pintura tão bonita tinha sido depositada no fundo de um guarda-roupa. A julgar pela pintura, Alex não tinha nada do que se envergonhar. Seu corpo era tão perfeito quanto no quadro. Erica não conseguia se livrar da sensação de que havia algo familiar naquele retrato. Havia algo óbvio que ela vira anteriormente. Sabia que nunca tinha visto esse quadro em específico, então tinha que ser outra coisa. Faltava uma assinatura na parte inferior à direita, e quando ela o virou, não havia nada mais que a data '1999', que deveria ser o ano em que a pintura fora feita. Ela a colocou de volta ao seu lugar original com cuidado e fechou a porta do guarda-roupa.

Olhou em volta do quarto pela última vez. Havia algo que ela não era capaz de precisar, algo faltando, mas, por mais que se

esforçasse, não podia definir o que era. Enfim, isso se esclareceria depois. Não ousaria ficar na casa nem um momento a mais. Pôs a chave onde a encontrara. Erica não se sentiu segura até entrar de novo no seu carro, com o motor já ligado. Era adrenalina demais para uma noite só. Um conhaque forte iria acalmar seus ânimos e expelir um pouco de seu nervosismo. Por que diabos tinha decidido ir de carro até lá e bisbilhotar? Ela sentiu vontade de dar um tapa em sua própria testa por tamanha idiotice.

Quando estacionou o carro dentro da garagem de sua casa, notou que não tinha não ficado fora nem uma hora. Aquilo a surpreendeu, porque lhe parecia ter se passado uma eternidade.

Estocolmo estava mostrando sua melhor cara. No entanto, Erica sentia como se uma nuvem de tristeza pairasse sobre ela. Em condições normais, teria se alegrado muito com o sol que brilhava sobre Riddarfjärden enquanto atravessava a ponte que levava o mesmo nome. Mas hoje, não. A reunião estava marcada para as duas horas. Durante todo o trajeto desde Fjällbacka, ela tinha pensado numa solução, mas em vão. Infelizmente, Marianne lhe explicara a situação jurídica muito claramente. Se Anna e Lucas insistissem em vender a casa, ela acabaria se vendo obrigada a consentir. A única solução seria comprar a metade da casa da irmã, segundo o valor do mercado; mas com os preços que as casas tinham em Fjällbacka, ela não dispunha nem de uma parcela desse valor. É claro que não estaria em desvantagem completa se a casa fosse vendida. A metade que lhe cabia poderia lhe trazer alguns milhões de *kronor*, mas ela não estava se importando com o dinheiro. Nenhum dinheiro no mundo poderia repor aquela perda. A ideia de um estocolmense, que achava que um chapéu de marinheiro novo em folha ia transformá-lo num morador costeiro, derrubando a linda sacada para fazer uma janela com vista panorâmica a deixava doente. E ninguém poderia afirmar que ela estava exagerando. Ela vira isso acontecer várias vezes.

Chegou ao escritório do advogado, na rua Runebergsgatan, em Östermalm. O prédio era imponente, com uma fachada de mármore alinhada com colunas. Ela checou sua aparência uma última vez no espelho do elevador. Escolhera sua roupa com esmero, a fim de combinar com o ambiente. Era a primeira vez que ia lá, mas não era difícil adivinhar que tipo de advogado Lucas contratara. Com um gesto de fingida amabilidade, ele lhe dissera, claro, que poderia trazer seu próprio advogado. Erica escolhera ir sozinha. Simplesmente não tinha dinheiro no momento para contratar um advogado.

Na verdade, ela queria ter se encontrado com Anna e as crianças antes da reunião, para inclusive, talvez, comer alguma coisa com elas. Apesar de sua mágoa em razão das atitudes da irmã, Erica decidira fazer de tudo para manter a relação entre elas viva.

Parece que Anna não era da mesma opinião, pois arrumara uma desculpa de que seria estressante demais, e sugeriu que era melhor se encontrarem no escritório do advogado. E antes que Erica tivesse tempo de sugerir que conversassem após a reunião, ela lhe jogou um balde de água fria na cabeça, dizendo que ia se encontrar com uma amiga após a reunião. “Difícilmente uma coincidência”, Erica pensou. Estava claro que Anna queria evitá-la. A questão era se isso estava partindo de sua própria iniciativa ou se Lucas proibira Anna de se encontrar com Erica enquanto estava no trabalho e não tinha a oportunidade de vigiá-la.

Todos já estavam lá quando Erica entrou. Olharam-na com uma expressão séria quando ela deu um sorriso falso e estendeu a mão para cumprimentar os dois advogados de Lucas, que simplesmente lhe acenou um ‘oi’, ao passo que Anna lhe fez um gesto vago por trás das costas do marido. Com todos sentados, as negociações começaram.

E não demoraram muito. Os advogados explicaram de maneira seca e objetiva o que Erica já sabia. Que Anna e Lucas tinham perfeitamente o direito de propor a venda da casa. Que se Erica pudesse lhes pagar a metade do valor de mercado, ela também tinha o direito de fazê-lo. Mas se não pudesse, ou não quisesse, então a casa seria colocada à venda tão logo obtivessem o valor do imóvel por um corretor independente.

Erica olhou para o fundo dos olhos de Anna.

“Você quer fazer isso mesmo? A casa não significa nada para você? Imagine o que papai e mamãe pensariam se soubessem que você ia vender a casa logo depois de eles partirem. Isso é realmente o que *you* quer, Anna?”

Por causa da ênfase no “você”, ela viu, pelo canto dos olhos, Lucas franzir a testa.

Anna olhou para baixo e recolheu algumas partículas de pó em seu vestido elegante. Seu cabelo loiro estava amarrado para trás, firmemente preso num rabo de cavalo.

“Para que você vai usar a casa? Casas velhas dão muito trabalho, e pense em todo o dinheiro que podemos conseguir com a venda. Tenho certeza de que papai e mamãe teriam apreciado se pelo menos uma de nós tivesse considerado o assunto de maneira prática. Quero dizer, quando usaríamos a casa? Lucas e eu preferimos comprar uma casa de veraneio no arquipélago de Estocolmo para termos algo mais próximo. De qualquer maneira, o que você vai fazer com a casa sozinha?”

Lucas deu um sorriso irônico para Erica à medida que dava um tapinha nas costas da esposa, fingindo apoio. Anna ainda não tinha ousado olhar para os olhos de Erica.

Novamente, ela ficou assustada ao observar a aparência de cansaço de sua irmã mais nova. Estava mais magra do que o normal, e o vestido preto que estava usando lhe ficava folgado à altura do busto e dos quadris. Ela tinha olheiras em volta dos olhos

e até parecia haver um roxo debaixo do *blush* na sua bochecha direita. Sua ira diante da impotência da situação lhe deu uma pancada com toda a força e ela fixou os olhos em Lucas. Ele respondeu com tranquilidade ao seu olhar. Vindo diretamente do trabalho, ele estava usando o uniforme profissional: um terno cinza-grafite com uma camisa branca reluzente e uma gravata cinza-escura brilhante. Ele parecia elegante e sofisticado. Erica tinha certeza de que muitas mulheres o achavam atraente. Mas ela enxergava nele um aspecto de crueldade que se estendia sobre seu semblante como um filtro. Seu rosto era angular, com acentuadas maçãs do rosto e mandíbulas salientes. Isso era destacado ainda mais pelo fato de pentear o cabelo para trás de sua testa ampla. Ele não parecia o típico inglês de rosto rosado; parecia mais um norueguês com cabelo bem loiro e olhos de um azul frio. O lábio superior era curvado e cheio, como o de uma mulher, conferindo-lhe uma expressão indolente, quase decadente. Erica notou que seu olhar estava descendo para o seu decote, e instintivamente apertou sua jaqueta. Ele percebeu sua reação, o que a deixou irritada. Não queria que Lucas visse que exercia qualquer tipo de efeito sobre ela.

Quando a reunião tinha finalmente acabado, Erica simplesmente se virou e foi embora, sem se importar em dizer palavras educadas de despedida. No que lhe tocava, tudo que poderia ser dito foi dito. Ela seria contatada por alguém que avaliaria a casa, e então seria colocada à venda o mais rápido possível. De nada serviriam palavras de súplica. Ela perdera.

Erica tinha sublocado seu apartamento de Vasastan a um simpático casal que estava fazendo doutorado, então não poderia voltar para lá. Já que não estava a fim de fazer o percurso de cinco horas para Fjällbacka por um tempo, estacionou o carro em Stureplan e foi sentar-se no Humlegardsparken. Precisava ordenar suas ideias. A tranquilidade daquele lindo parque, que parecia um

oásis no meio de Estocolmo, oferecia justamente o ambiente contemplativo de que ela estava precisando.

Devia ter caído neve sobre a cidade recentemente, pois o gramado ainda estava branco. Em Estocolmo, era preciso somente um dia ou dois para que a neve se transformasse em lama cinzenta e suja. Ela colocou suas luvas sobre o banco do parque e se sentou em cima delas como proteção. Doenças do sistema urinário não eram brincadeira, e essa era a última coisa de que precisava naquele momento. Deixou seus pensamentos vagarem enquanto observava a multidão de pessoas que, apressadas, passavam a sua frente. Era a hora agitada do almoço. Já se esquecera de como era estressante o ambiente em Estocolmo. Todos estavam sempre com pressa, perseguindo algo que nunca conseguiam alcançar. De repente Erica sentiu falta de Fjällbacka. Não tinha percebido quanto se adaptara àquele lugar nas últimas semanas. É certo que ela se ocupara de muita coisa, mas ao mesmo tempo tinha encontrado ali uma paz interior que nunca teve em Estocolmo. Se você estivesse sozinha em Estocolmo, estaria completamente isolado. Em Fjällbacka você nunca estava sozinho, o que poderia ser tanto bom quanto ruim. As pessoas se preocupavam e se ocupavam com seus vizinhos. Às vezes iam longe demais; Erica não ligava para toda aquela fofoca, mas conforme permanecia sentada, observando a agitação da cidade, sentiu que nunca conseguiria voltar para Estocolmo.

Como tantas vezes ultimamente, seus pensamentos se voltaram para Alex. Por que ela ia de carro todos os fins de semana para Fjällbacka? Com quem se encontrava lá? E a pergunta de dez mil *kronor*: quem era o pai do bebê que estava esperando?

De súbito, Erica se lembrou do pedaço de papel que guardara no bolso do seu casaco quando estava dentro do guarda-roupa. Não entendeu como pôde ter se esquecido disso quando chegou em casa dois dias antes. Pôs a mão no seu bolso direito e tirou uma folha de

papel amassada. Com dedos que tinham endurecido por falta das luvas, ela desdobrou o papel e o desamassou.

Era a cópia de uma matéria do jornal *Bohusläningen*. Não tinha data, mas, baseando-se pelo tipo de letra e pela foto em preto e branco, Erica pôde concluir que não era recente. A julgar pela foto, era dos anos 1970. Ela podia reconhecer facilmente as duas pessoas da foto e a história contada na matéria. Por que Alex tinha guardado essa matéria no fundo da gaveta?

Erica se levantou e pôs o recorte de volta no seu bolso. Nenhuma resposta se podia encontrar ali. Era hora de voltar para casa.

O enterro foi bonito e solene. A igreja de Fjällbacka não chegou a se encher por completo. A maioria das pessoas não conhecia Alexandra, mas estava lá somente para satisfazer a curiosidade. A família e os amigos ocupavam os primeiros bancos. Além dos pais de Alex e Henrik, Erica reconheceu somente Francine. Ao lado dela estava sentado um homem alto e loiro, que Erica julgou ser seu marido. Fora isso, não havia muitos amigos. Eles preenchiam somente duas fileiras de bancos, confirmando a imagem que Erica tinha de Alex. Certamente ela tivera muitos conhecidos, mas poucos amigos íntimos. Havia somente alguns curiosos espalhados pelo resto da igreja.

Erica se sentara lá em cima, no lugar do coral. Birgit a tinha avistado fora da igreja e a convidado para se sentar com eles. Mas ela sabia que se sentiria uma hipócrita sentada junto dos familiares e amigos. Na verdade, Alex era uma estranha para ela.

Erica estava inquieta no banco desconfortável da igreja. Por toda a infância, Anna e ela tinham sido arrastadas para a igreja aos domingos. Para uma criança, era terrivelmente chato ficar sentada até o fim dos longos sermões e hinos cujas melodias eram impossíveis de aprender. Para se distrair, Erica imaginava

histórias. Inúmeras sagas sobre dragões e princesas tinham sido compostas ali sem nunca terem sido postas no papel. Nos anos da adolescência, sua frequência à igreja ocorria muito menos por causa de seus protestos veementes. Mas quando ia, as sagas eram substituídas por histórias mais românticas. Ironicamente, suas visitas forçadas à igreja, por sorte ou não, a tinham feito escolher sua futura profissão.

Ainda não abraçara nenhum tipo de religião; para ela, uma igreja era um prédio bonito repleto de tradições, nada mais. Os sermões ouvidos em sua infância não a levaram a aceitar nenhuma fé. Eles frequentemente tratavam do céu ou do inferno e careciam da crença viva em Deus, que ela sabe existir, mas nunca tinha experimentado pessoalmente. Muita coisa tinha mudado. Agora, por exemplo, uma mulher ficava no altar, vestida com o manto de um pastor, e, em vez da perdição eterna, ela discorria sobre a luz, a esperança e o amor. Erica desejou naquele momento que essa visão de Deus lhe tivesse sido apresentada quando era criança.

De sua discreta localização no coral, ela viu uma jovem sentada ao lado de Birgit no banco da primeira fila. Birgit apertava a mão dela de maneira convulsiva e às vezes deitava a cabeça em seu ombro. Erica achou que a reconhecia. A jovem devia ser Julia, a irmã mais nova de Alex. Ela estava bastante longe para que pudesse enxergar seu rosto, mas notou que Julia se distanciava ao toque de Birgit. Recolhia sua mão cada vez que Birgit a pegava, mas a mãe ou fingia que não notava ou não percebia mesmo a reação de sua filha, por causa da condição em que se encontrava.

A luz do sol penetrava pelos altos vitrais da igreja. Os bancos eram duros e desconfortáveis, e Erica sentiu uma dor incipiente na parte inferior de suas costas. Alegrou-se que a cerimônia tenha sido relativamente curta. Quando acabou, permaneceu sentada ali, observando as pessoas lentamente saírem da igreja.

Lá fora, o sol estava quase insuportavelmente quente num céu sem nuvens. Uma procissão de pessoas caminhou, descendo do pequeno morro ao cemitério e à cova recém-cavada onde o caixão de Alex seria depositado.

Até o enterro de seus pais, ela nunca pensara em como eles eram realizados durante o inverno, período em que a terra estava congelada. Agora sabia que uma porção de terra era aquecida para somente então ser cavada. Uma área do tamanho suficiente para conter todos os caixões que seriam enterrados.

A caminho do local escolhido para o enterro de Alex, Erica passou pelo túmulo de seus pais. Era a última do cortejo e se deteve por um momento junto à lápide. Uma grossa fileira de neve tinha se acumulado na beirada, e ela delicadamente a retirou. Dando uma última olhada para o túmulo, apressou-se para se juntar ao grupo de pessoas que já estava bem mais adiante. Pelo menos os curiosos não estavam presentes na cerimônia do enterro, somente os familiares e amigos tinham permanecido. Erica estava em dúvida se deveria se aproximar ou não, mas no último momento decidiu que queria seguir Alex até seu último lugar de descanso.

Henrik estava à frente, com as mãos enfiadas no fundo dos bolsos, cabeça baixa e olhos fixos no caixão que estava lentamente sendo coberto por flores, na maior parte rosas vermelhas.

Erica se perguntava se ele também estava olhando ao seu redor e pensando que talvez o pai da criança pudesse estar entre aquelas pessoas reunidas ali.

Quando o caixão foi baixado à cova, Birgit soltou um longo e profundo suspiro de dor. Karl-Erik estava sereno e com os olhos sem lágrimas. Juntou todas as suas forças para sustentar Birgit, tanto emocional quanto fisicamente. Julia estava um pouco distante deles. Henrik estava certo em sua descrição de Julia, o patinho feio da família. Ao contrário de sua irmã mais velha, ela

tinha cabelo escuro com tranças curtas, de uma maneira que mal se podia chamar de estilo. Seus traços eram grosseiros, com olhos profundos que enxergavam por trás de uma franja longa demais. Ela não estava usando maquiagem, e a sua pele era visivelmente marcada pela presença abundante de acne durante sua adolescência. Birgit parecia ainda menor e mais frágil do que o usual ao lado de Julia. Sua filha caçula era quase dez centímetros mais alta do que ela, corpulenta e larga, sem forma. Fascinada, Erica observava a série de emoções conflitantes que, como rodamoinhos, passavam pelo rosto de Julia. Dor e raiva se alternavam com a velocidade de um raio. Nenhuma lágrima. Ela era a única que não tinha jogado uma flor sobre o caixão, e quando a cerimônia acabou, rapidamente virou as costas para o buraco no chão e se dirigiu à igreja.

Erica se perguntava como teria sido a relação entre as duas irmãs. Não deve ter sido fácil sempre ser comparada a Alex, sempre pegar a palha mais curta. O fato de Julia ter virado as costas foi um ato de repulsa, à medida que se distanciava cada vez mais do grupo de pessoas. Os ombros encolhidos eram um gesto de desprezo.

De súbito, Henrik apareceu ao lado de Erica.

“Vamos fazer uma pequena cerimônia póstuma. Ficaríamos felizes se pudesse comparecer.”

“Humm, eu não sei.”

“Bom, você poderia ficar por um instante, pelo menos.”

Ela hesitou. “Está bem. Onde será? Na casa de Ulla?”

“Não. Chegamos até a cogitar de fazer lá, mas por fim decidimos pela casa de Birgit e Karl-Erik. Apesar do que aconteceu, sei que Alex adorava aquela casa. Todos guardamos boas lembranças de lá, então, qual lugar seria melhor que aquele? Embora eu entenda que possa ser um pouco difícil para você ir. Refiro-me às lembranças desagradáveis de sua última visita.”

Erica ficou vermelha ao pensar o que tinha sido, na verdade, sua última visita, e desviou o olhar rapidamente.

“Não haverá problema algum.”

Ela foi com seu carro e o estacionou novamente atrás da escola de Hakebacken. A casa já estava cheia quando Erica entrou, e ela se perguntou se deveria dar meia-volta e ir embora. Mas perdeu a oportunidade de fazê-lo quando Henrik se aproximou dela e pegou sua jaqueta; era tarde demais para mudar de ideia.

Estava lotado de gente ao redor da mesa de jantar, onde um bufê de saborosos quiches estava disposto. Erica pegou um pedaço grande de camarão e rapidamente se dirigiu a um canto da sala, onde poderia comer e observar o resto da reunião com paz e tranquilidade.

A cerimônia parecia animada demais em vista da ocasião. Havia um tom exageradamente jovial. Quando olhava para as pessoas ao seu redor, todas pareciam estar com expressões forçadas enquanto conversavam. O pensamento de que Alex tinha sido assassinada estava latente no ar.

Erica passou os olhos pela sala, olhando de uma pessoa para outra. Birgit estava sentada à beira do sofá, secando os olhos com um lenço. Karl-Erik estava em pé, atrás dela, com uma mão desajeitadamente sobre seu ombro e a outra segurando um prato de comida. Henrik se movia pela sala com uma postura profissional, indo de um grupo a outro, apertando mãos, assentindo com a cabeça os pêsames, lembrando às pessoas que também havia bolo e café. Ele era um anfitrião perfeito em todos os sentidos. Como se estivesse em uma festa de coquetel qualquer, em vez de no funeral de sua esposa. A única coisa que mostrava o esforço que estava fazendo eram os suspiros profundos que soltava e breves momentos de hesitação, como se para juntar novas forças antes de seguir para o próximo grupo.

Somente uma pessoa estava fora de sincronia com todo o resto do grupo: Julia. Sentara-se no peitoril da sacada, com uma perna flexionada, e olhava para o horizonte. Qualquer um que tentasse se aproximar com uma palavra gentil ou de simpatia era rechaçado com firmeza. Ela ignorava todas as tentativas de conversa olhando para a grande brancura lá fora.

Erica sentiu um toque de leve no seu braço, levou um pequeno susto e derramou um pouco de café em seu prato.

“Com licença, não tive a intenção de assustá-la”, Francine estava sorrindo.

“Ah, não foi nada. Eu só estava pensando aqui.”

“Na Julia?”, Francine apontou com a cabeça para a janela. “Eu vi você olhando para ela.”

“Sim. Devo confessar que ela me interessa. É tão isolada do resto da família. Ainda não entendi se está lamentando a perda de Alex ou se indignada por alguma razão que desconheço.”

“Provavelmente ninguém a entende. Mas acredito que não tenha sido fácil para ela. O patinho feio crescendo com dois lindos cisnes. Sempre desprezada e ignorada. Não estou dizendo que eles tenham sido abertamente malvados, mas ela era simplesmente inconveniente. Alex, por exemplo, nunca tinha falado dela no tempo em que moramos na França. Fiquei muito surpresa quando cheguei à Suécia e descobri que ela tinha uma irmã menor. Ela falava mais de você do que da Julia. Vocês duas devem ter tido uma relação especial, não é?”

“Na verdade não sei. Éramos crianças. Como todas as crianças daquela idade, éramos irmãs de sangue, nunca queríamos nos separar e toda essa história. Mas se Alex não tivesse se mudado, a mesma coisa provavelmente teria acontecido conosco. O mesmo que acontece com outras garotinhas que crescem e se tornam adolescentes. Teríamos brigado pelos mesmos garotos, gostos diferentes por roupas, e acabado em diferentes círculos sociais e

nos separado por diferentes amizades que nos convinha mais na época da vida em que estávamos, ou queríamos estar. Mas, é claro, Alex exerceu uma grande influência sobre a minha vida, mesmo quando adulta. Acho que nunca me livreii do sentimento de ter sido traída. Sempre me perguntei se tinha dito ou feito algo de errado. Ela apenas se retraiu mais e mais, até que um dia foi embora. Quando nos encontramos de novo, adultas, ela estava esquisita. De alguma forma estranha, parece que somente agora a estou conhecendo de novo.”

Erica pensou nas páginas do livro que se acumulavam cada vez mais em casa. Até agora não continham mais do que uma série de impressões e episódios mesclados com seus próprios pensamentos e suas reflexões. Nem sequer sabia como organizar aquele material; a única coisa que tinha certeza era que teria de fazer isso. Seu instinto de escritora lhe dizia que aquela era uma chance de escrever algo genuíno, mas não tinha ideia de onde ficava a fronteira entre as suas necessidades como escritora e sua relação pessoal com Alex. A curiosidade inerente que era essencial ao escrever sobre um assunto também a impelia a buscar a resposta do mistério da sua morte num plano muito mais pessoal. Ela podia escolher ignorar tudo que estivesse relacionado a Alex e ao seu destino, dar as costas ao clã enlutado que rodeava a amiga e se dedicar aos próprios negócios. Em vez disso, estava numa sala cheia de pessoas que ela sequer conhecia.

De repente lhe ocorreu que quase se esquecera da pintura que encontrara no guarda-roupa de Alex. Agora percebia por que os tons quentes usados para representar a nudez de Alex lhe pareciam tão familiares. Ela se virou para Francine.

“Sabe quando me encontrei com você na galeria...”

“Sim?”

“Havia uma pintura bem ao lado da porta. Uma tela grande em cores quentes: amarelo, vermelho, laranja...”

“Sim, eu sei a qual pintura você está se referindo. O que tem ela? Não me diga que você é colecionadora!”, Francine sorriu.

“Não, não, estou curiosa. Quem a pintou?”

“Bem, essa é uma história muito triste. O nome do pintor é Anders Nilsson. A propósito, ele é daqui de Fjällbacka. Foi Alex quem o descobriu. Ele tem um talento incrível. Infelizmente também é um alcoólatra pesado, o que parece vai arruinar suas possibilidades como artista. Hoje não é o suficiente entregar as pinturas a uma galeria e esperar pelo sucesso. Como artista, você também deve ser esperto para se vender. Deve aparecer em inaugurações, ir a recepções e responder à imagem de um artista completo. Anders Nilsson é um beberrão que não combina com pessoas civilizadas. De vez em quando vendemos suas pinturas a algum cliente que reconhece seu talento, mas Anders nunca vai ser uma grande estrela no firmamento da arte. Embora soe um pouco rude, suas possibilidades se multiplicarão se ele se matar de tanto beber. Pintores já falecidos sempre gozaram de sucesso em meio ao público.”

Erica dirigiu para a delicada criatura à sua frente um olhar de surpresa.

Francine percebeu sua expressão e lhe disse: “Não foi minha intenção parecer tão cética. Só me dá raiva o fato de que alguém tenha tanto talento e o desperdice com a bebida. Quando digo que é trágico, é só apelido. Ele teve sorte de Alex encontrar suas pinturas. Senão, somente os bêbados de Fjällbacka iam apreciá-las. E duvido que eles consigam apreciar os aspectos mais finos da arte”.

Uma peça do quebra-cabeça já estava no seu devido lugar, mas Erica simplesmente não conseguia enxergar como ela combinava com o resto do desenho. Por que Alex tinha um quadro de sua nudez pintado por Anders Nilsson guardado no fundo de seu guarda-roupa? Uma explicação era que poderia ser um presente

para Henrik, ou talvez para o seu amante, e Alex tinha encomendado a pintura a um artista que ela admirava. Mas isso não parecia de todo convincente. Havia uma sensualidade e um erotismo impensáveis numa relação entre estranhos, uma espécie de elo entre Alex e Anders. Por outro lado, Erica sabia muito bem que não era nenhuma especialista em arte, e que sua intuição podia estar errada.

Um leve murmúrio se espalhou pela sala. Começou com o grupo mais próximo da porta dianteira e contagiou o resto dos convidados. Os olhos de todos se viraram em direção à porta, onde um convidado totalmente inesperado apareceu. Quando Nelly Lorentz entrou, os outros prenderam a respiração de tanta surpresa. Erica pensou na matéria de jornal que ela encontrara no quarto de Alex. Podia sentir como os fatos que aparentemente não tinham relação entre si reviravam dentro de sua cabeça sem fazer nenhum sentido.

Desde o começo da década de 1950, a sobrevivência de Fjällbacka tinha dependido dos altos e baixos da fábrica de enlatados Lorentz. Quase a metade dos residentes locais aptos se empregou na fábrica, e os Lorentz eram considerados uma realeza na pequena cidade. Visto que aquele lugar não era exatamente uma base da alta sociedade, os Lorentz constituíam uma classe independente. De sua elevada posição na enorme mansão que estava localizada no topo do morro, os Lorentz olhavam para Fjällbacka com altiva soberba.

A fábrica foi fundada em 1952 por Fabian Lorentz. Descendente de uma família de pescadores com longa tradição, esperava-se que ele seguisse os passos de seus antepassados. Mas a quantidade de peixes era cada vez mais escassa, e o jovem Fabian era ambicioso e inteligente para sobreviver com os escassos meios de seu pai.

Ele criou a fábrica de enlatados com as mãos vazias, e quando morreu, no final da década de 1970, deixou para sua esposa Nelly

tanto uma fortuna considerável quanto uma empresa florescente. Ao contrário de seu marido, que era benquisto, Nelly Lorentz tinha a reputação de ser soberba e fria. Ela não aparecia mais na cidade, e, como uma rainha, não aceitava visitas senão daqueles a quem ela explicitamente tinha convidado. Por isso foi uma sensação extraordinária vê-la entrar por aquela porta. Isso certamente ia dar vazão a muitos comentários pelos meses vindouros.

Fazia tanto silêncio na sala que se podia ouvir um alfinete cair. Lorentz deixou que Henrik graciosamente lhe tirasse seu casaco de pele e entrou na sala de estar de braços dados com ele. Ele a conduziu ao sofá do meio, onde Karl-Erik e Birgit estavam sentados, à medida que ela acenava com a cabeça, a fim de cumprimentar alguns poucos seletos dos outros convidados. Quando chegou até onde os pais de Alexandra estavam, finalmente a conversa recomeçou, sobre isso ou aquilo, ao mesmo tempo em que todos se esforçavam para ouvir o que se dizia perto do sofá.

Erica foi uma das sortudas que recebeu o aceno de Nelly. Por sua condição de quase celebridade, ela fora considerada digna, até mesmo recebendo um convite para tomar um chá depois da morte de seus pais. Erica tinha recusado educadamente, desculpando-se ao dizer que ainda estava de luto por seus pais.

Agora observava Nelly com curiosidade, enquanto ela dava os seus mais profundos pêsames a Birgit e Karl-Erik. E duvidou que houvesse algum tipo de simpatia no seu corpo esquelético. Era muito magra, e seus ossos sobressaíam de seu vestido feito sob medida. Ela deve ter passado fome a vida inteira para ter uma esbelteza da moda daquele jeito, sem perceber que o que pode ser bonito com suas curvas naturais na juventude deixava de sê-lo, uma vez que a velhice começasse a deixar as suas marcas. Ela tinha um rosto afilado e angular que era surpreendentemente liso e sem rugas, o que causou suspeitas em Erica de que a natureza tinha recebido uma ajuda do bisturi. O cabelo era o atributo mais bonito.

Era abundante e de um grisalho prateado, preso numa elegante *French twist*, mas penteado todo para trás com tanta força que uma parte da pele de sua testa estava repuxada, conferindo-lhe uma expressão de surpresa. Erica calculava que ela tivesse pouco mais de oitenta anos de idade. Havia rumores de que em sua juventude tinha sido dançarina, e de que conhecera Fabian Lorentz numa companhia de balé do teatro de Gotemburgo, onde nenhuma garota da classe alta ousaria pôr o pé. Erica achou que pôde enxergar um vestígio da dançarina na maneira graciosa com que ainda se movia. Porém, de acordo com a história oficial, ela nunca esteve perto de uma escola de dança, e sim que era filha de um cônsul de Estocolmo.

Após alguns minutos de conversa discreta, Nelly deixou os pais enlutados e foi para a sacada para se sentar com Julia. Ninguém deu a entender que achava aquilo no mínimo estranho. As pessoas continuaram com suas conversas, sempre de olho no estranho par.

Erica ficou de novo sozinha num canto, pois Francine a tinha deixado para se misturar com os convidados. De onde estava, ela podia continuar observando Nelly e Julia sem ser perturbada. Pela primeira vez naquele dia, viu um sorriso se abrir no rosto de Julia. A garota pulou da grade da janela e foi se sentar ao lado de Nelly no sofá de vime, e lá elas ficaram com as cabeças próximas uma da outra, cochichando.

O que podia um par tão desigual ter em comum? Erica lançou um olhar na direção de Birgit. As lágrimas finalmente tinham parado de cair sobre suas bochechas. Ela fitava sua filha e Nelly Lorentz com um olhar cheio de horror. Erica decidiu, no final, aceitar aquele convite de Lorentz. Poderia ser interessante ter uma conversinha com ela em particular. Com uma grande sensação de alívio, finalmente foi embora da casa sobre o morro, alegre por respirar novamente o ar puro do inverno.

Patrik estava um pouco nervoso. Já fazia bastante tempo que fizera um jantar para uma mulher. Uma mulher por quem, aliás, ele sentia uma forte atração. Tudo teria de ser perfeito.

Ele cantava com os lábios fechados à medida que ia cortando fatias de pepino para a salada. Após muita aflição e não menos dúvidas, finalmente decidiu por um pedaço de carne, que agora já havia temperado e estava no forno, quase pronto. O molho estava borbulhando no fogo, e seu estômago já reclamava ao sentir aquele aroma.

Foi uma tarde ocupadíssima. Ele não pôde sair do trabalho tão cedo como esperava, então teve que limpar a casa em tempo recorde. Realmente não tinha percebido o estado em que deixara a casa desde que Karin o abandonara, mas quando ele a viu com os olhos de Erica, se deu conta de que teria muito trabalho.

Sentia-se envergonhado por cair na típica armadilha dos solteiros, a de ter a casa imunda e a geladeira vazia. Ele não havia percebido o grande fardo que Karin tinha em casa. Ignorava que havia vivido em uma casa limpa e em ordem, e não pensava em quanto tempo demorava para mantê-la organizada. Ele tinha ignorado muita coisa.

Quando Erica tocou a campainha, Patrik jogou seu avental e deu uma olhada no espelho para checar como estava seu cabelo. Embora tivesse colocado gel, os fios estavam mais rebeldes do que nunca.

Erica estava lindíssima, como sempre. Suas bochechas estavam rosadas por causa do frio, e seu abundante cabelo, ondulado por cima da gola de seu casaco de pele. Ele lhe deu um abraço rápido, fechando os olhos por alguns instantes e sentindo seu perfume. Então ela entrou em sua casa aquecida.

A mesa já estava posta, e começaram com um antepasto enquanto o prato principal estava sendo preparado. Patrik a observava furtivamente ao mesmo tempo em que experimentava

com gosto seu abacate recheado com camarões. Um prato não muito sofisticado, mas era difícil fracassar com ele.

“Nunca imaginei que você pudesse organizar um jantar com três pratos”, Erica disse, enquanto comia mais uma porção do abacate.

“Não, eu mesmo mal consigo acreditar. Enfim, saúde, e bem-vinda ao restaurante Hedström!”

Brindaram e provaram do vinho branco resfriado. E continuaram comendo num silêncio amigável.

“Como você está?”, Patrik olhou para Erica por trás do cacho que estava lhe caindo nos olhos.

“Provavelmente não estou numa das minhas melhores semanas.”

“Por que você foi com eles para o interrogatório? Deve fazer alguns anos que não tem contato com Alex ou com sua família.”

“Sim. Deve fazer mais ou menos uns vinte e cinco anos. Nem eu sei bem dizer por que fui. Parece que fui sugada num rodamoinho do qual não sei se posso escapar, ou mesmo se quero. Acho que Birgit me vê como uma lembrança de dias melhores. Além disso, estou fora de todo o assunto, então talvez represente algum tipo de segurança”, Erica fez uma pausa. “Você teve algum progresso?”

“Desculpe, não posso dizer nada sobre o caso.”

“Tudo bem, eu entendo. Desculpe, não pensei direito.”

“Não tem problema. Mas pensei que pudesse me ajudar. Você já viu bastante a família, e, além disso, já os conhecia. Poderia me dizer um pouco das suas impressões sobre a família e o que sabe a respeito de Alex?”

Erica deixou os talheres de lado e tentou classificar suas próprias impressões na ordem em que as queria apresentar a Patrik. Ela lhe disse tudo que descobriu, assim como suas impressões das pessoas que havia na vida de Alex. Patrik escutava

com atenção, mesmo quando se levantava para levar os petiscos e para trazer o prato principal. De vez em quando intervinha com uma pergunta. Ele estava impressionado com a quantidade de informação que Erica tinha descoberto em tão pouco tempo. E após lhe dizer o que também sabia sobre a Alex do passado, a mulher que até agora havia sido somente uma vítima de assassinato tinha ganhado um rosto e uma personalidade.

“Eu sei que você não pode falar sobre o caso, Patrik, mas pode me dizer se a polícia já tem alguma prova? Alguma ideia de quem possa tê-la assassinado?”

“Não. Devo dizer que não avançamos muito com a investigação. Mesmo uma pequena descoberta, qualquer coisa mesmo, seria muito bem-vinda”, ele suspirou e fez um círculo com o dedo na borda do cálice.

Erica disse, hesitante: “Eu tenho algo que pode interessar”, e pegou sua bolsa para procurar algo nela. Tirou um pedaço de papel e lhe entregou, esticando o braço. Patrik pegou-o e o desdobrou. Ele leu com interesse o que estava escrito, mas levantou uma sobrancelha num gesto inquisitivo ao terminar.

“O que isso tem a ver com Alex?”

“É exatamente isto que estava me perguntando. Achei essa matéria numa gaveta de um guarda-roupa, escondida debaixo das calcinhas de Alex.”

“O que você quer dizer com ‘achei’? Quando você teve a chance de olhar nas gavetas do guarda-roupa dela?”

Ele a viu enrubescer e quis saber o que ela estava escondendo.

“Bem, uma noite entrei na casa e bisbilhotei um pouco por lá.”

“Você fez o quê?”

“Sim, eu sei. Você não precisa dizer. Eu realmente fui uma idiota, mas você sabe como eu sou. Ajo primeiro e penso depois”, ela estava falando rápido a fim de evitar repreensões. “De

qualquer forma, achei esse papel na gaveta de Alex e consegui trazê-lo comigo.”

Ele refreou a pergunta como ela tinha “conseguido” trazê-lo consigo. Era melhor não saber.

“O que você acha que isso poderia querer dizer?”, Erica perguntou. “Uma matéria sobre um desaparecimento que ocorreu há vinte e cinco anos. Que relação isso poderia ter com Alex?”

“O que mais você sabe sobre isso?”, Patrik quis saber, movendo o papel de um lado para outro.

“Sobre os fatos, nada mais do que está na matéria. Que Nils Lorentz, filho de Fabian e Nelly Lorentz, desapareceu sem deixar vestígio em janeiro de 1977. Seu corpo jamais foi encontrado. Por outro lado, houve muita especulação ao longo dos anos. Algumas pessoas acharam que ele se afogou e que o corpo foi levado pelas águas do mar. Outros rumores dizem que ele desviou uma grande quantia de dinheiro do seu pai e então fugiu do país. O que ouvi foi que Nils Lorentz não era uma boa pessoa, então por isso a maioria pedia para a última alternativa. Ele era filho único, e parece que Nelly o mimava muitíssimo. Ela ficou desconsolada após seu desaparecimento, e Fabian Lorentz nunca se recuperou da perda. Ele morreu, vítima de um derrame, um ano depois. O único herdeiro da fortuna agora é um filho que eles adotaram um ano, mais ou menos, antes de Nils ter desaparecido. Bem, isso é somente uma pequena amostra da fofoca local. Mas ainda não entendo que relação tudo isso tem com a morte de Alex. O único contato que houve entre as duas famílias foi quando Karl-Erik trabalhou em um escritório na fábrica de enlatados Lorentz quando Alex e eu éramos pequenas, antes de eles se mudarem para Gotemburgo. Mas isso já faz mais de vinte e cinco anos.”

Erica de repente se lembrou de um outro elo. Ela contou a Patrik sobre o aparecimento de Nelly no funeral e como tinha dedicado toda sua atenção a Julia.

“Eu não faço ideia de como isso pode estar conectado com a matéria. Mas deve haver algo. Francine, a sócia de Alex na galeria, também mencionou que achava que Alex queria se reconciliar com o passado de alguma forma. Isso era tudo que Francine sabia, mas acho que faz sentido. Chame isso de intuição feminina ou do que você quiser, mas acho que há uma conexão.”

Ela estava um pouco envergonhada porque sabia que não tinha dito a Patrik toda a verdade. Havia mais uma pequena peça do quebra-cabeça, muito estranha, que ela estava guardando consigo. Pelo menos até que soubesse de mais coisas.

“Bem, eu certamente não posso discutir com a intuição de uma mulher. Gostaria de um pouco mais de vinho?”

“Sim, por favor”, Erica olhou em volta da cozinha. “Sua casa é linda. Foi você mesmo quem a decorou?”

“Não, este não é um mérito meu. Era Karin quem tinha o talento da decoração.”

“Ah, claro, sua esposa Karin. Afinal, o que aconteceu com vocês dois?”

“Bem, na verdade, é a mesma história de sempre. Garota conhece cantor de música *pop* vestido com uma jaqueta. Garota se apaixona. Garota se divorcia e se muda com o cantor de música *pop*.”

“Você está brincando!”

“Infelizmente não. Já era horrível o fato de ela ter me deixado, mas me deixou por Leif Larsson, admirado e famoso vocalista da banda de Bohuslän, Leffes. O homem com a mulher mais bonita da costa oeste. É, não há muito que se possa fazer para competir com um cara que usa sapatos mocassim.”

Erica olhava para ele com os olhos arregalados.

Patrik sorriu. “Bom, esta é uma versão um pouco exagerada, mas ocorreu mais ou menos assim.”

“Mas isso deve ter sido horrível. Não deve ter sido fácil para você.”

“Eu me senti um miserável por um bom tempo, mas está tudo bem agora. Não completamente bem, mas indo.”

Erica mudou de assunto: “A notícia de que Alex estava grávida foi como uma bomba explodindo”, ela fitou Patrik com seriedade, e ele teve a impressão de que havia algo mais por trás de seu comentário aparentemente inocente.

“De qualquer forma, parece que ela não tinha compartilhado a notícia com o marido”, Erica disse.

Patrik esperou em silêncio que ela continuasse. Após alguns instantes, Erica parecia ter decidido dar mais detalhes sobre o assunto, mas falava com voz baixa, e ainda soava hesitante.

“De acordo com sua melhor amiga, Henrik não é o pai da criança.”

Patrik levantou uma sobrancelha e deu um assobio, mas mesmo assim não disse nada, na esperança de que Erica continuasse.

“Francine me disse que Alex tinha conhecido alguém aqui em Fjällbacka. E ela vinha para cá de carro todos os fins de semana. De acordo com Francine, Alex nunca tinha desejado ter um filho com Henrik, mas era diferente com esse homem. Ela estava superfeliz com o bebê, e é por isso que Francine insistiu tão veementemente em dizer que sua morte não se tratava de suicídio. Em sua opinião, Alex estava feliz pela primeira vez em sua vida.”

“Ela sabia quem era o homem?”

“Não, não sabia. Alex guardou essa informação consigo.”

“Mas como é que o marido aguentava o fato de ela vir todos os fins de semana de carro para Fjällbacka sem ele?”

Patrik bebericou mais um pouco do vinho e sentiu que suas bochechas estavam ficando vermelhas. Se era por causa do vinho ou pela presença de Erica ele não sabia dizer.

“Ao que parece, eles tinham um relacionamento distante. Conheci Henrik em Gotemburgo e tive a sensação de que suas vidas corriam em pistas paralelas que raramente se cruzavam. É impossível dizer o que ele sabe ou não pela breve conversa que tivemos. Aquele homem tem um rosto de pedra. Acredito que o que quer que ele saiba, tem muito cuidado em guardar consigo.”

“Esse tipo de pessoa às vezes pode ser como uma panela de pressão. O vapor se acumula e se acumula, e um dia explode. Você acha que foi isso que aconteceu? Que um dia o marido rejeitado não aguentou mais e matou sua esposa infiel?”, Patrik perguntou.

“Eu não sei, Patrik. Realmente não sei. Mas agora acho que devíamos beber mais vinho e falar de todo tipo de coisas, contanto que não seja sobre assassinato e mortes repentinas.”

Ele assentiu com gosto e levantou seu cálice para brindar.

Eles foram se sentar no sofá e passaram o resto da noite conversando sobre quase tudo. Ela lhe contou sobre sua vida, a confusão a respeito da casa e a tristeza por seus pais. Ele lhe contou sobre sua raiva e seu sentimento de fracasso após o divórcio e a frustração de se encontrar na estaca zero de novo, justo quando estava se sentindo pronto para ter filhos e começar uma família, pronto para acreditar que ele e Karin envelheceriam juntos.

Até mesmo as breves pausas durante a conversa eram agradáveis, e era exatamente nesses momentos que Patrick tinha de se controlar para não se inclinar e beijar Erica. Mas ele se conteve, e a oportunidade passou.

Capítulo 3



***E**le viu quando a estavam levando. Quis chorar e se jogar em cima de seu corpo coberto. Guardá-la para sempre consigo.*

Agora ela iria embora para sempre. Estranhos iam furar e cutucar seu corpo. Nenhum deles enxergaria sua beleza da mesma maneira que ele tinha enxergado. Para eles, ela seria apenas um pedaço de carne. Um número num papel, sem vida, sem fogo.

Com sua mão esquerda, ele acariciou a palma da mão direita dela. Ontem sua mão acariciou seu braço. Ele pressionou a palma de sua mão contra sua face e tentou sentir sua pele fria.

Ele não sentiu nada. Ela partira deste mundo.

Luzes azuis estavam reluzindo. As pessoas corriam de lá para cá, para dentro e para fora da casa. Por que tinham tanta pressa? Já era tarde demais.

Ninguém o viu. Ele era invisível. Sempre foi invisível.

Não importava. Ela o tinha visto. Ela sempre podia vê-lo. Quando fixava seus olhos azuis nele, ele sentia que era visto.

Agora não havia sobrado nada. O fogo se apagara há muito tempo. Ele continuava nas cinzas observando enquanto levavam embora sua vida, coberta com um lenço amarelo de hospital. Ao fim da estrada não havia mais escolhas. Ele sempre soube disso, e agora a hora finalmente tinha chegado. Ele ansiava por ela. E a abraçou.

Ela partiu.

* * *

Parece que Nelly ficou um pouco surpresa quando Erica ligou. Por um instante, Erica achou que estivesse fazendo tempestade em copo d'água, embora ainda achasse bastante estranho o fato de Nelly ter aparecido na recepção do funeral de Alex. Sem contar o fato de que falava quase que exclusivamente com Julia. É bem verdade que Karl-Erik tinha trabalhado para Fabian Lorentz como chefe de administração da fábrica até que a família se mudou para Gotemburgo, mas, pelo que Erica sabia, aquela relação nunca passou para a vida particular. A família Carlgren estava bem abaixo dos quesitos sociais exigidos pela família Lorentz.

A sala de espera para a qual foi levada era de uma fina beleza. A vista se estendia do porto, de um lado, ao horizonte, além das ilhas, do outro. Num dia de inverno como aquele, em que o sol refletia na superfície de gelo coberta de neve, aquela vista podia muito bem competir com o mais ensolarado panorama de verão.

Elas se sentaram num elegante sofá de três lugares e lhe serviram pequenos canapés numa bandeja de prata. Estavam maravilhosos, mas Erica tentou controlar sua fome para não parecer deselegante. Nelly comeu somente um, com medo de acrescentar um grama de gordura ao seu corpo esquelético.

A conversa fluiu lenta, mas educadamente. Durante as longas pausas entre as palavras, somente o tique-taque do relógio podia ser ouvido juntamente com o som das discretas sorvidas de chá quente. Elas mantiveram o assunto das conversas neutro. A fuga dos jovens de Fjällbacka. A falta de emprego. O quão triste era que mais e mais das lindas casas antigas estavam sendo compradas por turistas para então se tornarem casas de veraneio. Nelly discorreu um pouco sobre como costumava ser quando ela chegou a

Fjällbacka ainda jovem, recém-casada. Erica escutava com toda a atenção, educadamente, fazendo uma pergunta ou outra de vez em quando.

Dava a impressão de que ambas estavam circulando o assunto que sabiam deveria ser tratado mais cedo ou mais tarde.

Foi Erica quem, por fim, tomou coragem.

“Bem, a última vez em que nos vimos foi sob uma circunstância bastante triste.”

“Sim, tão trágica. Ela era tão jovem.”

“Eu não sabia que você conhecia os Carlgren tão bem.”

“Karl-Erik trabalhou para nós por muitos anos, e é claro que nos encontramos com sua família em várias ocasiões. Creio que fiz certo ao dar meus pêsames pessoalmente.”

Nelly baixou os olhos. Erica percebeu que suas mãos estavam inquietas sobre seu colo.

“Tive a impressão de que você também conhecia a Julia. Ela nem tinha nascido quando a família Carlgren morava em Fjällbacka, não é verdade?”

Nada mais do que o endireitar das costas e um leve movimento de sua cabeça indicaram que Nelly achara a pergunta um tanto incômoda. Ela fez um gesto com sua mão repleta de joias de ouro.

“Não, eu conheci Julia recentemente. Mas acho que ela é uma garota muito encantadora. Sim, eu sei que ela pode não ter tido a mesma beleza exterior que Alexandra tinha, mas, ao contrário de sua irmã, tem uma força de vontade e coragem que me fazem enxergá-la como sendo bem mais interessante que sua irmã tola.”

Nelly levou as mãos à boca. Além do fato de, por um instante, ter se esquecido de que falava de uma pessoa morta, por uma fração de segundo revelara uma rachadura em sua fachada. O que Erica viu naquele momento foi puro ódio. Por que Nelly Lorentz

odiaria uma mulher que ela mal conhecia, exceto quando ainda era uma criança?

Antes que Nelly tivesse chance de consertar a gafe o telefone tocou. Com um óbvio alívio, ela pediu licença e foi atender.

Erica aproveitou a oportunidade para bisbilhotar a sala. Era bonita, mas impessoal. A mão invisível do decorador de interiores pairava sobre toda a sala. Tudo combinava e estava coordenado até o mínimo detalhe. Erica não pôde evitar compará-la com a simplicidade dos móveis na casa dos seus pais. Lá, nada havia sido incluído por causa de aparência, mas, sim, todos os objetos tinham sido adquiridos ao longo das décadas por causa de sua utilidade. Erica pensava que a beleza de itens desgastados e pessoais em muito ultrapassava aquele brilhante *showroom*. A única coisa pessoal que conseguiu achar foi uma fileira de retratos da família sobre o console da lareira. Ela se inclinou para a frente e analisou as fotos com atenção. Pareciam estar em ordem cronológica, da esquerda para a direita, a começar de um retrato em preto e branco de um casal elegante de noivos. Nelly estava deslumbrante com um vestido branco que parecia justo, mas Fabian não parecia estar confortável com seu traje a rigor.

Na foto ao lado, a família tinha crescido; Nelly estava segurando um bebê em seus braços. Ao seu lado, Fabian ainda tinha uma expressão severa e séria. Aí vinha uma longa fila de retratos de crianças de várias idades, ora sozinhas, ora com Nelly. Na última foto da fileira, Nils Lorentz parecia estar com vinte e cinco anos de idade. O filho que tinha desaparecido. Depois do primeiro retrato da família inteira, era como se Nils e Nelly tivessem sido os únicos a sobrar. Embora talvez Fabian não estivesse tão ansioso para aparecer na foto e preferisse ficar atrás da câmera, fotos de Jan, o filho adotivo, eram evidentes por sua ausência.

Erica desviou sua atenção para uma escrivaninha num dos cantos da sala. Feita de cerejeira escura, com lindas incrustações que ela sentiu com os dedos. Não tinha nenhum enfeite, e parecia que sua única função era estética. Ela ficou tentada a olhar dentro das gavetas, mas não sabia por quanto tempo Nelly ia se demorar. Tudo bem que a conversa ao telefone tinha se prolongado, mas é claro que ela podia aparecer na sala a qualquer momento. Em vez de se centrar nisso, Erica se distraiu olhando na cesta de lixo. Havia alguns papéis amassados lá dentro. Ela pegou um que estava logo em cima, cuidadosamente o desamassou, e o leu com um interesse cada vez maior. Ainda mais surpresa do que antes, ela o pôs de volta na cesta de lixo. Nada naquela história era o que parecia.

Ela ouviu alguém tossindo atrás de si. Jan Lorentz estava no umbral da porta, com suas sobrancelhas levantadas de um modo inquisitivo. Ela se perguntou quanto tempo devia estar parado lá.

“Erica Falck, não?”

“Sim, isso mesmo. E você deve ser o filho de Nelly, Jan?”

“Exatamente. Prazer em conhecê-la. Deve saber que todos falam de você nesta cidade.”

Ele abriu um grande sorriso e se aproximou dela com sua mão estendida. Erica pegou sua mão com relutância. Havia algo nele que fazia seus cabelos ficarem arrepiados. Jan segurou suas mãos mais do que devia, mas ela resistiu ao impulso de tirá-las.

Parecia que ele tinha acabado de chegar de uma reunião de negócios, com um terno muito bem passado e segurando uma pasta. Erica sabia que era ele quem cuidava dos negócios da família. E com muito êxito.

Jan usava o cabelo penteado para trás, com gel em excesso. Seus lábios eram carnudos demais para um homem, e os olhos eram bonitos, com cílios longos e escuros. Não fosse seu maxilar forte e quadrado com uma fenda no queixo, ele provavelmente

teria traços um tanto afeminados. No entanto, a mistura de linhas retas e curvas lhe conferia uma aparência um tanto estranha; era impossível afirmar se era atraente ou não. Para Erica, parecia um pouco repulsivo, mas sua opinião baseava-se mais nas sensações que ele causou na boca do seu estômago.

“Então minha mãe finalmente conseguiu fazer com que a visitasse. Você tem estado em um dos primeiros lugares da lista desde que publicou seu primeiro livro, devo dizer.”

“Entendo. Bem, pelo que vejo, ele foi recebido como o acontecimento do século por aqui. Sua mãe tinha me convidado anteriormente, mas a hora não parecia tão apropriada quanto agora.”

“Soube sobre seus pais. Que tragédia. Devo realmente expressar meus sinceros pêsames.”

Ele tentou dar um sorriso simpático, mas nenhuma emoção transparecia em seus olhos.

Nelly voltou para a sala. Jan se inclinou para dar um beijo no seu rosto. Ela se deixou ser beijada com uma expressão de indiferença.

“Que bom, mamãe, que a Erica finalmente veio nos visitar. Você esperou por este momento por um longo tempo.”

“Sim, de fato é muito bom.”

Ela se sentou no sofá. Uma careta de dor se espalhou por seu rosto e ela pegou o braço do filho com força.

“Mãe! Que foi? Está sentindo alguma dor? Devo trazer seus comprimidos?”

Jan se inclinou para a frente e pôs as mãos nos seus ombros, mas Nelly as repeliu bruscamente.

“Não, não há nada de errado comigo. Apenas dores da idade, só isso. Não há nada para se preocupar. Você não deveria estar na fábrica, a propósito?”

“Não, resolvi dar um pulo em casa para buscar alguns documentos. Bem, suponho que seja melhor deixá-las sozinhas. Não faça nenhum esforço, mãe, lembre-se do que o médico disse...”

Nelly somente resmungou uma resposta. O rosto de Jan demonstrava uma preocupação e uma simpatia que pareciam verdadeiras. Mas Erica podia jurar que viu um sorrisinho nos cantos de sua boca quando ele saiu da sala e se virou para olhar para elas por uns segundos.

“Nunca envelheça. A cada ano que passa, a velha ideia do *viking* de pular de um precipício para morrer parece cada vez melhor. A única coisa que você espera é ficar tão senil a ponto de achar que tem vinte anos de novo. Adoraria vivê-los de novo”, Nelly deu um sorriso amargo.

Não parecia um assunto muito interessante. Erica resmungou algo em resposta e logo mudou de tema.

“De qualquer forma, deve ser um consolo ter um filho que se encarrega dos negócios. Pelo que percebi, Jan e sua esposa moram aqui com você.”

“Um consolo... Sim, talvez seja.”

Nelly deu uma rápida olhada para as fotografias que estavam no console da lareira. Não disse mais nada, e Erica não ousou fazer qualquer pergunta.

“Chega de falar de mim e de minha família. Você está trabalhando num livro novo? Devo admitir que adorei seu último, sobre Karin Boye. Você faz com que as pessoas pareçam tão vivas. Por que é que você só escreve sobre mulheres?”

“Bom, começou por acaso, acredito. Escrevi minha dissertação da universidade a respeito de grandes escritoras suecas e fiquei tão fascinada com elas, que queria descobrir mais sobre quem eram, como eram na realidade. Comecei, como talvez você já saiba, com Anna Maria Lenngren, pois era a que eu menos conhecia. A partir daí, as coisas se transformaram como uma bola de neve.

Atualmente, estou escrevendo sobre Selma Lagerlöf, e encontrando um bom número de ângulos interessantes.”

“Nunca pensou em escrever algo, como devo dizer... não biográfico? Você tem uma forma de se expressar tão fluente que seria interessante se escrevesse uma ficção.”

“É claro que já pensei nisso”, Erica tentou não parecer culpada. “Mas neste momento estou totalmente imersa no projeto de Lagerlöf. Depois disso, veremos o que vai acontecer.”

Ela olhou rapidamente para o relógio. “Falando em escrever... infelizmente tenho de ir agora. Embora minha profissão não imponha horário, é importante ter disciplina. Tenho de ir para casa e escrever minha cota diária. Muito obrigada pelo chá e pelos deliciosos canapés.”

“Não há de quê. Foi um prazer tê-la aqui.”

Nelly se levantou do sofá com graciosidade. Não havia mais sinais de dores.

“Eu a acompanho. Antigamente, nossa empregada Vera fazia isso, mas os tempos mudam. As empregadas saíram de moda, e, além disso, quase ninguém tem condições de pagar uma hoje em dia. Eu gostaria de tê-la mantido aqui, pois temos condições de pagar, mas Jan recusou. Ele diz que não quer estranhos na casa, embora fosse uma boa ideia que ela viesse fazer uma limpeza uma vez por semana. Bem, mas nem sempre entendemos os jovens.”

Obviamente elas já tinham alcançado um grau de familiaridade, pois, quando Erica estendeu a mão para se despedir, Nelly a ignorou e deu um beijo de leve em cada lado do seu rosto. Erica já sabia, instintivamente, por qual lado iniciar. Ela estava começando a se sentir um tanto sofisticada e quase à vontade nas mais refinadas salas de espera.

Erica correu para casa. Não quis contar a Nelly qual era sua verdadeira razão para ir embora. Olhou para o seu relógio: vinte

para as duas. Às duas horas viria o corretor para avaliar a casa e colocá-la à venda. Erica rangeu os dentes ao pensar que alguém ia inspecionar a casa, mas não havia nada a fazer a não ser deixar que os acontecimentos seguissem seu curso.

Ela deixara o carro em casa, por isso apertou o passo para chegar a tempo. Embora, pensou, ele bem que podia esperar. Por que ela devia correr?

Começou a pensar em coisas mais alegres. O jantar na casa de Patrik, no sábado, tinha ultrapassado suas melhores expectativas. Para Erica, ele sempre fora como um irmão mais novo, legal, mas um pouco irritante, embora ambos tivessem a mesma idade. Ela ainda esperava que ele fosse o mesmo garoto irritante. Em vez disso, encontrou um homem maduro, simpático e com bom humor. Ele não parecia tão ruim, teve que admitir. Perguntou-se quando poderia convidá-lo para jantar na sua casa, claro, somente para devolver o favor.

O último morro para o campo de Sälvik tinha um aspecto enganosamente plano, mas havia um declive longo e duro de subir. Ela estava arfando profundamente quando virou à direita e subiu o último pequeno declive para a casa. Quando chegou ao final, parou de repente. Uma enorme Mercedes estava estacionada em frente à casa, e ela sabia exatamente a quem pertencia. Tinha pensado que as atividades daquele dia não poderiam ser mais cansativas do que já estavam sendo, mas se enganara.

“Olá, Erica”, Lucas estava apoiado na porta, com os braços cruzados.

“O que você está fazendo aqui?”

“Isso é maneira de cumprimentar seu cunhado?”, seu sueco tinha sotaque, mas era gramaticalmente perfeito.

Brincando, Lucas abriu os braços para abraçar Erica, mas ela ignorou o gesto, e pôde ver que isso era exatamente o que ele esperava que fizesse. Nunca tinha cometido o erro de subestimar

Lucas. E por isso ela era sempre muito cautelosa quando estava na sua presença. Mas queria, mais do que tudo, se aproximar dele e dar um tapa naquele rosto risonho, no entanto sabia que isso poderia causar algo de que ela se arrependeria depois.

“Responda a minha pergunta. O que você está fazendo aqui?”

“Se não me engano... hummm... vejamos, exatamente um quarto de tudo isso é meu.”

Ele apontou para a casa, mas era como se estivesse apontando para o mundo inteiro, tão seguro estava de si.

“A metade é minha e a outra metade é da Anna. Você não tem nada a ver com esta casa.”

“Parece que você não é muito versada nas leis de propriedade pelo matrimônio, até porque não conseguiu alguém burro suficiente que você pudesse enrolar, quero dizer. Mas, de acordo com essa lei, um casal compartilha tudo igualmente. Até mesmo a propriedade de uma casa de veraneio.”

Erica sabia muito bem que era assim. Por um breve momento, maldisse seus pais por não terem previsto e garantido que a casa fosse exclusivamente de suas filhas. Eles sabiam que tipo de homem era Lucas, mas provavelmente não tinham calculado de quão pouco tempo de vida dispunham. Ninguém gosta de se lembrar de sua própria mortalidade, e como tantas pessoas eles adiaram esse tipo de decisão.

Ela escolheu não morder a isca, rechaçando seu comentário pejorativo sobre seu estado civil. Preferia ser uma solteirona pelo resto de sua vida a cometer o erro de se casar com alguém como Lucas.

Ele continuou: “Eu queria estar aqui quando o corretor chegasse. Nunca é demais saber quanto as pessoas valem. Queremos que tudo acabe bem, não?”.

Voltou a dar aquele sorriso infernal. Erica destrancou a porta da frente e o afastou, para entrar primeiro. O corretor estava atrasado, mas sua esperança era de que aparecesse logo. Não estava gostando nada da ideia de ficar sozinha com Lucas.

Ele entrou na casa. Ela pendurou sua jaqueta e começou a zanzar pela cozinha. A única maneira de lidar com ele era ignorando-o. Erica o ouviu andando pela casa, inspecionando-a. Devia ser a terceira ou quarta vez que ele entrava na casa. A beleza da simplicidade não era algo que Lucas apreciasse, e tampouco demonstrou muito interesse em visitar a família de sua esposa. Seu pai não suportava o genro, e o sentimento era mútuo. Quando Anna e as crianças vinham visitá-los, vinham sozinhas.

Ela não estava gostando do jeito que ele andava pela casa e tocava nas coisas, especialmente nos móveis e nos objetos de decoração. Erica teve que suprimir sua ânsia de ir atrás dele com um pano e limpar tudo o que tinha tocado. Viu o homem de cabelo grisalho num enorme Volvo virar e parar o carro, para seu alívio. Correu para abrir a porta, depois, entrou no seu estúdio e fechou a porta. Não queria vê-lo andando para lá e para cá na casa em que cresceu, avaliando seu peso em ouro, ou por metro quadrado.

O computador já estava ligado. O arquivo aberto esperava que ela voltasse a trabalhar. Tinha acordado cedo, para variar, e já fizera bastante coisa. Escrevera quatro páginas naquela manhã para o esboço do livro sobre Alex, e agora que estava de volta leu tudo. Ainda tinha algumas dúvidas quanto ao formato do livro. Primeiro, quando tinha pensado que a morte de Alex se tratava de suicídio, considerara escrever um livro para responder à pergunta “por quê?”. Teria sido mais uma biografia. Agora o livro estava tomando cada vez mais a forma de uma novela criminal, um gênero do qual ela nunca gostara. Eram as pessoas, seus relacionamentos e suas motivações psicológicas pelo que ela se interessava. Achava que isso era algo que a maioria das novelas

criminais deveria adotar em vez dos assassinatos sangrentos e dos calafrios na espinha. Ela detestava todos os clichês que eles usavam; queria escrever algo que fosse genuíno. Algo que tentasse descrever por que alguém poderia cometer o pior de todos os pecados – tirar a vida de outro ser humano. Até agora, havia escrito tudo em ordem cronológica, reproduzindo palavra por palavra o que lhe tinham dito, e introduzindo suas próprias observações e conclusões. Teria que cortar algumas coisas. Reduzi-las para chegar o mais próximo possível da verdade. E ainda não tinha parado para pensar como os familiares de Alex reagiriam.

Ela se arrependeu de não ter dito a Patrik tudo sobre sua visita à casa onde Alex morava. Devia ter lhe falado sobre o visitante misterioso e sobre o quadro que achara dentro do guarda-roupa. E sobre o sentimento de que algo estava faltando, que estivera no quarto quando ela entrou. E agora não podia ligar para ele e admitir que tinha mais coisas a contar. Mas se a ocasião oportuna se apresentasse, lhe contaria o resto da história, prometeu a si mesma.

Podia ouvir Lucas e o corretor andando pela casa. O homem deve ter pensado que ela estava se comportando de uma maneira um tanto estranha, pois mal o cumprimentara e já foi correndo para o estúdio, trancando-se ali. O corretor não tinha culpa da situação pela qual estava passando, então decidiu se preparar e mostrar um pouco da educação que tinha.

Quando entrou na sala de estar, Lucas estava no meio de uma efusiva explicação sobre os raios de luz que entravam em abundância pelas altas janelas. Estranho, Erica não sabia que criaturas que se arrastavam debaixo de uma pedra apreciavam a luz do sol. Ela enxergava o cunhado como um enorme besouro brilhante; ah, se pudesse eliminá-lo de sua vida com uma simples pisada de sua bota.

“Desculpe minha indelicadeza de agora há pouco. Eu tinha alguns assuntos urgentes a tratar.”

Erica sorriu abertamente e estendeu a mão para o corretor, que se apresentou como Kjell Ekh. Ele lhe garantiu que não tinha ficado de maneira alguma ofendido. Vender casas era um assunto muito delicado, emocionalmente falando. Se ela soubesse que histórias ele tinha para contar... Erica sorriu ainda mais abertamente desta vez, e até se permitiu piscar de modo malicioso.

“Bom, mas não pretendo interromper. Por onde iam?”

“Seu cunhado estava me mostrando sua linda sala de estar. Devo admitir que é de muito bom gosto. Muito bonita, com esta luz penetrando pelas janelas.”

“Sim, é linda, não é? Mas é uma pena que tenha tanta corrente.”

“Corrente?”

“Sim, infelizmente as janelas não estão muito bem vedadas, por isso, quando sopra um pouquinho de vento, você tem de usar as meias de lã mais quentes que tiver. Mas não é nada que não se possa resolver trocando as janelas.”

Lucas olhou para ela com raiva, mas Erica fingiu não notar. Em vez disso, pegou o corretor Kjell pelo braço; se fosse um cachorro, ele já estaria balançando o rabo com bastante entusiasmo.

“Você já viu o andar de cima, suponho, então acho que deveríamos continuar pelo porão. E não se preocupe com o cheiro de mofo. Contanto que você não seja alérgico, não há perigo algum. Eu praticamente vivi lá embaixo, e não aconteceu nada de ruim comigo. Os médicos me garantiram que minha asma não tem nenhuma relação com o mofo.”

Como toque final, ela começou a ter um ataque de tosse tão violento que até se dobrou em duas. Pelo canto dos olhos, viu Lucas ficando cada vez mais vermelho. Sabia que as afirmações

exageradas seriam mais bem inspecionadas. Mas até então, era consolador ver Lucas se irritar um pouco.

Kjell ficou muito aliviado por respirar ar fresco ao sair, após a entusiasmada Erica lhe mostrar os pontos positivos do porão. Lucas ficou calado e passivo durante o resto do passeio. Com uma pontada de preocupação, ela se perguntou se não tinha levado aquela brincadeira um pouco longe demais. Ele sabia que uma avaliação verdadeira mostraria que nenhuma das “desvantagens” da casa que ela tinha revelado se sustentaria, mas só queria gozar da cara dele. E isso era algo que Lucas Maxwell não tolerava. Com um leve sentimento de medo, Erica viu o corretor partindo em seu carro, acenando com a mão, após prometer que eles seriam contatados por um avaliador autorizado que revisaria a casa de cima a baixo.

Erica entrou no vestíbulo, seguida por Lucas. Um segundo depois, viu-se empurrada contra a parede, com a mão de Lucas apertando-lhe a garganta de forma brutal. Seu rosto não estava a mais do que um centímetro do seu. Em vez de reagir, ela ficou imóvel como uma coluna de sal, silenciosamente rezando para que ele saísse da casa e a deixasse em paz. Para sua surpresa, foi exatamente isso o que ele fez. Soltou sua garganta, deu meia-volta e caminhou em direção da porta. Mas justo quando estava para dar um grande suspiro de alívio, ele se virou e com um único passo ficou de frente para ela de novo. Antes que Erica pudesse reagir, ele a pegou pelo cabelo e pressionou sua boca na dela. Lucas forçou sua língua por entre os lábios dela e ao mesmo tempo segurou com tanta força seus seios que ela sentiu o aro do sutiã penetrando em sua pele. Com um sorriso, ele se virou, foi em direção à porta, e desapareceu no frio de inverno. Erica não se mexeu até ouvi-lo dar a partida no carro e ir embora. Ela se agachou ainda encostada na parede e limpou a boca com as costas da mão, com nojo. Não sabia explicar, mas o beijo parecia mais

ameaçador do que quando a tinha agarrado pela garganta; sentiu que estava começando a tremer. Com os braços ao redor de suas pernas, encostou a cabeça nos joelhos e começou a chorar. Não por si, mas por Anna.

As manhãs de segunda-feira não eram associadas a sentimentos agradáveis no mundo de Patrik, não se sentia um verdadeiro ser humano até as onze horas. Por isso acordou quase que de um estado de transe quando alguém depositou com força uma pilha enorme de papéis na sua mesa. O despertar foi brutal. De um golpe, ele viu a pilha de papéis dobrar e soltou um gemido.

Annika Jansson deu um sorriso provocador e lhe perguntou inocentemente: “Você não disse que queria tudo que tinha sido escrito sobre a família Lorentz nos últimos anos? Fiz um trabalho brilhante de garimpar cada palavra que já foi escrita a respeito deles, e o que recebo como pagamento por meus esforços? Um gemido. Que tal trocar por sua gratidão plena?”

Patrik sorriu. “Minha gratidão plena não é o suficiente, Annika. Se não fosse casada, eu me casaria com você e a encheria de casacos de pele e diamantes. Mas já que você partiu meu coração e resolveu ficar com aquele imbecil do seu marido, vai ter que se contentar com um simples obrigado. E minha gratidão plena, é claro.”

Para sua grande satisfação, ele viu que quase conseguira fazê-la enrubescer dessa vez.

“Tudo bem, agora você já tem trabalho por um bom tempo. Por que quer analisar tudo isso? O que isso tem a ver com o assassinato em Fjällbacka?”

“Para dizer a verdade, não faço ideia. Digamos que é a intuição de uma mulher.”

Annika levantou as sobrancelhas num gesto inquisitivo, mas achou que não ia conseguir tirar mais informações dele por

enquanto. Mas estava curiosa. Todos conheciam a família Lorentz, mesmo em Tanumshede, e daria uma notícia sensacional se eles estivessem de alguma forma envolvidos num assassinato.

Patrik olhou para cima quando ela fechou a porta. Uma mulher incrivelmente eficiente. Ele desejava de coração que ela aguentasse enquanto Mellberg estivesse na chefia. Seria uma grande perda para a delegacia se um dia decidisse que já bastava para ela. Ele se forçou a prestar atenção na pilha de papéis na sua frente. Após dar uma rápida folheada, poderia dizer que levaria o resto do dia para ler todo aquele material. Acomodou-se no encosto da cadeira, suspendeu seus pés e os colocou em cima da mesa, pegando a primeira matéria.

Seis horas depois, Patrik massageou seu pescoço cansado e sentiu seus olhos coçarem e arder. Ele lera as matérias em ordem cronológica, começando pela mais antiga. Era uma leitura fascinante. Muita coisa tinha sido escrita sobre Fabian Lorentz e sobre seus êxitos ao longo dos anos. A grande maioria era positiva, e por um bom tempo parecia que a vida lhe fora muito favorável. A firma decolou com uma velocidade incrível. Fabian parecia ter sido um homem de negócios muito talentoso, para não dizer brilhante. O casamento com Nelly fora relatado nas colunas sociais com fotos que mostravam o lindo casal vestido de noivos. Então, fotos de Nelly e seu filho começaram a aparecer nos jornais. Nelly parecia ter sido incansável no seu trabalho para várias instituições de caridade e em eventos da sociedade, e Nils estava sempre do seu lado, com uma expressão assustada e segurando firme na mão da mãe.

Mesmo quando já era adolescente e deveria estar um pouco mais relutante em ser visto com a mãe em público, estava sempre ao seu lado, agora com o braço dela encaixado no dele e com uma expressão orgulhosa em seu rosto. Patrik achou que isso se devia a uma consciência da propriedade privada. Fabian era visto cada vez

menos; só era mencionado quando havia a notícia de alguma grande transação.

Uma matéria era diferente das outras, e chamou a atenção de Patrik. O jornal *Allers* dedicava uma página inteira à notícia da adoção, por Nelly, da criança que tinha sido salva de uma “tragédia familiar”, como o jornalista descrevia, em meados da década de 1970. A matéria mostrava Nelly, maquiada e elegantemente vestida na sua sofisticada sala de estar, abraçando a criança de doze anos. Ele tinha uma expressão rebelde e contrariada em seu rosto. Quando a foto foi tirada, parece que ele estava a ponto de se livrar do braço esquelético de Nelly. Nils, que era um jovem de aproximadamente vinte e cinco anos de idade na época, estava em pé atrás de sua mãe e tampouco sorria. Com uma aparência muito séria e completamente ereto com seu terno escuro e o cabelo penteado para trás, ele parecia se fundir completamente ao ambiente elegante, enquanto a presença da criança se destacava como um pássaro que tinha caído do seu ninho.

A matéria tecia muitos elogios ao sacrifício e à grande contribuição social que Nelly estava fazendo ao adotar aquela criança. Ela deu a entender que o garoto tinha se envolvido numa terrível tragédia em sua infância, trauma do qual, de acordo com Nelly, ela fora resgatá-lo. A mulher tinha confiança de que o ambiente saudável e cheio de afeto que lhe estavam oferecendo curaria o garoto e o transformaria em um ser humano produtivo. Patrik chegou até a sentir pena dele.

Cerca de um ano depois, fotos da sociedade glamorosa e de reportagens na casa da família Lorentz deram lugar a manchetes terríveis escritas em letras garrafais: “Herdeiro da família Lorentz desaparecido”. Por várias semanas, os jornais locais apregoaram a notícia, que foi considerada até importante o suficiente para sair nas páginas do *Göteborgs Posten*. As manchetes chamativas eram acompanhadas de uma abundância de especulações que tinham

certa base sobre o que poderia ter acontecido com o jovem Lorentz. Todas as alternativas concebíveis e imagináveis vinham à tona: que ele tinha desviado toda a fortuna do seu pai e agora estava num local não divulgado, vivendo uma vida luxuosa. Ou que tinha se matado porque descobrira que na verdade não era filho de Fabian Lorentz, que tinha deixado claro que não pretendia permitir que um bastardo herdasse uma fortuna considerável. A maioria desses rumores não foi escrita de maneira explícita, mas, sim, indiretamente. Porém, qualquer um que tivesse um mínimo de inteligência poderia facilmente ler as entrelinhas.

Patrik coçou a cabeça. De maneira alguma conseguia conceber como ligaria um desaparecimento de vinte e cinco anos atrás com o atual caso de assassinato, mas mesmo assim tinha uma forte sensação de que havia alguma conexão.

Já exausto, Patrik coçou os olhos e continuou a analisar a pilha de papéis, que estava se aproximando da base. Pouco tempo depois, ainda sem nenhuma informação sobre o paradeiro de Nils, o interesse público tinha começado a enfraquecer e o desaparecimento raramente era mencionado. Até mesmo Nelly aparecia nas colunas sociais com raridade; não se encontrou nenhuma notícia sobre ela na década de 1990. A morte de Fabian, em 1978, motivou um obituário enorme no *Bohusläningen*, com a retórica usual de que ele era um pilar da sociedade, e aquela foi a última vez em que ele foi mencionado.

Contudo, o filho adotivo, Jan, começava a aparecer nos jornais com uma frequência cada vez maior. Após Nils ter desaparecido, ele se tornou o único herdeiro dos negócios da família, e quando completou vinte e um anos de idade, imediatamente se tornou diretor-geral da empresa. A firma continuou a crescer sob sua liderança, e agora eram ele e sua esposa Lisa que sempre apareciam nas colunas sociais.

Patrik parou de repente. Um papel tinha caído ao chão. Ele se inclinou para recolhê-lo e começou a ler com interesse. Era uma matéria de mais de vinte anos, que proporcionou a Patrik uma grande quantidade de informações interessantes sobre Jan e sua vida antes de ele se tornar parte da família Lorentz. Informações perturbadoras, mas fascinantes. Sua vida tinha mudado de forma radical quando fora adotado. A questão era se o próprio Jan tinha mudado de forma tão radical.

Com um gesto determinado, Patrik juntou todos os papéis, dando um tapinha na pilha para endireitar as beiradas, e refletiu sobre o que fazer agora. Até aquele momento, não tinha nada além da sua intuição e da de Erica para continuar. Encostou-se na sua cadeira, pôs os pés em cima da mesa e entrelaçou as mãos por detrás da cabeça. Com os olhos fechados, tentou criar algum tipo de ordem em seus pensamentos para que pudesse confrontar uma alternativa com outra. Ter fechado os olhos foi um erro. Desde quando jantaram no sábado, não conseguia pensar em outra coisa que não fosse em Erica.

Patrik se esforçou para abrir os olhos e focalizar o deprimente concreto verde-claro da parede. A delegacia tinha sido construída no começo da década de 1970 e, provavelmente, fora desenhada por alguém especializado em instituições governamentais, com sua predileção por ângulos de noventa graus, concreto e tintas em tons de verde. Ele tentou dar um ar mais alegre ao escritório com alguns vasos de plantas na janela e fotografias emolduradas penduradas na parede. Quando ainda estava casado, mantinha uma foto de Karin sobre sua mesa. Embora a mesa tivesse sido limpa muitas vezes desde então, ainda se podia ver a marca de onde ela ficava. Irritado, colocou seu porta-lápis em cima e rapidamente passou a ponderar suas opções. O que devia fazer com todo o material que estava diante de si?

Na verdade, não havia mais do que dois modos de agir. O primeiro era continuar investigando aquela pista por conta própria, o que significaria ter de fazê-lo em seu tempo livre. Mellberg sempre se certificava de que tivesse trabalho suficiente para deixá-lo correndo de lá para cá o dia inteiro como um rato escaldado. Na verdade, sequer tinha tido tempo para ler as matérias durante sua jornada de trabalho, embora o tenha feito por um simples ato de rebeldia, e agora teria de compensar trabalhando por uma boa parte da noite. Não estava muito a fim de passar o pouco tempo de que dispunha fazendo o trabalho que Mellberg tinha lhe passado, por isso a opção número dois deveria ser pelo menos tentada.

Se ele fosse a Mellberg e lhe apresentasse a questão imediatamente, talvez pudesse obter permissão de seguir essa linha de investigação durante as horas de trabalho. A vaidade de Mellberg era seu ponto fraco, e se ela fosse massageada corretamente Patrik poderia conseguir seu consentimento. Ele sabia que o delegado via o caso de Alex Wijkner como um ingresso garantido para o grupo de Gotemburgo. Baseado em todos os rumores que tinha ouvido, Patrik acreditava que Mellberg tinha queimado todas as pontes atrás de si, mas ainda assim poderia conseguir explorar a vaidade do homem para seus próprios fins. Se ele exagerasse um pouco sobre a conexão com a família Lorentz, talvez dando a entender que tinha recebido uma notícia de que Jan talvez pudesse ser o pai do bebê de Alex, então haveria a possibilidade de que aceitasse essa linha de investigação. Talvez não fosse muito ético de sua parte, mas tinha um pressentimento de que a conexão com a morte de Alex poderia ser encontrada nas pilhas de papéis que estavam diante dele.

Com um único movimento, tirou os pés da mesa e empurrou a cadeira para trás com tanta força que ela continuou a rodar até bater na parede atrás dele. Patrik recolheu todas as fotografias e

atravessou o corredor que mais parecia um *bunker*. Antes que pudesse mudar de ideia, bateu com força à porta de Mellberg e achou que o ouviu dizer: “entre!”.

Como sempre, ficou chocado ao ver como um homem que não fazia absolutamente nada podia amontoar tanto papel. Pilhas de papel cobriam cada canto de sua mesa. Perto da janela, sobre todas as cadeiras e, sobretudo, sobre a mesa, grossas pilhas de papel acumulavam pó. As prateleiras atrás do delegado estavam curvadas com o peso de tantos fichários, e ele se perguntou quando teria sido a última vez em que tinham visto a luz do dia. Mellberg estava ao telefone, mas acenou para que ele entrasse. Patrik se perguntava, perplexo, o que tinha acontecido. Mellberg parecia radiante como uma estrela na janela na véspera de Natal. Ainda bem que as orelhas estavam no meio, senão o sorriso teria dado uma volta na cabeça, Patrik pensou.

Metade da conversa de Mellberg era bastante concisa:

“Sim.”

“Sim, claro.”

“De maneira alguma.”

“Sim, é óbvio.”

“Você fez a coisa certa.”

“Por Deus, não.”

“Sim, muito obrigado, senhorita. Eu prometo dar um retorno.”

Triunfante, ele bateu o telefone, o que fez Patrik pular de sua cadeira.

“É assim que se faz!”

Mellberg continuou radiante como um jovial Papai Noel. De repente ocorreu a Patrik que essa era a primeira vez que via os dentes de Mellberg. Eles eram surpreendentemente brancos e regulares. Talvez até um pouco perfeitos demais.

Mellberg olhava para ele com expectativa, e Patrik entendeu que queria que lhe perguntasse o que tinha acontecido. Ele o fez obedientemente, mas não esperava a resposta que recebeu.

“Peguei! Peguei o assassino de Alex Wijkner!”

Mellberg estava entusiasmado de tal forma que não percebeu que seu penteado tinha caído sobre uma das orelhas. Pela primeira vez, Patrik não sentiu vontade de dar risada da cena. Ignorando o fato de que o delegado tinha usado o pronome “eu”, indicando que não tinha intenção de compartilhar nenhuma glória com seus funcionários, e se inclinou para a frente, com os cotovelos sobre seus joelhos, perguntando com seriedade: “O que você quer dizer com isso? Temos uma descoberta no caso? Com quem você estava falando?”.

Mellberg levantou a mão para cessar a torrente de perguntas e então encostou-se na cadeira e entrelaçou as mãos sobre a barriga. Era um momento que ele pretendia alongar o máximo que pudesse.

“Bem, Patrik, você já está nesta profissão há tanto tempo quanto eu, e sabe que descobertas não são coisas que simplesmente se conseguem, mas, sim, só com muito esforço. Devido a minha vasta experiência e minhas habilidades, assim como ao meu trabalho árduo, de fato houve uma descoberta no caso. Uma certa Dagmar Petrén me ligou e passou alguns detalhes importantes que teve a oportunidade de fazer justamente antes de encontrarem o corpo. Sim, eu arriscaria dizer detalhes *significativos*, que eventualmente levarão o perigoso assassino para trás das grades.”

A impaciência o alfinetava, mas Patrik sabia por experiência que deveria esperar que Mellberg terminasse. Eventualmente o delegado chegaria ao âmago da questão, e ele somente esperava que isso acontecesse antes de sua aposentadoria.

“Sim, eu me lembro de um caso que estava em nossas mãos no outono de 1967...” Patrik suspirou e se preparou para uma longa espera.

Ela encontrou Dan onde esperava encontrá-lo. Ele estava movendo os equipamentos no barco como se fossem sacas cheias de algodão. Cordas enormes e grossas, sacos de marinheiros e defensas imensas. Erica gostava de vê-lo trabalhar. Usando um suéter feito à mão, boné e luvas, com um vapor branco saindo de sua boca a cada respiração, ele parecia combinar direitinho com a paisagem atrás de si. O sol estava a pino e a neve no convés refletia a luz solar. O silêncio era absoluto. Ele trabalhava com eficiência e prazer, e Erica podia ver que estava aproveitando cada minuto. Aquele era seu verdadeiro lugar. O barco, o mar, as ilhas ao fundo. Ela sabia que Dan estava vendo como o gelo ia se despedaçar e como o *Verônica* iria rumo ao horizonte a toda velocidade. O inverno era somente um grande período de espera. Sempre foi difícil para as pessoas que vivem na costa. Antigamente, quando o verão era bom, eles salgavam arenques o suficiente para passar o inverno. Quando não era, tinham de encontrar outra forma de sobreviver. Como tantos outros pescadores costeiros, Dan não conseguia viver só de peixe, por isso ia para a escola à noite. Agora estava trabalhando como professor substituto de sueco no colegial de Tanumshede alguns dias na semana. Erica o achava um professor muito talentoso, mas seu coração estava ali, e não na sala de aula.

Ele ficava completamente absorto em seu trabalho no barco. Erica se aproximou silenciosamente para poder observá-lo sem atrapalhar, até que ele a percebesse em pé, lá no cais. Ela não podia evitar de compará-lo a Patrik. Quanto à aparência, eles eram completamente diferentes. O cabelo de Dan era tão loiro que durante os meses de verão ficava quase branco. O cabelo escuro de Patrik era da mesma cor de seus olhos. Dan era musculoso, ao passo que Patrik era do tipo magrinho. Mas no tocante à personalidade, eles poderiam ser irmãos. O mesmo caráter tranquilo e meigo, com um humor contido que sempre vinha à tona nos momentos certos. Na verdade, nunca lhe tinha ocorrido quão

parecidos eram no temperamento. De certa forma, isso a agradava. Desde que romperam com Dan, Erica nunca mais foi feliz num relacionamento. Em todos esses anos, ou ela procurou, ou acabou em relações com homens de um tipo totalmente diferente. “Imaturos”, costumava dizer. “Você está tentando criar garotos em vez de encontrar um homem adulto, por isso não é de se admirar que seus relacionamentos não estejam dando certo”, Marianne lhe dizia. Talvez ela tivesse razão. Mas os anos estavam passando, e Erica tinha de admitir que começava a sentir um pouco de pânico. A morte de seus pais também foi uma maneira dura e repentina de fazê-la examinar o que estava faltando em sua vida. Então, na noite do sábado passado, o assunto a tinha repentinamente levado a pensar em Patrik Hedström.

A voz de Dan interrompeu sua reflexão.

“Ora, já faz quanto tempo que está aí?”

“Ah, pouco tempo. Achei que fosse interessante te ver trabalhando.”

“Ah, claro, porque você não ganha a vida com isso. Você ganha dinheiro sentada, inventando coisas o dia inteiro. Ridículo.”

Os dois deram risada. Era uma velha piadinha familiar entre eles.

“Eu trouxe algo para você se esquentar”, Erica balançou a cesta que estava segurando em uma mão.

“Ah, por que o tratamento de luxo? O que você quer agora? Meu corpo? Minha alma?”

“Não, obrigada, você pode ficar com os dois. Embora a menção da segunda coisa seja uma vaidade de sua parte.”

Dan pegou a cesta que ela lhe passou e a ajudou com mão firme a pular o parapeito. Erica quase caiu sentada, mas Dan a salvou, pegando-a pela cintura. Juntos, eles limpavam a neve de uma das grandes caixas que serviam para guardar peixes. Sentaram-se em

cima de suas luvas, cuidadosamente dispostas sobre as caixas, e começaram a tirar o conteúdo da cesta. Dan sorriu com satisfação quando abriu a garrafa térmica com chocolate quente e os sanduíches de salame delicadamente envoltos em papel alumínio.

“Você é um anjo”, ele disse, com a boca cheia de sanduíche.

Assim ficaram sentados em silêncio por um tempo, dedicando toda atenção à comida. Era sossegado estar sentada lá ao sol da manhã, e Erica ignorou o sentimento de culpa por não ter disciplina no trabalho. Ela estava trabalhando duro no manuscrito desde a semana anterior, e achou que merecia um tempo para se distrair.

“Você ouviu alguma coisa a mais sobre Alex Wijkner?”

“Não, a investigação da polícia parece não estar progredindo muito.”

“Bem, pelo que ouvi na cidade, você tem acesso especial a informação secreta.”

Dan deu um sorriso provocador. Ela nunca deixava de se surpreender com a rapidez e a eficiência dos rumores. Não fazia ideia de como seu encontro com Patrik já tinha se espalhado pela cidade.

“Não faço ideia do que você está falando.”

“Certo. Até que ponto vocês chegaram? Já fizeram um ‘*test drive*’?”

Erica deu-lhe uma cotovelada no peito, mas não pôde evitar uma risada.

“Não, não fizemos um ‘*test drive*’. E nem sei se estou interessada nele ou não. Ou melhor, estou, sim, interessada, mas não sei se quero deixar passar disso. Supondo que ele esteja interessado também... E eu acho que não é o caso.”

“Em outras palavras, você é uma covarde.”

Erica detestava admitir que Dan sempre tinha razão. Às vezes achava que ele a conhecia bem demais.

“Sim, devo admitir que estou me sentindo um pouco insegura.”

“Bem, só você deve decidir se vai agarrar a oportunidade ou não. Já pensou como seria se desse certo?”

Ela tinha pensado nisso. Muitas vezes, nos últimos dias. Mas a questão era, por enquanto, muito hipotética. Afinal, tudo o que tinham feito juntos era jantar.

“Bem, de qualquer forma, acho que você deveria tentar. Se não tentar, não vai saber se vai dar certo, como já sabe...”

Erica mudou de assunto rapidamente.

“A propósito de Alex, encontrei algo estranho por acaso.”

“Ah é? E o que é?”, a voz de Dan estava cheia de curiosidade.

“Bem, eu estava na casa dela há alguns dias e achei um interessante pedaço de papel.”

“Você estava onde?”

Erica não estava a fim de responder e apenas ignorou a pergunta, chocada.

“Era a cópia de uma matéria antiga sobre o desaparecimento de Nils Lorentz. Você tem ideia de por que Alex teria guardado uma matéria de vinte e cinco anos atrás no fundo de sua gaveta de roupas íntimas?”

“Na sua gaveta de roupas íntimas? Que diabos de história é essa, Erica?”

Ela ergueu a mão para evitar seus protestos e continuou calmamente: “Minha intuição me diz que isso tem algo a ver com a razão pela qual ela foi assassinada. Não sei por que, mas me parece muito estranho. Além disso, alguém entrou na casa e a remexeu enquanto eu estava lá. Talvez essa pessoa estivesse procurando a matéria.”

“Você está louca?”, Dan a encarou boquiaberto. “Por que você se meteu em tudo isso? É trabalho da polícia achar quem assassinou Alex!”, sua voz tinha atingido um falsete.

“Sim, eu sei. Você não precisa gritar, não sou surda. Sei muito bem que isso não é da minha conta, mas, em primeiro lugar, a família dela já me envolveu na história, segundo, nós na verdade já fomos muito íntimas, e terceiro, estou achando muito difícil esquecer tudo isso, visto que fui eu quem a encontrou.”

Erica não contou a Dan sobre o livro. De certa forma parecia mais grosseiro e frio quando ela dizia em voz alta. Também achou que Dan estava exagerando, embora ele sempre se preocupasse muito com ela. Teve de admitir que não foi uma ideia genial ter andado pela casa de Alex, considerando as circunstâncias.

“Erica, prometa-me que você vai abandonar tudo isso”, ele pôs as mãos em seus ombros e a forçou a olhá-lo. Nos seus olhos claros havia dureza, bastante incomum para ele.

“Eu não quero que nada lhe aconteça, e se continuar a se meter nisso vai ser como colocar uma corda no seu pescoço. Deixe isso.”

Ela sentiu o aperto da mão de Dan enquanto ele olhava dentro dos seus olhos. Erica abriu a boca para responder, surpresa com aquela reação, mas antes de poder dizer qualquer coisa, ouviu a voz de Pernilla vindo do cais.

“Ah, vejo que vocês dois estão se divertindo aí, hein?”

Sua voz tinha uma frieza que Erica nunca ouvira antes. Seus olhos estavam brilhando e ela abria e fechava as mãos, nervosamente. Ambos ficaram imóveis ao ouvir a voz de Pernilla; as mãos de Dan ainda estavam nos ombros de Erica. Como um raio que o tivesse queimado, ele retirou rapidamente suas mãos e se levantou.

“Oi, querida. Você saiu antes do trabalho hoje? Erica só veio conversar um pouquinho e também trouxe um lanchinho.”

Dan falava sem parar enquanto Erica olhava para os dois, atônita, sem conseguir reconhecer Pernilla, que olhou para ela com puro ódio. Suas mãos estavam cerradas com tanta força que os nós dos dedos tinham ficado brancos; e por um breve momento Erica achou que seria agredida. Não sabia o que estava acontecendo. Já fazia muitos anos que a situação entre eles tinha sido esclarecida. Pernilla sabia que eles já não sentiam nada um pelo outro, ou pelo menos Erica achava que sabia. Agora não tinha mais certeza. A questão era: o que causou aquela reação? Ela olhou para os dois. Uma briga pelo poder estava ocorrendo, e parecia que Dan estava perdendo. Não havia mais nada que Erica pudesse dizer, e decidiu que seria melhor ir embora em silêncio e deixá-los resolver a situação sozinhos.

Apressadamente reuniu os copos e a garrafa térmica e os colocou novamente na cesta. Enquanto caminhava em direção ao cais, podia ouvir as vozes agitadas de Dan e Pernilla quebrando o silêncio.

Capítulo 4



Ele se sentia indescritivelmente solitário. O mundo era vazio e frio sem ela, e não havia nada que pudesse fazer para derreter o gelo. A dor era mais fácil de suportar quando podia dividi-la com ela. Após seu desaparecimento, era como se tivesse que aguentar a dor de ambos, e era mais do que pensou que pudesse suportar. Ele se arrastava pelos dias, minuto a minuto, segundo a segundo. A realidade fora dele não existia; tudo que tinha era a consciência de que ela havia partido para sempre.

O sentimento de culpa podia ser dividido em partes iguais e distribuído entre os culpados. Ele não tinha intenção de suportar tudo sozinho. Nunca quis suportar sozinho.

Ele olhou para suas mãos. Como as detestava. Elas carregavam tanto beleza como morte, em uma combinação incompatível com a qual tinha aprendido a conviver. Somente quando ele a acariciava suas mãos eram boas. Sua pele encostada na dela havia afastado todo o mal, e o forçado a fugir por um instante. Ao mesmo tempo, eles tinham alimentado sentimentos escondidos um do outro. Amor e morte, ódio e vida. Opostos que os transformaram numa mariposa voando em círculos, cada vez mais próxima das chamas.

Ele sentiu o calor do fogo na sua nuca. Estava perto agora.

Ela estava cansada. Cansada de limpar a sujeira dos outros. Cansada de sua triste existência. Um dia se seguia ao outro sem nenhuma novidade. Estava cansada de carregar uma culpa que a abatia dia após dia. Cansada de se levantar a cada manhã e de se deitar a cada noite se perguntando como Anders estava.

Vera pôs o café no fogo. O tique-taque do relógio da cozinha era o único som que se ouvia. Ela se sentou à mesa para esperar o café ficar pronto.

Hoje tinha passado o dia fazendo faxina na casa da família Lorentz. A casa era tão grande que levou o dia todo. Às vezes ela sentia saudade do passado. Saudade da segurança de ir para o mesmo lugar de trabalho, do *status* de que gozava por ser a faxineira de uma das famílias mais abastadas de Bohuslän. Mas nem sempre se sentira assim. A maior parte das vezes, ficava contente por não ter de ir lá todos os dias. Por não ter de se inclinar e fazer reverência para Nelly Lorentz. A mulher que ela odiava com todas as suas forças. No entanto, Vera continuava a trabalhar para ela, entrava e saía ano, até que o tempo finalmente a alcançou. Empregadas tinham saído da moda. Por mais de trinta anos, ela havia abaixado o olhar e resmungado: “Sim, obrigada, dona Lorentz, certamente, dona Lorentz, agora mesmo, dona Lorentz”, ao mesmo tempo em que reprimia um imenso desejo de pôr suas mãos fortes em volta daquele pescoço delicado e apertá-lo até que aquela mulher não estivesse respirando mais. Às vezes o desejo era tão intenso, que ela tinha de esconder suas mãos embaixo do avental para que Nelly não visse que estavam tremendo.

A cafeteira estava apitando, sinal de que o café já estava pronto. Vera se levantou, com grande esforço, e endireitou as costas, para depois pegar uma xícara bastante usada e verter um pouco de café nela. Aquela xícara era a última relíquia da travessa de casamento que os pais de Arvid lhes tinham presenteado

quando se casaram. Era uma fina porcelana dinamarquesa. Um fundo branco com flores azuis que mal tinham perdido as cores com o passar dos anos. A única xícara que sobrara. Quando Arvid estava vivo, eles usavam a porcelana somente em algumas ocasiões, mas após sua morte não fazia muito mais sentido distinguir entre ocasiões especiais e não especiais. O desgaste natural tinha feito com que algumas peças se quebrassem, ao passo que o resto Anders tinha esmagado num ataque de delírio há mais de dez anos. Essa última xícara era o objeto pelo qual ela tinha o maior apreço.

Vera bebericou o café com prazer. Quando somente algumas gotas sobraram, derramou-as no pires e bebeu com um cubo de açúcar entre os dentes. Suas pernas estavam cansadas e doloridas após um dia inteiro de faxina, por isso as apoiou numa cadeira diante dela para descansar um pouco.

A casa era pequena e simples. Ela vivia ali já fazia quase quarenta anos, e pretendia ficar lá até quando morresse. Na verdade, não era muito prática, pois ficava no alto de um morro íngreme, e ela tinha de parar e tomar fôlego várias vezes durante sua volta para casa. Como se não bastasse, tanto o exterior como o interior tinham se desgastado muito com o tempo. A localização era bastante boa, e ela conseguiria uma boa quantia se decidisse vendê-la e se mudar para um pequeno apartamento, mas na verdade nunca tinha cogitado isso. Preferia que a casa apodrecesse ao seu redor a se mudar.

Ali tinha vivido com Arvid, afinal de contas, durante os poucos e felizes anos de seu casamento. Foi naquela cama do dormitório onde ela dormiu pela primeira vez fora da casa de seus pais. Na noite do casamento. Naquela mesma cama Anders foi concebido. E quando ela estava grávida e não podia ficar em outra posição senão de lado, Arvid vinha para perto dela e se deitava encostado nas suas costas, acariciando sua barriga. Ao seu ouvido, ele

sussurrava palavras sobre como a vida deles seria. Em meio a todas as crianças que iam crescer ali. Todas as risadas de felicidade que encheriam a casa nos anos vindouros. E quando eles ficassem velhos e os filhos se mudassem, eles se sentariam nas suas cadeiras de balanço diante da lareira e falariam do quão maravilhosa a vida tinha sido para eles. Eles estavam ainda com vinte e poucos anos de idade naquela época, incapazes de imaginar o que os aguardava no horizonte.

Ela estava sentada àquela mesa quando recebeu a notícia. O agente Pohl tinha batido na porta com seu gorro na mão, e assim que o viu ela sabia do que se tratava. Ela pôs o dedo nos lábios para que ele não falasse e pediu que entrasse na cozinha. Ela o seguiu lentamente, no seu nono mês de gestação, e preparou a cafeteira minuciosamente. Enquanto esperavam o café ficar pronto, ela, sentada, olhava fixamente para o homem do outro lado da mesa. Ele, por sua vez, não conseguia olhar para ela. Em vez disso, permitiu que seus olhos passeassem pelas paredes enquanto, visivelmente incomodado, ficava mexendo na gola da camisa. Somente após terem tomado uma xícara de café bem quente ela fez um gesto para que o agente continuasse. Ela mesma ainda não tinha pronunciado uma palavra sequer. Vera ouvia um zunido na sua cabeça que estava ficando cada vez mais alto. Viu a boca do agente se mexer, mas nem uma palavra conseguia penetrar na cacofonia dentro da sua cabeça. Ela não precisava ouvir. Sabia que Arvid estava nas profundezas do mar, movendo-se com o ritmo das algas marinhas. Nenhuma palavra no mundo poderia mudar aquele fato. Nenhuma palavra poderia afugentar as nuvens que tinham se formado no céu até que tudo que se podia enxergar era um cinza-escuro.

Vera suspirou agora, sentada à mesa, muitos anos depois. Outros que tinham perdido seus entes queridos diziam que a imagem deles ia aos poucos desaparecendo com o passar dos anos.

Para ela tinha acontecido justamente o oposto. A imagem de Arvid ficava cada vez mais nítida; às vezes a enxergava tão nitidamente diante dela que a dor acometia seu coração como uma mão de ferro. O fato de Anders ser a cara de Arvid era tanto uma bênção quanto uma maldição. Ela sabia que, se Arvid estivesse vivo, a desgraça jamais teria recaído sobre eles. Ele era a sua força; com ele a seu lado, ela teria sido tão forte quanto fosse necessário.

Vera levou um susto quando o telefone tocou. Estava profundamente imersa em lembranças e não gostou nada de ser incomodada por aquele toque agudo. Ela teve de abaixar suas pernas, que estavam formigando, da cadeira. Então foi mancando em direção ao aparelho que estava no corredor.

“Mamãe, sou eu.”

Anders balbuciava suas palavras, e, pelos anos de experiência, ela sabia exatamente em que grau de intoxicação se encontrava. Ela suspirou.

“Olá, Anders, como você está?”

Ele ignorou a pergunta. Ela já tivera inúmeras conversas assim.

Vera se olhou no espelho do corredor, enquanto segurava o fone ao ouvido. O espelho estava velho e desgastado, com manchas escuras no vidro, e ela pensou quão parecida ao espelho havia ficado. Seu cabelo estava desgrenhado e grisalho, com a cor escura original ainda visível aqui e acolá. Sempre penteava o cabelo para trás, e ela mesma o cortava com uma tesoura de unhas diante do espelho do banheiro. Não fazia sentido jogar dinheiro fora indo ao cabeleireiro. Seu rosto tinha sulcos e rugas de anos de preocupação. Sua roupa combinava com sua aparência: quase sem cores, mas prática, na maioria das vezes cinza ou verde. Muitos anos de trabalho árduo e falta de interesse pela comida a tinham impedido de se tornar corpulenta como muitas mulheres de sua idade. Em vez disso, ela era magra e forte. Como um animal de carga.

De repente começou a registrar o que Anders estava dizendo do outro lado da linha e deixou de olhar para o espelho, chocada.

“Mamãe, há carros da polícia lá fora. Um comboio do inferno. Eles devem estar atrás de mim. Só pode ser. Que diabos devo fazer?”

Vera percebeu que sua voz estava ficando mais alta, que seu pânico aumentava a cada sílaba. Um frio mortal se espalhou pelo seu corpo. Pelo espelho ela viu que estava segurando o telefone com tanta força que os nós de seus dedos estavam brancos.

“Não faça nada, Anders. Somente espere aí. Estou a caminho.”

“Está bem. Mas venha rápido, pelo amor de Deus. Esse não é o jeito normal que os tiros costumam chegar, mamãe, eles geralmente vêm num carro só. Agora há três carros lá fora com todas as luzes azuis acesas e sirenes tocando. Droga...”

“Anders, me escute agora... Respire fundo e se acalme. Vou desligar agora e estou indo para aí o mais rápido possível.”

Ela percebeu que conseguira acalmá-lo um pouco, mas, assim que desligou o telefone, rapidamente pôs um casaco e correu para a porta, sem se importar em trancá-la.

Atravessou correndo o estacionamento, detrás do antigo ponto de táxi, e pegou o atalho, atrás do armazém do mercado da Eva. Teve que ir mais devagar depois disso, e levou quase dez minutos para chegar ao condomínio onde Anders morava.

Chegou bem a tempo de ver dois policiais corpulentos o levarem embora algemado. Um grito se formou dentro do seu peito, mas ela resistiu quando viu todos os vizinhos nas janelas como abutres curiosos. De jeito nenhum ela daria um espetáculo a mais do que já tinham testemunhado. Seu orgulho era a única coisa que lhe sobrara. Vera detestava a fofoca que, sabia, estava grudada nela e em Anders como chiclete. Sempre havia um monte de sussurros por aí, e agora ganharia força. Sabia o que eles iam dizer: “Pobre Vera, primeiro seu marido se afoga, depois seu filho a

arruína com sua bebedeira. E ela é tão boazinha!”. Sim, ela sabia exatamente o que diriam. Mas também sabia que faria tudo que estivesse em seu poder para limitar o estrago. Ela simplesmente não poderia perder o controle agora. Senão tudo desabaria como um prédio de cartas de baralho. Ela se virou para a policial que estava mais perto, uma mulher pequena e loira que, a seu ver, não parecia se encaixar ao austero uniforme de policial. Vera ainda não tinha se acostumado ao fato recente de que as mulheres pudessem fazer qualquer trabalho que lhes conviesse.

“Sou a mãe de Anders Nilsson. O que está acontecendo aqui? Para onde o estão levando?”

“Infelizmente não posso passar nenhuma informação a respeito. Você terá que se dirigir à delegacia de Tanumshede. Estamos levando-o para lá e ele será preso.”

Seu coração doía a cada palavra. Ela entendeu que não se tratava de uma briga de bêbados dessa vez. As viaturas começaram a partir, uma por uma. Na última, Vera o viu sentado entre dois policiais. Seu filho se virou enquanto o carro se distanciava e ficou olhando para ela até perdê-la de vista.

Patrik viu o carro no qual estava Anders Nilsson ir embora para Tanumshede. A presença maciça da polícia tinha sido um pouco exagerada, ele pensou. Mas Mellberg queria um *show*, então foi o que houve. Reforço extra de Uddevalla também tinha sido chamado para auxiliar na detenção. Na opinião de Patrik, o único resultado era que, dos seis homens presentes, foi uma perda de tempo para pelo menos quatro.

Uma mulher ainda estava em pé no estacionamento, olhando para as viaturas da polícia.

“A mãe do delinquente”, disse Lena Waltin, ajudante de polícia de Uddevalla, que tinha ficado com Patrik para revistar o apartamento de Anders Nilsson.

“Você deveria saber, Lena, que ele não é um delinquente até que seja julgado e condenado. Até agora ele é tão inocente quanto todos nós.”

“Duvido muito disso. Aposto um ano de salário que ele é culpado.”

“Se você tivesse tanta certeza, então apostaria muito mais do que essa quantia ínfima.”

“Ha, ha, muito engraçado. Fazer piada com o salário de um tira é como fazer um aleijado tropeçar, pelo amor de Deus.”

Patrik teve que dar o braço a torcer: “É, não foi muito criativo. Vamos subir?”

Ele viu que a mãe de Anders ainda estava em pé, olhando para as viaturas da polícia, mesmo após elas terem desaparecido de vista há algum tempo. Sentia muito, e pensou por alguns instantes em ir até ela e lhe dar algumas palavras de conforto. Mas Lena o puxou pela manga da camisa e o direcionou à porta de entrada do prédio. Ele suspirou, deu de ombros e a seguiu para realizar um mandado de busca.

Eles abriram a porta do apartamento de Anders Nilsson, que não estava trancada, e puderam entrar sem problemas no vestíbulo. Patrik olhou ao seu redor e suspirou pela segunda vez em um minuto. O apartamento estava bagunçado, e ele se perguntou como poderiam conseguir achar alguma coisa importante naquela bagunça. Eles passaram por cima de várias garrafas vazias no corredor e examinaram a sala de estar e a cozinha.

“Que merda”, Lena balançou a cabeça, enojada.

Eles tiraram as luvas de borracha do bolso e as vestiram. Num acordo tácito, Patrik começou pela sala de estar, enquanto Lena, pela cozinha.

Dava uma sensação um tanto esquizofrênica entrar na sala de estar de Anders Nilsson. Imunda, cheia de lixo, quase sem móveis e objetos pessoais, tinha o aspecto típico do antro de um bebedor. E isso era algo que Patrik tinha visto bastante em seus anos de trabalho na polícia. Mas nunca estivera no apartamento de um bebedor cujas paredes estavam repletas de arte. As pinturas estavam tão perto umas das outras que cobriam toda a parede, desde um metro do chão até o teto. Era uma explosão de cores que fazia os olhos de Patrik doer, e ele teve que conter o impulso de pôr suas mãos na frente dos olhos para se proteger. As pinturas eram abstratas, pintadas somente com cores quentes, e lhe causavam a sensação de ter levado um chute no estômago. A sensação era tão física que ele teve de se esforçar para se manter em pé. Precisou fazer força para se afastar das pinturas porque elas pareciam que iam pular da parede para cima dele.

Cuidadosamente, Patrik começou a remexer nas coisas de Anders. Mas não havia muito o que olhar. Por um instante, sentiu-se grato pela vida privilegiada que tinha, quando comparada à de Anders. Seus próprios problemas lhe pareceram tão pequenos de repente. Ele ficava fascinado com o fato de que a vontade de viver era tão forte que, na ausência completa de qualquer qualidade de vida, ainda escolhia continuar a viver dia após dia, anos após ano. Ainda havia alguma causa para se alegrar numa vida como a de Anders Nilsson? Experimentava os sentimentos que faziam com que a vida valesse a pena ser vivida, alegria, esperança, felicidade, júbilo? Ou tudo era somente um intervalo para a próxima dose de álcool?

Patrik examinou tudo na sala de estar. Sentiu o colchão para ver se não havia nada dentro, puxou as gavetas do único guarda-roupa e olhou embaixo de cada uma. Cuidadosamente tirou cada pintura, uma por uma, e olhou atrás delas. Nada. Absolutamente

nada despertou seu interesse. Ele foi para a cozinha para ver se Lena tivera mais sorte.

“Que chiqueiro. Como diabos alguém pode viver assim?”

Com uma expressão enojada, ele remexeu no conteúdo de uma lata de lixo que ela esvaziara em cima de um jornal.

“Achou alguma coisa de interessante?”, Patrik perguntou.

“Sim e não. Achei alguns recibos no lixo. A lista de ligações na conta de telefone pode ser algo que mereça ser examinado. Por outro lado, o resto parece ser somente lixo”, ela tirou as luvas de borracha com um estalido.

“O que você acha? Encerramos por hoje?”

Patrik olhou para o relógio. Eles estavam lá por duas horas, e já tinha escurecido.

“Sim, até porque parece que não vamos conseguir mais nada por hoje. Como você vai para casa? Quer uma carona?”

“Comprei um carro, por isso não se preocupe. Obrigada de qualquer forma.”

Eles saíram do apartamento com alívio e o trancaram, cuidadosos para não o deixarem destrancado como o tinham encontrado.

As luzes dos postes já estavam acesas quando saíram para o estacionamento. Tinha começado a nevar de leve enquanto estavam lá dentro, e ambos tiveram que limpar uma boa quantidade de neve do para-brisa dos carros. Quando Patrik estava indo para o posto de gasolina, sentiu algo que lhe tinha perturbado o dia todo vir à tona. No silêncio do seu carro, sozinho com seus pensamentos, teve que admitir que algo não estava certo a respeito da detenção de Anders Nilsson. Não estava confiante de que Mellberg tinha feito as perguntas certas quando entrevistou a testemunha, o que fez com que Anders fosse levado à delegacia. Talvez ele devesse examinar o caso mais a fundo. No meio do

cruzamento, ao lado do posto, Patrik se decidiu. Virou de modo brusco o volante e, em vez de se dirigir a Tanumshede, foi para o centro de Fjällbacka, esperando que Dagmar Petrén estivesse em casa.

Erica estava pensando nas mãos de Patrik. A primeira coisa que reparava num homem eram suas mãos e pulsos. Ela achava que as mãos podiam ser muito atraentes. Não deveriam ser pequenas, mas tampouco tão grandes quanto tampas de privada. Simplesmente adequadamente grandes e sinuosas, sem pelos, ágeis e flexíveis. As mãos de Patrik eram perfeitas.

Erica se obrigou a parar de sonhar acordada. Era inútil, para dizer o mínimo, pensar nos seus sentimentos, que até agora só lhe tinham causado um leve tremor no estômago. E sequer tinha certeza por quanto tempo mais ficaria por aquelas bandas. Quando a casa fosse vendida, não haveria mais nada que a segurasse ali, e então seu apartamento em Estocolmo a estaria esperando, juntamente com sua vida e os amigos que tinha por lá. Essas semanas que estava passando em Fjällbacka seriam, muito provavelmente, só um breve interlúdio em sua vida. Considerando todas essas coisas, seria uma burrice construir castelos românticos com respeito a um velho amigo de infância.

Erica olhou para o ocaso, que estava começando a se estender pelo horizonte, apesar de não ser mais do que três da tarde, e suspirou profundamente. Tinha se agasalhado com um suéter grande e largo que seu pai costumava usar quando estava no mar, nos dias frios. Aqueceu suas mãos frias puxando-as para dentro das mangas longas e então as enrolou uma na outra. Naquele momento estava sentindo um pouco de pena de si mesma. Parece que não havia muita razão para estar feliz agora. Alex morta, a confusão com a casa, Lucas, o livro que não avançava, tudo era como um grande fardo dentro de seu peito. Além disso, sentia que

tinha muita coisa com que lidar após a morte de seus pais, tanto prática quanto emocionalmente. Nos últimos dias, não pôde continuar com a faxina, e havia sacos de lixo pela metade e caixas por toda a casa. Dentro dela também havia espaços preenchidos pela metade, com fios soltos e nós de emoções não resolvidas.

A tarde inteira Erica ficou meditando sobre a cena que testemunhara entre Dan e Pernilla. Ela simplesmente não conseguia compreender. Já fazia tanto tempo que houvera uma briga entre ela e Pernilla; tudo tinha ficado resolvido por anos. De qualquer modo, isso era o que ela pensava. Então, por que é que Pernilla reagira, daquela forma? Pensou em ligar para Dan, mas não ousaria, pois Pernilla poderia atender o telefone. Não poderia enfrentar outro conflito agora, então decidiu não pensar mais naquilo. Ela deixaria para lá na esperança de que Pernilla tivesse acordado com o pé esquerdo naquele dia e que tudo estivesse resolvido na próxima vez em que se vissem. No entanto, a cena ficava revirando dentro de sua mente. Não foi um simples ataque de nervos de Pernilla, tratava-se de algo mais profundo. Mas ela simplesmente não fazia ideia do que fosse.

O atraso do livro a estava estressando, por isso decidiu aliviar sua consciência e escrever um pouco. Sentou-se ao computador no escritório e notou que precisaria tirar as mãos do calor do suéter para trabalhar. As coisas iam lentas a princípio, mas depois de um tempo ela conseguiu provocar sua criatividade e se esquentar também. Invejava os escritores que tinham uma rígida disciplina para escrever. Ela tinha que se obrigar a se sentar para escrever todas as vezes. Não por preguiça, mas por um medo profundo de que tivesse perdido a habilidade desde a última vez em que escrevera algo. De que sentasse ali com seus dedos sobre as teclas, e seus olhos fixos na tela, e que nada acontecesse. Só haveria um vazio, as palavras não viriam, e ela perceberia que não ia conseguir colocar uma única frase no papel novamente. Cada vez

que isso não acontecia era um alívio. Agora seus dedos estavam voando sobre o teclado, e já tinha escrito mais de duas páginas em somente uma hora. Após outras três páginas, Erica sentiu que merecia uma recompensa e que podia dedicar um tempo ao livro sobre Alex.

A cela lhe era familiar. Não era a primeira vez que estava ali. Noites de bebedeira com vômito no chão eram ocorrências frequentes nos piores períodos. Embora dessa vez fosse diferente. Agora era sério.

Ele se deitou de lado sobre o colchão duro, encolheu-se na posição fetal e pôs cabeça sobre suas mãos para evitar que o plástico grudasse no seu rosto. Um calafrio percorria seu corpo numa combinação do frio da cela e da privação do álcool em seu corpo.

A única coisa que lhe informaram foi que ele era suspeito de ter assassinado Alex. Então o empurraram para dentro da cela e lhe disseram para esperar. O que mais eles pensavam que poderia fazer naquela cela fria? Dar aulas de desenho? Anders sorriu com amargura para si mesmo.

Seus pensamentos iam e vinham com dificuldade, já que não havia nada em que pousar os olhos. As paredes estavam pintadas de verdeclaro sobre um concreto desgastado, com manchas de cinza onde a tinta tinha descascado. Ele imaginou as paredes pintadas com cores ousadas. Uma pincelada de vermelho aqui, uma de amarelo ali. Faixas fortes que rapidamente apagariam o verde desbotado. Na sua mente, o ambiente se transformou numa resplandecente cacofonia cromática, e foi somente assim que ele pôde organizar seus pensamentos.

Alex estava morta. Isso não era um pensamento do qual poderia fugir se quisesse; era um fato irrefutável. Ela estava morta, e seu futuro morto com ela.

Em breve viriam buscá-lo. Arrastariam-no para fora. Eles o empurrariam com força, o insultariam, destroçando-o, até que obtivessem a verdade nua diante deles. Não poderia detê-los. E nem mesmo sabia se queria que eles parassem. Havia tanta coisa que ele não sabia mais. Não que soubesse muita coisa antes. Poucas coisas eram fortes o suficiente para penetrar a neblina conciliadora do álcool. Somente Alex. Só de saber que ela estava respirando o mesmo ar em algum lugar, pensando os mesmos pensamentos, sentindo a mesma dor; este era o único sentimento que tinha força suficiente para se infiltrar por qualquer parte da neblina que fazia todo o possível para guardar as lembranças numa escuridão piedosa.

Suas pernas começavam a formigar, esticado como estava no colchão, mas ele ignorou os sinais do seu corpo e teimosamente se recusou a se mexer. Se se mexesse, poderia perder o domínio sobre as cores que cobriam a parede e assim teria que olhar novamente para a nudez feia da parede.

Em momentos mais lúcidos, podia até enxergar um pouco de humor, ou pelo menos ironia, em tudo aquilo. O fato de ele ter nascido com uma necessidade insaciável de beleza, e, ao mesmo tempo, estar condenado à sujeira e repugnância. Talvez seu destino já estivesse escrito nas estrelas quando ele nasceu, ou talvez tivesse sido reescrito naquele dia fatídico.

Ah, se... Muitas vezes seus pensamentos tinham girado em círculos em volta desse “se”, brincando com a ideia de como sua vida teria sido “se”. Talvez uma vida boa e honrável, com uma família, um lar, e a arte como fonte de alegria, em vez de desespero. Crianças brincando no jardim, fora do seu estúdio, enquanto aromas suculentos vinham da cozinha. Um idílio de Carl Larsson elevado ao quadrado, com um brilho rosado em volta das beiradas da fantasia. E Alex sempre estava no meio desse quadro. No centro, como um satélite em constante movimento ao seu redor.

Suas fantasias sempre o reconfortavam com um calor dentro de si, mas de repente aquela imagem calorosa foi substituída por uma fria, com tons azulados e gelados. Ele a conhecia bem. Por muitas noites pôde estudá-la com calma, por isso a conhecia nos seus mínimos detalhes. O sangue era do que ele mais tinha medo. O vermelho, que contrastava bastante com o azul. A morte também estava lá, como de costume. Espreitando pelas bordas e esfregando as mãos com satisfação. Esperando que ele desse um passo, fizesse algo, qualquer coisa. A única coisa que podia fazer era fingir que não estava vendo a Morte. Ignorá-la até sumir. Talvez então a imagem reconquistasse seu brilho rosado. Talvez Alex mais uma vez pudesse sorrir para ele, aquele sorriso que rasgava seu coração. Mas a Morte era uma companhia familiar demais para ser ignorada. Já fazia muitos anos que eles se conheciam, e a relação não ficou nem um pouco agradável com o passar dos anos. Mesmo nos momentos mais felizes que dividiu com Alex, a Morte estava entalada no meio deles, insistente, inoportuna.

O silêncio dentro da cela era confortante. A distância ele podia ouvir o som de pessoas se movimentando, mas elas pareciam tão longe que poderiam até estar num outro mundo. Foi somente quando ouviu sons de alguém se aproximando que ele saiu do seu estado de torpor. Pegadas no corredor que, de maneira constante, se aproximavam da porta de sua cela.

Houve um barulho de fechadura e então a porta se abriu e o delegado gordo e baixo apareceu na entrada. Esgotado, Anders baixou suas pernas do colchão e colocou os pés no chão. Hora do interrogatório. Que isso acabe logo.

Os hematomas já tinham começado a diminuir um pouco a ponto de ela poder tentar cobri-los com uma generosa camada de pó compacto. Anna olhou para seu rosto no espelho. Parecia desgastada e arrasada. Sem maquiagem, podia ver as manchas

roxas marcadas em sua pele. Um dos seus olhos ainda estava vermelho. Seu cabelo loiro estava opaco e sem vida, além de precisar de um corte. Ela não tivera tempo de marcar uma hora com a cabeleireira; nunca tinha energia o suficiente. Todas as suas forças eram direcionadas para cuidar das necessidades diárias das crianças e se esforçar para manter o ânimo. Como é que as coisas tinham chegado a esse ponto?

Ela penteou o cabelo para trás e o prendeu num pequeno rabo de cavalo, e com muito esforço se vestiu, tomando cuidado para que suas costelas não doessem. Antes, ele tinha o cuidado de bater somente em lugares que podiam ser ocultados pela roupa, mas nos últimos seis meses parara de ser cuidadoso e repetidas vezes batera em seu rosto.

Mas apanhar não era a pior parte. Era o de sempre, viver com a ameaça de futuros golpes, esperando pela próxima vez, o próximo soco. A coisa mais cruel era que ele sabia muito bem disso e jogava com seu medo. Ele erguia a mão para acertá-la, e então mudava para um carinho e um sorriso. Às vezes, batia nela por nenhuma razão em particular. Do nada. Não que precisasse de uma razão forte, pois no meio de uma discussão sobre o que comprar para o jantar ou a qual programa de televisão iriam assistir, seu punho poderia voar de repente e acertar seu estômago, sua cabeça, suas costas ou qualquer outro lugar que ele mirasse. Então ele continuava a conversa sem, por um momento, perder o fluxo de pensamento, como se nada tivesse acontecido, enquanto ela ficava estirada no chão, urrando de dor.

Era do sentimento de força que ele gostava.

As roupas de Lucas estavam espalhadas por todo o quarto; ela pegou todas as peças com dificuldade e as pendurou em cabides, ou as colocou na cesta de roupas sujas. Quando o quarto estava de novo em perfeita ordem, foi dar uma olhada nas crianças. Adrian estava dormindo tranquilamente de costas, com seu polegar na

boca. Emma, sentada, estava brincando silenciosamente em sua cama, e Anna ficou por um instante na porta observando-a. Ela se parecia muito com Lucas. O mesmo rosto anguloso e determinado, e olhos azuis frios. Tinham a mesma teimosia.

Emma era uma das razões pelas quais ela não podia deixar de amar Lucas. Não amá-lo seria como negar uma parte de Emma. Ele era uma parte da sua filha e, por causa disso, uma parte de Anna também. Ele também era um bom pai. Adrian ainda era pequeno demais para entender, mas Emma adorava Lucas, e Anna simplesmente não poderia separá-la de seu pai. Como poderia tirar as crianças de metade de sua segurança, rasgar tudo que era familiar e importante para elas? Em vez disso, tinha que tentar ser forte o suficiente para todos eles; e então conseguiriam passar por isso até tudo ficar bem. As coisas não eram assim no início e, portanto, podiam ser boas de novo. Contanto que ela fosse forte. Afinal de contas, ele lhe dissera que na verdade não queria bater nela, mas que isso era para seu próprio bem, porque ela não fazia o que deveria ter feito. Se pudesse se esforçar mais, ser uma esposa melhor. Ela não o entendia, ele dizia. Se descobrisse o que o fazia feliz, se pudesse fazer as coisas certas para que não ficasse decepcionado com ela o tempo todo...

Erica não entendia, com sua independência e sua solidão. Com sua coragem e sua preocupação sufocante e excessiva. Anna podia ouvir o desprezo na voz da irmã, e isso a deixava louca. O que ela sabia sobre a responsabilidade de manter um casamento e uma família vivos? Sobre carregar um fardo nos ombros que era tão pesado que ela não conseguia se manter em pé. A única coisa com que Erica se preocupava era consigo mesma. Ela sempre foi uma sabichona. Sua preocupação materna excessiva por Anna às vezes ameaçava sufocá-la. Sentia os olhos inquietos e observadores de Erica a seguindo por todos os cantos, quando tudo que ela queria era ser deixada em paz. O que importava se a mãe nunca

conseguira cuidar delas? Pelo menos elas tinham o papai. Um de dois não era uma proporção tão ruim assim. A diferença entre Erica e Anna era que ela aceitava as coisas, ao passo que Erica estava sempre tentando achar uma razão. Quase sempre a irmã mais velha revirava as perguntas e tentava achar as razões dentro de si. Anna, por outro lado, escolhia não se esforçar de maneira alguma. Era mais fácil não se importar, ir com a maré e se preocupar com um dia de cada vez. É por isso que sentia tanta mágoa de Erica, porque se preocupava e se atormentava por sua irmã menor, sufocando-a, e isso dificultava ainda mais para Anna fechar os olhos para a realidade e para as pessoas ao seu redor. Sair da casa de seus pais tinha sido uma libertação. Quando conheceu Lucas, não muito tempo depois, ela pensou que tinha achado a única pessoa que poderia amá-la tal como ela era e, sobretudo, respeitar sua necessidade de liberdade.

Ela sorriu com amargura enquanto limpava a mesa após Lucas ter tomado café da manhã. Liberdade? Ela não sabia mais nem como soletrar aquela palavra. Sua vida consistia em um espaço dentro daquele apartamento. Eram somente as crianças que lhe possibilitavam até mesmo respirar; as crianças e a esperança de que encontrasse a fórmula correta, a resposta certa, então tudo seria do jeito que costumava ser.

Em câmera lenta, Anna colocou a tampa no pote de manteiga, pôs o queijo num saco plástico, colocou os pratos sujos na lava-louças e passou um pano na mesa. Quando tudo estava limpo e brilhante, sentou-se numa das cadeiras da cozinha e olhou em volta do ambiente. O único som que se ouvia era o balbúcio infantil de Emma que vinha do dormitório, e por alguns instantes Anna se deu ao luxo de aproveitar um pouco de paz e tranquilidade. A cozinha estava brilhante e arejada, decorada com uma harmoniosa combinação de madeira e aço inoxidável. Eles não economizaram nos eletrodomésticos, o que significava que Philip Starck e

Poggenpohl eram as marcas dominantes. Ela mesma queria uma cozinha mais aconchegante, mas quando se mudaram para o confortável apartamento de cinco cômodos em Östermalm, teve muito cuidado em não expressar sua opinião.

As preocupações de Erica com respeito à casa em Fjällbacka era algo que ela nem mesmo tinha forças para pensar. Anna não podia se dar ao luxo de ser sentimental, e o dinheiro que eles conseguiriam com a venda da casa poderia significar um novo começo para ela e Lucas. Ela sabia que ele não estava feliz com o emprego na Suécia e queria voltar para Londres; era lá que ele achava que a agitação e as oportunidades abundavam. Ele enxergava a Suécia como um fundo de quintal em termos de oportunidades de carreira. E mesmo ganhando um bom, na verdade, excelente salário, no seu emprego atual, a bênção inesperada da casa em Fjällbacka combinada com o dinheiro que já tinham economizado, poderiam comprar uma casa em Londres que seria consistente com a posição social deles. Isso era importante para Lucas, então era importante para ela também. Erica ia se dar bem de qualquer forma. Ela só tinha que pensar em si; e tinha um emprego e um apartamento em Estocolmo. A casa em Fjällbacka somente serviria como uma casa de veraneio. O dinheiro iria ajudá-la também, pois uma escritora não tinha um salário fixo, para início de conversa, e Anna sabia que Erica passava por apertos às vezes. Logo ela perceberia que isso seria para seu próprio bem. Para o bem de ambas.

A voz estridente de Adrian vinha do dormitório, e seu breve intervalo tinha terminado. Não adiantava ficar sentada, atormentando-se. As feridas se curariam como sempre, e amanhã seria outro dia.

Patrik sentia-se inexplicavelmente ágil e subiu as escadas, dois degraus de cada vez, para a casa de Dagmar Petrén. Mas quando

estava quase terminando, teve que parar para tomar fôlego, curvando-se com as mãos nos joelhos. Ele já não tinha mais vinte anos de idade. E a mulher que abriu a porta tampouco. Ele não vira algo tão pequeno e enrugado desde a última vez em que abriu um pacote de ameixas secas. Curvada e inclinada como era, ela mal passava da cintura dele, e Patrik tinha medo que a mulher se quebrasse em duas com o mais leve sopro de vento. Porém, os olhos que miravam para cima, para ele, eram tão claros e lúcidos como os de uma garotinha.

“Não fique aí arfando, meu filho. Entre para tomar uma xícara de café.”

Sua voz era surpreendentemente forte, e Patrik de repente se sentiu como um jovem estudante à medida que a seguia obedientemente para dentro da casa. Ele resistiu a um forte impulso de se dobrar e se esforçou para manter um passo lento e não atropelar a senhora Petrén. Assim que entrou pela porta, ele parou de repente. Nunca tinha visto tantos Papais Noéis em toda sua vida. Em toda parte, em cada canto, lá estavam eles. Grandes, pequenos, velhos, jovens, uns estavam piscando, grisalhos. Ele sentiu uma sobrecarga de informação repentina; não conseguia processar tanta informação sensorial.

“O que acha? Não são maravilhosos?”

Patrik não sabia o que dizer, na verdade, e após alguns instantes conseguiu gaguejar uma resposta:

“Sim, claro. Fantásticos.”

Olhou preocupado para a senhora Petrén para ver se percebera que suas palavras não combinaram com o tom da sua voz. Para sua surpresa, contudo, ela deu um sorriso malicioso que até fez seus olhos brilharem.

“Não se preocupe, garoto. Eu sei muito bem que isso não é do seu gosto, mas a velhice traz consigo suas responsabilidades, entende?”

“Responsabilidades?”

“Espera-se que mostremos um pouco de excentricidade para que sejamos interessantes. Caso contrário, você não passa de uma pobre velha, e ninguém quer isso, sabe?”

“Mas por que não anões?”

Patrik ainda não tinha entendido bem. Senhora Petrén lhe explicou como se estivesse falando com uma criança.

“Bem, a melhor coisa dessa história é que você só precisa colocá-los uma vez por ano. O resto do ano posso manter o lugar limpo e organizado. E também tem a vantagem de trazer um montão de crianças para cá na época de Natal. E para uma pobre velha que não tem muitas visitas, é uma alegria só quando os pequenos vêm e tocam a minha campainha para ver os Papais Noéis.”

“Mas por quanto tempo você os deixa aí, senhora Petrén? Já estamos no meio de março agora.”

“Bem, começo a colocá-los em outubro e os tiro por volta de abril. Embora você deva considerar que leva uma semana ou duas para colocá-los e tirá-los”.

Patrik não teve nenhuma dificuldade em ver que levaria tempo. Tentou fazer uma conta rápida de cabeça, mas seu cérebro ainda não se recuperara por completo de toda aquela cena. Em vez disso, virou-se para a senhora Petrén com uma pergunta direta.

“Na verdade, quantos você tem aqui?”

A resposta foi instantânea: “Mil quatrocentos e quarenta e três, não, me desculpe, mil quatrocentos e quarenta e dois; acontece que quebrei um ontem. E um dos melhores, ainda por cima”, ela respondeu com uma expressão de tristeza.

Mas a velha senhora se recompôs e seus olhos começaram a brilhar de novo. Com uma força surpreendente, puxou a manga de Patrik e tentou levá-lo para a cozinha, onde, por contraste, não

havia nenhum Papai Noel à vista. Patrik discretamente arrumou sua jaqueta, mas sentiu que ela teria agarrado sua orelha se fosse alta o suficiente.

“Vamos sentar aqui. A gente acaba cansando um pouco de ver tantos velhinhos nesta casa. Mas na cozinha eles estão proibidos de entrar.”

Patrik se sentou no duro banco da cozinha após todas as suas ofertas de ajuda terem sido bruscamente recusadas. Ao se preparar para tomar um café aguado, ficou de novo boquiaberto ao ver uma enorme cafeteira, hipermoderna e de aço inoxidável, que estava em cima da bancada da cozinha.

“O que você gostaria de tomar? *Cappuccino*? Café com leite? Talvez um expresso duplo; parece que é disso que você precisa.”

Patrik não pôde fazer mais que assentir. Parece que a senhora Petrén estava gostando da sua admiração.

“O que você esperava? Um filtro antigo de 1943 e grãos moídos à mão? Não, só porque sou uma pobre velha não significa que não goste de aproveitar as melhores coisas da vida. Ganhei isso de presente de Natal do meu filho há alguns anos, e está sempre funcionando, posso lhe garantir. Às vezes, forma uma fila de velhas da vizinhança esperando para tomar uma xícara.”

Ela deu um tapinha delicado na máquina, que já começava a chiar, ao mesmo tempo em que batia o leite para formar uma espuma.

Enquanto o café estava sendo preparado, um doce atrás do outro se materializava na mesa diante de Patrik. Nada de simples bolinhos finlandeses ou *Karlsbad kruller*, mas enormes bisnagas de canela, *muffins* maravilhosos, biscoitos com bastante chocolate e esponjosos doces de merengue estavam sendo dispostos à medida que seus olhos se arregalavam cada vez mais. Sua boca começou a salivar tanto, que a saliva já ameaçava escorrer pelos cantos de seus lábios. Senhora Petrén deu uma risadinha quando viu a

expressão no rosto de Patrik e sentou-se diante dele numa das cadeiras. Ela serviu para cada um deles uma xícara de café quente, aromático e recém-preparado.

“Entendi que você quer falar comigo sobre a garota da casa da frente. Mas eu já falei com o delegado e lhe disse o pouco que sei.”

Com um esforço, Patrik se distanciou da bisnaga que tinha acabado de morder, e teve que limpar os dentes da frente com sua língua antes de poder abrir a boca.

“Sim, senhora Petrén. A senhora poderia fazer a gentileza de recontar o que disse? Aliás, importa-se se eu começar a gravar?”

Ele apertou o botão vermelho e aproveitou para dar mais uma mordida enquanto esperava pela resposta.

“Sim, é claro que você pode. Bem, foi na sexta-feira, no dia vinte e dois de janeiro, às seis e meia. E, por favor, não seja tão formal. Isso me faz sentir muito velha.”

“Como você tem tanta certeza da data e da hora? Já se passaram algumas semanas desde então.”

Patrik deu outra mordida.

“Veja bem, era meu aniversário naquele dia, por isso meu filho e sua família estavam aqui. Comemos bolo e eles me trouxeram presentes. Aí eles foram embora justo quando estava começando o noticiário das seis e meia no canal 4, e foi então que ouvi uma briga danada lá fora. Corri para a janela que dá para o fundo e para a casa da garota, e foi aí que eu o vi.”

“Anders?”

“Sim, Anders, o pintor. Bêbado como o diabo, lá estava ele, gritando como um louco e batendo à porta. Finalmente ela o deixou entrar e então tudo ficou silencioso. Bem, pode ser que ele tenha continuado a berrar, mas não sei de nada disso. Não dá para ouvir o que se passa dentro dessas casas.”

A senhora Petrén viu que o prato de Patrik estava vazio, então empurrou em sua direção a bandeja de bisnagas de canela para tentá-lo. Ele não precisava de muita persuasão. Rapidamente se serviu com o que estava no topo.

“E você tem plena certeza, senhora Petrén, de que se tratava de Anders Nilsson? Não há dúvidas sobre isso?”

“Não, não. Eu conheço aquele sem-vergonha de qualquer ângulo. Ele costumava vir a qualquer hora, e se não estava aqui, então estava com os outros bêbados na praça. Nunca entendi qual era a relação dele com Alexandra Wijkner. A garota tinha classe, tenho que admitir. Era tão bonita quanto educada. Quando pequena, ela vinha para a minha casa e eu lhe oferecia bolinhos e suco. Ela costumava se sentar bem aí no banco, geralmente com a menina do Tore, qual era o nome dela mesmo...?”

“Erica”, Patrik lhe lembrou com sua boca cheia de bolinho de canela, sentindo um formigamento no estômago só de dizer aquele nome.

“É isso mesmo, Erica. Ela era uma boa garota também, mas havia algo de especial em Alexandra. Ela tinha um brilho no seu ser. Mas aí algo aconteceu... Ela parou de me visitar e mal me cumprimentava. Alguns meses depois eles se mudaram para Gotemburgo, aí não a vi mais até que ela começou a vir aqui nos fins de semana, alguns anos atrás.”

“A família Carlgren nunca vinha aqui durante esses anos?”

“Não, nunca. Mas eles mantinham a casa em ordem. Pintores e carpinteiros vinham, e Vera Nilsson vinha duas vezes por mês para fazer faxina.”

“E você não faz ideia, senhora Petrén, do que aconteceu antes de a família Carlgren se mudar para Gotemburgo? Refiro-me ao que foi que exatamente fez Alex mudar. Alguma briga na família ou algo assim?”

“Houve rumores, é claro, como sempre há por aqui, mas nada em que eu possa me fiar. Embora muitos aqui em Fjällbacka afirmem saber o que está acontecendo com as pessoas, uma coisa você deveria ter claro na sua cabeça: ninguém sabe o que se passa entre as quatro paredes da casa de ninguém. É por isso que tampouco vou especular sobre isso. Não adianta. Olhe, pegue outro doce, você ainda não provou os meus sonhos de merengue.”

Patrik deu um tapinha no seu estômago e, sim, ainda havia um pequeno cantinho lá dentro que poderia preencher com um sonho de merengue.

“Você viu mais alguma coisa depois disso? Viu quando Anders Nilsson foi embora, por exemplo?”

“Não, não o vi mais naquela noite. Mas vi, sim, ele entrando na casa várias vezes na semana seguinte. Isso era estranho, devo confessar. Pelo que ouvi na cidade, ela já estava morta a essas alturas. Então que diabos ele podia estar fazendo por lá?”

Era precisamente o que Patrik estava se perguntando. A senhora Petrén olhou para ele com um olhar inquisitivo. “Então, você gostou desses?”

“São provavelmente os melhores doces que já comi, senhora Petrén. Como é que você consegue preparar uma bandeja de doces assim, do nada? Quero dizer, desde quando liguei não tinham se passado quinze minutos. Você teria que ser tão rápida quanto o Super-Homem para assar todas essas guloseimas.”

Ela desfrutou dos elogios e mexeu a cabeça para trás, orgulhosa.

“Por trinta anos meu marido e eu tínhamos uma doceria em Fjällbacka, então é de se esperar que tenha aprendido algo nesses anos. Hábitos antigos persistem, por isso me levanto às cinco da manhã e asso todos os dias. O que sobra, depois de as crianças e as velhinhas virem me visitar, dou para os pássaros. E também sempre é gostoso experimentar novas receitas. Há tantos produtos

modernos que são assados e são muito melhores do que as bolachas finlandesas que costumávamos fazer aos montes antigamente. Acho receitas nas revistas de culinária, e então as modifico de acordo com meu gosto.”

Ela apontou para uma enorme pilha de revistas de culinária no chão, ao lado do banco da cozinha, entre as quais havia de tudo: desde *Amelia Mat* até *Allt om mat*, acumuladas por vários anos. A julgar pelos preços de cada exemplar, Patrik suspeitava que a senhora Petrén pôde economizar um bom dinheiro durante os anos em que tinha a doceria. Então, teve uma ideia brilhante.

“Você sabe se havia alguma conexão entre a família Carlgren e a família Lorentz, além do fato de Karl-Erik ter trabalhado para eles? Eles tinham uma vida social em comum, por exemplo?”

“Deus do céu! A família Carlgren se reunindo com a família Lorentz? Não, meu amigo, isso só teria acontecido em duas quintas-feiras numa semana! Eles não frequentavam os mesmos círculos. O fato de Nelly Lorentz, pelo menos foi o que ouvi, ter aparecido na recepção do funeral na casa da família Carlgren é o que eu chamaria de sensação, e nada menos do que isso!”

“Mas e quanto ao filho? Refiro-me àquele que desapareceu. Ele teve algum tipo de relação com a família Carlgren, pelo que você saiba?”

“Não, espera-se que não. Ele era um rapaz terrível. Sempre tentando beliscar os doces por trás de nossas costas na doceria. Mas meu marido lhe deu uma lição quando o pegou em flagrante. O garoto levou a maior bronca da sua vida. Então, é claro, a Nelly veio correndo para cá para nos repreender por isso. Ela ameaçou chamar a polícia pelo que meu marido fizera. Bem, ele deu um basta quando disse que havia testemunhas que o viram surrupiando, por isso lhe falou que ela podia ir em frente e chamar o defensor público.”

“Então não havia nenhum tipo de conexão da família Carlgren com eles?”

Ela balançou a cabeça.

“Bem, eu só cogitei”, disse Patrik. “Depois do assassinato de Alex, o sumiço de Nils é provavelmente o acontecimento mais dramático que já houve aqui, então, nunca se sabe. Às vezes surgem as coincidências mais interessantes. Acho que não tenho mais perguntas, por isso lhe agradeço pelo café. Docinhos imensamente gostosos, devo dizer. Terei que comer somente salada por alguns dias”, ele deu um tapinha na barriga.

“Ah, você não deveria comer comida de coelho. Você ainda está em fase de crescimento.”

Patrik escolheu aceitar o elogio, em vez de salientar que aos trinta e cinco somente sua cintura é que estava crescendo. Ele se levantou do banco, mas teve que se sentar novamente. Sentiu como se houvesse uma tonelada de concreto no seu estômago, e um fluxo de náusea subiu pela sua garganta. Pensando bem, não havia sido uma ideia muito boa ter se empanturrado com todos aqueles doces.

Tentou atravessar a sala com os olhos entreabertos e todos os mil quatrocentos e quarenta e dois Papais Noéis piscaram para ele e reluziram.

Para sair pela porta demorou tanto quanto para entrar. Precisou novamente se conter para não ir à frente da senhora Petrén, que arrastava os pés até a porta. Ela era uma senhora animada, não restava dúvida. E também uma testemunha confiável, e com seu depoimento seria só uma questão de tempo para que pudessem acrescentar mais umas peças ao quebra-cabeça para conseguir um caso perfeito contra Anders Nilsson. Por enquanto, tratava-se de provas circunstanciais, mas parecia que o assassinato de Alexandra Wijkner já estava resolvido. No entanto, Patrik tinha um pressentimento. Na medida em que podia sentir

outra coisa que não o peso dos doces no seu estômago, também sentia que as soluções simples nem sempre eram as corretas.

Era uma sensação maravilhosa respirar ar fresco, aliviou-lhe um pouco a náusea. Ele tinha acabado de agradecer à senhora Petrén mais uma vez e se virado para ir embora quando ela colocou algo em sua mão antes de fechar a porta. Ele olhou para ver o que era. Era uma sacola plástica da ICA cheia de docinhos e um Papai Noel. Ele pôs a mão no estômago e gemeu.

“Ora, Anders, as coisas não parecem boas para você.”

“Ah é?”

“Ah é?”, é só isso o que tem a dizer? Você está com bosta até o pescoço se é que não percebeu isso ainda. Percebeu?”

“Eu não fiz nada.”

“Mentira! Não venha jogar asneiras na minha cara. Se você a matou, poderia muito bem confessar e economizar muita dor de cabeça para nós. Se economiza para mim, economiza para você também. Está entendendo o que estou te dizendo?”

Mellberg e Anders estavam na única sala de interrogatório da delegacia de Tanumshede e, diferente dos filmes policiais americanos, não havia nenhuma parede de vidro por meio da qual seus colegas pudessem acompanhar o interrogatório. O que era algo que Mellberg achava uma maravilha. Era completamente contra os regulamentos estar sozinho com um acusado durante um interrogatório, mas, e daí? Contanto que chegasse aos resultados esperados, ninguém se importaria com regulamentos idiotas. E Anders não tinha pedido um advogado ou ninguém mais para estar presente, então, por que Mellberg deveria insistir?

A sala era pequena e parcamente mobiliada, sem nada na parede. Os únicos móveis eram uma mesa e duas cadeiras, agora ocupadas por Anders Nilsson e Bertil Mellberg. Anders estava sentado de forma desleixada, com as mãos cruzadas sobre seu colo

e suas pernas compridas esticadas debaixo da mesa. Mellberg estava meio inclinado sobre a mesa, com o rosto o mais próximo possível do de Anders, sentindo apenas seu hálito, que era tudo menos de hortelã. Mas perto o suficiente para que gotículas de saliva espirrassem no rosto de Anders quando gritava com ele. O suspeito não se importava em limpar o rosto. Ele preferiu fingir que o delegado era uma simples mosca irritante, tão insignificante que nem valia a pena matá-la.

“Ambos, você e eu, sabemos que foi você quem assassinou Alexandra Wijkner. Que a enganou, dando-lhe pílulas para dormir, a colocou na banheira e cortou seus pulsos, e a observava tranquilamente enquanto sangrava até a morte. Então, por que não facilitamos nossa vida? Você confessa e eu assino.”

Mellberg ficou muito satisfeito com o que considerou um bom começo de interrogatório. Sentou-se na cadeira e entrelaçou as mãos sobre sua enorme pança. Esperou. Nenhuma resposta vinha de Anders. Sua cabeça continuava curvada para a frente, e seu cabelo ocultava qualquer expressão facial. Uma contração no canto da boca de Mellberg mostrava que a indiferença não era o que ele pensava que sua exibição merecia. Após esperar em silêncio por mais um instante, bateu com a mão na mesa para despertar Anders de seu torpor. Nenhuma reação.

“Mas que diabos, seu maldito bêbado! Você acha que pode se safar disso ficando sentado aí sem dizer uma palavra? Então caiu nas mãos do policial errado, eu posso te dizer isso. Você vai ter que me dizer a verdade mesmo que tenhamos que passar o dia todo aqui sentados!”

As manchas de suor debaixo do braço de Mellberg ficavam maiores a cada sílaba pronunciada.

“Estava com ciúmes dela, não estava? Achamos algumas pinturas que fez dela, e está bastante claro que você a estava fodendo. E para dispersar qualquer outra dúvida, também achamos

suas cartas para ela. Aquelas cartas melosas e patéticas. Meu Deus, que lixo. O que ela viu em você, hein? Ou seja, olhe para você. É imundo e nojento, e está muitíssimo longe de ser um *Don Juan*. A única explicação seria que ela pudesse ser algum tipo de perversa. Que a excitava estar com bêbados imundos. Ela também fazia com os outros bêbados de Fjällbacka ou só estava a seu serviço?”

Rápido como uma doninha, Anders se levantou. Lançou-se sobre a mesa e pôs as mãos na garganta de Mellberg.

“Seu desgraçado, eu vou te matar, seu tira filho da mãe!”

Mellberg tentou em vão se desvencilhar das mãos de Anders. Seu rosto estava ficando cada vez mais vermelho e o cabelo caiu do seu ninho e ficou pendurado na orelha direita. Por pura surpresa, Anders soltou a garganta de Mellberg, e ele pôde respirar. Anders voltou a se sentar na cadeira, sem tirar seus olhos furiosos do delegado.

Mellberg teve que tossir e pigarrear para recuperar a voz. “Jamais faça isso de novo! Você me ouviu? Jamais! Agora você vai ficar quieto aí, sentado, droga, senão eu te lanço numa cela e joga fora a chave, entendeu?”

Mellberg sentou-se de novo em sua cadeira, mas ficou vigiando Anders. Havia um rastro de medo nos olhos do delegado que não existia antes. Ele descobriu que seu penteado, feito de maneira meticulosa, tinha sido arruinado e, com uma mão já treinada, alisou-o para cima do pedaço reluzente bem em cima de sua cabeça, ao mesmo tempo em que fingia que nada tinha acontecido.

“Agora, de volta ao trabalho. Então, você mantinha relações sexuais com a vítima, Alexandra Wijkner?”

Anders murmurou algo, com a cabeça baixa.

“Desculpe, o que você disse?”, Mellberg se curvou sobre a mesa com as mãos na frente dele.

“Eu disse que nós nos amávamos!”

As palavras ressoaram pelas paredes nuas. Mellberg deu um sorriso de desprezo.

“Então vocês se amavam. A bela e a fera se amavam. Que meigo. Diga-me quanto tempo vocês se ‘amaram’?”

Anders murmurou algo incompreensível novamente, e Mellberg teve que pedir para que ele repetisse.

“Desde que éramos crianças.”

“Ah, entendi. Mas suponho que vocês não faziam sexo como coelhos desde que tinham cinco anos de idade, por isso vou reformular a pergunta: por quanto tempo mantiveram relações sexuais? Por quanto tempo vocês transaram? Por quanto tempo vocês dançaram tango na horizontal? Será que terei de continuar ou você conseguiu entender a pergunta?”

Anders olhou com ódio para Mellberg, mas se esforçou muito para ficar calmo.

“Não sei, de vez em quando, por vários anos. Não sei ao certo, eu não marcava os dias no calendário”, ele tirou alguns fios invisíveis de sua calça. “Ela não vinha aqui com muita frequência nos últimos anos, por isso não era tanto. Na maior parte das vezes eu a pintava. Ela era tão bonita.”

“O que aconteceu na noite em que ela morreu? Foi uma briga de amantes? Ela não queria transar? Ou foi o fato de ela estar grávida que te deixou tão nervoso? Claro, deve ter sido isso. Ela estava grávida, e você não sabia se o bebê era seu ou do marido dela. Ela provavelmente deve ter prometido fazer um inferno da sua vida, ou não?”

Mellberg sentiu-se bastante satisfeito consigo mesmo. Estava convencido de que Anders era o assassino, e se apertasse os botões certos com força o suficiente, sem dúvida conseguiria arrancar uma confissão dele. Não restavam dúvidas. Aí lhe pediriam e

implorariam para que voltasse para Gotemburgo. Provavelmente o tentariam com uma promoção e um salário mais alto se os deixasse precisando dele por um tempo. Esfregou sua barriga de prazer, e somente agora se dava conta de que Anders o estava fitando, com os olhos arregalados. Seu rosto estava pálido, destituído de sangue. Suas mãos estavam tremendo, como que em espasmos. Quando Anders levantou a cabeça e pela primeira vez olhou para Mellberg, este viu que seu lábio inferior estava tremendo e que os seus olhos estavam mareados.

“Você está mentindo! Ela não devia estar grávida!”, seu nariz estava escorrendo, e Anders o limpou na manga. Ele olhava para Mellberg quase suplicante.

“Como assim? Camisinhas não são cem por cento seguras, sabe? Ela estava no terceiro mês, por isso não me venha com drama. Ela estava grávida e você sabe muito bem como aconteceu. Agora, se foi você ou se foi o marido da alta classe que fez, bem, nós nunca vamos saber, né? É a maldição de um homem, tenho que te dizer. Eu estive a um triz de ficar ‘preso’, mas nenhuma vagabunda conseguiu me fazer assinar nada”, Mellberg deu uma risadinha.

“Não que seja da sua conta, mas já fazia mais de quatro meses que não fazíamos sexo. Agora eu não quero mais falar com você. Leve-me de volta para a minha cela, porque não pretendo dizer mais nada.”

Anders deu uma forte fungada e lágrimas ainda ameaçavam cair. Ele se encostou na cadeira com os braços cruzados e, por baixo de sua franja, lançou um olhar hostil a Mellberg que, dando um suspiro profundo, assentiu.

“Tudo bem, continuaremos daqui a algumas horas. Só para sua informação, não acredito em uma droga de palavra do que está dizendo! Vá pensar nisso enquanto fica na sua cela. Da próxima vez que conversarmos, quero uma confissão completa de você.”

Ele ficou sentado lá por um instante depois de Anders ter sido conduzido à cela. O bêbado fedorento não confessou. Mellberg achava isso totalmente incompreensível. Mas seu trunfo ainda estava com ele e intacto. A última vez que tinham visto Alexandra Wijkner com vida fora às sete e quinze da sexta-feira, vinte e cinco de janeiro, exatamente uma semana antes de ela ter sido encontrada morta. Naquela ocasião, ela falara com sua mãe ao telefone por cinco minutos e cinquenta segundos, de acordo com a Telia, a empresa de telefonia. E isso também coincidia com o registro temporal indicado pelo médico legista. Graças à vizinha, Dagmar Petrén, ele tinha o testemunho de que Anders Nilsson tinha visitado a vítima não somente naquela noite, depois das seis e meia, como também sido visto entrar na casa em várias ocasiões durante a semana seguinte. *E, nesses dias, Alexandra Wijkner jazia morta dentro da banheira.*

Uma confissão teria facilitado muito o trabalho de Mellberg, mas mesmo que Anders se mostrasse obstinado, o delegado tinha certeza de que seria condenado. Ele não somente tinha o testemunho da senhora Petrén, mas sobre sua mesa também havia o relatório da busca na casa de Alex Wijkner. O mais interessante eram os dados do exame escrupuloso do banheiro onde ela fora encontrada. Não somente uma pegada fora vista no sangue coagulado no chão que era igual a de um par de sapatos confiscado no apartamento de Anders, como também suas digitais tinham sido encontradas no corpo da vítima. Não eram tão nítidas como seriam numa superfície rígida e plana, mas ainda assim eram claras e identificáveis.

Ele não queria usar todas as suas opções naquele dia, mas no próximo interrogatório disporia de todas as armas grandes. E ia ver se não acabaria com aquele desgraçado.

Satisfeito consigo mesmo, Mellberg deu uma cuspidinha na palma da mão e alisou o cabelo para trás com a saliva.

O telefone a interrompeu justo quando Erica estava digitando anotações de sua conversa com Henrik Wijkner. Irritada, tirou as mãos do teclado e se dirigiu ao aparelho.

“Sim”, sua voz saiu mais irritada do que pretendia.

“Alô, aqui é o Patrik. Estou te interrompendo?”

Erica se endireitou imediatamente na cadeira e se arrependeu de não ter soado mais simpática quando atendeu o telefone.

“Não, claro que não. Só estou aqui escrevendo, e estava tão concentrada na digitação que, quando o telefone tocou, levei um susto. Talvez eu tenha parecido um pouco... mas você não está me importunando de forma alguma, está tudo bem, aliás...”

Ela deu um tapa na testa quando se ouviu balbuciando como uma adolescente de catorze anos ao telefone. Hora de se recompor e controlar esses hormônios, ela pensou. Isso é ridículo.

“Bem, estou em Fjällbacka e só queria saber se você estava em casa e se podia dar um pulo aí.”

Ele parecia autoconfiante, viril, firme e tranquilo, e Erica se sentiu ainda mais imbecil por ter gaguejado como uma adolescente. Olhou para o que estava vestindo: um conjunto de moletom um pouco sujo e ao mesmo tempo tocou seu cabelo. É, exatamente o que ela temia. Seu cabelo estava preso, mas com fios soltos por todos os lados. A situação bem que poderia ser chamada de desastrosa.

“Oi, Erica, você ainda está aí?”, Patrik parecia confuso.

“Ah, sim, ainda estou aqui. Parecia que tinha caído a linha do seu celular.”

Erica deu repetidos tapas na testa por cerca de dez segundos. Meu Deus, parecia que era uma novata no assunto.

“Alô, Erica, você está me ouvindo? Alô?”

“Sim, é claro que estou. Pode vir para cá. Só me dê uns quinze minutos, porque estou ocupada... humm, escrevendo um trecho

muito importante do meu livro que eu gostaria de terminar antes.”

“Claro, não tem problema. Você tem certeza de que não estou te atrapalhando? De qualquer forma, vamos nos ver amanhã à noite, por isso...”

“Não, é claro que não. Tenho certeza. Só me dê quinze minutos.”

“Está bem. Até lá.”

Erica lentamente colocou o fone no gancho e respirou fundo, cheia de ansiedade. Seu coração batia tão forte que até conseguia ouvi-lo. Patrik estava a caminho de sua casa. Patrik estava a... de repente levou um susto como se alguém lhe tivesse jogado um balde de água fria e, de um pulo, se levantou da cadeira. Ele ia chegar dali a quinze minutos e parecia que ela não tinha lavado nem penteado o cabelo fazia uma semana. Subiu as escadas, dois degraus de cada vez, ao mesmo tempo em que tirava a blusa de moletom. Já no quarto, tirou a calça com rapidez, mas quase tropeçou e caiu de cara no chão.

No banheiro, lavou as axilas enquanto fazia uma prece de gratidão por tê-las depilado quando tomou banho naquela manhã. Passou perfume nos pulsos, entre os seios e no pescoço, sentindo com os dedos sua forte pulsação. Ela abriu de maneira brusca o guarda-roupa e jogou a maior parte do seu conteúdo sobre a cama, até se decidir por usar uma blusa preta simples da Filippa K e uma saia, também preta, que chegava ao tornozelo. Olhou para o relógio. Faltavam dez minutos. Banheiro de novo. Pó compacto, rímel, *gloss* para os lábios e sombra de cor clara para os olhos. Não precisava de *blush*, pois seu rosto já estava vermelho o suficiente. O que pretendia era um aspecto limpo de um rosto sem maquiagem, mas a cada ano que passava parecia que era preciso cada vez mais.

A campainha tocou. Ela se olhou no espelho pela última vez e, ao perceber que seu cabelo ainda estava preso por um elástico

fosforescente, entrou em pânico. Arrancou o elástico e, com uma escova e um pouco de gel, fez o seu cabelo ficar de um modo apresentável. Outro toque da campainha, desta vez mais insistente, e ela correu, descendo as escadas, mas parou no meio do caminho para tomar fôlego e se recompor por um segundo. Então abriu a porta com o semblante mais calmo que conseguiu.

Seu dedo tremia um pouco enquanto tocava a campainha. Várias vezes ele esteve a ponto de dar meia-volta e ligar para ela com alguma desculpa, mas era como se o carro o tivesse conduzido sozinho para Sälvik. É claro que ele se lembrava de onde ela morava e automaticamente pegou a curva acentuada para a direita do morro que havia antes do campo, a caminho de sua casa. Apesar de ser cedo, já estava totalmente escuro como a noite, mas as luzes dos postes eram fortes o suficiente para que ele conseguisse enxergar o mar. De súbito, entendeu como Erica se sentia pela casa de seus pais. E também entendeu a dor que sentiria ao pensar que ia perdê-la. Ele também percebeu a impossibilidade de seus sentimentos para com ela. Ela e Anna venderiam a casa, e então não haveria mais nada para segurar Erica em Fjällbacka. Ela voltaria para Estocolmo, e um tira provinciano de Tanumshede não deixaria uma forte impressão se comparado com os bonitões do bar de Stureplan. Ele subiu as escadas para a casa dela com passos desanimados e tocou a campainha.

Ninguém atendia à porta, por isso ele voltou a tocá-la. Já estava sentindo que aquilo não tinha sido uma boa ideia, ao contrário de como imaginara que seria no caminho da casa da senhora Petrén. Simplesmente não pôde resistir ao impulso de ligar para Erica, ela morava tão perto dali. Mesmo assim, estava começando a se arrepender de tudo tão logo ela atendeu o telefone. Ela parecia tão ocupada, até mesmo irritada quando ele

ligou. Bem, era tarde demais para se preocupar com isso agora. O som da campainha soou pela segunda vez casa adentro.

Ele podia ouvir alguém descendo as escadas. Os passos se detiveram por um instante antes de continuar o resto do caminho até chegar à porta. A porta se abriu e lá estava ela com um enorme sorriso no rosto. Patrik quase perdeu o fôlego ao vê-la. Simplesmente não entendia como sempre conseguia parecer tão natural. No seu rosto, nenhum sinal de maquiagem, com a beleza própria que ele achara o mais atraente numa mulher. Karin nunca tinha nem mesmo sonhado em mostrar o rosto sem qualquer maquiagem, mas, a seus olhos, Erica parecia tão maravilhosa que não conseguia imaginar nada que pudesse possivelmente melhorar sua aparência.

A casa parecia a mesma de sempre, do jeito que se lembrava de quando vinha, na infância. Ali, os móveis e a construção tinham envelhecido juntos, com dignidade. Madeira e a cor branca predominavam, tecidos claros em branco e azul harmonizavam com a pátina envelhecida dos móveis. Ela acendera velas para disfarçar a escuridão do inverno. O lugar inspirava calma e tranquilidade. Patrik seguiu Erica para a cozinha.

“Gostaria de um pouco de café?”

“Sim, por favor. Ah, trouxe isso para você”, Patrik lhe deu a sacola de doces. “Embora queira levar alguns para a delegacia, tenho certeza de que há o suficiente para todo mundo, e ainda sobra.”

Erica deu uma espiada dentro da sacola e sorriu: “Posso ver que você visitou a senhora Petrén”.

“É, e me enchi tanto que mal posso andar.”

“É uma velhinha encantadora, não acha?”

“Incrível. Se tivesse uns noventa e dois anos de idade, eu me casaria com ela.”

Eles sorriram.

“Então, como você está?”

“Bem, obrigada.”

Um momento de silêncio fez ambos ficar inquietos. Erica verteu café em duas xícaras e então pôs o resto numa garrafa térmica.

“Vamos sentar na sacada.”

Eles bebericaram um pouco do café, e o silêncio não mais parecia incômodo, mas agradável. Erica se sentou no sofá de vime, diante dele. Ele pigarreou.

“Como o livro está indo?”

“Bem, obrigada. E você? Como vai a investigação?”

Patrik pensou um pouco e decidiu lhe dizer mais do que devia, na verdade. Erica, de qualquer forma, já estava envolvida, e ele não podia ver que mal isso faria.

“Parece que já resolvemos o caso. Na verdade, temos um suspeito em custódia. Ele está sendo interrogado neste momento, e as provas são as mais claras possíveis.”

Erica se inclinou para a frente com um olhar inquisitivo. “Quem é?”

Patrik hesitou por um instante. “Anders Nilsson.”

“Ah, então foi mesmo Anders. É estranho, mas sinto que algo não está certo.”

Patrik estava disposto a concordar com ela. Simplesmente havia muitos fios soltos que não foram amarrados com a prisão de Anders. Mas a evidência física e o depoimento das testemunhas, de que ele estava na casa justo antes de a vítima ser assassinada, como também em várias ocasiões depois de sê-lo, não deixaram muitas dúvidas, no entanto...

“Bem, suponho que esteja terminado, então. É estranho, achei que fosse me sentir mais aliviada. E quanto à matéria que achei?”

Aquela sobre o sumiço de Nils. Como isso se encaixa na história, se Anders é o assassino?”

Patrik deu de ombros e ergueu as mãos, com resignação.

“Simplesmente não sei, Erica. Não sei. Talvez não tenha nada a ver com o assassinato. Pura coincidência. De qualquer forma, não adianta mais especular sobre isso. Alex levou seus segredos para o túmulo.”

“E o bebê que ela estava esperando? Era do Anders?”

“Pode ser... Do Anders, do Henrik. Sei tanto quanto você. Eu realmente gostaria de saber o que os fez ficar juntos. Que casal estranho! Certamente não é tão estranho as pessoas terem amantes, mas Alexandra Wijkner e Anders Nilsson? Parece-me inacreditável que ele consiga levar alguém para a cama, e Alexandra Wijkner era... linda pra caramba, é a única coisa que me ocorre dizer para descrevê-la.”

Por um instante, Patrik achou que vira as sobrancelhas de Erica se unirem num franzido, mas alguns segundos depois já não tinha mais nada, e ela agia educada e simpaticamente, como sempre. Pelo menos ele julgou que sim. Ela estava prestes a dizer algo quando ouviram a canção tema de um comercial de sorvetes vindo do corredor. Tanto Patrik como Erica levaram um susto.

“É o meu celular”, Patrik disse, “com licença.”

Ele correu para o corredor e, após remexer no bolso de sua jaqueta, tirou seu celular.

“Patrik Hedström.”

“Humm... tudo bem... entendo... bem, neste caso, voltamos à estaca zero novamente. Sim, eu sei. Ah, ele disse isso? Ok, delegado, até mais tarde”, ele desligou o celular com um clique determinado e voltou para onde estava Erica.

“Vista um casaco e vamos dar uma volta.”

“Aonde?”, Erica lhe lançou um olhar inquisitivo, com a xícara de café a meio caminho de sua boca.

“Há novas informações sobre o envolvimento de Anders. Parece que teremos que riscá-lo da lista de suspeitos.”

“É mesmo? Mas aonde estamos indo?”

“Nós dois estávamos sentindo que havia algo errado nisso tudo. Você achou a matéria sobre o sumiço de Nils na casa de Alex, e deve haver mais coisas que podemos achar lá.”

“Mas a polícia já não revistou a casa toda?”

“Claro, mas não posso dizer que estávamos procurando as coisas certas. Só quero testar uma ideia que tive. Venha.”

Patrik já estava saindo pela porta, e Erica teve que colocar seu casaco às pressas e correr atrás dele.

A casa parecia pequena e dilapidada. Estava além de seu entendimento o fato de que alguém pudesse viver daquele jeito. Que alguém conseguisse suportar uma existência tão triste e cinzenta, tão... miserável. Mas o mundo era assim. Alguns eram ricos, e outros pobres. Nelly agradeceu aos céus por pertencer à primeira categoria, e não à segunda. Ela não serviria para ser pobre. Uma mulher como ela fora feita para vestir casacos de pele e usar diamantes.

A mulher que abriu a porta provavelmente nunca devia ter visto um diamante de verdade. Tudo nela era marrom ou cinza. Nelly viu com desdém o cardigã desgastado e as mãos ressecadas que o fechavam sobre seu peito. Vera não disse nada, apenas ficou parada na porta.

Após olhar ao seu redor nervosamente, Nelly finalmente teve que dizer: “Ora, você vai me convidar para entrar ou ficaremos aqui o dia todo? Tenho certeza de que nem você nem eu queremos que alguém me veja aqui, estou certa?”

Mesmo assim, Vera não disse nada, só se afastou para que Nelly pudesse entrar.

“Temos que conversar, você e eu, não temos?”

Nelly elegantemente tirou as luvas que sempre usava quando saía e olhou à sua volta, com desgosto, o vestíbulo, a sala de estar, a cozinha e o banheiro pequeno. Vera andava atrás dela, com os olhos baixos. Os cômodos eram escuros e tristes. O papel de parede tinha visto dias melhores, que já estavam bem distantes. Ninguém tinha se preocupado em retirar o linóleo do chão para mostrar a madeira dura que tinha embaixo, como a maioria das pessoas fazia nas casas antigas atualmente. Mas tudo estava brilhando de limpo, e organizado. Não havia nenhum canto sujo, somente um desespero deprimente que permeava a casa do chão ao teto. Nelly se sentou lentamente na beirada de uma cadeira antiga da sala de estar. Ela gesticulou para que Vera se sentasse no sofá, como se fosse ela quem morasse lá. Vera obedeceu, também sentando-se bem na beirada. Ela não emitia nenhum som, mas suas mãos estavam inquietas no colo.

“É importante que guardemos isso conosco. Você entende, não?”, Nelly falava com voz exigente. Vera assentiu com a cabeça enquanto mantinha os olhos baixos.

“Bem, não posso dizer que me arrependo do que aconteceu com Alex. Ela teve o que merecia, e acho que você vai concordar comigo a esse respeito. Aquela vagabunda ia acabar mal, mais cedo ou mais tarde. Eu sempre soube disso.”

Vera reagiu àquelas palavras lançando-lhe um olhar rápido, mas ainda sem dizer uma palavra sequer. Nelly sentia um grande desdém por aquela criatura simples e triste, que não parecia ter um pingo de vontade própria. A típica classe trabalhadora, com seus olhos baixos. Não que ela achasse que deveria ser diferente, mas mesmo assim não podia deixar de sentir desprezo por essas pessoas sem classe, sem estilo. O que a irritava mais era o fato de ela ser

dependente de Vera Nilsson. Mas não importava quanto isso custaria, ela precisava se assegurar de que Vera manteria o silêncio. Funcionou antes, e agora teria que funcionar de novo.

“É triste como as coisas acabaram desse jeito, mas agora é mais importante ainda que não nos precipitemos. Tudo deve continuar como antes. Não podemos mudar o passado, e não há razão alguma para trazer à baila um monte de besteiras.”

Nelly abriu a bolsa, pegou um envelope branco e o colocou sobre a mesa de centro.

“Aí tem algo para esticar um pouco seu orçamento. Vamos, pegue-o.” Nelly empurrou o envelope para ela. Vera nem o pegou, somente o fitava.

“Sinto pelo fato de as coisas terem terminado assim para Anders. Pode até mesmo ter sido a melhor coisa que aconteceu para ele. Quero dizer que na prisão não será nada fácil ingerir álcool.”

Nelly percebeu na hora que tinha ido longe demais. Vera se levantou lentamente do sofá e com um dedo trêmulo apontou em direção à porta:

“Saia daqui!”

“Ora, ora, minha querida Vera, você não deve tomar...”

“Saia da minha casa! Anders não vai para a prisão, e você pode pegar seu dinheiro sujo e ir para o inferno, sua maldita vagabunda! Eu sei exatamente de onde alguém como você vem, e não importa quanto perfume tente colocar nisso, o fedor da merda fica!”

Nelly retrocedeu horrorizada, ao ver ódio puro nos olhos de Vera. Sua mão estava cerrada e ela estava totalmente ereta, olhando fundo nos olhos de Nelly. Todo seu corpo parecia estar tremendo com anos de raiva contida. Não havia nenhum rastro da subserviência que demonstrava antes, e Nelly começou a se sentir

muito desconfortável com aquela situação. Que maneira de reagir! Tudo que tinha feito era falar a verdade. As pessoas deveriam aguentar mais as verdades. Ela se apressou para a porta.

“Saia daqui e nunca mais apareça de novo!”

Vera praticamente a enxotou da casa, e pouco antes de bater a porta jogou o envelope para fora. Com dificuldade, Nelly teve de se abaixar para recolhê-lo. Cinquenta mil não era uma quantia para se deixar jogada no chão, não importava a humilhação dos vizinhos afastando as cortinas para ver o que se passava. Eles observavam enquanto ela praticamente se rastejava pelas pedras. Que ingrata! Vera provavelmente mostraria um pouco mais de humildade se seu dinheiro tivesse acabado e ninguém a contratasse mais como faxineira. Seu emprego na casa da família Lorentz tinha definitivamente acabado, e provavelmente não daria muito trabalho fazer com que os outros serviços acabassem também. Nelly faria Vera se arrastar aos seus pés, no escritório de benefícios sociais, como já tinha feito antes. Ninguém insultava Nelly Lorentz e ficava impune.

Parecia andar na água. Seus membros estavam pesados e rígidos após passar uma noite no colchão da prisão, e sentia sua cabeça como se estivesse cheia de algodão pela falta de álcool. Anders olhou em volta do apartamento. O chão estava cheio de sujeira das botas dos policiais. Mas ele não dava a mínima. Um pouco de sujeira aqui e acolá nunca o incomodou.

Tirou um pacote com seis latas de cerveja da geladeira e as bebeu no colchão da sala de estar. Apoiado no cotovelo esquerdo, abriu a lata com a mão direita e deu goles longos e profundos até esvaziá-la. Então a arremessou formando um largo arco na sala de estar. A lata pousou com um estrépito num canto distante. Com mais aguda necessidade de se hidratar temporariamente saciada, deitou-se no colchão com as mãos atrás da cabeça. Seus olhos

focalizaram no teto à medida que devaneava em lembranças de um passado distante. Era somente no passado que ele conseguia arranjar um descanso para sua alma. Entre esses breves momentos, quando se permitia lembrar de dias melhores, a dor rasgava seu coração com uma intensidade incessante, e ficava assustado que acontecimentos do passado pudessem dar a sensação de estar tão longe e tão perto ao mesmo tempo.

Na sua mente, o sol sempre estava brilhando. O asfalto estava quente debaixo dos seus pés, e seus lábios ainda salgados de ter nadado no mar. Estranhamente, não se lembrava de nada mais que não fosse o verão. Nenhum inverno. Nenhum dia encoberto. Somente a luz do sol em um céu azul e claro e uma leve brisa que cortava o espelho reluzente do mar.

Alex com seus vestidos leves de verão que grudavam em suas pernas. O cabelo que se recusava a cortar, e por isso estendia-se, todo loiro e comprido, até o fim de suas costas. Às vezes, podia até relembrar sua fragrância tão forte, que a sentia dentro das narinas, coçando e despertando uma saudade. Morangos, água salgada, xampu com perfume de ervas, às vezes misturados com cheiro de suor, que não era nem um pouco desagradável, enquanto apostavam corrida de bicicleta ou escalavam os morros rochosos até que suas articulações quase deixassem de responder. Então eles podiam se deitar de costas no topo do monte Vedde, com os pés apontando para o mar e as mãos entrelaçadas sobre o peito; Alex entre suas pernas, com o cabelo espalhado e os olhos fixos no céu. Em ocasiões raras e preciosas, ele pegava suas mãos na dele e por um instante parecia que era uma em vez de três.

Eles tomavam cuidado para que ninguém os visse juntos, o que quebraria a magia. O encanto se quebraria e eles não poderiam escapar da realidade, algo que tinha que ser evitado a qualquer custo. Era feia e cinzenta, e não tinha nada a ver com o mundo ensolarado de fantasias que eles podiam construir quando estavam

juntos. A realidade era algo de que eles nunca falavam. Em vez disso, seus dias eram repletos de brincadeiras e conversas frívolas. Nada podia ser levado a sério. Eles podiam fingir que eram invulneráveis, inconquistáveis, inalcançáveis. Cada um deles, sozinho, não era nada. Juntos, eram como os Três Mosqueteiros.

Os adultos eram somente criaturas periféricas, meros figurantes que se movimentavam no seu mundo sem afetá-los. Suas bocas se moviam, mas nenhum som se ouvia. Faziam gestos e expressões que supostamente tinham sentido, mas pareciam forçados e insignificantes, fora de um contexto.

Anders sorriu de leve ao pensar nas memórias, mas lentamente se viu forçado a sair de seu estado catatônico. A natureza o chamava, e ele estava de volta à sua própria angústia. Levantou-se para cuidar do problema.

A privada ficava abaixo de um espelho coberto de poeira e sujeira. Quando esvaziou a bexiga, viu sua imagem refletida, e pela primeira vez se viu da mesma maneira que os outros o viam. Seu cabelo estava enebado e opaco. Seu rosto, pálido, com uma coloração cinzenta doentia na pele. Anos de desleixo deixaram alguns buracos nos dentes da frente, o que na verdade o fazia aparentar dez anos mais velho.

A decisão foi tomada sem que ele soubesse. Conforme manuseava desajeitadamente o zíper de sua calça para fechá-la, entendeu qual seria o próximo passo. Seu olhar parecia determinado quando entrou na cozinha. Após procurar nas gavetas, achou uma faca grande que limpou na perna de sua calça. Então, foi para a sala de estar e começou a tirar metodicamente as pinturas da parede. Uma a uma, ele ia colocando no chão as obras que representavam anos de trabalho. As que ele tinha guardado e pendurado eram aquelas com as quais ficara mais satisfeito. Ele jogara muitas outras fora, porque simplesmente não estavam à altura do seu gosto. Agora a faca rasgava uma pintura atrás da

outra. Ele fazia isso lentamente e com mão firme, fatiando as pinturas em tiras finas até que fosse impossível ver o que anteriormente representavam. Surpreendentemente dava um grande trabalho cortar as telas e, quando terminou, gotas de suor tomavam sua testa. O quarto parecia um campo de batalha de cores.

Tiras de tela cobriam o chão da sala de estar, e as molduras abriam suas bocas vazias como gengivas desdentadas. Ele olhou ao seu redor com satisfação.

“Como você sabe que não foi Anders que matou Alex?”, Erica perguntou.

“Uma garota que mora no mesmo prédio que Anders o viu voltando para casa justo antes das sete horas, e Alex falou com sua mãe às sete e quinze. Teria sido impossível para ele voltar em tão pouco tempo. O que significa que o testemunho de Dagmar Petrén somente pode ligá-lo à casa enquanto Alex ainda estava viva.”

“Mas e quanto às pegadas e às impressões digitais que você encontrou no banheiro?”

“Elas não provam que ele a matou; somente que esteve na casa após ela ter morrido. De qualquer forma, não faz mais sentido mantê-lo sob custódia. Sem dúvida, Mellberg voltará a prendê-lo, pois ainda está convencido de que Anders é o assassino, mas por enquanto tem que soltá-lo, caso contrário o advogado pode fazer picadinhos dele. Eu sempre senti que algo não estava certo, esta é a confirmação. Anders ainda é suspeito, e ainda temos perguntas o suficiente para continuarmos investigando.

“E é por isso que estamos a caminho da casa de Alex? O que você espera encontrar lá?”

“Realmente não sei. Só sinto que preciso entender melhor como as coisas aconteceram.”

“Birgit disse que Alex não pôde falar com ela porque tinha uma visita. Se não era o Anders, então, quem era?”

“Bem, esta é a questão, não é?”

Patrik estava dirigindo rápido demais para o gosto de Erica, que segurava firme na alça que fica acima da porta. Ele quase perdeu a entrada do clube de velas e virou à direita na última hora, o que significa que por um triz não levou uma cerca embora.

“Você está com medo de que a casa não esteja lá quando chegarmos?”, Erica perguntou, com um sorriso amarelo.

“Opa, desculpe! É que estou um pouco impaciente.”

Ele reduziu a velocidade consideravelmente, e no último trecho da estrada a caminho da casa de Alex, Erica ousou tirar a mão da alça. Ainda não entendera por que Patrik queria que o acompanhasse, mas ela concordara. Poderia render algumas informações para seu livro.

Patrik ficou parado em frente à porta com uma expressão encabulada.

“Esqueci que não estou com a chave. Receio que não vamos conseguir entrar. Mellberg não ia gostar nada se um de seus tiras fosse pego em flagrante ao subir por uma janela.”

Erica deu um suspiro profundo e se curvou para apalpar debaixo do capacho. Com um sorriso zombeteiro, segurou a chave mostrando-a para Patrik, e em seguida abriu a porta, deixando-o entrar primeiro.

Alguém tinha acionado a fornalha novamente; agora a temperatura lá dentro estava consideravelmente mais quente do que lá fora, e os dois tiraram seus casacos e os penduraram no cabide ao lado das escadas que conduziam para o andar de cima.

“O que fazemos agora?”, Erica cruzou os braços e lançou um olhar de dúvida a Patrik.

“Em algum momento após às sete e quinze, quando estava falando com a mãe ao telefone, Alex ingeriu uma grande quantidade de calmante. Não havia sinais de que alguém tivesse entrado à força, então existia uma probabilidade de que estivesse com uma visita que ela conhecia. Alguém que tivera a oportunidade de lhe dar os calmantes. Como essa pessoa conseguiu fazer isso? Eles devem ter comido e bebido juntos.”

Patrik falava ao mesmo tempo em que andava de um lado para o outro na sala de estar. Erica estava sentada no sofá e ouvia com interesse.

“Na verdade”, ele parou de andar e levantou o dedo indicador no ar, “o médico forense pôde nos dizer o que ela comeu por último, com base no que encontraram no estômago. O que Alexandra comeu na noite do assassinato? De acordo com o legista, no seu estômago havia peixe gratinado e cidra. Na lata do lixo foi encontrada uma lata vazia de peixe gratinado *Findus* e havia uma garrafa de cidra vazia em cima da pia, então isso parece se encaixar. O que acho estranho é que na geladeira havia dois filés enormes de carne e uma travessa de batatas ao forno. Mas o forno não estava ligado, e as batatas ainda estavam cruas. Na pia também havia uma garrafa de vinho branco, que estava aberta, e faltavam quinze decilitros. Isso corresponde, mais ou menos, a um cálice.

Patrik mediu a quantidade entre o seu dedo indicador e o polegar.

“Mas não havia vinho branco no estômago de Alex?”, Erica estava curvada para a frente, mostrando interesse, com seus cotovelos apoiados sobre os joelhos.

“Precisamente, não. Já que ela estava grávida, deve ter bebido cidra em vez de vinho, mas a questão é: ‘quem bebeu o vinho?’”

“Havia algum prato sujo?”

“Sim, havia um prato, um garfo e uma faca com resíduos de peixe gratinado neles. Também havia dois copos dentro da pia. Um deles estava repleto de impressões digitais de Alex. Mas não havia nenhuma no outro copo.”

Ele parou de andar e se sentou numa cadeira de frente para Erica, esticando suas pernas compridas e cruzando os braços sobre sua barriga.

“O que deve significar que alguém limpou as impressões digitais do copo”, Erica disse.

Ela estava se sentindo superinteligente, sentada lá e fazendo deduções, mas Patrik foi educado o suficiente para parecer que não tinha pensado naquilo antes.

“Sim, é o que parece. Já que o interior dos copos tinha sido enxaguado, não encontramos resíduos de calmante em nenhum deles, mas minha hipótese é de que ela tenha bebido com sua cidra.”

“Mas por que ela comeria peixe gratinado sozinha se tinha um jantar maravilhoso de filés de carne para dois na geladeira?”

“Sim, isso mesmo, esta é a questão. Por que uma mulher abandonaria um banquete por uma comida esquentada no micro-ondas?”

“Porque ela planejou um jantar romântico para dois, mas seu companheiro nunca apareceu.”

“É o que eu acho também. Ela esperou e esperou, e por fim desistiu e jogou algo que estava dentro do congelador no micro-ondas para esquentar. Eu entendo perfeitamente. Não tem muita graça comer um filé sozinho.”

“Na verdade, Anders veio fazer uma visita, então não deve ter sido ele quem ela estava esperando. E quanto ao pai do bebê?”, Patrik continuou.

“Sim, isso parece ser o mais plausível. Que trágico. Aqui ela preparou o jantar mais gostoso do mundo e colocou o vinho na geladeira para resfriar, talvez para comemorar o fato de estar grávida, sei lá, e aí ele não aparece. Então ela fica sentada aqui, esperando e esperando. A pergunta é, ‘quem veio no seu lugar?’”

“Não podemos descartar a pessoa que ela estava esperando”, Patrik lembrou. “Ele ainda pode ter aparecido mais tarde do que o esperado.”

“Sim, tem razão. Ah, isso é tão frustrante! Ah, se as paredes falassem!”, Erica olhou em volta da sala.

Era uma sala muito bonita. Tinha um aspecto novo e atraente. O ar tinha até um cheiro de pintura. A tinta da parede era de uma das cores prediletas de Erica, um azul-claro misturado com cinza, num contraste chamativo com o branco da moldura das janelas e dos móveis. Uma sensação de tranquilidade enchia a sala, fazendo-a sentir vontade de encostar a cabeça para trás no sofá e fechar os olhos. Ela tinha visto aquele sofá na House, em Estocolmo, mas, com o que ganhava só podia sonhar com ele. Era grande e fofo, e meio que se esparramava pelas bordas. Móveis novos estavam misturados com antiguidades numa mescla de bom gosto. Certamente Alex encontrara objetos antigos nos seus trabalhos de restauração na casa de Gotemburgo. A maior parte deles era de estilo gustaviano de 1770-1780, que Erica pôde reconhecer graças à IKEA. Faz tempo que ela queria comprar alguns móveis dessa série de reproduções atuais. Com inveja, deu um suspiro profundo e então se lembrou da razão de estar ali, o que rapidamente espantou qualquer sentimento de inveja.

“Então o que você está dizendo é que alguém que ela conhecia, seu amante ou outra pessoa, veio aqui e eles tomaram um copo juntos e que esse alguém colocou sedativo na cidra de Alex?”, Erica perguntou.

“Sim, esta é a hipótese mais verossímil.”

“E depois? O que você acha que aconteceu depois disso? Como ela foi parar na banheira?”

Erica afundou-se ainda mais no sofá, e até colocou os pés na mesa de centro. Ela tinha que guardar muito dinheiro mesmo para comprar um daquele! Por um instante pensou que, se vendesse a casa dos seus pais, teria dinheiro suficiente para comprar qualquer móvel que quisesse, mas afastou aquele pensamento de imediato.

“Eu acho que o assassino esperou até que Alex adormecesse para tirar sua roupa e arrastá-la para a banheira.”

“Por que você acha que o assassino a arrastou, e não a carregou até a banheira?”

“O relatório de autópsia demonstrou que ela tinha marcas de arranhões nos seus calcanhares e hematomas nos braços.”

Patrik sentou-se completamente ereto na cadeira e lançou um olhar esperançoso para Erica. “Será que eu poderia experimentar algo?”

“Depende do que seja”, Erica respondeu receosa.

“Estava pensando que você podia fingir que é a vítima.”

“Ah, muito obrigada. Você acha mesmo que meus talentos teatrais vão dar conta disso?”, ela riu, mas se levantou de bom grado.

“Não, não, sente-se de novo. A cena provável é que eles estavam sentados aqui e que Alex adormeceu no sofá. Por isso, quero que você desmaie e caia sem vida sobre o sofá.”

Erica murmurou, mas fez o melhor para parecer uma pessoa inconsciente. Quando Patrik começou a rir dela, ela abriu um olho e disse: “Espero que você não esteja pensando em tirar minha roupa também.”

“Ah, não, claro que não, eu não faria isso, eu não pretendia, digo...”, ele gaguejou e enrubesceu.

“Ótimo, eu só estava brincando. Vamos, me mate.”

Ela o sentiu arrastando-a pelo chão após afastar a mesa de centro um pouquinho. Ele começou a arrastá-la pelos pulsos, mas quando viu que isso não ia dar muito certo, pegou-a por baixo das axilas e a arrastou para o banheiro. De súbito, se sentiu extremamente consciente do seu peso. Patrik devia estar pensando que ela pesava uma tonelada, e tentou enganar um pouco empurrando algo com os pés, mas recebeu uma bronca de Patrik. Ah, por que ela não tinha seguido a dieta dos Vigilantes do Peso com um pouco mais de rigidez nas últimas semanas? Para ser sincera, nem mesmo tinha tentado; em vez disso, dedicou-se completamente a comer compulsivamente. Para piorar a situação, sua blusa subiu um pouco enquanto Patrik a arrastava, e um pneuzinho horrível estava ameaçando aparecer em sua cintura. Ela tentou empurrar a barriga para dentro ao respirar fundo, mas foi obrigada a soltar após alguns segundos. O chão de azulejos do banheiro estava frio nas suas costas, e ela tremeu involuntariamente, mas não somente por causa do frio. Quando Patrik chegou à banheira, ele a soltou devagar.

“Bem, isso foi difícil, mas não impossível. Um pouquinho pesada, mas nada impossível. E Alex pesava menos que você.”

Muito obrigada por dizer isso, Erica pensou, estirada no chão, discretamente tentando cobrir sua barriga.

“Agora, tudo que o assassino tinha de fazer era colocá-la dentro da banheira.”

Ele fez um movimento para levantar os pés de Erica, mas ela se levantou rapidamente e começou a sacudir a roupa.

“Não, Patrik, eu me recuso a continuar com isso. Já tenho bastantes hematomas por hoje. E não vou entrar nessa banheira onde Alex foi encontrada, de jeito nenhum!”

Ele aceitou seus protestos com relutância, e então os dois saíram do banheiro e foram para a sala de estar.

“Após o assassino ter colocado Alex na banheira, era somente uma questão de abrir a torneira e cortar seus pulsos com uma lâmina apanhada numa bolsa no armário de remédios. Depois só lhe restava limpar os vestígios: enxaguar os copos e limpar as impressões digitais de um deles. Enquanto isso, Alex estava sangrando lentamente na banheira. Um sangue frio, terrivelmente frio.”

“E a fornalha? Já estava desligada quando ela chegou a Fjällbacka?”

“Sim, parece que sim. E tivemos sorte. Teria sido muito mais difícil coletar evidências do corpo se ele estivesse à temperatura ambiente por uma semana inteira. Por exemplo, seria provavelmente impossível distinguir as impressões de Anders.”

Erica se arrepiou. A ideia de tirar as digitais de um cadáver era macabra demais para seu gosto.

Juntos, eles revistaram o resto da casa. Erica se encarregou do quarto de Alex e Henrik, fazendo-o de forma exaustiva, já que sua visita anterior tinha sido bruscamente interrompida. Mas não encontrou mais nada. No entanto, a sensação de que faltava algo estava presente, e a irritava o fato de não saber o quê. Ela decidiu dizer a Patrik; ele estava se sentindo tão frustrado quanto ela. Para sua satisfação, viu que ele parecia um tanto incomodado quando lhe falou a respeito do intruso e de como tinha sido obrigada a se esconder dentro do guarda-roupa.

Patrik lançou um suspiro e se sentou na enorme cama de dossel, tentando ajudá-la a se lembrar do que faltava.

“Era algo pequeno ou grande?”

“Eu não sei, Patrik, provavelmente pequeno, senão teria me lembrado, você não acha? Se a cama de dossel tivesse desaparecido, eu teria percebido”, ela sorriu e foi se sentar ao lado dele.

“Mas onde isso estava no quarto? Do lado da porta? Perto da cama? Na cômoda?”

Patrik estava mexendo em uma pequena tira de couro que encontrara na cômoda de Alex. Parecia ser a insígnia de um clube, com uma inscrição gravada com uma caligrafia infantil: “T.T.M. 1976”. Quando a virou, ele viu algumas manchas do que parecia ser sangue ressecado. E se perguntou de onde poderia ter vindo.

“Eu não sei o que era, Patrik. Se soubesse, não estaria sentada aqui arrancando meus cabelos.”

Erica deu uma olhada furtiva para o perfil de Patrik. Ele tinha cílios escuros que eram maravilhosamente compridos. A barba era perfeita. Na medida exata, a ponto de senti-la como uma lixa fina na pele, que não arranhava de maneira desconfortável. Ela ficou curiosa para saber qual seria a sensação de senti-la em sua pele.

“Que foi? Tem algo no meu rosto?”

Patrik limpou a boca, preocupado. Erica mudou a direção do olhar rapidamente, envergonhada por ele ter percebido que ela olhava com insistência.

“Não é nada. Apenas um pedacinho de chocolate. Mas já saiu.” Houve alguns instantes de silêncio.

“Bem, o que você me diz? Aqui não vamos conseguir nada, você não acha?”, Erica perguntou por fim.

“Não, provavelmente não. Mas, preste atenção, me ligue quando se lembrar do que sumiu. Se é importante o suficiente para que alguém venha aqui e encontre, é importante o suficiente para a investigação.”

Eles trancaram a porta calmamente, e Erica colocou a chave de volta debaixo do capacho.

“Gostaria de uma carona para casa?”

“Não, obrigada, Patrik. Prefiro ir caminhando.”

“Então, até amanhã à noite”, Patrik mudava o peso de uma perna para a outra, sentindo-se um desajeitado adolescente de quinze anos.

“Está bem. Então, te vejo às oito horas. Venha com o estômago vazio!”, Erica disse.

“Vou tentar. Mas não vou prometer nada. Neste momento, tenho a sensação de que nunca mais vou ficar com fome”, Patrik deu risada enquanto dava uns tapinhas na sua barriga e apontava com a cabeça a casa de Dagmar Petrén do outro lado da rua.

Erica sorriu e acenou para ele, despedindo-se, enquanto ele partia no seu Volvo.

Ela já podia sentir uma grande ansiedade dentro de si, misturada com insegurança, preocupação e puro medo.

Começava a caminhar para casa, mas não o tinha feito por alguns metros ainda quando parou de repente. Uma ideia, vinda do nada, lhe ocorreu, e precisava ser experimentada antes de abandoná-la. Com passos determinados, ela voltou para a casa, pegou a chave debaixo do capacho e entrou na casa de novo, após bater a neve de seus sapatos.

O que deveria fazer uma mulher que estava esperando um homem para um jantar romântico que nunca chegava? Ligar para ele, oras bolas! Erica torceu para que Alex tivesse um telefone moderno, e não ido na onda dos telefones modelo Cobra dos anos 1950 ou outro modelo antigo. Ela teve sorte. Um Doro novo em folha estava pendurado na parede da cozinha. Com dedos trêmulos, ela apertou o botão de rediscagem do último número ligado e cruzou os dedos para que ninguém tivesse usado o telefone depois da morte de Alex.

O telefone tocou e tocou. Após sete toques, e quando ela já estava quase desligando, alguém atendeu, mas era a caixa postal do telefone. Escutou a mensagem, mas desligou antes do bip. Seu rosto ficou pálido, e lentamente pôs o aparelho no gancho. Quase

podia ouvir o barulho das peças do quebra-cabeça que se encaixavam. De repente se deu conta do que exatamente tinha sumido do dormitório do andar de cima.

Mellberg estava fervendo de raiva. Ele andava pela delegacia a passos largos, enfurecido. Se pudessem, os funcionários da delegacia de Tanumshede teriam se protegido embaixo de suas mesas. Mas os adultos não faziam isso, então tiveram de aguentar um dia inteiro de palavrões, repreensões e humilhações de todo tipo. E Annika foi a que levou a pior parte. Muito embora ela tivesse endurecido desde que Mellberg se tornara seu chefe, pela primeira vez, depois de muito tempo, sentiu vontade de chorar. Já eram quatro horas e ela não aguentava mais. Saiu do trabalho e parou na Konsum para comprar um grande pacote de sorvete.

Depois, foi para casa, ligou na TV Glamour e deixou que suas lágrimas caíssem no sorvete de chocolate. Era um daqueles dias.

Mellberg ficou louco por ter sido obrigado a soltar Anders Nilsson. Ele sentia até nos ossos do seu corpo que Anders era o assassino de Alex Wijkner, e se tivesse estado por mais tempo com ele, sozinho, teria conseguido arrancar a verdade. Em vez disso, vira-se forçado a libertar Anders por causa de uma maldita testemunha que o tinha visto ir para casa justo antes de *Mundos separados* começar na televisão. Isso dava a entender que ele estava em casa por volta das sete horas, e Alex tinha falado com Birgit às sete e quinze. Caramba.

Aí também tinha aquele policial jovem, Patrik Hedström, que vivia querendo meter em sua cabeça que tinha sido outra pessoa, não Anders Nilsson, que assassinara a mulher. Não. Se tinha algo que ele aprendera em todos esses anos na polícia era que tudo é exatamente o que parece ser. Nada de motivos ocultos, nada de tramas complicadas. Somente a ralé fazia a vida insegura para os

cidadãos honestos. Encontre a ralé e você encontrará o criminoso, este era seu lema.

Ele digitou o número de Patrik.

“Onde diabos você está?”, não eram necessárias palavras gentis ali. “Está sentado tirando fibras de algodão do umbigo, é? Aqui na delegacia nós estamos trabalhando. Fazendo trabalho extra. Eu não sei se isso é um fenômeno que você conhece. Se não, eu posso dar um jeito nisso para que não se preocupe mais. Pelo menos nesta delegacia.”

Melberg sentiu certa melhora na boca do estômago depois de ter pressionado um pouco aquele insignificante. Eles tinham que ser vigiados ou, do contrário, cresceriam e “se achariam”.

“Eu quero que você vá falar com uma testemunha que situa Anders Nilsson em casa às sete horas. Pressione-a, torça o braço dela um pouco e veja o que consegue descobrir... Sim, AGORA, droga!”

Ele bateu o aparelho, grato pelas circunstâncias da vida que o tinha posto numa posição que lhe permitia que os outros fizessem o trabalho sujo. De repente, a vida parecia bem mais alegre. Mellberg encostou-se na cadeira, abriu a gaveta de cima e pegou um pacote de bombons de chocolate. Com seus dedos curtos, parecidos com salsichas, tirou um bombom do pacote e o colocou na boca, todo satisfeito. Homens trabalhadores como ele precisavam de um combustível.

Patrik já tinha pegado o desvio para Tanumshede por Grebbestad quando Mellberg ligou. Então, virou na entrada para o campo de golfe de Fjällbacka para dar a volta. Deu um suspiro profundo. Já estava ficando tarde e ele tinha muito que fazer na delegacia. Não devia ter ficado por tanto tempo em Fjällbacka, mas a companhia de Erica exercia uma atração especial sobre ele. Dava-lhe a sensação de ter sido sugado para um campo magnético;

tinha que usar tanto a força física quanto a força de vontade para se ver livre. Outro suspiro profundo. Isso só podia terminar de um jeito. Mal. Não fazia tanto tempo que terminara com Karin, e agora lá estava indo a toda velocidade rumo a um novo sofrimento. “Isso é o que chamo de ser autodestrutivo!” O divórcio tinha levado mais de um ano para se concluir. Ele passara muitas noites em frente à TV olhando, sem prestar atenção, para programas de alta qualidade como *Walker, Texas Ranger* e *Missão impossível*. Até mesmo o *TV shopping* parecia uma melhor opção do que se deitar sozinho numa cama de casal, revirando-se, enquanto imagens de Karin na cama com outro homem desfilavam em sua mente como uma novela ruim. No entanto, a atração que sentia por Karin no começo não era nada se comparada ao que estava sentindo por Erica agora. A lógica sussurrava de forma maligna no seu ouvido: “a queda não será maior por isso?”.

Ele dirigia rápido demais, como de costume, nas últimas curvas estreitas, antes de entrar em Fjällbacka. Aquele caso já estava começando a dar nos nervos. Descontou sua raiva no carro, e estava sob perigo mortal real quando passou em alta velocidade na última curva antes do morro que dava para o lugar onde antes havia um silo. Ele tinha sido demolido e, em seu lugar, foram construídas casas com arquitetura antiga e coberturas para pesca. Os preços oscilavam em alguns milhões de *kronor* por casa; Patrik nunca deixava de se surpreender com a quantidade de dinheiro que as pessoas precisavam dispor para poder comprar casas de veraneio como aquelas. Um motociclista apareceu na curva, do nada, e Patrik, em pânico, teve que se desviar subitamente. Seu coração batia disparado e, afinal, reduziu a velocidade para um pouco menos da que era permitida. Aquela foi por pouco. Uma olhada no espelho retrovisor o assegurou de que o motociclista ainda estava sobre a moto e que tinha continuado sua jornada.

Ele seguiu em frente, passando pelo minicampo de golfe e subindo até o cruzamento ao lado do posto de gasolina. Lá, virou à esquerda, onde estava um condomínio. Pensou mais uma vez em como eram feios aqueles prédios. Construções em marrom e branco da década de 1970, como se fossem enormes blocos quadrados jogados perto da entrada sul de Fjällbacka. Imaginou o possível raciocínio do arquiteto que os desenhara. Será que tinha se empenhado para fazê-los o mais feio possível, a título de experimento? Ou simplesmente não estava dando a mínima? Aparentemente, eram o resultado de um frenesi para construir um milhão de moradias na década de 1970. “Casas para todos.” É uma pena que não tenham dito “Casas bonitas para todos”.

Patrick estacionou o carro e passou pelo primeiro portão. Número cinco. A escada para o apartamento de Anders, assim também da testemunha Jenny Rosén. Eles moravam no segundo andar. Patrick arfava muito quando chegou ao patamar, fazendo-o se tocar que estava fazendo muito pouco exercício e comendo doces demais ultimamente. Não que ele tivesse sido um exemplo perfeito para fazer esporte, mas nunca chegara a esse extremo.

Patrik parou por uns instantes em frente à porta de Anders e escutou. Não se ouvia nenhum som. Ou ele não estava em casa ou tinha desmaiado.

A casa de Jenny ficava à direita, bem em frente à de Anders. A jovem tinha trocado a habitual placa com seu nome, feita de madeira, por outra com os nomes Jenny e Max Rosén em caligrafia ornamentada com rosas decorativas entrelaçadas por toda a borda. Então ela era casada.

Ela ligara para a delegacia e dera seu testemunho naquela manhã, e ele torcia para que ainda estivesse em casa. No dia anterior, quando tinham batido na porta de todos os vizinhos do andar, ela não estava, mas eles deixaram um cartão, pedindo que ligasse para a delegacia. Por isso até aquele momento não tinham

obtido a informação a respeito da hora em que Anders teria voltado para casa na noite de sexta-feira em que Alex morreu.

A campainha soou pelo apartamento, imediatamente seguida pelo berro de uma criança. Ouviu-se o barulho de passos vindo do lado de dentro, e Patrik sentiu, sem ver, que alguém o estava olhando pelo olho mágico. Uma corrente de segurança foi solta e a porta se abriu.

“Pois não?”, uma mulher com uma criança de um ano estava diante dele. Ela era muito magra e tinha o cabelo tingido de loiro. Pela cor das raízes, seu cabelo natural devia ter sido algo entre castanho-escuro e preto, o que foi confirmado pelo fato de ela possuir olhos castanhos. Não estava usando maquiagem e aparentava cansaço. Usava uma calça de moletom velha, com a parte dos joelhos gasta, e uma camiseta com um grande logotipo da Adidas.

“Jenny Rosén?”

“Sim, sou eu. Do que se trata?”

“Meu nome é Patrik Hedström, sou da polícia. Você nos ligou hoje de manhã e eu gostaria de falar um pouco mais sobre as informações que nos passou.”

Patrik estava falando baixo para que sua voz não fosse ouvida no apartamento contíguo.

“Entre”, ela se pôs de lado para lhe dar espaço.

O apartamento era pequeno, uma quitinete, e definitivamente não havia nenhum homem morando ali. Nenhum mais velho que um ano, pelo menos. O lugar era uma explosão de rosa. Tudo era rosa: tapetes, toalhas de mesa, cortinas, lâmpadas, tudo. Ornamentos em forma de rosa tinham voltado a ser populares, e ali estavam nas lâmpadas e nos castiçais numa abundância que parecia supérflua. Nas paredes havia quadros que enfatizavam ainda mais o humor romântico da moradora. Rostos esfumados de

mulheres com revoadas de pássaros. Havia até mesmo o quadro de uma criança chorando sobre a cama.

Eles se sentaram num sofá branco de couro, e por sorte ela não lhe ofereceu café, já tomara o bastante por hoje. A mulher pôs a criança no colo, mas ela não parava quieta. Então a pôs no chão, onde cambaleava, com seu andar ainda instável.

Patrik ficou surpreso em ver como a mulher era jovem. Não devia ter mais de dezenove anos, talvez tivesse dezoito. Mas sabia que não era incomum para mulheres em cidadezinhas ter uma ou duas crianças antes de completarem vinte anos de idade. Porque ela chamava a criança de Max, Patrik concluiu que o pai não morava com eles. Isso tampouco era incomum. Relacionamentos de adolescentes geralmente não aguentavam a pressão de um bebê.

Ele tirou seu bloco de notas.

“Então foi numa sexta-feira da semana retrasada que você viu Anders Nilsson voltar para casa às sete horas? Como você tem tanta certeza da hora exata?”

“Eu nunca perco *Mundos separados* na televisão. Começa às sete, e justamente antes de começar ouvi uma agitação lá fora. Nada de anormal, devo acrescentar. Sempre tem muita animação na casa de Anders. Seus companheiros de bebida vão e vêm a qualquer hora, e às vezes a polícia também. Mas mesmo assim fui olhar pelo olho mágico, e foi então que o vi. Muitíssimo bêbado, estava tentando destrancar a porta, mas a fechadura devia lhe parecer a um metro de distância, pois ele não a encontrava. Então ele conseguiu abrir a porta e entrou, e foi aí que ouvi o tema musical do *Mundos separados* e corri de volta para a televisão.”

Ela mordida nervosa uma mecha do seu cabelo comprido. Patrik notou que suas unhas estavam roídas até onde era possível, e havia vestígios de esmalte rosa-choque nas partes que não estavam corroídas.

Max lentamente conseguiu contornar a mesa de centro e, triunfante, agarrou a perna da calça de Patrik.

“Cima, cima, cima”, repetia a criança. Patrik olhou para o menino sem saber o que fazer.

“Sim, claro, pegue-o. Parece que ele gostou de você.”

Desajeitado, Patrik pegou o menino no colo e lhe deu um chaveiro para que brincasse. O menino sorriu, radiante como o sol. Depois, sorriu para Patrik, mostrando dois dentes que pareciam dois grãos de arroz. Patrik lhe devolveu o sorriso, e, então sentiu um aperto no peito. Se as coisas tivessem sido diferentes, ele poderia estar com o próprio filho no colo naquele momento. Ele acariciou a cabeça felpuda de Max lentamente.

“Quantos anos ele tem?”

“Onze meses. E me dá trabalho, pode acreditar.”

Seu semblante se iluminou com afeto ao olhar para o garoto, e Patrik pôde perceber que ela era carinhosa por trás de sua aparência cansada. Ele nem podia imaginar quanto trabalho dava ser mãe solteira naquela idade. Em vez disso, Jenny deveria estar indo a festas e se divertindo com amigas. Mas passava as noites trocando fraldas e limpando a casa. Como que para ilustrar a tensão que havia dentro de si, ela pegou um cigarro do maço que estava em cima da mesa e o acendeu. Deu uma tragada profunda e prazerosa e estendeu o maço para Patrik. Ele balançou a cabeça. Ela tinha uma opinião já formada a respeito de fumar num ambiente com crianças, e isso era problema dela, e não dele. Pessoalmente, Patrik não entendia como alguém podia sentir prazer com algo que era tão ruim quanto o cigarro.

“Será que ele não voltou para casa e depois saiu de novo?”

“As paredes são tão finas neste prédio que se pode ouvir quando um alfinete cai no chão lá fora. Todos que moram aqui sabem exatamente quem chega e quem sai, e quando. Tenho plena certeza de que Anders não saiu de novo.”

Patrik percebeu que não iria muito mais além. Por curiosidade, perguntou: “Qual foi sua reação quando ouviu que Anders era suspeito?”.

“Pensei que era mentira.”

Ela deu outra tragada profunda e soltou círculos de fumaça. Patrik teve que se controlar para não falar sobre os perigos do fumo passivo. No seu colo, Max estava completamente absorto em chupar seu chaveiro. Ele o segurava entre seus dedos gordinhos e às vezes olhava para Patrik, como se quisesse agradecê-lo por lhe dar um brinquedo tão fantástico.

Jenny continuou: “Claro que Anders é um desastre, mas não mataria ninguém. Ele é um cara decente. Ele toca a campinha e me pede um cigarro de vez em quando, e quer esteja sóbrio ou bêbado, sempre é legal. Eu até mesmo o deixei cuidando do Max algumas vezes que tive de ir ao mercado. Mas só quando ele estava completamente sóbrio. Em nenhuma outra ocasião.”

Ela apagou o cigarro num cinzeiro lotado.

“Na verdade, não há nada de errado com os bêbados daqui. Eles só são uns pobres infelizes, acabando com a vida bebendo juntos. As únicas pessoas que estão machucando são eles mesmos.”

Ela balançou a cabeça para tirar um pouco de cabelo que tinha caído no seu rosto e esticou o braço para pegar o maço de novo. Seus dedos estavam amarelados da nicotina, e obviamente aquele cigarro estava tão bom quanto o primeiro. Patrik já começava a sentir a fumaça e achava que não conseguiria nada mais de útil de Jenny. Max protestou por ter sido entregue de volta para sua mãe.

“Obrigado pela ajuda. Provavelmente precisaremos voltar em outras ocasiões.”

“Bem, sempre estou por aqui. Nunca vou a parte alguma.”

O cigarro se consumia no cinzeiro e a fumaça espiralava em direção a Max, que fechava os olhos, irritado. Ele ainda estava

mordendo as chaves e deu um olhar para o policial, como que o desafiando para vir e tentar pegá-las. Patrik as puxou com cuidado, mas, surpreendentemente, os dentes de grãos de arroz eram bem fortes. Àquela altura o chaveiro já estava coberto de baba, e era difícil segurá-lo sem que deslizesse. Puxou um pouco mais forte e o menino respondeu com um resmungo de raiva. Jenny, que estava acostumada àquele tipo de situação, puxou com força, conseguindo tirar as chaves, entregando-as em seguida a Patrik. Max berrou a plenos pulmões para mostrar sua insatisfação. Segurando a chave entre o polegar e o dedo indicador, Patrik discretamente tentou limpá-la na perna de sua calça para depois enfiá-la no bolso.

Jenny e Max, ainda berrando, o acompanharam até a porta. A última coisa que Patrik viu antes de a porta se fechar foram lágrimas enormes descendo pelas bochechas redondas do menino, e novamente sentiu uma pontada no fundo do coração.

Agora a casa era grande demais para ele. Henrik ia de quarto em quarto. Tudo na casa lembrava Alexandra. Ela tinha amado e cuidado de cada centímetro daquele lugar. Às vezes ele achava que era por causa da casa que ela se casara com ele. Foi somente após ele ter mostrado a casa que o relacionamento entre eles se tornou sério para ela. Ele, por sua vez, o considerava sério desde o momento em que a conheceu numa reunião na universidade para alunos estrangeiros. Alta e loira, com uma aura de inacessibilidade que o atraiu mais do que qualquer coisa em toda sua vida. Nunca quisera tanto algo quanto quis Alex. Isto porque estava acostumado a conseguir tudo que queria.

Seus pais tinham estado preocupados demais com suas vidas para sobrar vontade de investir alguma energia na dele. As horas que não eram tomadas pelos negócios eram devoradas pelos inúmeros eventos sociais. Bailes de caridade, coquetéis, jantares com conhecidos do mundo dos negócios. Henrik tinha que ficar em

casa com a babá. O que mais se lembrava de sua mãe era o perfume, quando ela se despedia dele, com a mente já focalizada em alguma festa elaborada. Em compensação, era só apontar para algo que imediatamente já lhe davam. Nenhum bem material jamais lhe fora negado, mas tudo era dado com indiferença, da mesma maneira que, distraidamente, se acaricia o cachorro que lhe pede atenção.

Alex foi a primeira coisa em sua vida que não pôde ter só pelo fato de querer. Ela era inacessível e difícil e, por isso, irresistível. Ele a paquerava com persistência e intensidade. Rosas, jantares, presentes, elogios. Não poupou nenhum esforço. E ela, embora relutante, se deixou ser paquerada e conduzida ao início de um relacionamento. Não que protestasse, pois ele nunca poderia obrigá-la, mas demonstrando indiferença. Foi somente quando ele a levou para casa em Gotemburgo, naquele primeiro verão, que ela começou a ter um interesse ativo no relacionamento. A partir de então respondia com uma nova intensidade aos seus abraços, e ele, por sua vez, estava feliz como nunca estivera. Eles se casaram naquele mesmo verão, na Suécia, após terem se conhecido apenas alguns meses antes. Após retornarem à França para cursar o último ano da faculdade, voltaram para a casa de Särö para ficar.

Agora que pensara nisso, lembrou-se de que a última vez que a tinha visto verdadeiramente feliz foi quando estava mobiliando a casa. Sentado numa daquelas grandes poltronas Chesterfield na biblioteca, com a cabeça encostada para trás e os olhos fechados, as imagens de Alex passavam por sua mente como se fossem filmes antigos em Super 8. Sentia o couro frio e rijo debaixo de suas mãos, e seguiu o caminho tortuoso de uma fenda com o dedo indicador.

Do que melhor se lembrava eram seus sorrisos diferentes. Quando ele encontrou um móvel que era exatamente o que ela estava procurando, ou quando ela cortou com uma faca o papel de parede e viu que o original, que estava embaixo, ainda se

encontrava em boas condições, então seu sorriso era amplo e sincero. Quando ele a beijava na nuca, ou acariciava sua bochecha, ou lhe dizia o quanto a amava, ela também sorria, mas só às vezes. Nem sempre. Então, seu sorriso se tornou do tipo que ele odiava, um sorriso distante e ausente. Depois, ela sempre se afastava, enquanto ele podia ver seus segredos se movendo como cobras debaixo da superfície.

Ele nunca fez nenhuma pergunta. Por pura covardia. Tinha medo de causar uma reação em cadeia cujas consequências não estava preparado para lidar. Era melhor, pelo menos, tê-la fisicamente ao seu lado, na esperança de que um dia fosse ser sua por completo. Estava preparado para aceitar que nunca poderia ter tudo, mas pelo menos teria a certeza de que uma parte dela era sua. Um pedaço de Alex já era o suficiente, tamanho era o amor que sentia.

Olhou em volta da biblioteca. Os livros que cobriam todas as paredes, que ela tinha conseguido, após muito esforço, após procurar nas livrarias de livros antigos de Gotemburgo, só serviam como mera exposição. Salvo os manuais que usava para a faculdade, ele não se lembra jamais de tê-la visto lendo um livro. Talvez tivesse sofrido bastante e não precisasse ler o sofrimento alheio. O que mais lhe custou aceitar foi sua gravidez. Quando ele trazia à baila o assunto de ter filhos, ela sacudia a cabeça com veemência. Não queria trazer crianças a um mundo como este, ela lhe dizia.

Ele tinha aceitado o fato de que havia um outro homem. Henrik sabia que ela não ia todos os fins de semana a Fjällbacka para ficar sozinha, mas ele conseguiria conviver com isso. A própria vida sexual deles já estava morta por mais de um ano. Ele podia conviver com isso também. Poderia até mesmo se acostumar com sua morte, com o tempo. O que não conseguia aceitar era o fato de

que ela estava disposta a gerar o filho de outro homem, mas recusara o seu.

Isto lhe causava pesadelos todas as noites. Suando, remexia-se entre os lençóis, sem esperança de pegar no sono. Olheiras tinham se formado debaixo de seus olhos, e emagrecera vários quilos. Sentia-se como uma faixa elástica que estava sendo esticada e esticada, até chegar ao ponto de se romper com um estalido. Até agora, tinha sofrido sem lágrimas, mas então Henrik Wijkner se inclinou para a frente, pôs o rosto entre as mãos e começou a chorar amargamente.

Capítulo 5



*A*s acusações, as palavras duras, os insultos, tudo isso deslizava sobre ele como água. O que eram várias horas de insultos comparadas com os anos de culpa? O que eram várias horas de insultos comparadas com uma vida sem a sua princesa de gelo?

Ele deu risada das tentativas patéticas de fazê-lo assumir a culpa. Ele não via razão para isso. Contanto que não visse nenhuma razão para tal, eles não teriam êxito.

Mas talvez ela tivesse razão. Talvez o dia da prestação de contas tivesse finalmente chegado. Ao contrário dela, ele sabia que o julgamento não viria vestido de carne humana. A única coisa que poderia julgá-lo era algo que fosse maior que a humanidade, maior que a carne, mas igual à alma. “A única coisa que pode me julgar é alguém que possa ver minha alma”, ele pensou.

Era estranho que emoções completamente contrárias pudessem ser combinadas num sentimento totalmente novo. Amor e ódio se tornaram indiferença. Vingança e perdão se converteram em determinação. Ternura e amargura se tornaram uma tristeza tão grande que seria capaz de esmagar um homem. Para ele, ela sempre foi uma mistura incrível de luz e treva. Um rosto de Jano, que de modo alternado julgava e compreendia. Às vezes ela o cobria com beijos calorosos, apesar de ele ser abominável. Outras vezes o humilhava e odiava pela mesma razão. Não era possível encontrar paz e descanso nos opostos.

A última vez em que a viu, foi quando mais a amou. Por fim ela era sua por completo. Finalmente ela lhe pertencia completamente, para que ele fizesse o que quisesse. Para amar ou odiar. Sem a chance de contrariar seu amor outra vez com sua indiferença.

Antes disso, era como amar um véu. Um véu misterioso, transparente e sedutor. A última vez em que ele a viu, o véu tinha perdido seu mistério e tudo que restou foi a carne. Mas isso a tornou acessível. Pela primeira vez ele achou que poderia sentir quem ela era. Ele tocara seus membros rijos e congelados e sentira a alma que ainda se agitava violentamente dentro de sua prisão congelada. Ele nunca a amou tanto quanto naquele momento. Agora era hora de encarar seu destino, olho no olho. Ele esperava que o destino se mostrasse condescendente. Mas não acreditava que seria.

* * *

O telefone a acordou. Por que as pessoas não ligavam em uma hora mais sensata?

“Erica Falck.”

“Oi, aqui é a Anna”, seu tom era ponderado. E com boa razão, Erica pensou.

“Oi”, Erica não pensou em deixar as coisas fáceis para ela.

“Como você está?”, Anna estava pisando com cuidado num campo minado.

“Bem, obrigada, e você?”

“As coisas estão indo bem, obrigada! Como está indo o livro?”

“Uns dias melhores, outros piores. Mas pelo menos estou avançando. Tudo bem com as crianças?”, Erica decidiu ceder um pouco.

“Emma pegou um resfriado forte, mas a cólica de Adrian parece estar melhorando. Por isso agora estou podendo dormir uma hora

por noite.”

Anna riu, mas Erica achou que ouviu um tom de amargura na sua risada.

Houve um momento de silêncio.

“Sabe, temos que falar sobre a casa.”

“Sim, eu também acho”, agora era a vez de Erica soar amarga.

“Temos que vendê-la, Erica. Se você não puder comprar a nossa parte, teremos que vendê-la.” Ao ver que Erica não respondia, Anna continuou falando, bastante nervosa: “Lucas falou com o corretor de imóveis, e ele sugeriu que coloquemos o preço de venda da casa em três milhões. Três milhões, Erica, você pode imaginar? Com um milhão e meio da sua parte você poderia escrever em paz e tranquilidade sem se preocupar com dinheiro. Não deve ser fácil para você viver da escrita. Quantos exemplares se editam de cada um dos seus livros? Dois mil? Três mil? E provavelmente você não ganhe muitos *kronor* por livro, ganha? Você não entende, Erica, que esta é a sua grande chance também? Você sempre falou que queria escrever um romance. Com esse dinheiro, vai poder dispor de tempo suficiente para fazê-lo. O corretor é da opinião de que esperemos até abril ou maio para mostrar a casa, para que venha o maior número de pessoas possível, mas que, uma vez que a mostrarmos, deveríamos vendê-la em algumas semanas. Você entende que temos de fazê-lo, não?”

Anna falava com um tom suplicante, mas Erica não estava compassiva. Sua descoberta do dia anterior a tinha deixado acordada e preocupada durante metade da noite. Sentia-se traída e irritada.

“Não, eu não entendo Anna. Trata-se da casa dos nossos pais. Crescemos aqui. Mamãe e papai compraram-na quando ainda eram recém-casados. Eles adoravam essa casa. E eu também, Anna. Você não pode fazer isso.”

“Mas o dinheiro...”

“Eu não dou a mínima para o dinheiro! Eu tenho me virado bem até agora, e pretendo continuar assim”, Erica estava com tanta raiva que sua voz estava trêmula.

“Mas, Erica, você tem que entender que não pode me fazer ficar com a casa se eu não quiser. Afinal, metade dela é minha.”

“Se fosse você que quisesse assim, eu acharia muito, muito triste, mas por fim aceitaria seu ponto de vista. O problema é que sei que é a opinião de outra pessoa que estou ouvindo. É Lucas que quer isso, não você. A questão é se você ao menos sabe o que quer. Você sabe?”, Erica nem se importou em esperar pela resposta de Anna. “E eu me recuso a deixar minha vida ser controlada por Lucas Maxwell. Seu marido é um grande imbecil! E bem que você podia vir aqui e me ajudar a organizar as coisas do papai e da mamãe. Tenho estado ocupada com isso há semanas, tentando arrumar tudo, e só pude fazer a metade. Não é justo que eu tenha de fazer tudo sozinha! Se está tão presa ao fogão que não pode nem ajudar com os bens de seus pais, então você tem que pensar seriamente se é assim que quer viver pelo resto da vida.”

Erica bateu o telefone tão forte que ele quase voou de cima da cômoda. Ela estava tão nervosa que até tremia.

Em Estocolmo, Anna estava sentada no chão, com o telefone na mão. Lucas estava trabalhando, e as crianças dormindo, então aproveitou a oportunidade para ligar para Erica agora que dispunha de um tempinho. Era uma conversa que vinha adiando há vários dias, mas Lucas a estava importunando para ligar para Erica e falar sobre a casa. Por fim, ela cedeu.

Anna sentia-se dividida em mil pedaços, cada um de uma natureza diferente. Amava Erica e também gostava muito da casa de Fjällbacka. Mas o que a irmã não entendia era que ela precisava dar prioridade a sua própria família. Não havia nada que não estivesse preparada para fazer ou sacrificar pelos seus próprios

filhos, e se isso significava fazer Lucas feliz em detrimento do relacionamento com sua irmã mais velha, então que assim fosse. Emma e Adrian eram a única razão pela qual ela acordava de manhã, por continuar a viver neste mundo. Se tão somente ela pudesse fazer Lucas feliz, então tudo ia ficar bem. Ela sabia disso. Seu marido era duro porque ela era muito difícil e não fazia o que ele queria. Se pudesse dar este presente a Lucas, então ele entenderia o quanto estava disposta a fazer por ele e por sua família. E tudo estaria bem novamente.

Mas bem no fundo de seu ser uma voz lhe dizia algo totalmente diferente. Anna abaixou a cabeça e chorou, e com suas lágrimas suprimiu aquela voz tênue. Ela deixou o telefone jogado no chão.

Erica chutou as cobertas com irritação e esticou suas pernas até os pés da cama. Arrependeu-se de ter dito aquelas palavras a Anna, mas já estava de mau humor, e a falta de sono a fizera perder a cabeça por completo. Tentou ligar de volta para Anna e pedir desculpas, mas a linha estava ocupada.

“Merda!”

Erica deu um chute no banquinho diante da cômoda, mas em vez de fazê-la sentir-se melhor, acabou por machucar o dedão de tal forma que ficou pulando em uma perna e segurando o dedo ferido. Duvidou até que dar à luz fosse mais doloroso. Quando a dor finalmente passou, ela subiu na balança mesmo contra seu bom juízo.

Sabia que não deveria, mas a masoquista dentro de si a forçava a descobrir a verdade. Tirou a camiseta com a qual dormira. Ela sempre lhe dava alguns gramas a mais; e pensou se sua calcinha fazia alguma diferença. Provavelmente não. Pisou no chão com o pé direito primeiro, mas deu um pouco de peso ao seu pé esquerdo também, que ainda mantinha no chão. Gradualmente ela transferiu todo o peso para o pé direito, e quando o ponteiro chegou aos

sessenta quilos, desejou que ele ficasse por ali. Mas não. Quando finalmente pôs todo seu peso na balança, ela mostrava, sem dó, setenta e três quilos. Tudo bem. Como tinha temido, porém com um quilo a mais. Calculara dois quilos a mais, no entanto a balança mostrava três a mais do que a última vez em que se pesou, na manhã em que encontrou Alex.

Desde então, Erica achou muito, mas muito desnecessário se pesar. Não porque não tivesse notado pela sua cintura que tinha engordado, mas, até o momento em que não cabia nenhuma dúvida mais, a negação era uma boa companhia. Umidade no armário ou encolhimento por causa da temperatura excessiva de lavagem lhe serviram como desculpas inúmeras vezes no passado. Neste momento, o caso não tinha esperança, e até se via tentada a cancelar o jantar com Patrik naquela noite. Quando ela o visse, queria estar magra, bonita e atraente, e não inchada e gorda. Erica olhou com desânimo para sua barriga e tentou puxá-la para dentro o máximo que pôde. Inútil. Olhou para o seu perfil no espelho de corpo inteiro, e experimentou empurrar a barriga para fora o máximo que conseguiu. Pronto, era essa a imagem que se encaixava com o que ela estava sentindo naquele momento.

Com um suspiro de resignação, vestiu uma calça larga de moletom com um elástico piedoso e colocou a mesma camiseta com a qual tinha dormido. Prometeu a si mesma que na segunda-feira encontraria uma solução para seu peso novamente. Começar agora não adiantaria nada, pois já tinha prometido servir um jantar com três pratos diferentes hoje à noite, e tinha que admitir: se você quiser surpreender um homem com sua comida, creme e manteiga são ingredientes essenciais. Além disso, segundas-feiras eram dias bons para se começar uma vida nova. Era a milésima vez que fazia a promessa a si mesma de que na próxima segunda-feira começaria a fazer exercícios físicos e seguir sua dieta dos Vigilantes do Peso. Mas hoje, não.

O problema maior era a razão pela qual quase ficara doente de tanta preocupação desde o dia anterior. Tinha repensado todas as opções, ponderando o que deveria fazer, mas sem chegar a nenhuma conclusão. De repente, ela soube de algo que desejou nunca ter sabido.

O café passou a exalar um aroma gostoso da cafeteira, e a vida começou a parecer um pouco mais agradável. Era impressionante o que um pouquinho daquela bebida quente podia fazer. Encheu uma xícara e bebeu com grande satisfação, encostada na bancada da pia da cozinha. Ela nunca foi de tomar café da manhã, e pensou que poderia economizar algumas calorias para hoje à noite.

Quando a campainha tocou, ela levou um susto de tal forma que derramou um pouco de café na camiseta. Resmungou em voz alta, perguntando-se quem poderia ser àquela hora da manhã. Olhou rapidamente para o relógio da cozinha. Oito e meia. Deixou a xícara e foi abrir a porta. Lá, na entrada, estava Julia Carlgren, batendo nos braços para se esquentar.

“Oi”, a voz de Erica tinha um tom inquisitivo.

“Oi”, foi a resposta silenciosa de Julia.

Erica se perguntou o que a irmã mais nova de Alex estava fazendo na entrada de sua casa tão cedo numa manhã de terça-feira, mas sua boa educação prevaleceu e a convidou para entrar.

Julia entrou com passos rápidos, pendurou o casaco e o cachecol e andou na frente de Erica até a sala de estar.

“Você poderia me dar uma xícara do café que tem esse cheiro maravilhoso?”

“Ah, claro, vou pegar para você.”

Segura, fora das vistas de Julia, na cozinha, Erica preparava a xícara para a visita enquanto movia os olhos para cima, com irritação. Algo não estava bem com aquela garota.

Erica deu a xícara de café a Julia e a convidou para se sentar no sofá de vime na sacada. Elas beberam o café em silêncio. Erica resolveu esperar que Julia tocasse no assunto, e explicasse por que tinha ido lá. Levou alguns minutos tensos para a garota se abrir.

“Agora você está morando aqui?”

“Na verdade, não. Eu vivo em Estocolmo, mas estou aqui para cuidar um pouco das coisas da herança.”

“É, eu soube disso. Sinto muito.”

“Obrigada. Meus pêsames a você também.”

Julia deu um sorrisinho estranho que Erica achou desconcertante e fora do propósito. Lembrou-se do documento que achara na lata de lixo da casa de Nelly Lorentz e se perguntou como as peças se encaixariam.

“Você deve estar curiosa para saber por que estou aqui”, Julia olhou para Erica com um olhar penetrante e estranho. Ela raramente piscava.

Erica pensou mais uma vez quão diametralmente oposta ela era de irmã mais velha. A pele do rosto de Julia estava cheia de buracos, cicatrizes de espinhas, e parecia que ela mesma cortara seus cabelos com uma tesoura para unhas e sem espelho. Ela tinha um semblante que não inspirava saúde. Uma palidez doentia havia se instalado como uma película cinzenta sobre sua pele. E ela tampouco parecia compartilhar o interesse por roupa que Alex tinha. Suas roupas pareciam ter sido compradas em uma loja para senhoras aposentadas. Elas estavam tão distantes do estilo moderno quanto podiam estar sem se tornar fantasias.

“Você tem alguma foto de Alex?”

“Como disse?”, Erica ficou surpresa com a pergunta direta. “Fotos? Sim, acho que tenho. Até que muitas. Papai adorava tirar fotos, e tirou várias de nós quando éramos crianças. Alex vinha

tanto aqui que provavelmente deve ter aparecido em diversas fotos.”

“Posso dar uma olhada nelas?”, Julia lançou-lhe um olhar de intimidação, como se a estivesse advertindo a ir pegar as fotos. Aliviada por ter uma desculpa para escapar do olhar penetrante de Julia por um instante, Erica foi pegar o álbum de fotos.

Os álbuns estavam num baú no sótão. Ela não tivera tempo de limpar lá ainda, mas sabia exatamente onde ele estava. Todas as fotografias da família estavam guardadas lá. Tinha pensado com horror na hora que tivesse de olhá-las. Grande parte das fotos estava solta, mas sabia que aquelas que procurava tinham sido cuidadosamente colocadas nos álbuns. Passou por elas em ordem, olhando para a que estava em cima. No terceiro álbum, ela encontrou o que estava procurando. No quarto álbum também havia fotos de Alex, e, pegando os dois, começou a descer com cuidado as escadas do sótão.

Julia estava sentada exatamente na mesma posição que antes. Erica se perguntou se não tinha se mexido nem que fosse um pouquinho enquanto estava ausente.

“Aqui há algo que pode lhe interessar.”

Erica estava sem fôlego, e colocou com tanta força os álbuns grossos de fotos em cima da mesinha de centro que levantaram poeira.

Julia começou a procurar no primeiro álbum com ansiedade, enquanto Erica estava sentada no sofá ao seu lado explicando o que havia nas fotografias.

“Quando esta foi tirada?”

Julia apontava para a primeira foto de Alex que apareceu, na segunda página.

“Deixe-me ver. Esta deve ser... de 1974. Sim, acho que é isso. Eu acho que tínhamos por volta de nove anos de idade.”

Erica passou o dedo sobre a foto e sentiu uma melancolia. Tinha sido há tanto tempo. Ela e Alex estavam nuas no jardim num dia de calor de verão. Se ela se lembrava bem, estavam nuas porque estavam correndo de um lado para o outro com a mangueira que esguichava água no jardim. O que era um pouco estranho naquela foto era o fato de que Alex estava usando luvas de inverno.

“Por que é que ela está usando luvas de inverno? Parece que isso ocorreu em julho, mais ou menos”, Julia dirigiu um olhar atônito a Erica, que deu risada daquela lembrança.

“Sua irmã adorava essas luvas e insistia em usá-las não somente no inverno, mas também em boa parte do verão. Ela era tão teimosa quanto uma mula, e ninguém conseguia convencê-la a guardar aquelas benditas luvas nojentas.”

“Ela sabia o que queria, não é?”

Julia olhou para a foto no álbum quase com um olhar de ternura. Mas, em questão de um segundo aquele sentimento desapareceu e ela virou a página, com impaciência.

Erica tinha a sensação de que aquelas fotos eram relíquias de uma outra vida. Tudo tinha acontecido há tanto tempo, e tantas coisas aconteceram desde então. Às vezes dava a impressão de que a infância que passou com Alex era apenas um sonho.

“Éramos mais como irmãos do que como amigas. Passávamos horas sem sono juntas e muitas vezes dormíamos uma na casa da outra. Costumávamos perguntar o que havia para jantar em cada casa e então escolhíamos a que tinha a comida mais gostosa.”

“O que quer dizer que vocês comeram muitas vezes aqui”, pela primeira vez um sorriso apareceu nos lábios de Julia.

“Sim, podemos dizer o que for da sua mãe, mas não creio que ela pudesse ganhar a vida como cozinheira...”

Uma foto específica chamou a atenção de Julia. Ela a tocou com delicadeza. Era uma foto muito bonita. Alex estava sentada na proa do barco de Tore, dando um sorriso vivaz. Seu cabelo loiro se mexia com o vento, e ao fundo estendia-se a silhueta de Fjällbacka. Certamente estavam saindo de barco para tomar sol ou para nadar. Houve muitos dias assim. Sua mãe não tinha ido junto, como de costume. Ela sempre punha a culpa em um monte de pequenas coisas que tinha de cuidar e decidia ficar em casa. Foi sempre assim. Erica podia facilmente contar nos dedos de suas mãos as excursões que incluíam sua mãe, Elsy. Sorriu ao ver uma foto de Anna, daquele mesmo dia. Como de costume, fazia caretas como um macaco; nessa foto ela estava corajosamente pendurada para fora do parapeito, fazendo caretas para a câmera.

“Sua irmã?”

“Sim, minha irmã menor, Anna.”

O tom de Erica foi abrupto, sinalizando com aquilo que não queria falar mais desse assunto. Julia captou a mensagem e continuou folheando o álbum com seus dedos gordos e pequenos. Suas unhas estavam roídas até onde era possível. Tinha roído tanto algumas, que feridas haviam se formado ao redor das bordas de alguns dedos. Erica se forçou a parar de olhar para os dedos machucados de Julia, e se voltou para as fotos que passavam por seus olhos.

No final do segundo álbum, Alex de repente não aparecia mais nas fotos. Era um contraste nítido. Antes, ela estava em cada página, agora não havia mais fotos suas. Julia colocou os álbuns empilhados na mesa de centro com cuidado e encostou-se no canto do sofá com a xícara de café na mão.

“Gostaria de outro café? Este já deve ter esfriado.”

Julia olhou para a xícara e percebeu que Erica tinha razão. “Sim, se tiver, vou aceitar mais um pouco, obrigada.”

Ela entregou sua xícara para Erica, que estava feliz por poder esticar suas pernas um pouco. O sofá de vime era lindo de se olhar, mas após ficar sentada nele por um tempo, tanto suas costas como seu traseiro começaram a reclamar. As costas de Julia pareciam sentir a mesma coisa, já que ela também se levantou e seguiu Erica até a cozinha.

“Foi um enterro bonito. Muitas pessoas vieram para a recepção na sua casa.”

Erica ficou virada de costas para Julia e verteu mais café nas xícaras. Um murmúrio indecifrável foi a única resposta que obteve. Resolveu ser um pouco enxerida.

“Parece que você e Nelly Lorentz se conhecem um tanto bem. Como se conheceram?”

Erica prendeu a respiração. O papel que tinha achado na lata de lixo da casa de Nelly a deixou muito ansiosa pela resposta de Julia.

“Papai trabalhou para ela”, Julia pareceu ter respondido sem querer. Sem perceber, levou um dedo à boca e começou a roê-lo freneticamente.

“Sim, isso deve ter sido bem antes de você ter nascido”, Erica respondeu, ainda em busca de mais informações.

“Eu trabalhei, num verão, na fábrica de enlatados quando era mais jovem”, Julia respondeu.

Suas respostas ainda saíam como se ela estivesse travando os dentes, e só parava de roer as unhas para responder às perguntas.

“Parece que vocês se dão bem.”

“Sim, acho que a Nelly vê algo em mim que ninguém mais consegue ver”, disse, com um sorriso amargo e introspectivo. De repente, Erica sentiu pena de Julia. Viver como o patinho feio devia ter sido difícil. Ela não disse nada, e o silêncio obrigou Julia a continuar.

“Sempre passávamos os verões aqui, de qualquer forma. E quando terminei o terceiro ano do colegial, Nelly ligou para o papai e perguntou se eu gostaria de ganhar um dinheiro extra trabalhando no escritório. Eu não podia recusar, por isso trabalhei lá todos os verões até começar o magistério.”

Erica percebeu que ela omitia muitas coisas em suas respostas. Mas não podia ser diferente. Também entendeu que não conseguiria obter muito mais de Julia sobre seu relacionamento com Nelly. Elas se sentaram no sofá da sacada novamente e bebericaram um pouco de café em silêncio. Ambas olhavam absortas para o gelo que se estendia pelo horizonte.

“Deve ter sido duro para você quando papai, mamãe e Alex se mudaram”, foi Julia quem retomou a palavra primeiro.

“Sim e não. Não brincávamos mais juntas àquela altura. É claro que fiquei triste, mas não foi tão dramático quanto seria se ainda fôssemos melhores amigas.”

“O que aconteceu? Por que vocês não saíam mais juntas?”

“Gostaria de saber isso também.”

Erica impressionou-se com o fato de que a lembrança ainda a machucasse tanto, que ainda pudesse sentir tanto a perda de Alex. Tantos anos já tinham se passado desde então, devia ser regra, e não exceção, que amigos de infância sempre se distanciam um do outro. Essa sensação talvez fosse porque não tiveram a oportunidade de se despedir e, sobretudo, não havia explicação. Elas não tiveram um desentendimento, Alex não achou outra melhor amiga; nenhuma das razões pelas quais as amizades acabam. Ela simplesmente se retirou para um muro de indiferença antes de desaparecer sem dizer uma única palavra.

“Vocês brigaram por alguma coisa?”

“Não, não que eu me lembre. Alex perdeu o interesse em nossa relação por alguma razão. Ela parou de me ligar e perguntar o que podíamos fazer juntas. Se propunha fazer algo, ela não me dizia

não, mas eu podia perceber que estava totalmente desinteressada. Então, por fim, parei de propor coisas.”

“Ela fez novas amigas com quem passou a sair?”

Erica se perguntou por que Julia estava fazendo perguntas sobre Alex e ela, mas não via nada de errado em reavivar lembranças. Poderia até usá-las no livro.

“Eu nunca a vi com ninguém mais. E no colégio ela sempre estava sozinha. Porém...”

“O quê?”, Julia se inclinou para a frente ansiosa.

“Mesmo assim, eu sentia que havia alguém. Mas podia estar errada. Era somente uma sensação, só isso.”

Julia concordou pensativa. Erica teve a impressão de que simplesmente havia confirmado coisas que Julia já sabia.

“Desculpe por perguntar, mas por que você quer saber tanto de quando eu e Alex éramos crianças?”

Julia evitou olhar nos olhos de Erica, e sua resposta foi evasiva.

“Ela era muito mais velha do que eu, e já tinha saído do país quando nasci. Além disso, éramos muito diferentes. Acho que nunca a conheci de verdade. Mas agora é tarde demais. Procurei fotos dela em casa, mas quase não temos nenhuma. Então pensei em você.”

Erica sentiu que na resposta de Julia havia tão pouca verdade que poderia ser classificada como mentira, mas acabou aceitando, embora com relutância.

“Bem, tenho que ir agora. Obrigada pelo café.”

Julia se levantou abruptamente e foi para a cozinha colocar sua xícara na pia. De repente ela estava com uma grande pressa de ir embora. Erica a acompanhou até a porta.

“Obrigada por ter me deixado ver as fotos. Isso significa muito para mim”, ela agradeceu e foi embora.

Erica ficou parada na porta por um longo tempo observando-a, enquanto se distanciava. Um vulto cinzento e sem forma que andava com pressa rua abaixo, com seus braços presos junto ao corpo para se proteger do frio gélido. Erica fechou a porta lentamente e foi para dentro, onde estava quente.

Fazia tempo que Patrik não se sentia tão nervoso assim. A sensação que tinha na boca do estômago era maravilhosa e assustadora ao mesmo tempo.

A pilha de roupas sobre a cama crescia conforme ele experimentava uma peça diferente. Todas que ele provava pareciam antiquadas demais, desleixadas demais, elegantes demais, de mau gosto demais ou simplesmente feias demais. Além disso, a maioria das calças estava apertada na cintura, o que era bastante incômodo. Com um suspiro, jogou mais um par de calças na pilha e sentou-se de cueca na beirada da cama. Toda a expectativa pelo jantar daquela noite desapareceu de repente, dando lugar a uma boa dose da antiga angústia. Talvez fosse melhor ligar para ela e cancelar tudo.

Patrik se deitou na cama e olhou para o teto com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Ainda tinha a cama que ele e Karin dividiam, e agora acariciava o lado dela num repentino ataque de sentimentalismo. Apenas recentemente tinha começado a rolar do lado dela durante o sono. Na verdade, deveria ter comprado uma cama nova assim que ela se mudou, mas não pôde encarar isso.

Apesar de toda a tristeza que sentiu quando Karin o deixou, ele às vezes se perguntava se era realmente dela que sentia falta ou da ilusão que tinha de que o casamento era uma instituição. Seu pai deixara sua mãe por outra mulher quando ele tinha dez anos de idade. O divórcio que se seguiu fora muito doloroso, fazendo dele e de sua irmã menor as maiores vítimas. Patrik prometera a si mesmo que nunca seria infiel, mas, acima de tudo, que nunca se

divorciaria. Se ele se casasse, seria para a vida toda. Então, quando se casou com Karin há cinco anos na igreja de Tanumshede, não duvidou por um instante de que o casamento duraria para sempre. Mas a vida dá voltas que não esperamos. Ela estava se encontrando com Leif já fazia um ano antes de ele pegá-los em flagrante. Tão típico, que droga!

Patrick tinha chegado em casa cedo porque não estava se sentindo bem, e lá estavam eles no quarto. Na cama em que ele estava deitado naquele exato momento. Talvez existisse um masoquista em algum lugar dentro dele. De que outro jeito podia explicar por que não tinha se livrado daquela cama e comprado outra? Mas tudo isso já pertencia ao passado. Já não tinha mais importância.

Ele se levantou da cama, ainda sem ter certeza de que iria para a casa de Erica naquela noite. Queria e não queria. Por um golpe súbito de baixa autoestima, toda a expectativa que estava sentindo o dia todo, mesmo a semana toda, foi varrida. Mas era tarde demais para recusar o convite, por isso não tinha outra escolha senão ir.

Quando, por fim, achou uma calça chino que não estava apertada na cintura e colocou uma camisa azul recém-passada, de repente sentiu-se um pouco melhor. Começou a ficar ansioso para chegar a noite de novo. Um pouco de gel fez seu cabelo parecer mais arrumado, e após dar um aceno de boa sorte para seu reflexo no espelho, sentiu que estava pronto para sair.

Estava escuro como breu lá fora, embora fosse somente sete e meia, e uma leve neve que caía atrapalhava a visibilidade no seu caminho para Fjällbacka. Tinha saído cedo e não precisava correr. Seus pensamentos em Erica foram brevemente afastados pelos últimos acontecimentos no trabalho. Mellberg não gostara que ele tivesse confirmado que a testemunha, ou seja, a vizinha de Anders, Jenny, parecia muito segura do que dizia. Então parecia que

Anders tinha um álibi para as horas em questão. Aquilo não lhe causou o mesmo grau de raiva que em Mellberg, mas não podia negar que estava sentindo certa desesperança. Três semanas já haviam se passado desde que encontraram o corpo de Alex, e não estavam nem um pouco mais perto da solução do que estavam naquela época.

O mais importante agora era não desanimar completamente. Eles teriam que se acalmar e recomeçar do início. Qualquer pista, qualquer testemunho teria de ser analisado com novos olhos. Patrik fez uma lista mental do que precisava trabalhar no dia seguinte. A prioridade máxima seria descobrir quem era o pai da criança que Alex estava esperando. Devia haver alguém em Fjällbacka que tivesse visto ou ouvido algo sobre com quem ela estava se encontrando nos fins de semana. Não que pudesse ser descartada a hipótese de que Henrik fosse o pai, mas Anders era um forte candidato também, embora Patrik achasse que Alex não o teria considerado como um bom candidato para ser pai de seu filho. Achou que o que Francine tinha dito a Erica estava mais próximo da verdade. Havia alguém em sua vida que era muito, mas muito importante para ela, o suficiente a ponto de ela ficar muito feliz de ter um filho com ele, algo que não conseguiria, ou não queria, com o marido.

Ele também queria saber mais a respeito das relações sexuais que Anders mantinha com Alex. O que fazia uma mulher da alta sociedade de Gotemburgo com um bebum? Algo lhe dizia que, se descobrisse como seus caminhos tinham se cruzado, encontraria muitas das respostas que estava procurando. E também havia a matéria sobre o desaparecimento de Nils Lorentz. Alex não passava de uma criança naquela época. Por que ela guardava o recorte de um jornal de vinte e cinco anos atrás na gaveta de um guarda-roupa? Havia tantos fios embaralhados naquela história. Ele se sentia como se estivesse olhando para um daqueles quadros com

inúmeros pontinhos incoerentes, até que quando você relaxa os olhos da maneira correta começa a enxergar uma forma que, de súbito, aparece com clareza inesperada. O único empecilho era que não estava conseguindo achar aquela posição perfeita para fazer com que os pontos formassem um desenho. Em seus momentos de maior fraqueza, ele se perguntava se era um tira competente o suficiente para achá-lo. Talvez o assassino conseguisse se safar, porque ele não era realmente competente.

De repente, um veado começou a atravessar a estrada na frente do seu carro e ele se viu arrancado bruscamente de seus pensamentos sombrios. Pisou no freio e conseguiu parar a mais ou menos um centímetro do traseiro do animal. O carro derrapou na estrada escorregadia e não parou por alguns segundos, que pareceram longos e aterrorizantes. Então, ele encostou a cabeça nas mãos, que ainda estavam segurando firmemente o volante, e deu um tempo para que seus batimentos voltassem ao normal. Ficou sentado assim, parado, por alguns minutos. Por fim, retomou sua jornada para Fjällbacka, mas percorreu alguns quilômetros antes de se atrever a acelerar mais.

Quando começou a subir o morro a caminho da casa de Erica, já estava cinco minutos atrasado. Estacionou o carro atrás do dela, na entrada da casa, e pegou a garrafa de vinho que tinha comprado para presentear-lá. Um suspiro, uma última olhada no cabelo no retrovisor, e estava pronto.

A pilha de roupas na cama de Erica era tão grande quanto a de Patrik, talvez um pouco maior. Seu guarda-roupa começava a ficar vazio, e cabides balançavam na trave. Ela suspirou profundamente. Nada ficava perfeito nela. O peso extra que tinha ganhado na semana passada fez que nenhuma roupa ficasse do jeito que gostaria. Ter-se pesado naquela manhã ainda era algo

pelo qual se xingava e se arrependia amargamente. Erica olhou criticamente a imagem refletida no espelho.

O primeiro dilema tinha surgido após o banho, quando, da mesma forma que sua heroína Bridget Jones, ela se deparou com a decisão de que calcinha vestir. Será que deveria vestir uma linda calcinha pequena de renda, pensando na improvável possibilidade de ela e Patrik acabarem indo para a cama juntos? Ou uma calcinha grande e feia com um suporte extra para a barriga e as costas, que diminuiria consideravelmente a possibilidade de que eles terminassem na cama? Difícil escolha. Mas, levando em consideração o tamanho de sua barriga ela decidiu, após muita ponderação, colocar o suporte extra. Colocaria uma meia-calça por cima como um nivelador de barriga. Em outras palavras, artilharia pesada.

Ela deu uma olhada rápida no relógio e percebeu que já era hora de se decidir. Após mais uma olhada para a pilha em cima da cama, tirou de baixo a primeira roupa que tinha provado. Preto a deixava mais magra, e o vestido clássico que ia até os joelhos, à moda de Jackie Kennedy, favorecia seu corpo. Um par de brincos de pérola e o relógio de pulso seriam suas únicas joias, e ela também deixou o cabelo solto até os ombros. Olhou-se de novo no espelho e encolheu a barriga para testar. Estava bem, com a ajuda extra da calcinha com suporte, meia-calça e uma respiração meio contida, ela parecia bastante aceitável. Os quilos extras não eram de todo ruins, tinha que admitir. Bem que preferia não ter de usar a meia que terminava na sua barriga, mas a que ia até os seios aparecia no decote do vestido. Isso com a ajudinha de um sutiã com bojo *push-up*, é claro, se bem que esses recursos estão disponíveis a qualquer pessoa hoje em dia. E o sutiã que ela usava era de última tecnologia, com bojo de silicone, o que provocava um movimento dos seios muito parecido com o natural. Uma prova perfeita de um avanço da ciência a serviço da humanidade.

Experimentar todas aquelas roupas e o estresse a fizeram suar, e depois de um suspiro profundo ela foi lavar as axilas novamente. Levou quase vinte minutos para fazer uma maquiagem perfeita e, quando estava pronta, se deu conta de que a sessão de embelezamento tinha demorado demais, e que ela já deveria ter começado a cozinhar há tempo. Rapidamente começou a limpar o quarto. Demoraria demais para pendurar de volta cada roupa, então pegou a pilha e a colocou inteira no chão do guarda-roupa e fechou a porta. Por pura prevenção, fez a cama e olhou ao redor do quarto para ver se não tinha nenhuma calcinha do avesso jogada no chão. Uma calcinha suja da *Sloggi* poderia fazer qualquer homem perder o desejo.

Com o coração na mão, desceu para a cozinha. Estava tão estressada que não sabia o que fazer. Não tinha nem ideia de por onde começar.

Obrigou-se a parar e respirou fundo. Havia duas receitas em cima da mesa, e tentou imaginar quanto tempo levaria para fazer cada uma delas. Ela não era nenhuma chefe de cozinha, mas até que sabia cozinhar bem, e tinha encontrado as receitas nas edições antigas da revista *Elle Gourmet*. Como antepasto, serviria panquecas de batata com creme fresco e caviar de lumpo com cebolas roxas fatiadas bem fininhas. Como prato principal, planejara uma massa folhada, recheada com filé de porco assado, com molho de vinho do porto e purê de batatas, e de sobremesa, fruta com calda de baunilha. Por sorte, tinha preparado à tarde, então já podia riscá-la da lista. Decidiu começar cozinhando as batatas. E então as ralaria para o antepasto.

Concentrou-se no trabalho por uma hora e meia e levou um susto quando a campainha tocou. O tempo tinha passado um pouco rápido demais, e ela esperava que Patrik não estivesse morrendo de fome, porque a comida demoraria um pouco para ficar pronta.

Erica já estava a meio caminho da porta quando se deu conta de que ainda usava o avental. A campainha tocou novamente enquanto ela fazia força para desamarrar o nó que tinha feito atrás do pescoço. Por fim o desfez, tirou o avental pela cabeça e o jogou numa cadeira no corredor. Passou a mão no cabelo, lembrou-se de puxar a barriga para dentro e respirou fundo antes de abrir a porta com um sorriso largo nos lábios.

“Oi, Patrik, seja bem-vindo! Entre!”

Eles deram um rápido abraço e Patrik lhe entregou uma garrafa de vinho envolta em papel-alumínio.

“Ah, obrigada! Que gentil!”

“É... eles sugeriram este na loja de bebidas. Robusto e redondo com traços de frutas vermelhas e um leve toque de chocolate, é o que disseram. Não sou um profundo conhecedor de vinhos, mas geralmente eles sabem do que estão falando.”

“Tenho certeza de que é excelente!”, Erica deu um sorriso afável e colocou a garrafa no console antigo, no corredor, por um instante, para ajudar Patrik a tirar a jaqueta.

“Entre. Espero que você não esteja com muita fome. Como de costume, meu planejamento foi otimista demais, então vai demorar um pouco mais para o jantar ficar pronto.”

“Não tem problema, não estou com fome ainda.”

Patrik foi atrás de Erica para a cozinha, com a garrafa de vinho na mão.

“Quer que eu ajude com alguma coisa?”

“Sim, você pode pegar um saca-rolhas da gaveta de cima e abrir a garrafa para nós. O que acha de começarmos com o vinho que você trouxe?”

Ele obedeceu de bom grado. Erica pôs dois cálices grandes de vinho na bancada da pia e então começou a mexer nas panelas e verificar como estava a comida no forno. Ainda faltava muito para

o filé de porco ficar pronto, e quando espetou as batatas, viu que ainda estavam meio cruas. Patrik lhe passou um dos cálices, agora cheio de vinho de uma cor vermelho-intensa. Ela balançou o cálice de leve para liberar o aroma da bebida, aproximou o nariz e o cheirou com a boca fechada. Ela sentiu um aroma quente de carvalho, e parecia que se propagava por todo seu corpo até o dedão do pé. Agradável. Ela o provou lentamente, deixando o vinho na boca enquanto inspirava um pouco de ar também pela boca.

O sabor era tão agradável quanto o aroma, e imaginou que Patrik tinha gastado bastante com aquele vinho.

Patrik olhava para ela ansioso.

“Fantástico!”

“Sim, percebi da última vez que você entendia do assunto. Infelizmente eu não saberia distinguir entre um vinho de caixinha Tetra Pak de cinquenta *kronor* e outro que custasse milhares de *kronor*.”

“Claro que saberia. Mas tudo é questão de hábito também. E você tem que se demorar ao beber um vinho, e não engoli-lo com rapidez.”

Envergonhado, Patrik olhou para o cálice de vinho que estava em sua mão. Um terço dele já tinha sido bebido. E cuidadosamente tentou imitar o método de Erica de provar um vinho quando ela se virou para checar algo no forno. De fato, tinha o gosto de um vinho totalmente diferente. Ele sorveu uma pequena quantidade e deixou rolar por sua boca da mesma maneira que Erica fizera, e subitamente começou a sentir sabores diferentes. Ele até mesmo achou que pôde sentir um leve gosto de chocolate, e um gosto forte de frutas vermelhas, uvas vermelhas, talvez, mesclado com um pouco de morango. Incrível.

“Como anda a investigação?”, Erica esforçou-se para fazer a pergunta de forma casual, mas esperava ansiosamente pela

resposta.

“Acho que voltamos à estaca zero, por assim dizer. Anders tem um álibi para a hora do crime e, por ora, não temos muito mais. Infelizmente, acho que cometemos um erro clássico. Nos permitimos ter certeza demais de que tínhamos a pessoa certa e paramos de investigar outras possibilidades, embora eu tenha que concordar com o delegado que Anders se encaixa perfeitamente no papel de assassino de Alex. Um bêbado que, por uma razão inexplicável, mantinha relações sexuais com uma mulher que, de acordo com todas as convenções, deveria estar muito, mas muito distante de bebuns como ele. Um crime passional com o resultado inevitável quando sua sorte improvável por fim chega. Suas digitais estão por todo o corpo e pelo banheiro. Até mesmo achamos suas pegadas na poça de sangue que havia no chão.”

“Mas isso não é prova o bastante?”

Patrik balançou seu cálice de vinho e olhou para os rodinhos vermelhos que se formavam dentro dele.

“Se ele não tivesse um álibi, então seria prova suficiente. Mas agora ele tem um, sim, para o que consideramos a provável hora do assassinato. E como eu disse antes, isso não prova nada, exceto que ele esteve no banheiro *após* o assassinato. Uma diferença pequena, mas importante, se quisermos que nossa acusação se sustente.”

O aroma que se espalhava pela cozinha era maravilhoso. Erica pegou as panquecas de batata que tinha fritado há pouco rapidamente na frigideira e as colocou no forno para esquentar. Serviu dois pratos de antepastos, abriu a geladeira e pegou uma tigela com o creme fresco e uma travessa de caviar de lumpo. As cebolas já estavam fatiadas e prontas sobre a bancada. E ela totalmente consciente do quanto Patrik se aproximava.

“Então, Erica, você tem alguma novidade sobre a venda da casa?”

“Sim, infelizmente. O corretor me ligou ontem e propôs mostrarmos a casa durante o feriado de Páscoa. Ele disse que Anna e Lucas aparentemente acham que essa é uma boa ideia.”

“Mas ainda faltam alguns meses para a Páscoa. Muita coisa pode acontecer até lá.”

“Sim, sempre torço para que ele tenha um infarto ou algo assim. Não, me desculpe, esqueça o que ouviu. É que isso me deixa tão nervosa!”, ela bateu a portinha do forno um pouco forte demais.

“Ei! Cuidado com os eletrodomésticos!”

“Acho que simplesmente devo me acostumar à ideia e começar a planejar o que vou fazer com o dinheiro. Embora eu tenha que admitir que sempre achei que ficaria mais feliz se me tornasse milionária.”

“Você não tem que se preocupar em ficar milionária. Com todos os impostos que temos neste país, provavelmente terá de gastar a maior parte do seu lucro para financiar a construção de escolas e para planos de saúde, que estão cada vez piores. Sem falar na polícia, que é incrivelmente mal paga. Com certeza, gastaremos boa parte do seu dinheiro, você vai ver.”

Ela não aguentou e deu risada: “Bom, isso seria maravilhoso. Aí eu não vou ter que me preocupar em comprar um casaco de pele de raposa azul ou um *mink*. Patrik, acredite se quiser, mas o antepasto já está pronto.”

Pegou um prato em cada mão e conduziu Patrik para a sala de jantar. Ela cogitou de se sentarem na cozinha ou na sala, e finalmente se decidiu pela sala, com sua linda mesa de madeira maciça, que ficava ainda mais linda à luz de velas. E, é claro, ela não tinha economizado nas velas. Nada era mais favorável à aparência de uma mulher do que velas, como ela tinha lido em algum lugar.

A mesa estava arrumada com talheres de prata e guardanapos de linho, assim como louças de porcelana para o prato principal. Eram as mais finas de sua mãe, as porcelanas brancas Rörstrand com bordas azuis. Lembrava-se do quão cuidadosa sua mãe era com aqueles pratos, que somente eram usados em ocasiões muito especiais. O que não incluía aniversários das crianças ou qualquer coisa que estivesse relacionada a elas, Erica se lembrava com amargura. Para elas, os pratos do dia a dia já bastavam. Mas quando o pastor e sua esposa, ou o vigário, ou o diácono vinham jantar, então a frescura não tinha fim.

Erica voltou para o presente e colocou os pratos de petiscos um ao lado do outro.

“Parece delicioso”, Patrik pegou uma fatia de panqueca de batata, pôs em cima uma generosa colherada de cebola, creme fresco e caviar, e estava prestes a levá-los à boca quando notou que Erica estava segurando o cálice de vinho com uma sobancelha erguida. Envergonhado, ele pôs o garfo na mesa e pegou o cálice.

“Saúde e bem-vindo!”

“Saúde!”

Erica sorriu da gafe dele. Seu comportamento trazia até um certo alívio se comparado ao dos homens com os quais ela saía em Estocolmo, que eram tão bem-educados e conhecedores da etiqueta que mais pareciam robôs. Ao lado deles, Patrik parecia ser mais autêntico, e, por ela, ele poderia comer com a mão se quisesse que não a perturbaria. Além disso, ele parecia muitíssimo bonito quando ficava vermelho.

“Tive uma visita inesperada hoje.”

“Ah, é? Quem?”

“A Julia.”

Patrik lançou-lhe um olhar de surpresa. Ela se sentiu satisfeita ao ver que ele estava achando difícil parar de comer.

“Eu nem imaginava que vocês se conheciam”, ele disse.

“Na verdade não nos conhecíamos. A primeira vez em que nos vimos foi no enterro de Alex. Mas hoje de manhã minha campainha tocou e lá estava ela.”

“E o que ela queria?”

Patrik raspou o prato com tanta vontade que até parecia que queria tirar a pintura da porcelana.

“Ela me pediu para mostrar fotos de quando Alex e eu éramos crianças. Parece que a família não tem muitas fotos, de acordo com Julia, e lhe ocorreu que talvez eu pudesse ter mais. E tenho. Aí ela me fez um monte de perguntas sobre quando éramos crianças e coisas assim. As pessoas com quem conversei me disseram que elas não eram muito íntimas, o que não é tão estranho se pensarmos na diferença de idade, e agora ela quer saber mais coisas a respeito de Alex. Conhecê-la. De qualquer forma, foi esta a impressão que tive. A propósito, você a conheceu?”

“Não, ainda não. Mas, pelo que ouvi, elas não são, ou não eram, muito parecidas.”

“Sim, com certeza. Eram completamente o oposto uma da outra, pelo menos no tocante à aparência. Ambas pareciam ser muito introvertidas, muito embora Julia tenha um mau humor que acho que Alex não tinha. Alex parecia ser mais, como posso dizer... indiferente, pelo menos pelo que ouvi as pessoas com quem conversei dizerem. Aliás, a Julia parece ser mais revoltada. Ou talvez até furiosa. Tenho a impressão de que algo esteja borbulhando dentro dela como um vulcão. Um vulcão dormente. Isso soa estúpido?”

“Não, acho que não. Acho que pelo fato de ser uma escritora, você deve ter um sexto sentido em relação às pessoas. Um conhecimento da natureza humana.”

“Ah, não me chame de escritora. Não mereço esse título ainda.”

“Com quatro livros publicados você ainda não se considera uma escritora?”

Patrik parecia verdadeiramente surpreso, e Erica tentou explicar o que ela queria dizer.

“Bem, quatro biografias, e fazendo a quinta. Não pretendo menosprezar esse trabalho, mas para mim um autor é alguém que escreve algo de seu próprio coração e cérebro, e não somente descreve a vida de outra pessoa. No dia em que escrever algo que vier de mim, aí poderei me chamar de autora.”

De repente ela se deu conta de que realmente não dissera toda a verdade. Do ponto de vista formal, não havia, de acordo com aquela definição, nenhuma diferença entre as biografias que ela tinha escrito sobre personalidades históricas e o livro que estava escrevendo sobre Alex. Também era sobre a vida de uma pessoa. Mas, ainda assim, ela sentia que era diferente. Por um lado, a vida de Alex tinha caminhado numa tangente à dela de maneiras muito óbvias, e por outro, podia expressar alguns pontos de vista seus nesse livro. Assim, na conjuntura de uma série de acontecimentos objetivos, ela poderia até dirigir o espírito do livro. Mas não podia explicar isso a Patrik. Ninguém poderia saber que ela estava escrevendo um livro sobre Alex.

“Então, Julia veio aqui e fez um monte de perguntas sobre Alex. Você teve oportunidade de perguntar algo sobre Nelly Lorentz?”

Erica travou uma intensa batalha consigo mesma, por fim decidindo que não poderia ficar com a consciência limpa se ocultasse essa informação de Patrik. Talvez ele pudesse tirar conclusões que ela não estava enxergando. Era uma peça pequena, mas essencial, do quebra-cabeça que tinha escolhido para revelar quando fosse jantar na casa dele. Porém, visto que ela mesma não tinha averiguado a partir dessa informação, não via mais razão para permanecer calada. Mas primeiro teria que servir o prato principal.

Ela se curvou para pegar o prato dele, procurando se inclinar um pouco mais do que seria o normal. Ela pretendia aproveitar ao máximo as suas melhores cartas. A julgar pela expressão de Patrik, comprovou que estava mostrando três ases. Até agora seu supersutiã tinha se mostrado merecedor dos quinhentos *kronor* que tinha investido, ainda que tivesse deixado um rombo no seu orçamento.

“Pode deixar que eu os levo.”

Patrik pegou os pratos e a seguiu para a cozinha. Ela escorreu a água das batatas e as pôs no forno para assar. Esquentou o molho uma última vez e o provou. Um pouco de porto e de manteiga por cima e estava pronto para ser servido. Nada de creme desnatado neste prato! Agora só faltava tirar o filé de porco assado do forno e fatiá-lo. Ele parecia perfeito. Rosa-claro no meio, mas sem o suco vermelho que sinalizava que a carne estava malpassada. De prato com vegetais ela tinha escolhido ervilhas cozidas ao vapor que colocou numa travessa Rörstrand, assim como o purê de batatas. Ambos trouxeram os pratos para a sala. Ela esperou que ele se servisse antes de soltar a bomba.

“Julia é a única herdeira da fortuna de Nelly Lorentz.”

Naquele exato momento, Patrik estava bebendo vinho quando, ao que parece, a bebida desceu errado e ele começou a tossir com a mão no peito. Seus olhos lacrimejaram por causa do desconforto.

“Desculpe, o que você disse?”, ele perguntou, mal podendo falar.

“Eu disse que Julia é a única herdeira da fortuna de Nelly Lorentz. Está no testamento de Nelly”, Erica disse calmamente, vertendo um pouco de água num copo para dar a Patrik.

“Posso ousar perguntar como você sabe disso?”

“Porque bisbilhotei sua lata de lixo quando Nelly me convidou para um chá na sua casa.”

Patrik teve outro ataque de tosse e lançou um olhar incrédulo a Erica. Após ele esvaziar o copo de água de uma só vez, Erica continuou.

“Havia uma cópia de seu testamento na lata de lixo. Lá estava escrito clara e explicitamente que Julia Carlgren herdaria a fortuna de Nelly. Sim, Jan leva uma parte, mas Julia pega todo o resto.”

“E Jan sabe disso?”

“Não tenho ideia. Mas arriscaria dizer que não. Não, ele provavelmente não sabe.”

Erica continuou enquanto comia.

“Na verdade, perguntei para Julia, como havia conhecido Nelly Lorentz tão bem. É claro que ela me deu uma resposta absurda. Algo sobre ter trabalhado por alguns verões na fábrica de enlatados. Não duvido da parte em que disse que trabalhava lá, mas ela omitiu o resto da história. Estava claro demais que se tratava de um assunto do qual não queria falar.”

Patrik ficou pensativo. “Você já pensou que agora são dois pares de pessoas completamente díspares entre si nesta história? Eu até os chamaria de pares improváveis. Alex e Anders, e Julia e Nelly. Qual é o menor denominador comum? Se descobrirmos, então teremos achado a solução do problema.”

“Alex. Não é Alex o menor denominador comum?”

“Não”, Patrik respondeu, “eu acho que isso é simples demais. É outra coisa. Algo que não podemos enxergar, ou que não entendemos.”

Ele balançou o garfo no ar. “E também há Nils Lorentz. Ou, para ser mais exato, o seu sumiço. Você morava em Fjällbacka naquela época. O que lembra disso?”

“Eu era muito pequena naquela época, e ninguém diz nada para uma criança. Mas me lembro de que houve muito segredo em torno do assunto.”

“Segredo?”

“Sim, conversas que eram interrompidas quando eu entrava no ambiente. Adultos falando em voz baixa. ‘Silêncio, não deixe as crianças ouvir’ e comentários do gênero. Em outras palavras, tudo que sei é que houve muita conversa na época sobre o sumiço de Nils. Mas eu era jovem demais. Não me disseram nada.”

“Hum, acho que vou ter de investigar um pouco mais. Isso vai para a minha lista de coisas a fazer amanhã. Neste momento, não somente estou jantando com uma mulher linda como também com uma ótima cozinheira. Um brinde à anfitriã!”

Ela levantou o cálice e sentiu um calor dentro de si por causa do elogio. Não foi tanto pelo que ele disse sobre a comida, mas por ter dito que ela era linda. Imagine como as coisas seriam mais fáceis se pudessemos ler o pensamento das pessoas, ela pensou. Todo esse jogo seria desnecessário. Em vez disso, ela estava atenta a um mínimo sinal de que ele estivesse interessado nela. Não tem problema em ser arrojada quando se é uma adolescente, mas com o passar dos anos parece que o coração fica cada vez menos flexível. O esforço exigido era imenso, e o dano à autoconfiança, cada vez maior.

Após Patrik ter repetido o terceiro prato e eles já terem parado de falar por algum tempo em morte instantânea e mudado para o assunto sonhos, vida e vários problemas mundiais, os dois foram para a sacada para dar uma pausa antes de ser servida a sobremesa. Sentaram-se um em cada extremidade do sofá e bebericavam vinho. A segunda garrafa estava quase vazia, e ambos já podiam sentir os efeitos disso. Seus membros estavam pesados e com calor, e havia uma sensação de adormecimento na cabeça, como se estivesse envolvida em um tecido bem macio de algodão. A noite lá fora estava escura como breu, sem nenhuma estrela no céu. A densa escuridão dava a sensação de que eles estavam envoltos num grande casulo, como que sozinhos no

mundo. Erica não se lembrava de quando estivera tão contente antes, tão em paz com sua própria existência. Com a mesma mão que segurava o cálice, ela fez um gesto abarcador que tentava incluir não somente a sacada, mas também toda a casa.

“Você acredita que Anna quer vender tudo isso? Não é somente pelo fato de que esta casa seja a mais bonita do mundo, é porque há história entre estas paredes. E não me refiro somente à minha e à de Anna, mas às histórias de todos aqueles que viveram antes de nós. Você sabia que foi o capitão de um navio que mandou construir esta casa para a sua família em 1889? O capitão Wilhelm Jansson. A história é, na verdade, muito triste, como muitas das histórias nesta cidade. Ele construiu esta casa para si e para sua jovem esposa Ida. Eles tiveram cinco filhos num período de cinco anos, mas, durante seu sexto parto, ela morreu. Naqueles dias não existiam pais solteiros, então a irmã mais velha do capitão Jansson se mudou para esta casa e tomou conta das crianças enquanto ele navegava pelos sete mares. Sua irmã Hilda não foi a melhor escolha para ser madrastra. Ela era a mulher mais religiosa da região, e isso é bastante se considerarmos quão religiosas as pessoas eram por aqui. As crianças mal podiam se mexer, e ela já as acusava de estarem pecando, e as palmadas que Hilda lhes dava vinham de uma mão dura e devota. Hoje ela provavelmente seria chamada de sádica, mas naquela época era totalmente aceitável ocultar tais tendências sob a máscara da religião.

“O capitão Jansson não ficava muito tempo em casa para ver como as crianças passavam, muito embora deva ter tido suas suspeitas. Mas, como a maioria dos homens, considerava o ato de educar crianças uma tarefa feminina e achava que estava cumprindo seu papel de pai ao se certificar de que tivessem um teto sobre suas cabeças e comida na mesa. Até que ele chegou em casa um dia e viu sua filha caçula, Märta, com o braço quebrado fazia uma semana. Então expulsou sua irmã de casa, e o capitão,

que era um homem de atitude, procurou entre as mulheres solteiras da região uma que fosse adequada para ser a nova madrasta de seus filhos. No período de somente dois meses, ele se casou com uma autêntica campestre, Lina Mansdotter, e ela cuidou dos filhos do capitão como se fossem seus próprios. Ela e o capitão tiveram mais sete filhos juntos, então devia haver uma verdadeira multidão aqui. Se você observar com atenção, poderá ver alguns vestígios das crianças. Alguns cortes, moedas e lugares mais desgastados por toda a casa.”

“Então, como seu pai acabou comprando a casa?”

“Com o tempo, os irmãos Jansson se dispersaram. O capitão Jansson e a sua querida Lina, que tinham se amado muito, morreram. O único que sobrou na casa foi o filho mais velho, Allan. Ele nunca chegou a se casar e, quando envelheceu, não podia mais manter a casa sozinho, por isso decidiu vendê-la. Papai tinha se casado recentemente, e com mamãe estava procurando uma casa. Papai nos disse que se apaixonou pela casa instantaneamente. Ele não hesitou por um segundo sequer.

“Quando Allan lhe vendeu a casa, também lhe contou essa história, da casa e de sua família. Era importante para ele, foi o que disse, que papai soubesse quais pés tinham desgastado o antigo chão de madeira. Ele também deixou alguns documentos. Cartas que o capitão Jansson tinha enviado de todos os cantos do mundo, primeiro para sua esposa Ida, e depois para Lina. Também deixou o chicote com o qual Hilda costumava bater nas crianças. Ele ainda está aqui, pendurado lá embaixo, no porão. Anna e eu às vezes íamos lá, quando éramos pequenas, para tocar nele. Tínhamos ouvido a história de Hilda, e costumávamos imaginar como seria a sensação das duras palhas do chicote ao estalar na nossa pele nua. Lamentávamos pelas criancinhas que foram tão maltratadas”, Erica olhou para Patrik e continuou: “Agora entendo por que o meu coração se parte ao pensar que esta casa vai ser

vendida. Se a vendermos, nunca a conseguiremos de volta. Não tem volta. Deixa-me louca pensar que algum rico de Estocolmo vai pisar aqui, mudar o chão e colocar papel de parede com desenhos de conchinhas; isso sem falar na janela panorâmica que substituiria esta sacada antes que eu tivesse tempo de dizer as palavras ‘sem gosto’. Quem ia querer preservar as marcas de lápis dentro das portas da despensa, onde a Lina marcava, a cada ano, o quanto as crianças tinham crescido? Quem se importaria em ler as cartas do capitão Jansson nas quais tentava descrever os mares do sul para suas duas esposas que mal tinham ido além da paróquia? Esta história seria apagada, e esta casa seria somente uma... casa. Charmosa, mas sem alma.”

Ela percebeu que estava falando demais da conta, mas por alguma razão achou que fosse importante para Patrik entender, e olhou para ele. Ele estava olhando para ela com atenção, e ela enrubesceu com aquele olhar. Algo aconteceu. Um instante de compreensão absoluta e, antes de se dar conta do que estava acontecendo, Patrik já estava sentado do lado dela e, após um instante de hesitação, os lábios dele estavam junto dos seus. A princípio, Erica somente sentiu o gosto do vinho, tanto na boca dela quanto na dele, mas, logo em seguida, sentiu o gosto da boca de Patrik. Ela lentamente abriu sua boca e sentiu a língua dele procurando a dela. Ela sentiu todo seu corpo ficar eletrizado.

Após alguns instantes, a situação ficou incontrolável, então Erica se levantou, segurou-o pelas mãos e, sem dizer uma palavra, o levou para o quarto. Eles se deitaram na cama, beijando-se e acariciando um ao outro. Após um instante, Patrik começou a desabotoar a parte traseira do vestido dela, com um olhar inquisitivo. Ela consentiu de maneira silenciosa ao começar a desabotoar a camisa dele. Foi então que se deu conta de que a calcinha que tinha escolhido para usar não era a que queria mostrar para Patrik na primeira vez. Deus sabia que nem sequer a

meia-calça que ela escolhera era a mais *sexy* do mundo. A questão era como ia tirar a meia-calça e a calcinha com suporte sem que ele visse. De repente, Erica se sentou.

“Desculpe, mas preciso ir ao banheiro.”

Lá dentro, começou a olhar ao redor freneticamente. Teve sorte. Havia uma pilha de roupas limpas na cesta que não tivera tempo de guardar. Com muito esforço, tirou a apertada meia-calça e a colocou junto com a calcinha de velha na cesta de roupas. Então colocou uma calcinha pequena e branca de renda que combinava com o sutiã. Ajeitou o vestido e aproveitou para dar uma olhada rápida no espelho. Estava com o cabelo encaracolado bagunçado e os olhos tinham um brilho febril. Sua boca estava mais vermelha do que de costume, e levemente inchada de tanto beijar. Na verdade, parecia bastante *sexy*, pensou. Embora, sem a calcinha com suporte, sua barriga não parecesse tão lisa quanto desejava. Ela encolheu a barriga e empinou os seios, e então caminhou de volta para Patrik, que ainda estava deitado na cama, da mesma forma que o deixara.

Suas roupas começavam a desaparecer, e a pilha no chão crescia cada vez mais. A primeira vez nem sempre é tão boa quanto descrevem os romances; era mais uma mistura de sentimentos fortes com uma consciência envergonhada. Ao mesmo tempo em que seus corpos reagiam de maneira explosiva ao toque um do outro, eles estavam vividamente conscientes de sua nudez, das pequenas imperfeições, preocupados que sons embaraçosos pudessem ocorrer. Estavam desajeitados e incertos do que o outro pudesse gostar ou não. Não estavam ainda muito seguros um com o outro para ousar expressar seus pensamentos em palavras. Em vez disso, usavam sons guturais para indicar o que funcionava e o que poderia ser melhorado. Mas da segunda vez foi melhor. Na terceira foi bastante aceitável. Na quarta foi muito bom, e na quinta foi fantástico. Eles adormeceram, enroscados um no outro. A última

coisa que Erica notou foi o braço de Patrik ao redor do seu peito e seus dedos entrelaçados nos dele. Ela adormeceu com um sorriso nos lábios.

A cabeça de Patrik estava a ponto de explodir. Sua boca estava tão seca que a língua grudara no céu da boca, mas em algum momento anterior tivera saliva nela, porque sentiu na sua bochecha um molhado de baba no travesseiro. Parecia que alguém estava segurando suas pálpebras fechadas e lutando contra seus esforços para abrir os olhos. Após algumas tentativas extenuantes, por fim conseguiu abri-los.

E então teve uma visão diante de si: Erica estava deitada de lado, virada para ele, com o cabelo loiro encaracolado no seu rosto. Ela parecia estar sonhando, porque seus cílios tremiam e suas pálpebras se contraíam. Patrik pensou que poderia ficar deitado ali olhando para ela para sempre, sem nunca se cansar do que estava vendo. Por toda sua vida, se fosse necessário. Erica levou um susto enquanto estava adormecida, mas rapidamente voltou à sua respiração normal. É verdade que isso era bem como andar de bicicleta. E ele não se referia somente ao ato sexual em si, mas também ao sentimento de amar uma mulher. Durante os dias sombrios e tristes, assim como durante as noites, ele achava impossível sentir isso novamente. Agora era impossível *não* senti-lo.

Erica se mexia, inquieta, e Patrik observou que estava prestes a acordar. Ela também lutou para levantar as pálpebras. Mas, quando o fez, ele ficou impressionado de ver quão azuis eram seus olhos.

“Bom-dia, dorminhoca.”

“Bom-dia.”

O sorriso que se espalhou sobre seus lábios o fez sentir como um milionário.

“Você dormiu bem?”, Erica perguntou.

Patrik olhou para os números reluzentes do despertador. “Sim, as duas horas que dormi foram maravilhosas. Embora acredite que as horas que estava acordado antes disso foram mais maravilhosas ainda.”

Erica somente deu um sorriso como resposta.

Patrik tinha a suspeita de que seu hálito estava parecido com o de uma cobra, mesmo assim não conseguiu resistir e se inclinou para beijá-la. O beijo se prolongou e uma hora se passou num piscar de olhos. Depois Erica se deitou sobre o braço esquerdo dele, desenhando círculos com o dedo no seu peito. Ela levantou o olhar para ele:

“Quando você veio, achava que íamos acabar na cama?”

Ele hesitou um pouco antes de responder, e pôs a mão atrás da cabeça enquanto pensava.

“Não. Bem, não achei que isso fosse acontecer. Eu só *torcia* para que acontecesse.”

“Eu também. Torcia, quero dizer, não achava.”

Patrik pensou no quanto estava sendo ousado, mas com Erica nos seus braços achava que poderia ousar fazer qualquer coisa.

“A única diferença é que você começou a torcer bem recentemente, não foi? Você sabe há quanto tempo eu estava torcendo para que isso acontecesse?”

Ela lançou um olhar confuso: “Não. Há quanto tempo?”

Patrik ficou em silêncio, para aumentar o suspense: “Faz um tempão. Estou apaixonado por você faz um tempão”, ao se ouvir dizendo aquilo em voz alta, percebeu que era verdade.

Erica olhou para ele com os olhos arregalados. “Você está brincando! E eu estava preocupada querendo saber se você gostava mesmo um pouquinho de mim! E agora está me dizendo que era só eu querer!”

Seu tom era jocoso, mas percebeu que ela havia ficado um pouco chocada com o que ele tinha declarado.

“Bom, não por causa disso vivi uma vida celibatária ou num deserto emocional por toda a minha vida. É claro que me apaixonei por outras mulheres também, como a Karin, por exemplo. Mas você sempre foi especial. Sempre senti meu coração bater mais forte toda vez que a via”, ele apertou a mão sobre o peito. Erica pegou sua mão, beijou-a e a colocou sobre o rosto. Aquele gesto lhe disse tudo.

Eles passaram a manhã se conhecendo. Quando Erica perguntou a Patrik como ele gostava de passar o tempo livre, sua resposta causou um grito de frustração.

“Nãooooo! Outro fã de esporte, não! Por que é que não consigo achar um cara que pense que isso é só um passatempo, sair correndo atrás de uma bola por um gramado, quando se tem cinco anos de idade? Ou pelo menos um cara que questione que benefício há para a humanidade alguém pular dois metros no ar por cima de uma barra?”

“Dois e quarenta e cinco.”

“Como assim, dois e quarenta e cinco?”, Erica perguntou com uma voz de quem não estava muito interessada na resposta.

“O cara que salta mais alto no mundo é Sotomayor, e ele pula dois metros e quarenta e cinco. As mulheres saltam por volta de dois metros.”

“Sim, sim, que seja”, ela olhou para ele desconfiada.

“Você tem o canal Eurosport?”

“Tenho.”

“Canal +, não o de filmes, mas o de esportes?”

“Também tenho.”

“TV1000, pela mesma razão?”

“Sim, mas, para ser mais exata, tenho a TV1000 por outra razão que não seja esportes.”

Erica lhe deu um tapinha no peito de brincadeira. “Eu me esqueci de algum outro?”

“Sim, a TV3 tem muito esporte.”

“Meu radar que detecta fãs de esporte está bem regulado, tenho que admitir. Fui à casa de um amigo na semana passada, o Dan, e fiquei muitíssimo entediada assistindo a uma partida de hóquei das Olimpíadas. Simplesmente não entendo como alguém pode pensar que é interessante ver uns caras com protetores enormes correndo atrás de uma coisinha preta.”

“Seja como for, é muito mais divertido e produtivo do que passar um dia inteiro indo de uma butique a outra.”

Em resposta àquele ataque descarado ao maior vício de sua vida, Erica torceu o nariz e fez uma careta para Patrik. De súbito, ela viu que seus olhos adquiriram um brilho.

“Droga”, ele se sentou sobre a cama.

“Como disse?”

“Droga, merda, inferno!”

Erica olhou para ele com os olhos arregalados.

“Como diabos fui perder isso?”, e ele bateu na testa várias vezes com a mão.

“Olá! Estou aqui, você se lembra? Você quer fazer o favor de me dizer do que está falando?”, Erica balançou as mãos na frente dele. Patrik devaneou por um instante quando viu que o movimento de suas mãos fez seus seios balançarem. Então ele saiu da cama de um pulo, pelado como veio ao mundo, e correu para o andar de baixo. Voltou para cima com alguns jornais nas mãos, sentou-se na cama e começou a folheá-los freneticamente. A essa altura Erica já tinha desistido de esperar respostas e somente o observava com interesse.

“Ahá!”, Patrik gritou triunfante. “Que sorte que você não jogou fora os suplementos de programação dos canais!”

Ele balançou o jornal na frente de Erica: “Suécia e Canadá!”

Ainda em silêncio, ela se contentou em somente levantar um pouquinho a sobancelha. Impaciente, Patrik tentou explicar:

“A Suécia derrotou o Canadá num jogo das Olimpíadas. Na sexta-feira, vinte e cinco de janeiro. No canal TV4.”

Ela ainda estava olhando para ele sem expressão. Patrik suspirou.

“Toda a programação normal foi cancelada por causa da partida. Anders não deve ter chegado em casa na mesma hora em que passava *Mundos separados* naquela sexta-feira, porque ele foi cancelado. Está me entendendo?”

Lentamente Erica foi entendendo o que ele estava dizendo. Anders não tinha mais um álibi. Muito embora fosse tênue, a polícia ainda teria dificuldade em rebatê-lo. Agora, Patrik poderia buscar Anders de novo, com base na evidência que já tinha. Patrik acenou com satisfação quando viu que Erica entendeu.

“Mas você não acha que Anders seja o assassino... ou acha?”, ela perguntou.

“Não, é claro que não. Mas, por um lado, posso estar errado, muito embora você ache difícil acreditar nisso”, ele piscou para ela. “E, por outro, se eu não estiver enganado, aposto que Anders sabe muito mais do que o que nos contou. Agora temos a oportunidade de pressioná-lo ainda mais.”

Patrik começou a garimpar sua roupa pelo quarto. Ela estava espalhada aqui e acolá, mas o mais chocante foi ter percebido que ainda estava usando as meias. Ele rapidamente vestiu a calça e torceu para que, no calor da paixão, Erica não tivesse percebido que ele estava de meia. Era difícil parecer um deus do sexo com meias brancas nas quais estava bordado “Tanumshede IF”.

De repente, ele sentiu que não tinha mais tempo a perder e se vestiu com muita pressa. Na primeira tentativa de abotoar a camisa, errou e resmungou por ter de começar a abotoá-la de novo. De súbito, percebeu que sua pressa para ir embora poderia causar má impressão, então se sentou na cama, pegou a mão de Erica e olhou bem nos seus olhos.

“Desculpe por correr assim, mas é preciso. Eu só queria dizer que essa foi a noite mais maravilhosa da minha vida, e que mal posso esperar pelo nosso próximo encontro. Você quer me ver de novo?”

O que eles tiveram ainda parecia frágil e delicado, e ele segurou a respiração ao esperar pela resposta. Ela assentiu.

“Então posso vir aqui quando terminar o trabalho?”

Erica assentiu de novo. Ele se inclinou para a frente e a beijou. Quando ele saiu pela porta do quarto, ela continuou na cama, com as pernas flexionadas e o cobertor sobre seu corpo. O sol entrava pela janelinha redonda, dando a impressão de que tinha uma aura sobre sua cabeça loira. Era a coisa mais linda que ela já tinha visto.

A neve estava meio derretida e insistia em penetrar no mocassim fino de Bengt Larsson. Seu sapato era mais apropriado para o verão, mas o álcool era uma maneira eficaz de amortecer o frio. E diante da escolha entre comprar um par de sapatos de inverno ou uma garrafa de *schnapps*, a decisão foi fácil.

O ar estava tão claro e limpo, e a luz tão delicada naquela manhã de quarta-feira, que Bengt sentiu algo incomum, que não sentia fazia tempo. Era uma inquietante sensação de paz, e ficou curioso em saber por que uma manhã normal de quarta-feira evocaria uma sensação tão estranha nele. Ele parou e inspirou o ar da manhã com os olhos fechados. Imaginou que sua vida poderia ser cheia de manhãs como aquela.

Tudo ficou claro para ele quando chegou à encruzilhada na estrada. Sabia perfeitamente quando sua vida tinha tomado aquela direção infeliz. Podia até mesmo dizer a hora em que ocorreu. De fato, ele não tivera todas as desculpas normais. Não teve em sua vida maus-tratos, pobreza, fome ou tampouco carências emocionais. A única coisa que podia culpar era a sua própria estupidez e a confiança excessiva em si mesmo. Obviamente, havia uma garota envolvida nessa história.

Ele tinha dezessete anos de idade e, naquela época, não havia nada que fizesse que não estivesse relacionado com uma garota. Mas essa era especial. Maud, com seu cabelo loiro exuberante e sua fingida timidez, que tocava no seu ego como um violino bem afinado. “Querido Bengt, é que eu preciso...” “Querido Bengt, você não poderia me arranjar um...” Era ela quem tinha o domínio, e ele se desdobrava, obediente, para satisfazer aos seus desejos. Nunca nada a satisfazia por completo. Ele, com o dinheiro que economizava, lhe comprava roupas finas, perfumes, tudo que ela queria. Mas assim que conseguia tudo pelo que tinha implorado tanto, jogava aquilo de lado e implorava para ter outra coisa, que era a única coisa que conseguia fazê-la feliz.

Maud era como uma febre no sangue dele. Sem se dar conta, as rodas começaram a girar cada vez mais rápido até que não soubesse mais distinguir o que era a parte de cima e a de baixo. Quando completou dezoito anos, Maud decidiu que queria passear com ele em nada menos que um Cadillac conversível. Aquilo custava mais do que ele ganhava em um ano inteiro, e passava noites em claro enquanto quebrava a cabeça, tentando pensar num jeito de conseguir o dinheiro. Enquanto ele passava por essa agonia, Maud fazia beicinho e dava a entender em termos mais do que claros que, se não arranjasse o carro, com certeza havia outros caras que poderiam tratá-la da maneira que merecia. Aí o ciúmes

se juntou àquelas noites em claro e de preocupações quando, finalmente, ele não pôde aguentar mais.

Em 10 de setembro de 1954, exatamente às duas horas da tarde, entrou num banco de Tanumshede, armado com uma velha pistola do exército, que seu pai mantinha guardada em casa fazia anos, com uma meia de náilon sobre a cabeça. Nada deu certo. Os bancários jogaram o dinheiro na sacola que tinha levado consigo, mas nem chegava perto do que ele esperava. Foi então que um dos clientes, pai de um colega seu de classe, o reconheceu mesmo com a meia sobre a cabeça. Em uma hora, a polícia estava no apartamento de seus pais e encontrou a sacola de dinheiro debaixo da cama do seu quarto. Bengt nunca se esqueceu da expressão no rosto de sua mãe. Ela já tinha morrido há muitos anos, mas seus olhos sempre o perseguiram quando lhe sobrevinha a vontade do álcool.

Três anos na prisão tinham matado toda a esperança de um futuro. Quando saiu, Maud já tinha ido embora fazia tempo. Ele não sabia para onde, e não ligava. Todos os seus velhos amigos tinham continuado com suas vidas, tinham um emprego fixo e uma família, e não queriam nenhuma relação com ele. Seu pai tinha morrido num acidente enquanto ele ainda estava na cadeia, por isso Bengt foi morar com sua mãe. Humildemente, ele ia procurar emprego, mas era rejeitado aonde quer que fosse. Ninguém queria contratá-lo. E, finalmente, os olhares de todos, sempre cravados nele, o motivaram a procurar o futuro no fundo de uma garrafa.

Para alguém que tinha crescido na segurança de uma cidadezinha pequena, onde todos se cumprimentam nas ruas, a sensação de ser rejeitado era tão dolorosa quanto uma tortura física. Ele pensou em abandonar Fjällbacka, mas para onde iria? Era mais fácil ficar e se deixar levar pelo torpor abençoado do álcool.

Ele e Anders se conheceram logo em seguida. Dois pobres diabos, como eles mesmos costumavam dizer, rindo com amargura. Bengt tinha um carinho quase paterno por Anders, e sentia mais tristeza pelo destino dele do que pelo próprio. Ele sempre quis fazer algo que mudasse a direção da sua vida. Entretanto, conhecia bem a sedutora canção nefasta do álcool, e sabia quanto era difícil se afastar da amante exigente na qual o álcool tinha se tornado com o passar dos anos. Essa amante exigia muito, e não dava nada em troca. Tudo o que ele e Anders podiam fazer era dar consolo e companheirismo um ao outro.

O caminho para a porta dianteira do prédio de Anders tinha sido limpado da neve. Por isso Bengt não precisava andar lentamente para não quebrar a garrafa que levava no bolso, como teve de fazer muitas vezes no inverno do ano passado, quando o gelo, brilhante e escorregadio, cobria o chão até as escadas.

Os dois lances de escada para o apartamento de Anders sempre eram um desafio. Não havia elevador. Por várias vezes, teve de parar e tomar fôlego, e por duas vezes teve de parar e tomar um trago reparador da garrafa que levava. Quando finalmente chegou à porta do apartamento de Anders, estava arfando fortemente. Apoiou-se no batente da porta por uns instantes até abri-la, pois sabia que Anders nunca trancava a porta.

Estava silencioso lá dentro. Talvez Anders não estivesse em casa. Se estivesse dormindo, de ressaca, sua respiração profunda e seus roncos se ouviriam de lá do corredor. Bengt olhou na cozinha. Não havia ninguém lá, salvo as corriqueiras colônias de bactérias. A porta do banheiro estava escancarada, e lá, também, estava vazio. Quando se virou para outro canto, teve uma sensação horrível na boca do estômago. O que viu na sala de estar o fez parar de repente. A garrafa que segurava na mão caiu no chão com um estrépito, mas não quebrou.

A primeira coisa que ele viu foram os pés balançando um pouco acima do chão. Aqueles pés descalços se mexiam de leve, de um lado para outro. Anders estava usando calça, mas não tinha nada na parte superior do corpo. Sua cabeça pendurada formava um ângulo estranho. Seu rosto estava inchado e pálido, e sua língua parecia ser grande demais para a boca, pois ela aparecia entre os lábios. Essa foi a cena mais triste que já vira na vida. Ele se virou e lentamente deixou o apartamento, mas não sem antes pegar a garrafa que tinha caído no chão. Tentou buscar em seu interior algo a que se apegar, mas só achou um vazio lá dentro. Então, agarrou-se à única linha vital de comunicação que conhecia. Sentou-se no limiar do apartamento de Anders, levou a garrafa aos lábios e chorou desconsoladamente.

Duvidava que o nível de álcool no seu sangue estivesse dentro do permitido pela lei, mas não era isso que preocupava Patrik naquele momento. Ele guiava o carro mais lentamente do que o usual por questões de segurança, mas, visto que estava discando números no celular, era discutível quanto isso ajudaria na segurança do trânsito.

Sua primeira ligação foi para a TV4, que confirmou que *Mundos separados* tinha sido cancelado na sexta-feira, dia vinte e cinco, por causa da partida de hóquei. Então ligou para Mellberg, que, como era de se esperar, ficou superfeliz com a notícia. Ele mandou que Anders fosse trazido imediatamente à delegacia. Na sua terceira ligação, Patrik pediu reforço e foi direto para o condomínio onde Anders morava. Jenny Rosén deve ter simplesmente confundido os dias. Um acontecimento não muito incomum entre as testemunhas.

Apesar de seu entusiasmo por conta de uma possível mudança de rumo no caso, Patrik não conseguia se concentrar por completo em sua missão. Seus pensamentos se dirigiam constantemente a Erica e à noite que tinham passado. Viu-se sorrindo como um bobo

de orelha a orelha, e suas mãos involuntariamente tamborilavam ritmos no volante do carro. Ligou o rádio numa estação de músicas antigas, que tocava *Respect*, de Aretha Franklin. Aquela canção alegre do Atlântico combinava perfeitamente com seu humor, e ele aumentou o volume. Quando chegou o refrão, acompanhou a todos pulmões e até dançou, tanto quanto podia, é claro, estando sentado. Achou que estava arrasando com sua voz, pelo menos até a música acabar e ouvir *R-E-S-P-E-C-T* de sua própria voz, e um eco desagradável se prolongar dentro do carro.

A noite anterior inteira mais lhe parecia agora um agradável estado de embriaguez, e não somente pelo vinho que tinham bebido. Era como se um véu ou uma cortina nebulosa de emoção, amor e sexo cobrisse as horas passadas.

Ele foi obrigado a parar de pensar nas horas da noite anterior quando virou o carro para entrar no condomínio. As viaturas de reforço tinham chegado com inusitada rapidez; deviam estar pela redondeza. Patrick viu duas viaturas com luzes azuis piscando e franziu a testa de leve. Como sempre, tinham interpretado mal suas ordens. Ele pedira *uma* viatura, não duas. À medida que se aproximou, viu uma ambulância atrás das viaturas. Algo não estava bem.

Reconheceu Lena, a policial loira de Uddevalla, e se aproximou dela. Ela estava falando ao celular, mas quando chegou ao seu lado, já estava desligando. Ele ouviu um “tchau” e a viu guardando o telefone num receptáculo que levava na cintura.

“Oi, Patrik.”

“Oi, Lena. O que está havendo?”

“Um dos bêbados encontrou Anders enforcado no seu apartamento”, ela apontou para a porta principal. Patrik sentiu um frio na barriga.

“Vocês não tocaram em nada, né?”

“Claro que não, o que pensa que nós somos? Acabei de falar com a central de Uddevalla e eles estão enviando uma equipe para examinar a cena do crime. Também falamos com Mellberg, por isso supus que você tivesse vindo porque ele havia ligado.”

“Não, eu já estava a caminho porque ia levar Anders para ser interrogado.”

“Mas ouvi dizer que ele tinha um álibi.”

“Sim, foi o que achamos, mas ele foi desfeito, então íamos levá-lo para ser interrogado de novo.”

“Que droga de azar. Que diabos você acha que isso quer dizer? Digo, a probabilidade de haver dois assassinos aqui em Fjällbacka de repente é quase nula. Ele deve ter sido assassinado pela mesma pessoa que matou Alex Wijkner. Há outros suspeitos além de Anders?”

Patrik se recompôs. Era bem verdade que isso mudaria tudo, mas ainda não estava pronto para tirar as mesmas conclusões que Lena, de que Anders fora assassinado pela mesma pessoa que matara Alex Wijkner. É claro, isso era estatisticamente quase impossível. Ali não houvera assassinos durante décadas, e de repente dois assassinos andavam por aí? Mas ele tampouco queria descartar a possibilidade.

“Bem, vamos subir para que eu possa dar uma olhada. Aí você pode me dizer o que descobriram até agora. Por exemplo, como chegou o aviso?”

Lena foi adiante, subindo as escadas na frente dele.

“Bem, como lhe disse, foi um dos amigos de bebedeira de Anders que o encontrou, Bengt Larsson. Parece que ele veio até aqui logo de manhã para começar a beber com Anders desde cedo. Geralmente ele entra sem bater, e foi o que fez hoje. Quando entrou no apartamento, viu Anders pendurado por uma corda amarrada a um gancho da lâmpada do teto da sala de estar.”

“Ele avisou logo em seguida?”

“Na verdade, não. Ele sentou no limiar e afogou suas tristezas com uma garrafa de vodca *Explorer*. Foi então que um vizinho saiu e lhe perguntou como as coisas andavam, e ele disse o que tinha acontecido. Foi o vizinho que nos ligou. Bengt Larsson está bêbado demais para ser interrogado com mais detalhes, por isso o enviei à delegacia de vocês.”

Patrik se perguntou por que Mellberg não lhe tinha ligado para lhe informar sobre aquela ação, mas acabou se conformando, pois os hábitos do delegado eram, na maioria das vezes, inescrutáveis.

Patrik começou a subir dois degraus por vez e passou Lena. Quando chegaram ao terceiro andar, a porta estava escancarada e ele viu pessoas se movimentando dentro do apartamento. Jenny estava na entrada do apartamento dela, com Max nos braços. Quando Patrik se aproximou deles, Max balançou suas mãos gordinhas com alegria e mostrou um sorriso com dois dentes.

“O que aconteceu?”, Jenny segurou Max com mais força, porque o pequeno estava fazendo de tudo para se livrar do aperto de seus braços.

“Não temos certeza ainda. Anders Nilsson está morto, mas não sabemos muito mais. Você viu ou ouviu algo incomum?”

“Não, não me lembro de nada especial. A primeira coisa que ouvi foi meu vizinho falando com alguém aqui na escada. Depois de pouco tempo, as viaturas da polícia e uma ambulância chegaram e havia uma agitação danada aqui fora.”

“Mas nada de especial hoje de manhã ou ontem à noite?”, Patrik ainda estava especulando.

“Não, nada.”

Patrik deixou para lá, por enquanto. “Está bem, obrigado por sua ajuda, Jenny.”

Ele sorriu para Max e o deixou segurar o seu dedo, o que foi extremamente divertido, porque Max ria tanto que parecia que ia engasgar. Com relutância, Patrik se soltou e começou a retroceder lentamente em direção ao apartamento de Anders enquanto acenava para o menino e se despedia dele.

Lena estava na entrada do apartamento, com um sorriso zombeteiro nos lábios. “Está na hora de ter um, não acha?”

Para sua surpresa, Patrik sentiu que tinha enrubescido, algo que fez Lena sorrir ainda mais. Ele murmurou algo incompreensível em resposta.

A jovem entrou no apartamento, dizendo sobre seu ombro: “Bem, você já sabe, se quiser, é só pedir. Estou livre e solteira, e tenho um relógio biológico funcionando tão alto que mal consigo dormir à noite.”

Patrik sabia que ela estava brincando com suas piadinhas insinuantes, mas não pôde deixar de ficar mais vermelho ainda. Não respondeu, e, quando ele e Lena entraram na sala de estar, ambos perderam toda a vontade de sorrir.

Alguém tinha cortado a corda que suspendia o corpo de Anders, e agora ele estava estendido no chão da sala. Justo em cima dele estava o toco de corda, cortado a uns dez centímetros do nó. O resto da corda estava em volta do pescoço de Anders como um nó corrediço, e Patrik podia ver a profunda marca vermelha que ela tinha provocado em sua pele. O que sempre o perturbava em pessoas mortas era a cor nada natural que seus rostos adquiriam. Estrangulamento causava uma coloração arroxeadada feia que proporcionava à vítima uma aparência estranhíssima. Patrik também reconheceu a língua grossa e inchada saindo dos lábios de Anders como algo normal em vítimas que foram estranguladas ou sufocadas. Muito embora sua experiência com vítimas de assassinato fosse limitada, para dizer o mínimo, a polícia tinha sua

porção correspondente a cada ano, e ele havia ajudado a solucionar três casos ao longo de sua carreira.

Mas quando Patrik olhou em volta da sala de estar, viu uma coisa que claramente fazia aquele suicídio se diferenciar dos demais que tinha visto. Não havia como ele ter subido e colocado sua cabeça no nó correção amarrado ao teto. Não havia nem cadeiras nem mesas por perto. Anders teria balançado livremente no meio da sala como um macabro humano móvel.

Como estava pouco acostumado a ver cenas de assassinato, Patrik se movia com vagar ao redor do corpo, num largo círculo. Os olhos de Anders estavam abertos, perdidos no vazio. Patrik não pôde deixar de se inclinar para a frente para fechá-los. Ele sabia que não deveria ter nenhum tipo de contato antes que o médico legista chegasse; na verdade, o corpo não deveria nem mesmo ter sido tirado da corda, mas havia algo naquele olhar petrificado que mexia com todos os nervos do seu corpo. Ele tinha a sensação de que os olhos o estavam seguindo pela sala.

O lugar tinha uma desolação insólita. Então Patrik percebeu que todas as pinturas tinham sido retiradas das paredes. Somente marcas grandes e feias permaneceram no lugar onde uma vez estiveram as obras. De resto, a sala estava tão bagunçada quanto da última vez que estivera ali, embora daquela vez os quadros dessem um certo brilho ao ambiente. As pinturas tinham proporcionado à casa de Anders um certo ar de decadência ao combinar imundície com beleza. Agora, o ambiente parecia somente sujo e nojento.

Lena falava sem parar ao celular. Depois de uma conversa em que ele somente a ouvia responder em monossílabos, ela fechou com um estalido seu telefone e se virou para ele.

“Vão nos mandar reforço da unidade forense para investigar a cena do crime. Eles estão saindo de Gotemburgo agora. Não

podemos tocar em nada. Sugiro que esperemos lá fora por questões de segurança.”

Eles saíram para o corredor; Lena fechou a porta lentamente e a trancou. O frio estava intenso quando saíram pela porta principal, e ambos batiam os pés no chão para se esquentar.

“Onde está Janne agora?”, Patrik estava perguntando do companheiro de Lena, que deveria estar com ela na viatura.

“Ele está de CDCD hoje.”

“CDCD?”

“Cuidando de uma criança doente: CDCD. Graças a tantos cortes nas verbas, não havia ninguém que pudesse substituí-lo em curto prazo, por isso tive de vir sozinha quando recebi o aviso.”

Patrik acenou com a cabeça, sem prestar muita atenção. Ele se sentia inclinado a concordar com Lena. Havia muita coisa que parecia dizer que eles estavam procurando pelo mesmo e único assassino. Tirar conclusões precipitadas era definitivamente uma das coisas mais arriscadas que um tira poderia fazer, mas as chances de haver dois assassinos diferentes naquela cidade eram minimamente pequenas. E se se acrescentasse o fato de que havia fortes conexões entre as duas vítimas, então as chances eram menores ainda.

Lena e Patrik sabiam que o percurso de Gotemburgo até ali demoraria pelo menos uma hora e meia, talvez até duas horas, então entraram no carro e ligaram o aquecedor. Também ligaram o rádio e ficaram por um bom tempo escutando uma estação de música *pop*. Era uma ótima distração para a longa espera que tinham diante de si. Após uma hora e quarenta minutos, viram duas viaturas da polícia estacionar, e então saíram para se encontrar com os reforços.

“Por favor, Jan, não podemos ter a nossa própria casa? Vi que estão vendendo uma das casas de Badholmen. Talvez pudessemos

dar um pulo de carro lá para analisá-la. Ela tem uma vista fantástica e uma pequena garagem de barcos também. Por favor?”

O choramingo de Lisa fez sua irritação aumentar. Sua voz quase sempre o irritava ultimamente. Estar casado com ela seria muito mais agradável se ela se calasse e apenas mostrasse sua beleza. Ultimamente, nem mesmo seus seios volumosos e firmes e seu traseiro grande o convenciam de que tudo isso tinha valido a pena. Seu falatório era cada vez mais intenso e, em momentos como esse, ele se arrependia profundamente de ter caído na conversa de casamento dela.

Lisa trabalhava como garçonete no Röde Orm de Grebbestad quando ele a viu pela primeira vez. Todos os seus amigos praticamente babaram quando viram o decote e as pernas compridas, e ele decidiu naquele exato momento que precisava tê-la. Geralmente conseguia tudo que queria, e Lisa não foi uma exceção. Ele não era feio, mas o que quase sempre decidia a questão era quando se apresentava como Jan Lorentz. Mencionar seu sobrenome normalmente fazia os olhos de uma mulher brilhar e, a partir daí, o campo estava livre.

Ele era obcecado pelo corpo de Lisa, a princípio. Simplesmente não se satisfazia com ela e, com impressionante eficácia, tapava os ouvidos para não ouvir seus comentários com aquela voz aguda e irritante. Os olhares invejosos de outros homens, quando ele aparecia com Lisa de braços dados, também aumentavam sua atração, aos seus olhos. No início, as sugestões de que ele a fizesse sua legítima esposa entravam por um ouvido e saíam por outro. Para ser muito sincero, sua estupidez começava até a minar sua atração. Mas o que por fim foi decisivo para torná-la sua legítima esposa foi a oposição veemente de Nelly a toda aquela ideia. Ela odiou Lisa desde o primeiro instante em que a viu, e nunca perdia uma oportunidade de expressar suas opiniões a respeito. Um

desejo infantil de se rebelar tinha colocado Jan nos apuros em que se encontrava agora, e ele reclamou de sua própria estupidez.

Lisa fazia beicinho, deitada de bruços na sua cama gigante. Ela estava nua e fazendo de tudo para ficar atraente, mas ele não tinha mais interesse. Sabia que ela estava esperando uma resposta.

“Você sabe que não podemos sair da casa da mamãe. Ela não está bem, e nunca poderia tomar conta desta casa enorme sozinha.”

Ele virou as costas para Lisa, dando um nó na gravata em frente ao espelho grande da penteadeira. Pelo espelho, viu-a franzir a testa, irritada. Aquele era um gesto que não lhe ficava nada bem.

“Essa velha esclerosada não poderia ir para uma casa de repouso em vez de ser um fardo para a sua família? Ela não entende que temos direito de ter nossa própria vida? Em vez disso, temos que passar os dias cuidando dela. E que graça tem guardar tanto dinheiro? Aposto que ela adora nos ver humilhados, arrastando-nos para pegar as pequenas migalhas que caem de sua mesa. Ela não entende o quanto você faz por ela? Você trabalha como um escravo naquela firma, e passa o restante do tempo sendo babá dela. Aquela bruxa nem nos deixa ter os melhores quartos da casa como agradecimento pela nossa ajuda. Temos que viver no porão enquanto ela passeia pelas salas.”

Jan se virou e lançou um olhar gélido para sua esposa: “Eu já não te falei que não é para falar da minha mãe desse jeito?”

“Sua mãe”, ela bufou. “Você não vai acreditar que ela o vê como um filho, não é? Você nunca vai passar de um caso de caridade para ela. Se o querido Nils não tivesse desaparecido, você teria sido chutado para fora mais cedo ou mais tarde. Você não passa de uma solução de emergência, Jan. Quem mais faria de você um escravo por praticamente vinte e quatro horas por dia de graça? A única coisa que tem é a promessa de que quando ela

bater as botas vai herdar toda a grana. Para começo de conversa, a bruxa vai viver pelo menos até uns cem anos e, em segundo lugar, aposto que ela pôs no testamento que o dinheiro deve ir para alguma casa de cachorros abandonados e está rachando o bico pelas nossas costas. Às vezes você é tão burro, Jan.”

Lisa rolou até ficar deitada de costas e olhou para suas unhas bem-feitas. Com frieza, Jan deu um passo na direção onde Lisa estava deitada. Ele se agachou, enrolou na sua mão o longo cabelo loiro dela que estava caindo para fora da cama e começou a puxá-lo, gradualmente, até ela fazer uma careta de dor. Ele aproximou o seu rosto bem perto do dela, a ponto de sentir sua respiração, e falou, rispidamente: “Você nunca, jamais, me chame de burro, entendeu? E, acredite, a grana vai ser minha um dia. A única questão é se você vai estar por perto para desfrutar dela”.

Com satisfação, ele viu um pingo de medo se acender nos seus olhos. Quase podia ver o cérebro estúpido, mas primitivamente astuto, processar a informação e concluir que era hora de mudar de tática. Ela se espreguiçou na cama, fazendo beicinho e cobrindo os seios com as mãos. Depois fez um círculo em volta dos seus mamilos até eles ficarem duros e então murmurou: “Perdoe-me, isso foi tão estúpido de minha parte, Jan. Você sabe como eu sou. Falo sem pensar, às vezes. Há alguma forma de me reconciliar com você?”

Ela chupou de maneira insinuante seu dedo indicador e concluiu que pelo menos servia para alguma coisa, para ele. Jan soltou a gravata.

Mellberg se coçava, pensativo, sem se dar conta da expressão de nojo que seu gesto provocava nas pessoas que estavam reunidas diante dele. Em homenagem ao dia, ele vestiu um terno, ainda que fosse um pouco apertado, mas culpou a tinturaria, que devia tê-lo estragado expondo-o a uma temperatura alta demais. Não

precisava se pesar para saber que tinha engordado alguns quilos desde que fora um jovem recruta, mas achava que comprar um novo terno era desperdiçar dinheiro. Boa qualidade era eterna. Não estava em seu poder impedir que os imbecis da tinturaria deixassem de fazer seu trabalho com competência.

Ele pigarreou para chamar a atenção de todos. As conversas e o barulho das cadeiras sendo arrastadas pararam, e todos os olhos se voltaram para ele, que se sentou atrás de sua mesa. Cadeiras foram dispostas em semicírculo ao seu redor. Mellberg olhou para todos em silêncio, com uma expressão solene. Esse era um momento que ele pretendia aproveitar o máximo possível. Notou, com um franzido na testa, que Patrik tinha uma aparência de exausto. Obviamente seus funcionários podiam fazer o que quisessem no seu tempo livre, mas levando em consideração que ainda estava no meio da semana, esperava-se que eles fossem moderados com o uso de álcool e a diversão. Mellberg, por sua vez, reprimiu a lembrança de que ele mesmo havia tomado meia garrafa na noite anterior. Disse a si mesmo que teria uma conversa em particular com Patrik sobre a política de álcool na delegacia.

“Como todos vocês já sabem, ocorreu um segundo assassinato em Fjällbacka. A probabilidade de que haja dois assassinos é muito baixa, então acho que podemos partir do pressuposto de que a mesma pessoa que matou Anders Nilsson foi a que matou Alexandra Wijkner.” Ele gostou do som da sua própria voz e do zelo e interesse demonstrados pelas pessoas que estavam diante dele. Ele nascera para fazer isso.

Mellberg continuou: “Anders Nilsson foi encontrado por Bengt Larsson, um dos seus companheiros de bebida. Ele foi enforcado, de acordo com informações preliminares de Gotemburgo, e está morto pelo menos desde ontem. Até que tenhamos informações mais precisas, essas serão as hipóteses das quais partiremos.”

Ele gostou da sensação que a palavra “hipóteses” causava ao sair de sua boca. O grupo de pessoas que estava diante dele não era muito grande, mas, aos seus olhos, era muito maior, e não havia a menor dúvida do grau de interesse delas. Eram por suas palavras e ordens que elas estavam esperando. Ele olhou em volta com prazer. Annika estava digitando concentrada no *laptop*, com os óculos na ponta do nariz. Suas curvas bem definidas e femininas estavam revestidas de uma jaqueta amarela com uma saia apropriada; ele piscou para ela. Sem se exceder. Era melhor não assustá-la. Ao lado dela estava Patrik, que desmoronaria a qualquer momento. Suas pálpebras custavam a ficar abertas e seus olhos estavam claramente vermelhos. Mellberg decidiu que precisava ter uma conversa com ele na primeira oportunidade. Afinal de contas, podia exigir determinado comportamento por parte de seus subordinados.

Além de Patrik e Annika, havia três outros empregados da delegacia de Tanumshede. Gösta Flygare era o mais velho da delegacia. Ele colocava toda sua energia para fazer o mínimo possível até a sua aposentadoria, que seria daqui a alguns anos. Após isso, se dedicaria totalmente à sua única paixão: o golfe. Gösta começara a jogar há dez anos, quando sua esposa morrera de câncer e os fins de semana ficaram longos demais e solitários. Esse esporte logo se transformou como um veneno no sangue. Agora ele considerava seu trabalho, pelo qual nunca teve o menor interesse, para começo de conversa, somente um elemento disruptivo que o impedia de estar no campo de golfe.

Apesar de o salário ser baixo, ele conseguira economizar o bastante para comprar um apartamento na Costa del Sol, na Espanha. Em breve, poderia passar os meses de verão jogando golfe na Suécia, e o resto do ano passaria em campos da Espanha. Embora, ele tinha que admitir, esses assassinos tivessem despertado seu interesse depois de anos. Mas não a ponto de trocar

uma investigação por uma rodada de dezoito buracos nesse momento, se a estação permitisse.

Ao lado dele estava o membro mais jovem da delegacia. Martin Molin despertava diversos graus de sentimentos paternos em todos eles. Os funcionários se revezavam para atuar como muletas invisíveis para ele no trabalho, embora tomassem cuidado para que o caçula nunca percebesse nada. Eles somente lhe davam tarefas que crianças podiam fazer, e se dividiam para reler seus relatórios antes de chegarem à mesa de Mellberg. Martins se formara na Academia de Polícia não fazia mais do que um ano. Todos ficavam admirados de que tivesse sido capaz, em primeiro lugar, de passar nas difíceis provas de ingresso e, em segundo lugar, de como conseguira completar o treinamento e obter o título. Mas Martin era agradável e tinha um bom coração e, apesar de sua ingenuidade, o que o incapacitava totalmente para o trabalho policial, todos pensavam que, em qualquer caso, não poderia causar maior dano ali em Tanumshede. Por isso, o ajudaram de bom grado a superar todos os obstáculos. Annika, em especial, o tinha tomado sob sua tutela e, às vezes, para o deleite de todos, ela demonstrava seus sentimentos espontaneamente, apertando-o contra seus peitos fartos, num abraço de urso.

Nessas ocasiões, o cabelo vermelho de Martin, que sempre estava arrepiado, e suas sardas igualmente vermelhas competiam com a cor que seu rosto adquiria. Mas ele adorava Annika, e já tinha ido visitá-la, e ao seu marido, muitas vezes quando precisava de conselho, porque a sua vida amorosa não andava bem, o que sempre acontecia.

Sua ingenuidade e bondade pareciam fazer dele um ímã irresistível para as mulheres que comiam homens no café da manhã e cuspiam as sobras. Mas Annika sempre estava disponível para ouvi-lo, para que restituísse a confiança em si mesmo, e então mandá-lo de volta ao mundo, com a esperança de que um dia

encontrasse uma mulher que pudesse apreciar o homem valioso escondido por trás daquele exterior sardento.

O último membro do grupo também era um dos menos populares. Ernst Lundgren era um bajulador de tamanho incomensurável que nunca perdia uma oportunidade de se promover, de preferência à custa dos outros. Ninguém se surpreendia que ainda fosse solteiro. Era tudo, menos atraente. Muito embora homens mais feios que ele tivessem achado companheiras graças a uma personalidade agradável, o que ajudava muito, Ernst carecia completamente deste atributo. É por isso que morava com sua mãe idosa numa fazenda situada a dez quilômetros de Tanumshede. Os rumores diziam que seu pai, que era conhecido na região por ser um homem bastante agressivo e que bebia muito, tinha sido ajudado por sua mãe após cair do palheiro em cima de um forcado. Já fazia muitos anos que isso acontecera, mas o rumor ressurgira quando as pessoas não tinham mais nada de interessante a falar. De qualquer forma, era verdade que somente uma mãe poderia amar Ernst, já que seus dentes salientes, seu cabelo esparso e suas orelhas grandes eram acompanhados de um humor colérico e egocêntrico. Naquela reunião, ele estava pendurado nos lábios de Mellberg, como se cada palavra sua fosse uma pérola, e aproveitava cada oportunidade para, irritado, mandar que os outros ficassem quietos, para que não atrapalhassem sua atenção em Mellberg. Ele erguia o braço ansiosamente, assim como um garoto na escola, para fazer uma pergunta.

“Como podemos ter certeza de que Anders não foi assassinado pelo bêbado que depois fingiu tê-lo encontrado hoje de manhã?”

Mellberg acenou satisfeito com a observação de Lundgren.

“Uma pergunta muito boa, Ernst, muito boa. Mas, como eu disse, partimos do pressuposto de que o assassino dele e de Alex

Wijkner seja a mesma pessoa. Só para desincargo de consciência, no entanto, vamos averiguar o álibi de Bengt Larsson para ontem.”

Mellberg apontou com sua caneta para Lundgren enquanto passava o olhar pelo rosto dos demais.

“É desse tipo de pensamento que precisamos para resolver este caso. Espero que todos vocês ouçam e aprendam com Ernst. Vocês têm um longo caminho pela frente para chegar a esse nível.”

Ernst humildemente baixou o olhar, mas assim que Mellberg olhou para outro lugar, não resistiu e lançou um olhar triunfante para seus colegas. Annika resfolegou alto e lhe cravou o olhar sem pestanejar em resposta ao olhar indignado que Lundgren tinha lhe dado.

“Bem, onde eu estava?”

Mellberg enganchou as mãos por baixo dos suspensórios que estava usando debaixo de sua jaqueta e deu um giro com a cadeira. Ele acabou parando na frente do quadro branco que tinha sido pendurado na parede atrás dele, para seguir o caso Alex Wijkner. Um quadro branco semelhante tinha sido posto do lado, mas a única coisa que havia nele era uma foto instantânea tirada de Anders antes de os atendentes da ambulância retirarem seu corpo do apartamento.

“Bem, o que sabemos até agora? O corpo de Anders Nilsson foi encontrado hoje de manhã e, de acordo com o relatório preliminar, já estava morto desde ontem. Ele foi enforcado por uma ou duas pessoas que não sabemos quem são, presumivelmente mais do que uma, porque seria necessário muita força para levantar um homem adulto a uma altura suficiente para pendurá-lo no teto. O que não sabemos é como procederam. Não há nenhum sinal de luta, tanto no apartamento quanto no corpo de Anders. Nenhum hematoma que mostre que tenha sido golpeado antes ou depois de sua morte. Esses são somente dados preliminares, como eu disse, mas esperamos a confirmação, assim que a autópsia estiver completa.”

Patrik balançou a caneta. “Quando vamos ter o resultado da autópsia?”

“Parece que eles têm uma pilha de corpos à espera, por isso, infelizmente, não pude obter esta informação.”

Ninguém parecia estar surpreso.

“Também sabemos que há uma clara conexão entre Anders Nilsson e nossa primeira vítima de assassinato, Alexandra Wijkner.”

Agora Mellberg se levantara e apontava para a foto de Alexandra, que estava no meio do primeiro quadro branco.

Eles tinham recebido a foto da mãe dela, e ficaram novamente admirados de ver como era bonita quando estava viva. Fazia a foto que estava logo ao lado, de Alexandra na banheira com o rosto pálido e roxo e com gelo em seus cabelos e nos cílios, parecer ainda mais horrível.

“Um casal extremamente desigual manteve relações sexuais. O próprio Anders admitiu isso, e também temos certas evidências, como vocês já sabem, que corroboram tal afirmação. O que não sabemos é quanto tempo isso durou, como eles se envolveram e, sobretudo, por que uma linda mulher da alta sociedade escolheria como parceiro sexual um bêbado imundo e repugnante como ele. Alguma coisa parece suspeita, estou com este pressentimento.”

Mellberg bateu de leve o dedo indicador algumas vezes do lado do seu nariz vermelho e largo.

“Martin, você está encarregado de investigar mais a fundo esse assunto. Sobretudo, você precisa pressionar Henrik Wijkner muito mais do que tem feito até agora. Esse cara sabe mais do que admite, tenho certeza disso.”

Martin assentiu ansioso, anotando como se fosse sua própria vida que estivesse em risco. Annika lançou-lhe um olhar afetuoso e materno por cima de seus óculos de leitura.

“Infelizmente, com isso, voltamos à estaca zero no que tange aos suspeitos do primeiro assassinato. Anders era promissor nesse papel, mas agora o caso tomou um rumo completamente diferente. Patrik, você vai ter de revisar todo o material de que dispomos sobre o assassinato de Wijkner. Verifique cada detalhe minuciosamente. Em algum lugar deve estar a pista que escapou de nossas mãos.”

Mellberg tinha ouvido aquela frase num programa policial na televisão e a decorou para usar numa ocasião futura.

Gösta tinha sido o único a não receber uma tarefa. Mellberg olhou para sua lista e pensou por alguns instantes.

“Gösta, você vai falar com a família de Alex Wijkner. Talvez eles saibam de alguma outra coisa que não nos disseram. Pergunte-lhes sobre os amigos e inimigos dela, sua infância, sua personalidade, sobre tudo. Tudo que vier à sua mente. Fale com os pais dela e a irmã, e procure fazê-lo com uma pessoa de cada vez. Assim você aproveita ao máximo o que a pessoa diz; sei por experiência. Só combine com Molin, que é quem vai falar com o marido dela.”

Gösta se retraiu com o peso de uma tarefa concreta e suspirou com resignação. Não porque isso lhe tomaria tempo do golfe, já que estavam em pleno inverno, mas é que nos últimos anos tinha se acostumado a não fazer muita coisa no trabalho. Ele se aperfeiçoou na arte de parecer que estava ocupado, quando na realidade estava jogando paciência no computador para matar o tempo. O fardo de ter de produzir resultados concretos pesava sobre ele. Sua paz e tranquilidade tinham acabado. E provavelmente ele não seria pago por essas horas extras em que trabalharia. Ficaria feliz se tão somente reembolsassem o dinheiro da gasolina referente ao caminho para Gotemburgo.

Mellberg bateu palmas e os mandou embora.

“Muito bem, vamos nos mexendo. Não podemos ficar sentados se quisermos resolver este caso. Suponho que vocês terão de trabalhar mais do que já trabalharam antes, e no tocante aos dias de folga, podem esquecer até que isso tenha sido resolvido. Até então, o tempo de vocês pertence a mim. Mexam-se!”

Se alguém entre eles tinha alguma coisa contra ser enxotado como criancinhas daquela maneira, ninguém ousou abrir a boca. Levantaram-se, pegaram as cadeiras nas quais tinham sentado com uma mão e seus blocos de anotação e canetas com a outra. Somente Ernst Lundgren ficou, mas Mellberg, ao contrário do normal, não estava a fim de bajulações, então o expulsou também.

Tinha sido um dia muito produtivo. Certamente fora uma grande decepção que seu suspeito número um no caso de Alexandra Wijkner tivesse se tornado um beco sem saída. Porém, pelo menos um mais um dava bem mais que dois. Um assassinato era um acontecimento, dois assassinatos eram uma sensação para uma cidadezinha tão pequena. Se, até o momento, tinha certeza de obter uma passagem só de ida para o centro dos acontecimentos quando resolvesse o caso, agora tinha certeza absoluta de que, diante de uma perfeita resolução global dos crimes, eles lhe rogariam de joelhos para que voltasse para Gotemburgo.

Com essas perspectivas brilhantes de futuro ao seu alcance, Bertil Mellberg encostou-se na sua cadeira, colocou a mão na terceira gaveta e pegou um merengue *Mums-Mums* com cobertura de chocolate, que alegremente jogou na boca. Então cruzou as mãos atrás da cabeça, fechou os olhos e decidiu tirar um cochilo. Afinal de contas, já era quase a hora do almoço.

Após Patrik ter ido embora, Erica tentou dormir por algumas horas, mas não conseguiu. O turbilhão de sentimentos que prevalecia dentro dela a obrigava a se remexer na cama. Um sorriso teimava em aparecer em seus lábios. Deveria ser contra a

lei estar tão feliz assim. A sensação de bem-estar era tão forte que não sabia o que fazer consigo mesma. Deitou-se de lado e encostou a bochecha direita nas mãos.

Tudo parecia maravilhoso hoje. Parecia que estava mais fácil lidar com tudo. O assassinato de Alex, o livro pelo qual a editora estava esperando impacientemente e que não estava fluindo muito, a tristeza pela morte de seus pais, e não menos a venda da casa em que passara sua infância. Tudo parecia estar mais fácil de suportar. Os problemas não tinham ido embora, mas pela primeira vez sentia-se realmente convencida de que seu mundo não estava prestes a desabar, e que ela tinha condições de lidar com quaisquer dificuldades que surgissem no seu caminho.

Imagine a diferença que um dia faz, pequenas vinte e quatro horas. Ontem, a essa hora, acordara com um peso dentro do peito. Acordara com uma solidão que não conseguia ignorar. Agora parecia que ainda podia sentir fisicamente as carícias de Patrik na sua pele. Fisicamente, na verdade, não era a palavra certa, ou era uma palavra limitada demais.

Em todo o seu ser, ela sentia que sua solidão tinha sido substituída por um sentimento compartilhado por duas pessoas. O silêncio do quarto, que parecia ameaçador e infinito, agora dava uma sensação de tranquilidade. É claro que já estava sentindo saudades dele, mas a tranquilizava a certeza de que, onde ele estivesse, estaria pensando nela.

Erica tinha a sensação de que havia pegado uma vassoura mental e varrido todas as teias de aranha antigas dos cantos e todo o pó que tinha se acumulado na sua mente. Mas essa nova lucidez também a fazia se dar conta de que não podia mais fugir do que vinha pensando nos últimos dias.

Desde que a verdadeira identidade do pai do bebê de Alex se evidenciara como letras escritas a fogo no céu para Erica, ela temia o confronto. Ainda não estava ansiosa por isso. Mas a

renovação de forças que sentia dentro de si a capacitava a enfrentar o dilema, em vez de ignorá-lo. Ela sabia o que tinha de fazer.

Tomou um banho demorado com água bem quente. Tudo lhe parecia como um novo começo naquela manhã, e ela queria iniciar o dia completamente limpa. Após tomar uma ducha e dar uma olhada na temperatura lá fora, agasalhou-se bem e torceu para que conseguisse dar partida no carro. Teve sorte. Ele pegou logo na primeira tentativa.

Enquanto dirigia, Erica pensava em como poderia tocar no assunto. Ensaiou algumas introduções, mas cada uma parecia pior do que a anterior, e por fim achou que seria melhor improvisar. Não havia nenhuma prova contundente, mas ela sentia que no fundo tinha razão. Por uma fração de segundo, pensou em ligar para Patrik e lhe contar sobre suas suspeitas, mas rapidamente descartou a ideia, decidindo que, primeiro, teria de verificar por si mesma. Havia muita coisa em jogo.

O caminho para onde ela estava indo era curto, mas parecia que estava durando uma eternidade. Quando por fim entrou no estacionamento do Badhotell, Dan lhe acenou alegremente do barco. Ela tinha adivinhado que ele estaria lá. Erica acenou, mas não sorriu de volta. Trancou o carro e, com as mãos nos bolsos de seu casaco marrom-claro, foi até o barco de Dan. O dia estava nebuloso e cinzento, mas o ar estava fresco. Ela respirou fundo algumas vezes para tentar dissipar os últimos vestígios de vagueza na sua cabeça, causada pelo consumo abundante de vinho na noite anterior.

“Oi, Erica.”

“Oi.”

Dan continuou trabalhando no barco, mas parecia estar feliz pela companhia. Erica olhou ao redor, nervosa, para ver se Pernilla estava por perto; ainda estava preocupada com o olhar

que ela lhes lançara da última vez. Mas à luz do que sabia agora, de repente as coisas ficaram bem mais claras para ela.

Pela primeira vez, ela notou quão bonito era o velho barco pesqueiro. Dan o herdara de seu pai e cuidava dele com bastante carinho. A pesca estava em seu sangue, e foi uma grande tristeza na sua vida perceber que a ocupação não poderia mais sustentar uma família. É claro que ele se dava bem como professor na escola de Tanum, mas a pesca era sua verdadeira vocação. Ele não conseguia parar de sorrir quando estava trabalhando no barco. O trabalho duro não o perturbava, e ele combatia o frio de inverno com as várias camadas de roupa que usava. Jogou no ombro um pesado rolo de corda e se virou para Erica:

“Que diabos significa isso? Nenhum lanchinho hoje? Espero que você não se acostume com isso.”

Uma mecha de seu cabelo loiro saía do gorro de lã. Ele parecia grande e forte, parado diante dela como uma coluna maciça. Irradiava força e alegria, e lhe machucava ter de acabar com aquela alegria. Mas se ela não o fizesse, outra pessoa certamente faria. A polícia, na pior das hipóteses. Ela se convenceu de que estava fazendo um favor para ele, mas sabia que estava prestes a entrar numa zona cinzenta de sentimentos. A razão principal era que ela queria saber a verdade. Tinha que descobrir.

Dan levou o rolo de corda até a proa, jogou-o no convés e voltou para onde Erica estava encostada, na grade da popa.

Erica estava com o olhar perdido no horizonte.

“Comprei meu amor por dinheiro, para mim não havia mais nada.”

Dan deu risada e terminou o verso: “Canta docemente, cordas estridentes, canta docemente de todo o meu amor”.

Erica não estava sorrindo.

“Fröding ainda é o seu poeta favorito?”

“Sempre foi e sempre será. As crianças na escola estão dizendo que vão vomitar se lerem mais uma vez Fröding, mas, a meu ver, é impossível ler demais seus poemas.”

“É, eu ainda tenho aquela antologia que você me deu quando estávamos juntos.”

Agora Dan estava de costas, porque tinha se virado para mexer numas caixas de redes que estavam do lado oposto. Ela continuou, sem se deixar abater.

“Você sempre dá de presente esse livro para as suas namoradas?”

Ele parou de repente suas tarefas e se virou para Erica, com um olhar chocado.

“Como assim? Você ganhou um e, sim, Pernilla ganhou um, embora creia que ela nunca tenha se importado em ler.”

Erica percebeu que ele tinha ficado nervoso. Ela segurou a grade em que estava encostada com suas mãos enluvadas e olhou bem no fundo dos seus olhos.

“E Alex? Ela ganhou um exemplar também?”

O rosto de Dan adquiriu a mesma cor da neve que cobria a baía atrás dele, mas ela também achou ter visto uma sensação de alívio rapidamente vir e ir embora logo em seguida.

“Como assim? Alex?”

Ainda não parecia que estava preparado para capitular.

“Eu lhe disse, da última vez, que estive na casa de Alex em uma noite da semana passada. O que não disse foi que alguém entrou na casa enquanto eu estava lá. Alguém que foi direto para o quarto e levou algo embora. De súbito, não pude pensar no que pudesse ser, mas aí fui checar qual tinha sido a última ligação que Alex fez da casa. Foi para o seu celular, e foi aí que lembrei o que tinha sumido do quarto. Tenho exatamente o mesmo livro em casa.”

Dan não disse uma palavra, então ela continuou: “Não foi difícil entender por que alguém se daria o trabalho de ir à casa de Alex e roubar algo tão simples como um livro de poemas. Há uma dedicatória nele, não há? Uma dedicatória que levaria imediatamente ao homem que era seu amante.”

“Com todo meu amor, entrego aqui a minha paixão. Dan’.”

Dan repetiu essas palavras com a voz repleta de emoção. Agora era sua vez de ter o olhar perdido no horizonte. De repente, ele se sentou na caixa que estava no convés e tirou seu gorro de lã. Seu cabelo estava todo desgrenhado. Ele tirou as luvas e passou a mão no cabelo. Então olhou para Erica:

“Eu não podia deixar aquilo continuar. O que tivemos juntos foi uma loucura. Uma loucura intensa e destrutiva. Não era algo que pudéssemos deixar colidir com nossas vidas reais. Ambos sabíamos que aquilo tinha de acabar.”

“Vocês tinham combinado de se ver na sexta-feira em que ela morreu?”

Um músculo se contraiu no rosto de Dan ao pensar naquilo. Após Alex ter morrido, ele devia ter pensando inúmeras vezes no que teria acontecido se de fato tivesse ido. Se ela ainda estaria viva.

“Sim, tínhamos combinado de nos ver na noite daquela sexta-feira. Pernilla ia com as crianças para Munkedal para visitar sua irmã. Inventei uma desculpa de que não estava me sentindo muito bem e que preferia ficar em casa.”

“Mas Pernilla não foi, ou foi?”

Houve um longo silêncio.

“Sim, Pernilla foi, e eu fiquei em casa. Desliguei o celular, pois sabia que ela nunca ousaria ligar para o telefone de casa. Fiquei em casa porque estava com medo. Não tive coragem de olhar nos olhos dela e dizer que tudo estava acabado. Muito embora eu

soubesse que ela se dava conta de que isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde, tinha medo de dar o primeiro passo. Achei que, se me afastasse gradualmente, então ela se cansaria e romperia comigo. Atitude de macho, não acha?”

Erica sabia que a parte mais difícil ainda estava por vir, mas ela tinha que continuar. Seria melhor que ele ouvisse dela.

“Mas, Dan, ela não entendeu que isso tinha de terminar. Ela enxergava um futuro com você. Um futuro no qual você largaria sua família, e ela, Henrik, e vocês dois viveriam felizes para sempre.”

Ele parecia se encolher a cada palavra, mas o pior ainda estava por vir.

“Dan, ela estava grávida. De você. E parece que pretendia revelar isso naquela noite. Ela tinha preparado um banquete e posto champanhe na geladeira.”

Dan não conseguia olhar para Erica. Ele tentou fixar os olhos num ponto distante, mas lágrimas começaram a cair, e tudo se transformou numa neblina. Tristeza emanava do fundo do seu ser, e as lágrimas corriam por seu rosto. Ele começou a soluçar e continuamente limpava o nariz com suas luvas para impedir que ele escorresse. Por fim, colocou a cabeça entre suas mãos e desistiu de se limpar.

Erica se agachou do lado dele e o abraçou, para consolá-lo. Mas Dan se afastou. Ela sabia que ele teria de se livrar do inferno em que se tinha metido sozinho. Então ele esperou com os braços cruzados até que as lágrimas caíssem de forma mais lenta e pudesse respirar mais tranquilamente.

“Como você sabe que ela estava grávida?”, ele falava gaguejando.

“Eu estava com Birgit e Henrik na delegacia quando disseram isso.”

“E eles sabem que não era filho de Henrik?”

“Tenho certeza de que Henrik sabe disso, mas Birgit, não; ela acha que Henrik é o pai.”

Dan assentiu com a cabeça. Parecia que havia ficado mais consolado ao saber que os pais dela não sabiam.

“Como vocês se conheceram?”

Erica queria desviar seus pensamentos do bebê que não nasceu, pelo menos por uns instantes, para deixá-lo respirar melhor.

Ele deu um sorriso amargo. “Muito clássico. Onde as pessoas de nossa idade se encontram em Fjällbacka? Tomando cerveja em Galären, claro. Nos vimos cada um de um extremo do local e foi como um soco no estômago. Eu nunca me senti tão atraído por uma mulher antes.”

Erica sentiu uma leve pontada de ciúme ao ouvir aquelas palavras.

Dan continuou: “Não fizemos nada nesse dia, mas algumas semanas mais tarde ela ligou para o meu celular. Fui de carro me encontrar com ela. A partir daí, tudo aconteceu como uma bola de neve. Roubava algumas horas em que Pernilla não estava para ir vê-la. Não muitas noites, em outras palavras; geralmente nos encontrávamos durante o dia.”

“Você não tinha receio de que os vizinhos o vissem quando visitava Alex? Você sabe como as fofocas se espalham rápido por aqui.”

“Sim, é claro que pensei nisso. Eu costumava pular a cerca do jardim e entrar pelo sótão. Para ser bem sincero, isso constituía uma boa parte da excitação entre nós também. O perigo e o risco.”

“Mas você não entendia quanto estava se arriscando?”

Dan mexia nervosamente no seu gorro e estava com o olhar fixo no convés enquanto falava.

“Claro que sim. Em certo sentido. Por outro lado, sentia-me invulnerável. Outras pessoas poderiam ser pegas, mas eu não. Não é sempre assim?”

“E Pernilla sabe disso?”

“Não. Não oficialmente, pelo menos. Mas acho que ela suspeita de algo. Você viu a reação dela quando nos viu aqui. Tem estado assim nos últimos meses, ciumenta e atenta. Tenho certeza de que ela está sentindo que tem algo de errado no ar.”

“Você precisa entender que deveria contar a ela agora.”

Dan balançou a cabeça com veemência. Seus olhos se encheram de lágrimas novamente.

“Isso não vai funcionar, Erica. Não posso fazer isso. Foi somente depois do que aconteceu com Alex que pude ver quanto Pernilla significa para mim. Alex foi uma paixão, e Pernilla e as crianças são minha vida. Não posso fazer isso!”

Erica se inclinou para a frente e pôs sua mão em cima da dele. Sua voz estava calma e clara, e não mostrava nada da agitação que sentia dentro de si.

“Dan, você deve. A polícia precisa saber disso, e você tem a oportunidade de dizer isso para Pernilla do seu jeito. Mais cedo ou mais tarde a polícia vai descobrir, e aí não vai ter chance de contar para Pernilla do jeito que você quer. Aí não vai ter mais escolha. E você mesmo disse que ela provavelmente sabe, ou pelo menos suspeita de algo. Talvez possa ser até mesmo um alívio para vocês dois se falarem disso. Uma maneira de arejar o ambiente.”

Erica percebeu que Dan estava ouvindo e aceitando o que ela lhe dizia. E também podia sentir que ele estava tremendo.

“Mas, e se ela me deixar? E se ela levar as crianças e me abandonar, Erica? Então, para onde irei? Eu não sou nada sem eles.”

Uma voz tênue dentro dela lhe dizia, cruelmente, que ele deveria ter pensado nisso antes, mas outra mais forte disse que a hora de recriminações tinha acabado. Havia assuntos mais importantes a serem tratados naquele momento. Ela se inclinou para a frente, pôs os braços em volta dele e passou as mãos nas

suas costas, para confortá-lo. De início, seus soluços se intensificaram, mas foram desaparecendo aos poucos. Quando Dan se livrou do seu abraço para enxugar as lágrimas, ela viu que ele decidira não adiar o inevitável.

Quando ela foi embora do cais, olhou para ele pelo espelho retrovisor, parado no seu amado barco, com os olhos perdidos no horizonte. Ela torceu para que ele encontrasse as palavras certas. Mas sabia que não seria fácil.

O bocejo parecia que tinha vindo dos dedos do seu pé e se espalhado por todo o corpo. Patrik nunca se sentira tão cansado em toda a vida. Nem tão feliz.

Era difícil se concentrar nas enormes pilhas de papéis que estavam diante dele. Um homicídio criava uma quantidade incrível de documentos, e seu trabalho agora era analisar tudo em detalhe para tentar achar aquela peça minúscula do quebra-cabeça que podia fazer avançar a investigação. Ele coçou os olhos e respirou fundo, tentando juntar energia para a tarefa. A cada dez minutos, tinha que se levantar da cadeira para se alongar, pegar um café, dar uns pulinhos, o que fosse para se manter acordado e concentrado por um pouco mais de tempo. Por várias vezes suas mãos ficaram tentadas a ligar para Erica, mas se segurou. Se ela estivesse tão cansada quanto ele, provavelmente estaria dormindo na cama. Ele esperava que ela estivesse. Na verdade, pretendia deixá-la acordada tanto quanto fosse possível esta noite também.

Uma pilha de papéis tinha crescido desde a última vez em que ele a tinha analisado, e eram os documentos sobre a família Lorentz. Parece que Annika, diligente como sempre, tinha continuado a procurar matérias antigas e itens que mencionavam a família, e ia colocando-os ordenadamente sobre a pilha na mesa de Patrik. Ele trabalhava metodicamente, refrescando sua memória ao virar a pilha e começando a trabalhar pela parte de baixo, para

primeiro reler as matérias que já tinha lido. Duas horas depois, continuava sem encontrar nada que ativasse sua imaginação. Apesar de um sentimento forte de que alguma coisa estava escapando, algo parecia burlar sua atenção.

A primeira informação nova e bastante interessante veio quando já tinha avançado um tanto com a leitura. Annika tinha incluído uma notícia sobre um incêndio premeditado em Bullaren, a cerca de cinquenta quilômetros de Fjällbacka. A matéria era datada de 1975 e ocupava quase uma página inteira no *Bohusläningen*. A casa tinha sido reduzida a cinzas na noite do dia 6 de julho de 1975 em consequência de uma explosão. Quando o fogo foi apagado, não havia sobrado quase nada do imóvel, exceto cinzas, mas também foram encontrados os restos de dois corpos, que eram de Stig e Elisabeth Norin, o casal proprietário da casa. Por milagre, o filho deles, de dez anos, tinha conseguido escapar do fogo. Ele foi encontrado em um dos anexos. As circunstâncias que causaram o fogo foram consideradas suspeitas segundo o *Bohusläningen*, e a polícia considerou isso como um incêndio premeditado.

A matéria estava presa com um clipe a uma pasta, e dentro dela Patrik encontrou o relatório da polícia. Ainda estava perplexo, pois não via a relação que a notícia podia ter com a família Lorentz até que abriu a pasta e viu o nome do filho de dez anos de idade do casal Norin. O garoto se chamava Jan. A pasta também continha um relatório do serviço social no qual se mencionava a adoção por parte de um casal. Patrik deu um assobio baixo. Ainda não estava certo do que isso tinha a ver com a morte de Alex, ou com o assassinato de Anders, neste caso, mas algo começava a tomar forma na sua mente. Vultos que desapareciam e se distanciavam assim que tentava concentrar sua atenção neles, mas que indicavam que estava no caminho certo. Ele ficou de

pensar nisso depois e continuou com sua trabalhosa revisão do material que tinha diante de si.

Seu caderno estava aos poucos se enchendo. Sua letra era tão esparramada que Karin sempre zombava, dizendo que ele deveria ser professor. Mas ele podia lê-la perfeitamente, e isso era o principal. Entre as anotações, apareciam algumas tarefas por cumprir, mas o que dominava as páginas eram todas as perguntas que o material tinha gerado, marcadas com grandes pontos de interrogação em preto. Quem Alex estava esperando quando preparou o jantar de gala? Quem era o homem com quem ela se encontrava secretamente? E ela estava esperando o filho de quem? Será que era de Anders, embora ele tivesse negado? Ou havia alguém que eles ainda não tinham conseguido identificar? Por que é que uma mulher como Alex, com toda sua beleza, classe e dinheiro, teria um caso com alguém como Anders? Por que Alex tinha guardado uma matéria sobre Nils Lorentz na gaveta de um guarda-roupa?

A lista de perguntas crescia cada vez mais. Patrik estava na terceira página quando entrou no assunto da morte de Anders. A pilha de papéis sobre Anders era bem menor até agora. Mas os documentos começariam a se acumular em breve. Por enquanto, havia somente cerca de dez documentos, incluso um confiscado durante a revista ao apartamento de Anders. A grande pergunta envolvendo a morte dessa vítima era sobre a maneira como tinha morrido. Patrik sublinhou essa pergunta várias vezes com riscos raivosos em preto. Como o assassino ou os assassinos ergueram Anders até o gancho no teto? A autópsia ia dar mais respostas, mas, pelo que Patrik tinha visto, não havia marcas de luta no corpo, exatamente como Mellberg tinha apontado em sua exposição naquela manhã. Um corpo sem vida é extremamente pesado e teriam de levantar o de Anders bastante para prender a corda ao gancho.

Na verdade, ele se inclinava à possibilidade de que Mellberg tivesse razão por uma única vez, de que mais de uma pessoa estivera na cena do crime. Embora isso parecesse não se encaixar com o que aconteceu quando Alex morreu. No entanto, Patrik podia jurar que se tratava do mesmo assassino que eles procuravam. Após sua dúvida inicial, tinha cada vez mais certeza de que isso procedia.

Olhou para os papéis que eles tinham encontrado no apartamento de Anders e os espalhou diante de si como um leque em sua mesa. Preso aos seus dentes havia um lápis que ele tinha roído até deixá-lo irreconhecível. Sentia na sua boca um monte de pedacinhos amarelos do lápis. Conseguiu cuspir alguns, mas teve que pegar o resto com o dedo. Não adiantava. Agora, os pedacinhos tinham ficado grudados em seus dedos. Ele os agitou um pouco para ver se saíam, mas por fim desistiu e voltou a atenção aos papéis espalhados diante de si. Nenhuma das páginas parecia despertar seu interesse, então ele pegou a conta de telefone da Telia como ponto inicial. Anders tinha feito poucas ligações, mas, com todos os impostos fixos, o total ainda era alto demais. Os detalhes ainda estavam anexos à conta telefônica, e Patrik suspirou quando percebeu que ele teria de cumprir as chatas e antiquadas tarefas de sempre.

Sistematicamente, ligou para um número depois do outro da lista. Logo viu que Anders somente ligava para alguns poucos telefones. Mas um deles se destacava. Não estava no topo da lista, mas, depois que surgiu pela primeira vez, era o número que ocorria com maior frequência. Patrik discou e deixou tocar.

Ele já estava prestes a desligar o telefone após o oitavo toque quando ouviu a secretária eletrônica ser acionada. O nome do outro lado da linha o fez sentar de forma totalmente ereta na cadeira, o que o obrigou a alongar os músculos da coxa, pois não tinha reparado que suas pernas estavam estendidas

indolentemente sobre a mesa. Abaixou as pernas e massageou um músculo tenso na parte de trás de sua coxa direita.

Patrik desligou o telefone antes de tocar o bip, que indicava que se podia deixar um recado. Fez um círculo em volta de uma de suas anotações no caderno e, após pensar por um instante, fez outra ligação. Era uma tarefa que ele mesmo queria cumprir, mas a outra poderia pedir para Annika fazer. Com suas anotações em mãos, foi para a sala dela. Annika estava absorta, digitando algo no teclado, com seus óculos quase que pendurados na ponta do nariz, ela olhou para ele de modo inquisitivo.

“Você veio oferecer ajuda para aliviar minha carga de trabalho incrivelmente pesada, não é?”

“Bem, não era exatamente isso que eu tinha em mente”, Patrik sorriu.

“Era o que eu temia”, Annika olhou para ele com uma fingida severidade. “Como está pensando em contribuir com a minha úlcera incipiente?”

“É um favor muito pequeno, insignificante”, Patrik indicou quão pequeno ele era ao mostrar um milímetro entre o dedo e o dedo indicador.

“Está bem. Pode dizer.”

Patrik puxou uma cadeira e se sentou junto à mesa de Annika. Sua sala, apesar de ser extremamente pequena, era sem dúvida a mais agradável da delegacia. Ela tinha trazido um monte de plantas que pareciam estar saudáveis e vigorosas. Isso deveria ser considerado um milagre menor, visto que a única luz que chegava à sala era da janela que dava para a entrada. As paredes frias de concreto estavam cobertas com fotos de Annika e as duas paixões de seu marido Lennart: cachorros e corridas. Eles tinham dois labradores pretos que os acompanhavam por toda a Suécia nos fins de semana, onde quer que houvesse uma corrida. Na verdade, Lennart era quem competia, mas Annika sempre estava lá para lhe

dar ânimo, um lanchinho e uma garrafa térmica de café. Basicamente eles sempre viam as mesmas pessoas nas corridas, e com o passar dos anos, formaram um grupo coeso e unido. Todos se consideravam amigos próximos uns dos outros. Havia corridas pelo menos em dois fins de semana por mês, e convencer Annika a trabalhar nesses dias era inútil.

Ele olhou para suas anotações. “Estava pensando que você poderia me ajudar a fazer um inventário da vida de Alexandra Wijkner. A começar por sua morte, você pode regressar e verificar novamente a cronologia em todos os dados que recebemos. Por quanto tempo ela foi casada com Henrik? Por quanto tempo ela viveu na Suécia? Verifique também informações sobre as escolas na França e na Suíça etc. etc. Você entendeu o que estou procurando?”

Annika estava tomando notas num bloco de anotações enquanto ele falava, e agora tinha levantado a cabeça, fazendo um gesto afirmativo. Patrick tinha plena certeza de que ela descobriria tudo que tivesse de ser descoberto. Sobretudo, descobriria se algumas das informações que ele recebera não valiam nem o papel em que estavam escritas. Porque tinha algo que não se encaixava, ele tinha plena certeza disso.

“Obrigado pela ajuda, Annika. Você é um anjo.”

Patrick começou a se erguer da cadeira, mas um brusco “sente-se!” de Annika o fez ficar paralisado, e se sentar novamente. Ele entendeu na hora por que seus cachorros labradores eram tão bem treinados.

Ela se encostou na cadeira com um olhar satisfeito, e ele percebeu que seu primeiro erro foi ter ido à sua sala pessoalmente, em vez de ter simplesmente deixado um recado por escrito. Deveria ter se lembrado de que ela sempre adivinhava suas intenções. Ademais, seu faro para romances era sobrenatural. Não lhe restava outra coisa além de erguer a bandeira branca e capitular; por isso

encostou-se na cadeira e esperou a avalanche de perguntas que, sem dúvida alguma, estava chegando. Annika começou de maneira suave, mas insidiosa.

“Você parece mesmo exausto hoje!”

“Humm...”

Patrik não estava disposto a lhe dar informações sem nenhum esforço de sua parte.

“Você foi a uma festa ontem à noite?”, Annika continuava pescando informações, enquanto especulava, com uma engenhosidade maquiavélica, por fendas na sua armadura.

“Bem, suponho que se possa chamar isso de festa, sim. Acho que depende do ponto de vista. Como você definiria ‘festa’, afinal?”, Abriu os braços e os olhos profundos, num gesto inocente.

“Ah, pare de falar besteira, Patrik. Só me diga. Quem é a mulher?”

Ele não disse nada, atormentando-a com seu silêncio. Após alguns segundos, ele viu os olhos de Annika brilharem.

“Ahá!”, sua exclamação ressoou triunfante, conforme balançava os dedos no ar, certa da vitória.

“É aquela mulher, qual é o nome dela mesmo?”

Ela estalou os dedos enquanto procurava em sua memória. “Erica! Erica Falck!”. Aliviada, voltou a se recostar na cadeira: “Entããã, Patrik... há quanto tempo isso vem acontecendo?”

Nunca deixava de se impressionar com a precisão infalível com que ela sempre acertava o alvo. Tampouco adiantava negar. Ele podia sentir um calor perpassar todo seu corpo, da cabeça aos pés, e isso deu a resposta mais claramente do que qualquer outra coisa que pudesse dizer. Mas não pôde evitar o sorriso largo que se formou no seu rosto, e essa foi a confirmação de suas suspeitas.

Após um interrogatório de cinco minutos, Patrik por fim conseguiu sair do escritório de Annika. Ele se sentiu como se

tivesse passado num centrifugador de roupas. Mas não tinha sido desagradável falar sobre Erica, e foi com dificuldade que voltou à tarefa que tinha se proposto a realizar imediatamente. Vestiu seu casaco, disse a Annika para onde ia, e saiu para o frio do inverno, onde grandes flocos de neve começavam a cair de leve no chão.

Erica via pela janela a neve caindo. Ela estava sentada ao computador, mas já o desligara e estava com o olhar fixo na tela preta. Apesar de estar com uma dor de cabeça latejante, esforçou-se para escrever dez páginas sobre Selma Lagerlöf. Não sentia mais nenhum entusiasmo por sua biografia, mas estava presa pelo contrato, e, dentro de alguns meses, precisaria finalizar. A conversa com Dan tinha sido como um balde de água fria no seu bom humor, e ela se perguntou se, naquele exato momento, ele estaria contando tudo a Pernilla. Decidiu usar sua preocupação com Dan para algo criativo e ligou novamente o computador.

O original do livro sobre Alex estava na área de trabalho do computador, então ela abriu o arquivo, que agora já continha mais de cem páginas. Metodicamente, leu as páginas do começo ao fim. Estava bom. Estava até mesmo muito bom. O que a preocupava era como todas as pessoas do círculo de amizade de Alex e sua família reagiriam quando o livro fosse publicado. Obviamente, Erica tinha mascarado a história um pouco, mudando o nome de algumas pessoas e dos lugares, e se permitido acrescentar algumas digressões fantasiosas. Mas o tema central do livro inconfundivelmente tratava da vida de Alex assim como era vista pelos olhos de Erica. O trecho sobre Dan, no entanto, estava lhe dando uma dor de cabeça e tanto. Como é que poderia omiti-lo, juntamente com sua família? Ao mesmo tempo, sentia que tinha de escrever aquela história. Pela primeira vez, a ideia de um livro a entusiasmava. Houve tantas outras histórias que não tinham dado certo e que ela havia rejeitado ao longo dos anos, por isso não

podia se dar ao luxo de perder esta. Primeiro, ela pretendia se concentrar em terminar o livro para então lidar com o problema do que fazer com os sentimentos dos implicados.

Após uma hora escrevendo com energia, a campainha tocou. A princípio, ela ficou irritada por ser interrompida quando, por fim, tinha pegado no “tranco”, mas então pensou que poderia ser Patrik, o que a fez pular da cadeira. Ela viu rapidamente como estava sua aparência no espelho, antes de descer correndo para abrir a porta. O sorriso nos lábios desapareceu rapidamente quando ela viu quem estava lá fora. Pernilla estava com uma aparência horrível. Parecia ter envelhecido uns dez anos desde a última vez em que a vira. Seus olhos estavam vermelhos e inchados de tanto chorar, seu cabelo, despenteado, e parecia ter esquecido o casaco na pressa, pois estava tremendo de frio com seu cardigã fino. Erica a deixou entrar na sua casa quentinha. Num gesto impulsivo, Erica pôs os braços em volta dela num abraço, ao mesmo tempo em que acariciava suas costas da mesma forma que fizera com Dan há algumas horas. Isso fez Pernilla perder o pouco de autocontrole que ainda lhe restava, e ela desabou em fortes soluços, com a cabeça apoiada no ombro de Erica. Após alguns instantes, ela levantou a cabeça. O rímel tinha manchado ainda mais, dando-lhe uma aparência quase cômica.

“Desculpe-me”, Pernilla olhava para o ombro de Erica através das lágrimas, onde sua blusa branca onde sua tinha sido tingida de preto pelo seu rímel.

“Não tem problema. Não se preocupe com isso. Entre.”

Erica pôs um braço em volta do ombro de Pernilla e a conduziu à sala de estar. Podia sentir que Pernilla estava tremendo dos pés à cabeça, e tinha certeza de que isso não se devia somente ao frio. Por um segundo, perguntou-se por que a esposa de Dan tinha escolhido recorrer a ela. Erica sempre foi amiga de Dan, muito mais do que de Pernilla. Achou um pouco estranho o fato de ela

não ter ido à casa de uma de suas amigas, ou mesmo de sua irmã. Mas agora ela estava ali, e Erica tinha de fazer o melhor para ajudá-la.

“Minha cafeteira ainda está quente. Você gostaria de uma xícara de café? Bem, já faz uma hora que o esquentei, mas ainda deve dar para beber.”

“Sim, por favor.”

Pernilla sentou-se no sofá e se abraçou, como se estivesse com medo de se despedaçar e quisesse segurar seus próprios pedaços. De certa forma, aquilo provavelmente fazia um pouco de sentido.

Erica voltou com duas xícaras de café. Colocou uma na mesa de centro, em frente a Pernilla, e a outra na sua frente, sentando-se numa poltrona de grandes braços para que pudesse ficar bem de frente para Pernilla, e esperou que ela começasse.

“Você sabia?”

Erica hesitou. “Sim, mas só soube muito recentemente”, hesitou novamente: “Incentivei Dan a lhe contar.”

Pernilla assentiu com a cabeça: “E o que eu deveria fazer?”

A pergunta era retórica, então Erica a deixou sem resposta.

Pernilla continuou: “Eu sabia que, desde o início, era somente um subterfúgio para que Dan esquecesse você.”

Erica começou a protestar, mas Pernilla a fez parar com um gesto.

“Sei que foi assim, mas achei que as coisas mudaram com o tempo, e que realmente nos amávamos. Temos vivido bem, e confiei nele completamente.”

“Dan ama você, Pernilla. Tenho certeza que sim.”

Parecia que Pernilla não a estava escutando; ela continuava a falar enquanto olhava fixamente para a xícara de café. Erica percebeu que segurava a xícara tão forte que os nós de seus dedos estavam brancos.

“Eu poderia conviver com essa ideia se ele tivesse dito que estava tendo um caso por causa de uma crise de meia-idade ou algo do gênero. Mas nunca vou perdoá-lo por ter engravidado aquela mulher.”

A raiva contida na voz de Pernilla era tão intensa que Erica teve de resistir ao impulso de se afastar. Quando Pernilla levantou a cabeça e olhou para Erica, o ódio nos seus olhos era tão selvagem que Erica teve um pressentimento horrível. Nunca tinha visto um ódio tão intenso. Por um breve instante, perguntou-se por quanto tempo ela sabia do relacionamento entre Dan e Alex. E a que ponto ela iria para se vingar. Então afastou o pensamento de súbito. Essa era Pernilla, uma dona de casa com três filhos, casada com Dan por muitos anos; não uma fúria irascível contra a amante de seu marido, mas, sim, um anjo vingador. Ainda havia, porém, uma ferocidade fria nos olhos de Pernilla que assustava Erica.

“O que você vai fazer agora?”

“Não sei. Eu não sei de nada neste momento. Só sei que precisava sair de casa. Isso foi a única coisa que me veio à cabeça. Nem podia olhar para ele.”

Erica teve pena de Dan. Ele com certeza estava vivendo um inferno naquele momento. Teria sido mais natural se fosse ele quem estivesse ali sendo confortado. Então ela saberia o que lhe dizer, que palavras o acalmariam. Não conhecia Pernilla o bastante para saber como ajudar. Talvez fosse suficiente somente ouvi-la.

“Por que você acha que ele fez isso? O que ele não estava obtendo de mim que recebeu dela?”

Agora Erica entendia por que ela tinha ido procurá-la em vez de ter ido a uma de suas amigas mais próximas. Ela acreditava que Erica tinha as respostas sobre Dan. Que poderia dar a resposta de por que ele agira daquela forma. Infelizmente, Erica teria que decepcioná-la neste aspecto. Sempre pensou em Dan como a

sinceridade encarnada; nunca lhe teria passado pela mente que fosse agir de maneira infiel. Nunca ficara tão chocada quanto da vez em que ligou para o último número que Alex ligara e ouviu a voz de Dan na caixa postal. Se ela fosse sincera de verdade, teria que admitir que se decepcionara imensamente naquele momento, pela sensação de descobrir que alguém por quem tinha tanto carinho não era a pessoa que sempre pensou que fosse. É por isso que entendeu que Pernilla, além de estar se sentido traída e enganada, também tinha começado a fazer perguntas sobre como Dan era de verdade, esse homem com quem ela convivera por tantos anos.

“Eu não sei, Pernilla. Na verdade, fiquei muitíssimo chocada. Não era nem um pouco o Dan que eu conhecia.”

Pernilla concordou com a cabeça. Parecia que tinha ficado mais confortada por saber que não fora a única a ser enganada. Nervosa, tirava fios invisíveis de seu cardigã largo. Ela tinha amarrado com pressa seu cabelo longo, castanho-escuro, com vestígios de permanente, dando-lhe uma aparência desleixada. Erica sempre olhava para a aparência de Pernilla com um certo ar de superioridade; podia fazer muito mais por sua própria aparência. Pernilla vivia fazendo permanente no cabelo, muito embora isso já tivesse saído de moda na mesma época em que as jaquetas curtas masculinas. E sempre comprava suas roupas de lojas de departamento, por pedido de correio, de empresas com preço tão baixo quanto a qualidade de seus produtos. Mas Erica nunca a tinha visto tão maltrapilha.

“Pernilla, sei que deve ser difícil este momento, mas o fato é que você e Dan são uma família. Vocês têm três meninas maravilhosas e passaram ótimos quinze anos juntos. Você não deve fazer nada precipitado. Não me entenda mal, não justifico nada do que ele tenha feito. Talvez vocês possam não ficar juntos após tudo isso. Talvez seja impossível perdoá-lo. Mas espere para tomar

decisões até que tenha refletido mais um pouco. Pense bem antes de fazer qualquer coisa. Eu sei que Dan a ama; ele me disse isso, hoje mesmo. E também sei que ele se arrepende profundamente do que fez. Ele me disse que queria ter rompido com ela, e acredito nele.”

“Eu não sei mais no que acreditar, Erica. Nada do que acreditei antes era verdade, então, no que deveria acreditar agora?”

Não havia resposta para aquilo, e o silêncio se interpôs pesadamente entre elas.

“Como ela era?”

Novamente Erica viu um fogo ardendo bem no fundo dos olhos de Pernilla. E não precisava perguntar a quem ela se referia.

“Foi há muito tempo. Eu não a conhecia mais.”

“Ela era bonita. Eu a vi aqui no verão. Era bem como eu queria ser. Bonita, elegante, sofisticada. Ela me fez sentir como se eu fosse uma campestina. Teria dado qualquer coisa para ser como ela era. De certa forma, entendo Dan. Bastava pôr eu e Alex uma ao lado da outra e ver quem ganharia.”

Frustrada, ela puxou sua roupa confortável, mas fora de moda, como se para mostrar o que estava querendo dizer.

“Sempre tive inveja de você também. O grande amor de sua juventude que se mudou para a cidade grande e o abandonou, deixando-o sofrer. A escritora de Estocolmo que tinha conseguido ser alguém na vida e que voltava para cá de vez em quando para brilhar entre nós, pobres mortais. Dan sempre ficava ansioso nas semanas anteriores, quando sabia que você vinha nos visitar.”

A amargura contida na voz de Pernilla horrorizava Erica. Pela primeira vez ela se sentiu muito envergonhada por tê-la menosprezado. Ela não entendera nada. Agora, frente a frente, Erica tinha que confessar que ficava de certa forma satisfeita ao notar a diferença existente entre ela e Pernilla. Entre seus cortes

de cabelo de 500 *kronor* e os permanentes de Pernilla, suas roupas de marca compradas na Biblioteksgatan e as blusas baratas e saias compridas dela. Mas que diferença isso fazia? Por que, em momentos de fraqueza, ela tinha ficado feliz com essas diferenças? Fora ela quem tinha deixado Dan. Será que foi somente para encher seu ego ou por que, no fundo, sentia inveja de que Dan e Pernilla tinham muito mais do que ela? Bem no fundo, não tinha inveja da vida em família deles, e talvez até mesmo se arrependesse de ter saído de Fjällbacka? Que não era ela quem tinha uma família como a de Dan? Será que tinha conscientemente menosprezado Pernilla porque, na verdade, tinha ciúmes dela? Tal pensamento era horrível, mas não conseguia afastá-lo. Pensar nessas coisas a faziam se sentir profundamente envergonhada. Ao mesmo tempo, perguntava-se até que ponto iria para proteger o que Pernilla tinha. A que ponto Pernilla podia ir? Erica olhava para ela, reflexiva.

“O que as crianças vão dizer?”, parecia que era a primeira vez que ocorria a Pernilla que ela e Dan não seriam os únicos a serem afetados. “Isso vai ser revelado, não vai? Que ela estava grávida, quero dizer. O que as meninas vão dizer?”

Pensar nisso parecia deixar Pernilla em pânico, e Erica fez o melhor para acalmá-la.

“A polícia terá de saber que Dan estava se encontrando com Alex, mas isso não significa que todos saberão. Vocês dois podem escolher o que dizer às garotas. Você ainda tem o controle, Pernilla.”

Parece que isso lhe dera confiança, e ela tomou alguns goles de café. Ele já devia ter esfriado, mas talvez isso não a incomodava. Pela primeira vez, Erica sentiu uma raiva verdadeira de Dan. Surpreendeu-se que não tivesse sentido isso antes, mas agora podia sentir o ódio crescendo dentro de si. Ele estava louco? Como pôde jogar fora tudo que tinha, com ou sem atração? Ele não percebia

como era boa a sua vida? Erica pôs as mãos entre as pernas e tentou, sem palavras, expressar sua simpatia por Pernilla, sentada na sua frente, mas não sabia se ela estava captando a mensagem.

“Obrigada por me escutar. Agradeço de coração mesmo.”

Seus olhos se encontraram. Não fazia mais do que uma hora desde que ela tocara a campainha, mas Erica sentiu que tinha aprendido muito durante aquele período, especialmente sobre si mesma.

“Você está bem? Você tem para onde ir?”

“Vou para casa”, a voz de Pernilla soava firme e determinada. “Ela não vai me afastar da minha casa e da minha família. Não lhe vou dar esse prazer. Vou para casa, para o meu marido, e vamos solucionar isso juntos. Mas não sem condições. As coisas vão ser diferentes daqui em diante.”

Erica não pôde deixar de sorrir em meio a toda aquela infelicidade. Dan ia ter de se esforçar para fazer muita coisa, isso estava claro. Mas não era nada que ele não merecesse.

De forma desajeitada, elas se abraçaram à porta. De todo o coração, Erica desejou que Pernilla e Dan somente tivessem coisas boas na vida enquanto ela entrava no carro e ia embora pela estrada. Mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de sentir um certo desassossego. A imagem dos olhos cheios de ódio de Pernilla não abandonava sua mente. Não havia piedade naqueles olhos.

Todas as fotos estavam espalhadas na sua frente, na mesa da cozinha. Tudo que tinha sobrado de Anders para Vera eram suas fotos. A maioria delas velha e amarelada. Já fazia muitos anos que não existia mais razão para tirar fotos dele. Suas fotos de bebê eram em preto e branco, mas também havia fotos dele quando maior, que já tinham desbotado. Ele fora uma criança feliz. Um pouco bagunceira, mas sempre feliz. Atencioso e educado. Ele levou a sério o papel de homem da casa. Talvez até a sério demais,

às vezes, mas ela o deixava à vontade, para o bem ou para o mal. Era difícil saber. Talvez houvesse tanta coisa que ela deveria ter feito de outra forma, ou talvez a forma não tivesse importado. Quem sabe?

Vera sorriu quando viu uma de suas fotos favoritas. Anders estava montado numa bicicleta, orgulhoso como um galo. Ela tinha feito muito trabalho extra por várias noites e alguns fins de semana para lhe comprar aquela bicicleta. Era azul-escura e tinha um banco que era chamado de “assento banana”. Segundo Anders, era a única coisa que pediria em toda sua vida. Ele tinha desejado ter aquela bicicleta mais do que qualquer coisa, e ela nunca se esqueceria da expressão no seu rosto quando por fim a ganhou no seu oitavo aniversário. Ele passava todo instante livre andando naquela bicicleta, e naquela foto ela conseguiu registrar uma imagem dele em movimento. Seu cabelo estava comprido e encaracolado, caindo abaixo do colarinho de sua jaqueta apertada da Adidas, com listras nas mangas. Era assim que ela sempre se lembraria dele. Antes de tudo começar a dar errado.

Ela esperara muito por esse dia. Cada ligação, cada batida à porta lhe causava pavor. Talvez essa ligação em especial, ou essa batida, traria a notícia que temia havia muito tempo. Até então esperava que esse dia nunca chegasse. Não era normal para uma criança morrer antes de seu genitor, e provavelmente por isso era tão difícil imaginar essa possibilidade. A esperança é a última a morrer, e ela tinha continuado a acreditar que as coisas se resolveriam de alguma forma. Mesmo se isso demandasse um milagre. Mas não existe milagre. E não havia esperança. A única coisa que tinha sobrado agora era o desespero, e uma pilha de fotos velhas e amareladas.

O relógio da cozinha estava fazendo tique-taque de maneira estridente em meio ao silêncio. Pela primeira vez, ela viu como sua casa estava uma bagunça. Por todos aqueles anos, ela não tinha

feito nada pela casa, e estava claro. Dava-se conta da sujeira, mas sua indiferença se mostrava nas paredes e no teto. Tudo estava cinzento e sem vida. Gasto. Era isso que a deprimia mais. Tudo que foi gasto e desperdiçado.

O rosto feliz de Anders na foto zombava dela. Ele expressava melhor do que qualquer coisa como ela tinha fracassado. Tinha sido sua missão fazê-lo sorrir, inspirá-lo com fé, esperança e, acima de tudo, com amor para enfrentar o futuro. Em vez disso, ficara calada enquanto tudo era tirado dele. Ela se descuidou de seu trabalho como mãe, e nunca poderia se livrar dessa culpa.

Surpreendeu-se ao ver como eram escassas as provas de que Anders tinha vivido. As pinturas não existiam mais, os poucos móveis que ele tinha no apartamento logo seriam jogados fora se ninguém os quisesse. Em sua casa, não restava nenhuma das suas coisas. Ou ele as tinha vendido ou destruído ao longo dos anos. A única coisa que realmente provava que ele existiu era uma porção de fotos que estava sobre a mesa diante dela. E suas lembranças. É claro, ele continuaria existindo na lembrança de outras pessoas também, mas como um bebem, e não como alguém de quem se fosse sentir saudade ou se lamentar a morte. Era a única que tinha boas memórias dele. Às vezes era difícil trazê-las à sua mente, mas o fato é que ainda estavam lá. Num dia como esse, era a única coisa que lhe vinha à mente. O resto permanecia proibido.

Os minutos viraram horas, e Vera continuava sentada à mesa da cozinha com as fotografias diante de si. Sentiu que suas articulações estavam rígidas. Seus olhos começaram a enxergar com dificuldade os detalhes das fotos conforme a escuridão do inverno ia estrangulando a luz do dia. Agora ela estava completamente, impiedosamente sozinha.

A campainha ressoou pela casa. Levou tanto tempo para ele ouvir algum som vindo de lá de dentro que já estava prestes a dar

meia-volta e voltar para o carro. Mas após esperar um pouco ouviu alguém vindo devagar em direção à porta.

A porta se abriu lentamente e lá estava Nelly Lorentz, que o olhava de forma inquisitiva. Ele se surpreendeu por ter sido ela mesma quem abriu a porta. Tinha imaginado um mordomo afetado de uniforme que graciosamente o convidaria a entrar. Talvez ninguém tivesse mais mordomos hoje em dia.

“Meu nome é Patrik Hedström, sou da polícia de Tanumshede. Estou à procura do seu filho, Jan.”

Patrick tinha ligado antes para o escritório dele, mas lhe disseram que ele estaria trabalhando em casa hoje.

A senhora nem pestanejou; somente se afastou e o deixou entrar.

“Vou chamá-lo, só um instante.”

Lenta, mas elegantemente, Nelly caminhou em direção a uma porta que dava para uma escada que conduzia ao andar inferior. Patrik tinha ouvido dizer que Jan estava vivendo no porão daquela casa luxuosa.

“Jan, tem uma visita para você. A polícia.”

Patrick duvidou que a voz fraca de Nelly pudesse ser ouvida lá de baixo, mas o som de pegadas pelas escadas provou que suas suspeitas estavam erradas. Um olhar repleto de significados ocultos foi trocado entre mãe e filho quando Jan chegou ao *hall*. Nelly acenou com a cabeça para Patrik e foi para o quarto, e Jan veio em direção ao policial com a mão estendida e um sorriso que mostrava muitos dentes. De súbito, Patrik pensou na imagem de um crocodilo. Um crocodilo sorridente.

“Olá, sou Patrik Hedström, da polícia de Tanumshede.”

“Jan Lorentz. Muito prazer.”

“Estou investigando o assassinato de Alex Wijkner, e gostaria de lhe fazer algumas perguntas, se não se importar.”

“Tudo bem. Não sei como posso ajudar, mas é seu trabalho decidir, não é?”

O sorriso de crocodilo novamente. Os dedos de Patrik coçavam; naquele momento, não queria outra coisa senão tirar aquele sorriso do rosto dele. Havia algo naquele homem que o estava deixando louco.

“Podemos descer para o meu aposento, assim não incomodamos mamãe aqui em cima.”

“Certamente. É uma boa ideia.”

Patrik achou aquele sistema de viver um pouco estranho. Em primeiro lugar, custou-lhe entender como um homem adulto ainda vivia com sua mãe. Segundo, não compreendia como Jan aceitava ser banido a um porão enquanto a velha vivia num luxo extraordinário no andar de cima numa casa de pelo menos duzentos metros quadrados. Logicamente Jan deve ter pensando que, se Nils estivesse vivo, certamente não teria aceitado que ele vivesse no porão.

Patrik o acompanhou pelas escadas abaixo. Por outro lado, tinha que admitir que, por se tratar de um porão, seu “apartamento” não era tão ruim assim. Nenhum centavo fora poupado. O aposento tinha sido mobiliado por alguém que acreditava na ostentação como prosperidade. Por todo canto havia cordões dourados, veludo e brocados, sem dúvida móveis das melhores marcas, mas, infelizmente, a falta de luz natural não fazia jus a tão rica decoração, dando um efeito de se parecer um pouco com um bordel. Patrik sabia que ele tinha uma esposa e se perguntou qual deles, ele ou a esposa, tinha escolhido a decoração. Baseado em sua própria experiência, ele apostaria na esposa.

Jan lhe mostrou o pequeno escritório. Além de uma mesa e um computador, havia também um sofá. Eles se sentaram cada um em um extremo, e Patrik tirou um caderno de anotações de sua pasta. Já tinha decidido esperar para mencionar a morte de Anders

Nilsson; não queria dizer nada a Jan sobre isso antes da hora. Estratégia e oportunidade eram fatores importantes se esperava arrancar algo de útil de Jan Lorentz.

Ele analisou o homem que estava à sua frente. Jan parecia perfeito demais. Não havia uma dobra na sua camisa ou no terno. Sua gravata tinha um nó perfeito, e ele fizera a barba recentemente. Nem um pelo estava fora do lugar, e ele irradiava tranquilidade e autoconfiança. Tranquilidade e autoconfiança demais. Pela experiência de Patrik, todos que eram interrogados pela polícia se comportavam de maneira mais ou menos nervosa, mesmo que não tivessem nada a esconder. Um exterior extremamente calmo indicava que a pessoa em questão tinha, sim, algo a esconder; pelo menos esta era a teoria totalmente caseira de Patrik. Ele tinha comprovado sua veracidade várias vezes.

“Um belo lugar você tem aqui”, nunca era demais ser educado.

“Sim, foi Lisa, minha esposa, que fez a decoração. Eu acho que ela fez um trabalho e tanto.”

Patrik olhou em volta do escritório pequeno e escuro, que estava suntuosamente decorado com mármore brilhante e almofadas com laços dourados. Um exemplo excelente do que o gosto de menos combinado com dinheiro demais podia resultar.

“Já estão chegando a alguma conclusão?”

“Reunimos bastante informação e já formamos uma ideia do que possa ter acontecido.”

Não era totalmente verdade, mas seria bom amedrontá-lo um pouco.

“Você conhecia Alex Wijkner?”, Patrik perguntou. “Ouvi, por exemplo, que sua mãe foi na recepção depois do enterro.”

“Não, posso dizer que não a conhecia. Obviamente sabia quem ela era, pois aqui em Fjällbacka todos se conhecem uns aos outros de certa forma. Mas a família dela se mudou há muitos anos.

Costumávamos nos cumprimentar na rua quando nos víamos, mas nunca mais do que isso. No que tange a mamãe, não respondo por suas ações. Você terá que perguntar a ela.”

“Uma das coisas que surgiram durante as investigações foi que Alex Wijkner tinha um... como poderia chamar isso? Um relacionamento com Anders Nilsson. Suponho que você o conheça, não?”

Jan sorriu. Um sorriso torto, depreciativo.

“Sim, nesta cidade ninguém poderia ignorar quem é Anders Nilsson. Ele é infame em vez de famoso, eu diria. Você disse que ele e Alex tiveram um caso? Você precisa me desculpar, mas não posso acreditar nisso. Um casal no mínimo muito estranho. Posso entender o que ele viu nela, mas acho muito difícil entender por que ela quis ter alguma coisa com ele. Tem certeza de que não interpretou algo mal?”

“Temos certeza, sim, que eles tiveram um relacionamento. E quanto a Anders? Você o conhece?”

De novo aquele sorriso de superioridade nos lábios de Jan, mas dessa vez era ainda mais largo. Ele balançou a cabeça, zombando.

“Sabe de uma coisa? Pode-se dizer com segurança que não frequentamos exatamente os mesmos círculos. Às vezes o vejo na praça com outros bêbados, mas na verdade não o conheço.”

Seu tom de voz revelava que tinha achado a pergunta muito absurda.

“Associamo-nos com gente de classe social muito distinta, e bêbados não estão geralmente incluídos”, ele continuou.

Jan despachou a pergunta de Patrik como se fosse uma piada, mas o policial achou ter visto uma faísca de incômodo nos seus olhos. Tão logo apareceu, contudo, desapareceu, mas Patrik tinha certeza de que vira algo. Jan incomodava-se com perguntas acerca

de Anders. Ótimo, então Patrik sabia que estava indo no caminho certo.

Ele se permitiu o luxo de desfrutar de sua próxima pergunta mesmo antes de fazê-la, dando uma pequena pausa a fim de imprimir mais suspense, para logo então perguntar com grande surpresa: “Mas se isso é verdade, por que Anders fez várias ligações para o seu celular?”.

Para sua grande satisfação, Patrik viu o sorriso de Jan sumir de seus lábios. Parece que a pergunta o fez perder o fluxo de pensamentos e, por um breve instante, Patrik pôde ver o que tinha por trás da imagem de janota que Jan cultivava com tanto esmero. Ele viu um medo autêntico. Conforme Jan se recompôs, tentou ganhar tempo acendendo um charuto com muito cuidado para não olhar nos olhos de Patrik.

“Você se incomoda se eu fumar?”, ele não esperou por uma resposta, nem Patrik lhe deu uma.

“Se Anders ligou para cá, certamente não entendo por quê. Não falei com ele, e acho que minha esposa tampouco. Não, isso é muito estranho.”

Ele deu um trago no seu charuto e recostou-se no sofá com seus braços indolentemente apoiados nas almofadas.

Patrik não disse nada. Por sua experiência, a melhor maneira de fazer com que as pessoas falassem mais do que pretendiam era simplesmente permanecer calado. Elas então sentiriam uma necessidade de preencher aquele silêncio, se durasse demais. Esse era um jogo que Patrik dominava. Ele esperou.

“Pensando bem, acho que sei como isso aconteceu”, Jan se inclinou para a frente e balançou seu charuto.

“Alguém ligou, mas a ligação caiu na secretária eletrônica, e nada foi dito. Tudo que se ouvia era o som de respiração na fita. E por várias vezes, quando atendi o telefone, não havia ninguém do

outro lado da linha. Devia ser Anders, que de alguma forma tinha conseguido nosso telefone.”

“E por que ele ligaria para você?”

“Como posso saber?”, Jan abriu os braços. “Inveja, talvez. Temos dinheiro suficiente para que algumas pessoas se incomodem. Gente como Anders sempre está pronta para jogar a culpa de suas desgraças nos outros, especialmente em pessoas que conseguiram se dar bem na vida.”

Patrik achou que aquilo parecia muito inverossímil. Seria difícil refutar o que Jan estava dizendo, mas ele não acreditou nele por um segundo.

“Suponho que você não tenha mais essas ligações na fita da secretária eletrônica.”

“Infelizmente, não”, Jan franziu a testa na tentativa de parecer arrependido. “Outros recados foram gravados por cima delas. Sinto muito, gostaria de poder ajudá-lo nesse sentido.”

“Você pode ficar tranquilo, porque Anders não vai ligar novamente.”

“Ah, é? E por quê?”

Patrik não soube distinguir se aquela era uma expressão autêntica ou fingida.

“Porque Anders foi assassinado.”

Um pouco das cinzas do charuto caiu no colo de Jan. “Anders foi assassinado?”

“Sim, seu corpo foi encontrado hoje de manhã.”

Patrik estudava Jan com o olhar. Ah, se pudesse somente ouvir o que se passava na cabeça de Jan naquele momento, então tudo se tornaria bem mais fácil. Será que aquela surpresa era autêntica? Ou ele era um excelente ator?

“Trata-se do mesmo homem que matou Alex?”

“É cedo demais para afirmarmos isso”, Patrick ainda não queria livrar Jan. “Então você tem plena certeza de que não conhece nem Alex Wijkner nem Anders Nilsson?”

“Tenho total ciência das pessoas com quem me associo e daquelas com quem não me associo. Eu os conhecia de vista apenas, nada mais que isso.”

Jan tinha recuperado seu eu sorridente e tranquilo.

Patrik decidiu tentar outra linha de raciocínio.

“Na casa de Alex, encontramos uma matéria que ela tinha recortado do *Bohusläningen* a respeito do sumiço do seu irmão. Você sabe por que ela estaria interessada em guardar tal matéria?”

Novamente ele abriu os braços e arregalou os olhos como se para dizer que não fazia a mínima ideia. “Esse foi o grande tema das conversas aqui em Fjällbacka há muitos anos. Talvez guardasse a matéria por ser uma notícia curiosa.”

“Sim, talvez. E qual é a sua opinião sobre o desaparecimento do seu irmão? Há diversas teorias diferentes.”

“Bom, acho que Nils está levando uma vida boa em algum país quente. Minha mãe, por sua vez, está convencida de que sofreu um acidente.”

“Vocês eram muito próximos?”

“Não, eu não diria que fôssemos assim. Nils era bem mais velho do que eu, e ele não se sentia muito entusiasmado por ter um irmão adotado que dividia a atenção de sua mãe. Mas nós tampouco éramos inimigos mortais. Melhor dizendo, éramos indiferentes um ao outro.”

“Foi após o sumiço de Nils que você foi adotado por Nelly, não é mesmo?”

“Sim, está certo. Aproximadamente um ano depois.”

“E com isso veio a metade do reino.”

“Sim, pode-se afirmar isto.”

Só sobrava um pouco do charuto, e ele já estava ameaçando queimar os dedos de Jan, que o apagou bruscamente num ostentoso cinzeiro.

“Não é muito agradável que isso tenha acontecido à custa de alguém, mas posso sinceramente dizer que paguei meus pecados com o passar dos anos. Quando assumi a gerência da fábrica de enlatados, ela estava falindo. Reorganizei toda a firma do zero, e agora exportamos peixe enlatado e frutos do mar para o mundo inteiro, para os Estados Unidos, a Austrália, a América do Sul...”

“Por que você acha que Nils fugiu para o exterior?”

“Na verdade, não deveria falar disso, mas grande quantia de dinheiro sumiu logo após Nils ter desaparecido. Além disso, algumas de suas roupas, uma mala e o passaporte dele também sumiram.”

“Por que é que o dinheiro sumido nunca foi informado à polícia?”

“Mamãe não quis. Ela insistia em dizer que se tratava de um engano, que Nils nunca teria feito alguma coisa assim. Você sabe como são as mães. É seu dever acreditar somente nas coisas boas de seus filhos.”

Ele acendeu outro charuto. Patrik achou que estava começando a haver fumaça demais naquela pequena sala, mesmo assim não disse nada.

“Você gostaria de um, aliás? São cubanos, enrolados à mão.”

“Não, obrigado, eu não fumo.”

“É uma pena. Você não sabe o que está perdendo”, Jan analisou o charuto com satisfação.

“Li em nossos arquivos a respeito do incêndio que matou seus pais. Isso deve ter sido terrível. Quantos anos você tinha na época? Nove, dez?”

“Eu tinha dez, e você tem razão, foi terrível. Mas tive sorte. A maioria dos que ficam órfãos não encontra uma família como a Lorentz.”

Patrik achou deselegante falar em sorte naquele contexto.

“Pelo que entendi, houve uma suspeita de premeditação. Alguma outra coisa foi descoberta?”

“Não, você leu os relatórios. A polícia nunca avançou mais do que isso no caso. Pessoalmente, acho que meu pai estava fumando na cama, como de costume, quando pegou no sono”, pela primeira vez durante a conversa, Jan demonstrou impaciência. “Posso perguntar o que isso tem a ver com os assassinatos? Eu já lhe disse que não conhecia nenhuma das vítimas, e não consigo enxergar como minha difícil infância entra nessa história.”

“Neste momento, estamos investigando mesmo as menores pistas. A ligação de Anders para sua casa me incitou a averiguar tudo isso. Mas parece que não está levando a nada. Peço desculpas por ter tomado seu tempo desnecessariamente.”

Patrik se levantou e estendeu a mão. Jan também se levantou e pôs o charuto no cinzeiro antes de pegar na mão estendida de Patrik.

“Não tem problema, não tem problema algum. Foi um prazer conhecê-lo.”

Que bajulador, Patrik pensou, enquanto ele o seguia. Jan acompanhou Patrik escada acima, bem atrás de seus calcanhares. O contraste se tornava nítido quando ele chegou à decoração extremamente elegante do piso superior. Era uma pena que a esposa de Jan nunca tivera acesso ao telefone do decorador de Nelly.

Patrick agradeceu Jan e foi embora da casa com uma sensação de ter coado moscas e engolido camelos. Em primeiro lugar, tinha a impressão de ter visto em Jan algo cujo significado deveria ser compreendido. Algo que não se encaixava com a sala

suntuosamente decorada. Em segundo, havia algo de suspeito em Jan Lorentz. Patrik retornou aos seus pensamentos anteriores. O cara simplesmente parecia ser perfeito demais.

Já eram quase sete horas e a tempestade de neve tinha ganhado força quando Patrik finalmente chegou à porta da casa de Erica. Ela se surpreendeu de como foi intensa sua emoção ao vê-lo, e quão natural foi abraçá-lo forte. Ele colocou duas sacolas de compras da ICA no chão do corredor e voltou ao abraço, segurando-a junto a si por um bom tempo.

“Senti sua falta.”

“Eu também.”

Eles se beijaram com ternura. Após uns instantes, o estômago de Patrik começou a grunhir. Ambos interpretaram isso como um sinal de que deveriam levar os pacotes para a cozinha. Ele tinha comprado comida demais, mas Erica colocou uma boa parte no congelador. Como se por um consentimento tácito, não falaram sobre o que tinha acontecido naquele dia enquanto faziam o jantar. Foi somente depois que saciaram a fome e estavam sentados um em frente ao outro à mesa que Patrik começou a lhe contar o que tinha acontecido.

“Anders Nilsson está morto. Seu corpo foi encontrado no apartamento hoje de manhã.”

“Foi você que o encontrou lá?”

“Não, mas cheguei lá não muito tempo depois.”

“Como ele morreu?”

Patrik hesitou. “Ele foi enforcado.”

“Foi enforcado? Você quer dizer que ele foi assassinado?”, Erica não podia esconder sua agitação. “Foi a mesma pessoa que matou Alex?”

Patrik pensou em quantas vezes já tinha ouvido aquela pergunta naquele dia. Mas, sem dúvida, era essencial para a

questão.

“Achamos que sim.”

“Você tem mais pistas? Alguém viu alguma coisa? Descobriu alguma prova concreta que ligasse os dois assassinatos?”

“Vá com calma!”, Patrik levantou as mãos. “Não posso lhe dizer mais do que isso. Poderíamos falar de algo mais agradável, concorda. Como foi seu dia, por exemplo?”

Erica lhe deu um sorriso torto. Ah, se ele soubesse que seu dia também tinha sido desagradável. Mas não poderia lhe contar sobre isso. Precisava deixar que o próprio Dan contasse.

“Dormi até tarde e escrevi a maior parte do dia. Bem menos interessante do que o seu.”

Suas mãos tinham se procurado durante a conversa. Seus dedos se entrelaçaram. Era uma sensação tão gostosa e de segurança estarem sentados juntos conforme a escuridão cercava a casa. Grandes flocos de neve desciam continuamente como pequenas estrelas cadentes no céu escuro da noite.

“Fiquei um tempo pensando na Anna e na casa também. Perdi a paciência com ela no outro dia e me sinto muito mal por isso desde então. Talvez eu esteja sendo egoísta. Estava somente pensando em como isso me afetaria se a casa fosse vendida, sobre a minha perda. Mas as coisas tampouco estão sendo fáceis para Anna. Ela está tentando aproveitar ao máximo sua situação, e muito embora eu ache que esteja fazendo a coisa errada, ela não está fazendo isso por maldade. Claro, ela pode ser irresponsável e ingênua às vezes, mas geralmente é uma pessoa amável e generosa, e tenho descontado minha tristeza e decepção nela ultimamente. Talvez seja melhor vender a casa mesmo. Começar de novo. Eu poderia até mesmo comprar uma casa nova, embora muito menor. Talvez eu esteja sendo sentimental demais. É hora de andar para a frente, de parar de se lamentar pelo que poderia ter acontecido, e olhar para o que eu de fato tenho.”

Patrik entendeu que ela não estava falando mais da casa.

“Desculpe perguntar sobre isso, mas como foi que aconteceu o acidente?”

“Não, tudo bem”, ela respirou fundo. “Meus pais estavam em Strömstad visitando minha tia. O tempo estava escuro e chuvoso, e o frio tinha formado um gelo preto na estrada. Papai sempre dirigia com cautela, mas acreditam que um animal atravessou na frente do automóvel. Ele virou bruscamente e começou a derrapar, e o carro se chocou com uma árvore que estava à beira da estrada. Eles provavelmente morreram na hora. Pelo menos foi o que nos disseram, a Anna e a mim. Não há como comprovar se isso é verdade ou não.”

Uma lágrima solitária começou a descer pela bochecha de Erica, e Patrik se inclinou para a frente e a secou. Ele pegou no seu queixo e a fez olhar nos seus olhos.

“Não diriam isso se não fosse verdade. Tenho certeza de que eles não sofreram, Erica. Certeza absoluta.”

Ela acenou com a cabeça, sem dizer nada. Confiava no que ele dizia, e tinha a impressão de que um peso enorme havia sido tirado de seu peito. O carro tinha pegado fogo, e ela passara muitas noites em claro pensando, horrorizada, como seria se seus pais tivessem sobrevivido para sentir o fogo consumindo-os. As palavras de Patrik acalmaram-na, e pela primeira vez ela sentiu um tipo de paz quando pensava no acidente que matou seus pais. A tristeza ainda estava lá, mas a preocupação tinha sumido. Com o dedo, Patrik limpou outras lágrimas que tinham rolado por sua bochecha abaixo.

“Pobre Erica. Pobre, pobre Erica.”

Ela pegou a mão dele e a segurou sobre seu rosto.

“Não há razão para ficar triste comigo, Patrik. Na verdade, nunca estive tão feliz quanto estou agora, neste momento. É estranho, mas sinto-me incrivelmente segura com você. Não sinto

nada daquela insegurança que costumava sentir no princípio de uma relação. O que você acha que é isso?”

“Eu acho que é porque fomos feitos um para o outro.”

Erica enrubesceu com o peso daquelas palavras. Mas não podia escapar do fato de que se sentia do mesmo modo. Era como encontrar seu caminho de casa.

Como se por um sinal, eles se levantaram da mesa, deixaram os pratos onde estavam, e foram para o quarto de braços dados. Lá fora, formava-se uma grande tempestade de neve.

Parecia estranho ocupar seu quarto antigo novamente. Especialmente porque seu gosto tinha mudado muito com o passar dos anos, mas o quarto ainda era o mesmo. Muito rosa e laços não era mais seu estilo.

Julia se deitou de costas na cama estreita de sua infância e fixou os olhos no teto com as mãos cruzadas sobre sua barriga. Tudo estava prestes a se desintegrar. Toda sua vida estava prestes a desmoronar a sua volta e se acumular num monte de estilhaços. Era como se tivesse vivido toda a vida num parque de diversões, cheio de labirintos de espelhos, onde nada era o que parecia ser. Não fazia ideia do que aconteceria com seus estudos. Tinha perdido todo o ânimo de um golpe, e agora o período escolar estava passando sem que participasse dele. Não que alguém notasse sua ausência. Ela nunca teve facilidade em fazer amizades.

No que lhe dizia respeito, ela poderia ficar ali no seu quarto cor-de-rosa olhando para o teto até ficar velha. Birgit e Karl-Erik não ousariam fazer nada senão deixá-la em paz. Poderia viver com eles pelo resto de sua vida, se preciso fosse. Uma consciência pesada manteria suas carteiras abertas para sempre.

Era como se ela estivesse se movendo pela água. Todos os seus movimentos estavam pesados e difíceis, e todos os sons lhe chegavam como se através de um filtro. A princípio, não era assim.

Porque, então, estava repleta de uma raiva legítima e de um ódio tão grande que a assustava. Ainda sentia aquele ódio, mas misturado com resignação em vez de energia. Estava tão acostumada a se desprezar que, num nível puramente físico, podia sentir como o ódio tinha mudado de direção. Em vez de voltado para fora, agora estava dentro de si, e corroendo seu peito. Hábitos antigos são difíceis de romper. Odiar a si mesma era uma forma de arte que ela aprendera a praticar à perfeição.

Julia virou de lado. Sobre a escrivaninha havia uma foto sua com Alex; lembrou-se de jogá-la fora. Logo que conseguisse se levantar, a rasgaria em mil pedacinhos e se livraria dela. A adoração que refletia seu olhar na foto a fez se retrair. Alex estava tranquila e bonita como de costume, enquanto o patinho feio ao lado tinha virado seu rosto redondo para ela com um olhar de adoração. Aos seus olhos, Alex não podia fazer nada de mal; Julia sempre abrigou uma esperança secreta bem no fundo de que um dia sairia de seu casulo tão linda e segura de si mesma quanto Alex. Ela zombou de sua própria ingenuidade. Que piada. E a piada sempre tinha sido a sua custa. Ela se perguntava se falavam disso por suas costas. Se estavam rindo da Julia estúpida, estúpida e burra.

Uma batida discreta na porta a fez encolher-se em posição fetal. Ela sabia quem era.

“Julia, estamos preocupados. Você não vai descer um pouco?”

Ela não respondeu a Birgit. Em vez disso, estudava com a máxima atenção uma mecha do seu próprio cabelo.

“Por favor, Julia, por favor.”

Birgit entrou e se sentou na cadeira que estava ao lado da escrivaninha, olhando para a filha.

“Eu entendo que você esteja com raiva e que provavelmente nos odeie, mas deve acreditar em mim, não tivemos nenhuma intenção de prejudicá-la.”

Julia sentiu satisfação ao ver que Birgit parecia tão arrasada. Parecia que ela não dormia fazia muitas noites. E provavelmente não tinha dormido mesmo. Algumas rugas haviam se formado no seu rosto, alguns pés de galinha em volta dos seus olhos, e ela pensou, com maldade, que a plástica que estava planejando fazer no ano que vem, para seu aniversário de sessenta e cinco anos, poderia ser feita antes do planejado. Birgit aproximou a cadeira e pôs a mão no ombro de Julia. Ela a tirou na hora, e Birgit recuou magoada.

“Querida, todos nós a amamos. Você sabe disso.”

Uma ova que me ama. Para que toda essa chantagem? Todos sabem a que ponto podem contar um com o outro. Amor? Birgit nem mesmo sabe o que isso significa. A única que ela amou foi Alex. Sempre Alex.

“Temos que falar disso, Julia. Temos que nos apoiar agora.”

A voz de Birgit estava embargada. Julia se perguntou quantas vezes desejou que ela mesma tivesse morrido no lugar de Alex. Viu Birgit desistir e como suas mãos estavam tremendo ao recolocar a cadeira no lugar. Antes de fechar a porta atrás de si, ao sair, Birgit lançou um último olhar suplicante para Julia, que fez questão de se virar e olhar para a parede. Birgit fechou a porta silenciosamente.

A manhã não era geralmente a parte do dia preferida de Patrik, e essa manhã era especialmente detestável. Em primeiro lugar, fora forçado a se levantar da cama quentinha de Erica e deixá-la para ir ao trabalho. Segundo, precisou tirar a neve de cima do carro por cerca de meia hora. Terceiro, mesmo com o carro livre da neve, o maldito não dava partida. Após repetidas tentativas, ele teve de entrar de novo e pedir emprestado o carro de Erica. Não havia nenhum problema e, por sorte, o carro pegou logo na primeira vez.

Chegou ao escritório com meia hora de atraso. Retirar a neve o fez ficar ensopado de suor, e ele balançava a camisa para tentar se abanar. A cafeteria era a primeira parada obrigatória antes de ele começar a trabalhar. Somente após sentar-se à sua mesa com uma xícara de café na mão é que sentiu sua pulsação começar a se estabilizar. Deu-se ao luxo de sonhar um pouco, mergulhando no sentimento de amor insensato e desmedido. A noite de ontem tinha sido tão maravilhosa quanto a primeira. Eles até conseguiram ter um pouco de bom-senso e dormiram por algumas horas. Dizer que ele tinha descansado seria um exagero, mas pelo menos não estava em coma como no dia anterior.

Patrick avaliou primeiro as anotações do encontro com Jan no dia anterior. Aquilo não tinha produzido nenhum detalhe que despertasse seu interesse, no entanto, não considerou o interrogatório como uma perda de tempo. Ter uma ideia mais clara das pessoas que estavam, ou poderiam estar, envolvidas no caso era importante para a investigação. “Investigações de homicídio tratam de seres humanos”, como sempre dizia um de seus instrutores na Academia de Polícia, e aquelas palavras de sabedoria tinham ficado gravadas na sua mente. Além disso, considerava-se um bom julgador das pessoas. Durante entrevistas com testemunhas ou suspeitos, sempre tentava deixar de lado os fatos objetivos para se concentrar exclusivamente nas impressões que a pessoa lhe causava. Jan não tinha causado nenhum sentimento positivo em Patrick. Não confiável, escorregadio e hedonista eram as palavras que lhe surgiam na mente quando tentava juntar impressões sobre a personalidade de Jan. Era muito óbvio que o homem estava ocultando mais do que revelou. Mais uma vez, Patrick pegou a pilha de papéis que se referiam à família Lorentz. Ainda não podia provar que houvesse alguma ligação concreta entre eles e os dois homicídios, salvo as ligações telefônicas de Anders para Jan. Mas não podia assegurar que a história de Jan sobre as ligações por engano de Anders gravada na

secretária eletrônica não fosse verdadeira. Patrik pegou a pasta sobre a morte dos pais de Jan. Alguma coisa no tom da sua voz quando narrou o incidente incomodava o policial. Havia algo que soava falso. Ele teve uma ideia. Pegou o telefone e discou um número que sabia de cor.

“Oi, Vicky, como estão as coisas?”

A pessoa do outro lado da linha afirmou que tudo estava bem. Após as costumeiras frases iniciais de cumprimento, Patrik foi direto ao assunto.

“Vicky, será que você podia fazer um favor para mim? Estou averiguando um cara que deve ter entrado nos arquivos dos serviços sociais por volta de 1975. Dez anos de idade, na época, chamado Jan Norin. Você acha que tem algo arquivado sobre ele aí? Sim, eu espero.”

Começou a tamborilar com os dedos na mesa enquanto Vicky Lind do escritório de serviços sociais verificava sua base de dados. Após alguns instantes, ele a ouviu voltar para a linha.

“Você dispõe dos dados aí? Fantástico. Poderia me dizer quem se encarregou do caso? Siv Persson. Ótimo. Você tem o número de telefone dela?”

Patrik rapidamente anotou o número num *post-it* e desligou, após prometer a Vicky que a levaria para almoçar um dia desses. Depois, ligou imediatamente para o número que ela lhe dera e logo ouviu uma voz muito animada do outro lado da linha. E não é que Siv se lembrava do caso de Jan Norin? Também lhe disse que não haveria nenhum inconveniente se ele fosse visitá-la imediatamente para saber mais do caso.

Patrik pegou seu casaco do cabide com tanta ansiedade que o derrubou no chão. Pior ainda, ao cair no chão, o cabide tinha levado consigo um quadro da parede e um vaso de flores da estante, o que causou um estrondo tremendo. Por enquanto, ele deixaria tudo onde estava. Quando saiu para o corredor, viu que

havia cabeças espiando-o de todas as portas. Ele somente acenou e correu para a porta da frente, enquanto olhos curiosos estavam fixados nele.

O escritório de serviços sociais não estava a mais de duzentos metros da delegacia. Patrik caminhou pela neve densa na rua principal. No final da rua, virou à esquerda, onde estava a pousada Tanumshede, e continuou até a metade do quarteirão. O escritório estava no mesmo prédio que a administração municipal e, já lá dentro, subiu as escadas. Após cumprimentar alegremente a recepcionista, com quem estudara no colegial, esta lhe mostrou onde ficava o escritório de Siv. Ela nem se importou de se levantar para cumprimentá-lo quando Patrick entrou. Seus caminhos tinham se cruzado muitas vezes durante o tempo em que ele era tira, e ambos respeitavam o profissionalismo um do outro, embora nem sempre tivessem a mesma opinião sobre como lidar com um caso. Parte da razão se dava porque Siv era uma das pessoas mais fantásticas que ele conhecia, mas assistentes sociais nem sempre podiam enxergar somente o lado bom das pessoas. Ao mesmo tempo, admirava-a por ter mantido uma visão basicamente positiva do ser humano, a despeito de muitos exemplos que encontrara ao longo dos anos e que desmentiam isso. Patrik sentia que tinha ido para o sentido oposto.

“Oi, Patrik. Você conseguiu chegar até aqui com toda essa neve?”

Patrik reagiu instintivamente diante da falta de naturalidade da jovialidade em sua voz.

“Sim, por pouco não precisei de uma moto de neve.”

Ela pegou os óculos que estavam pendurados em seu pescoço por um cordão e os colocou na ponta do nariz. Siv adorava cores vivas, e hoje seus óculos vermelhos estavam combinando com sua roupa. Ela tinha o mesmo corte de cabelo de sempre, desde que a conheceu. Um corte de “pajem” que chegava às suas mandíbulas e

uma franja curta, acima das sobrancelhas. A cor do seu cabelo era cobre-brilhante, e as cores vivas faziam Patrik se sentir mais animado só de olhar para ela.

“Você queria então analisar um dos meus casos antigos? Jan Norin?”

Sua voz ainda parecia forçada. Ela já tinha preparado o material antes de ele chegar, e uma pasta grossa estava sobre a mesa.

“Bem, temos uma boa quantidade de material sobre esse indivíduo, como você pode ver”, ela continuou, “seus pais eram viciados em drogas, e se não tivessem morrido num acidente teríamos de intervir mais cedo ou mais tarde. Eles deixavam o garoto solto, e ele praticamente teve que se criar. Ia para a escola com roupas sujas e rasgadas, e era ameaçado por colegas de sala porque cheirava mal. Aparentemente, teve de dormir no antigo estábulo e tinha que ir para a escola com as mesmas roupas com que dormia.”

Ela olhou para Patrik por cima de seus óculos.

“Suponho que não tenha vindo aqui para abusar da minha confiança, mas que você trará a autorização necessária para obter informação sobre Jan, mesmo que seja depois de tê-la encontrado.”

Patrik simplesmente assentiu com a cabeça. Ele sabia que era importante seguir as normas, mas é que às vezes as investigações exigiam certa eficiência, e então os moinhos da burocracia deviam ser movidos *a posteriori*. Ele e Siv sempre tiveram uma boa e pragmática relação profissional, mas ele sabia que ela precisava fazer aquela pergunta.

“Por que vocês não entrevistaram antes?”, Patrik perguntou. “Como permitiram que a situação se agravasse tanto? Parece que Jan foi desprezado desde o nascimento, e ele já tinha dez anos quando seus pais morreram.”

Siv deu um suspiro profundo. “Sim, eu sei o que você quer dizer e, acredite em mim, pensei nisso muitas vezes. Mas as coisas eram diferentes quando comecei a trabalhar aqui, não mais do que alguns meses antes do incêndio, na verdade. Foram necessárias circunstâncias extremas para que o Estado interviesse e restringisse o direito dos pais de criar seus filhos como lhes convinha. Muitas pessoas também eram a favor da educação livre e, infelizmente, eram crianças como Jan que sofriam. Nunca houve vestígios de maus-tratos nele. Embora soe cruel, seria melhor se tivesse sido espancado para que pudesse ter sido levado ao hospital. Aí pelo menos teríamos começado a vigiar a situação da família. Mas, ou ele foi maltratado de forma que não aparecia fisicamente, ou seus pais ‘simplesmente’ o negligenciaram”, Siv balançou os dedos para demonstrar que havia aspas na palavra “simplesmente”.

Patrik de repente sentiu uma onda de pena pelo garoto Jan. Como diabos alguém cresceria para ser um adulto normal sob essas circunstâncias?

“Mas você ainda não ouviu a pior parte. Nunca tivemos nenhuma prova, mas houve indícios de que seus pais teriam permitido que homens abusassem de Jan em troca de dinheiro ou drogas.”

Patrik ficou boquiaberto. Isso era bem pior do que tinha imaginado.

“Como eu disse, nunca pudemos provar nada, mas hoje podemos ver que Jan seguiu o padrão que agora sabemos está associado a crianças que foram abusadas sexualmente. Em primeiro lugar, ele tinha graves problemas de comportamento na escola. Outras crianças podem tê-lo ameaçado, mas elas também tinham medo dele.”

Ela abriu a pasta e folheou os papéis até encontrar o que estava procurando.

“Aqui está. Na quarta série, ele levou uma faca para a escola e a usou para ameaçar uma das crianças que mais o perturbavam. Na verdade, ele lhe fez um corte no rosto, mas a direção da escola resolveu abafar o caso. Pelo que vejo, ele não sofreu nenhum castigo. Vários incidentes se seguiram quando Jan demonstrava agressividade demais para com seus colegas, mas o incidente da faca foi o mais grave. Ele também foi denunciado ao diretor em várias ocasiões porque agia de maneira imprópria com as garotas da sala. Para um garoto tão jovem, demonstrava um conhecimento bastante avançado de comportamento sexual. Tais denúncias tampouco resultaram em alguma ação. Ninguém sabia bem o que fazer com uma criança com modos tão inquietantes de se relacionar com as pessoas ao seu redor. Hoje, definitivamente reagiríamos a sinais tão explícitos e tomaríamos alguma atitude, mas você deve se lembrar de que isso aconteceu no começo da década de 1970. Era um mundo totalmente diferente naquela época.”

Patrik sentia-se cheio de compaixão e raiva. Como alguém podia tratar uma criança assim?

“Depois do incêndio... houve outros incidentes parecidos?”, ele perguntou.

“Não. E isso é que é estranho. Após o incêndio, ele foi acolhido imediatamente pela família Lorentz, e depois não tivemos mais notícias de que Jan tenha tido algum outro problema. Fui até a casa deles algumas vezes para acompanhar a situação e encontrei um garoto completamente diferente. Ele ficava sentado, com seu terno e seu cabelo penteado para trás, e olhava para mim fixamente, sem piscar, à medida que respondia a todas as minhas perguntas. Foi terrível, na verdade. Uma pessoa não muda do dia para a noite assim.”

Patrik levou um susto. Era a primeira vez que ouvia Siv dizer alguma coisa negativa sobre qualquer um de seus casos. De pronto

entendeu que havia algo que deveria investigar mais a fundo. Ela queria dizer mais alguma coisa, mas ele teria de fazer a pergunta certa.

“Com relação ao incêndio...”

Ele deixou as palavras suspensas no ar por um momento e viu que Siv estava se mexendo na cadeira. Isso queria dizer que ele estava no caminho certo.

“Ouvi certos rumores sobre o incêndio”, ele lançou um olhar inquisitivo a Siv.

“Não posso me responsabilizar por rumores. Mas o que você ouviu?”

“Que o incêndio foi premeditado. Na nossa investigação consta até como ‘provável incêndio premeditado’, mas nenhum sinal do criminoso jamais foi encontrado. O incêndio começou no andar térreo da casa. Os pais estavam dormindo num quarto no andar de cima e não tiveram chance de escapar. Por acaso você já ouviu alguma coisa de alguém que possa ter odiado a família Norin para ter feito algo do gênero?”

“Sim”, sua resposta foi monossilábica e tão baixa que ele não tinha certeza de que a tivesse ouvido.

Ela repetiu em voz mais alta: “Sim, eu sei quem odiava a família Norin o suficiente para querer incendiar a casa deles.”

Patrik sentou-se silenciosamente e a deixou continuar no seu ritmo.

“Acompanhei a polícia até o interior da casa. Os bombeiros foram os primeiros a chegar. Um deles tinha ido examinar o local, para verificar se alguma faísca tinha escapado da casa pudesse queimar outro lugar, sem chamas visíveis. Foi esse bombeiro que encontrou Jan no estábulo. Quando o garoto se recusou a sair, eles entraram em contato conosco, aqui da assistência social. Eu era uma nova assistente social, e, em retrospecto, tenho de admitir que

achei aquilo muito interessante. Jan estava sentado no estábulo, bem no fundo, encostado no muro, sob o olhar vigilante de um bombeiro, que ficou extremamente aliviado de ter nos visto chegar. Enxotei a polícia e entrei para tentar consolar Jan, como pensei que deveria, para então tirá-lo de lá. Suas mãos se moviam continuamente no escuro, onde estava sentado, mas eu não conseguia enxergar o que ele estava fazendo. Quando me aproximei, vi que mexia com algo que estava no seu colo. Era uma caixa de fósforos. Com alegria incontida, estava separando os fósforos: os queimados e pretos em uma metade da caixa e outros, vermelhos e novos, na outra metade. A expressão em seu rosto era de pura alegria. Na verdade, ele parecia estar reluzindo, com uma felicidade interior. Foi a coisa mais horrorosa que já vi na minha vida, Patrik. Eu às vezes ainda posso ver aquele rosto diante de mim quando vou me deitar à noite. Aproximei-me e cuidadosamente tirei a caixa de fósforos dele. Então ele olhou para e mim e disse: ‘Eles já estão mortos?’, aí deu uma risadinha e se deixou ser guiado para fora do estábulo. As únicas coisas que vi que tinham restado foram um lençol, uma lanterna de bolso e uma pilha de roupas num canto do estábulo. Então entendi que éramos culpados pela morte dos seus pais. Deveríamos ter agido com muitos, muitos anos de antecedência.”

“Você já disse isso a alguém?”

“Não. O que eu diria? Que acho que ele matou seus pais porque estava brincando com fósforos? Não, nunca disse nada a ninguém antes de você vir aqui e me fazer essa pergunta. Mas sempre suspeitei que ele iria se ver com a polícia mais cedo ou mais tarde. Em que ele está metido?”

“Não posso dizer nada ainda, mas prometo lhe contar assim que puder. Estou muitíssimo grato por você ter me dito tudo isso, e vou me ocupar com a papelada para que você não tenha nenhum problema.”

Ele acenou e foi embora.

Após Patrick sair, Siv permaneceu sentada. Seus óculos vermelhos estavam pendurados pelo cordão em volta do seu pescoço, e ela passou dois dedos no nariz, no lugar onde os óculos estavam, e fechou os olhos.

No mesmo momento em que Patrik se viu fora do prédio, seu celular tocou. Seus dedos já tinham ficado rígidos com o frio gelado, e teve dificuldade para abrir o *flip* do telefone. Estava torcendo para que fosse Erica, mas ficou desapontado quando viu que era o número da delegacia que aparecia na tela.

“Patrik Hedström. Oi, Annika. Não, já saí do prédio da Assistência Social. Está bem, me dê um ou dois minutos e estarei de volta.”

Ele desligou o celular. Annika tinha conseguido mais uma vez. Tinha encontrado algo que não se encaixava no relato biográfico de Alex. A neve rangia debaixo dos seus pés à medida que corria para a delegacia. O carro que removia neve tinha passado por ali enquanto ele estava com Siv, e o caminho de volta não foi tão difícil quanto o de ida. Poucas almas corajosas se aventuravam a sair naquele frio, e a rua principal estava deserta, salvo um transeunte ocasional apressado, com o colarinho da jaqueta levantado e o gorro puxado mais para baixo, para se proteger do frio.

Uma vez dentro da delegacia, Patrick bateu os pés no chão para tirar o excesso de neve que seus sapatos tinham acumulado. Disse a si mesmo que se lembraria de que neve em combinação com sapatos inapropriados molhava as meias de forma muito desagradável. Claro que isso era algo que deveria ter pensado antes.

Foi direto para o escritório de Annika. Ela estava claramente esperando por ele, e pela expressão de satisfação em seu rosto

Patrick pôde perceber que o que tinha encontrado era bom, muito bom.

“Você está com toda a roupa na lavadora ou o quê?”

A princípio, Patrik não entendeu a pergunta, mas, a julgar pelo sorriso caçador, soube que se tratava de uma piada a sua custa. A ficha caiu um segundo depois, quando ele olhou para o que estava vestindo. Droga, não tinha trocado de roupas desde anteontem. Ele se perguntou se estava cheirando um pouco ou muito ruim.

Ele resmungou algo em resposta ao comentário de Annika e tentou encará-la da maneira mais malvada que conseguia. Ela achou aquilo mais engraçado ainda.

“Sim, sim, entendi”, Patrik disse. “Agora entendi a piada. Desembucha logo, mulher!”

Ele bateu com a mão sobre a mesa numa raiva fingida. Um vaso de flores teve uma resposta instantânea, caindo e derramando água por todos os lados.

“Ai, desculpa, eu não pretendia fazer isso. Sou tão atrapalhado...”

Ele procurou algo para enxugar a mesa, mas Annika, sempre à frente, tirou um rolo de papel toalha de algum lugar da parte de trás da mesa e começou a secá-la calmamente, e então deu uma ordem familiar a Patrik: “Sente-se!”.

Ele obedeceu na hora, e pensou que era um tanto injusto que ela não tivesse lhe jogado um doce como recompensa por ser tão esperto.

“Vamos começar?”, Annika não esperou pela resposta e já começou a ler algo na tela do computador.

“Agora vamos ver. Comecei pelo momento de sua morte e fui retrocedendo. Tudo parecia se encaixar enquanto viveu em Gotemburgo. Abriu a galeria de arte com sua amiga em 1989. Antes disso, frequentou a universidade por cinco anos na França,

formando-se em história da arte. Recebi seu histórico escolar hoje, por fax, e ela fez suas provas a tempo e passou. Frequentou o colegial em Hvitfeldtska, em Gotemburgo. Também consegui suas notas de lá. Ela não era uma aluna excepcional, mas tampouco desleixada. Consistentemente, ficava no meio-termo.”

Annika fez uma pausa e olhou para Patrik, que estava inclinado para a frente, tentando ler antes dela o que estava na tela. Ela puxou a tela para que ele não visse sua descoberta prematuramente.

“Antes disso, foi ao internato na Suíça. Frequentou uma escola internacional, a L'École de Chevalier, que custa uma fortuna”, Annika pôs bastante ênfase na última frase.

“De acordo com a informação que obtive, ao ligar para eles, custava cerca de cem mil *kronor* por semestre, sem contar alojamento, comida, roupas e livros. E verifiquei que os preços eram assim altos quando Alexandra Wijkner a frequentava.”

Suas palavras foram chegando à consciência de Patrik, que estava pensando em voz alta: “Então a questão é: como é que a família Carlgren conseguiu enviar Alex para aquela escola? Pelo que entendi, Birgit sempre foi uma dona de casa, e teria sido impossível para Karl-Erik ganhar dinheiro suficiente para cobrir essas despesas. Você verificou...”

Annika o interrompeu: “Sim, perguntei quem era o responsável por pagar as mensalidades de Alexandra, mas eles não divulgam tal informação. A única forma seria apresentar uma ordem da polícia suíça, mas com toda a burocracia levaria pelo menos uns seis meses para conseguirmos saber isso. Passei para o outro lado e comecei a averiguar as finanças da família Carlgren ao longo dos anos. Talvez eles tivessem herdado algum dinheiro, quem sabe? Estou esperando um extrato do banco, mas vai levar alguns dias para conseguirmos isso. Mas...”, outra pausa retórica, “isso não é nem de perto a coisa mais interessante. De acordo com alegações

da família Carlgren, Alex começou no internato na primavera de 1977. De acordo com os registros da escola, ela não tinha começado até a primavera de 1978”.

Annika recostou-se na cadeira, triunfante, e cruzou os braços.

“Tem certeza?”, Patrik mal conseguia conter o entusiasmo.

“Chequei uma, duas, e até três vezes. O ano desde a primavera de 1977 até a primavera de 1978 não consta na vida de Alex. Não temos ideia de onde ela possa ter estado. Sua família se mudou daqui em março de 1977, e aí não há mais nada, nem um pingo de informação até Alex começar a estudar na Suíça. Ao mesmo tempo, seus pais aparecem em Gotemburgo. Eles compraram uma casa, e Karl-Erik começou a trabalhar como chefe de uma empresa atacadista de médio porte.”

“Então, tampouco sabemos onde seus pais estavam durante esse período?”

“Não, ainda não. Mas estou procurando. A única coisa que sabemos é que não há nenhum dado que indique que eles estiveram na Suécia durante aquele ano.”

Patrik contou nos dedos. “Alex nasceu em 1965, então ela tinha, vejamos, doze anos de idade em 1977.”

Annika olhou para a tela novamente. “Ela nasceu em 3 de janeiro, então está certo, ela tinha doze anos quando se mudaram.”

Patrik balançou a cabeça pensativo. Tratava-se de informações valiosas que Annika tinha conseguido, mas naquele momento isso só criava mais perguntas. Onde estava a família Carlgren de 1977 a 1978? Uma família inteira simplesmente não podia desaparecer. Eles devem ter deixado algum tipo de rastro; era só uma questão de achá-lo. Ao mesmo tempo, tinha de haver algo mais. A informação de que Alex tivera um bebê anteriormente o deixava perplexo.

“Você não achou nenhuma outra lacuna em sua história? Por exemplo, será que alguém não fez as provas por ela na

universidade? Ou se sua sócia na galeria administrou a empresa sozinha por um tempo? Não é que não confie no que descobriu, mas talvez você devesse verificar esses fatos novamente. Assim como os registros do hospital para ver se uma Alexandra Carlgren ou Wijkner deu à luz uma criança. Comece com os hospitais de Gotemburgo e, se não encontrar nada lá, então passe para o interior. A certidão de nascimento deve estar em algum lugar. Um bebê não pode simplesmente virar fumaça e sumir.”

“Ela não pode ter dado à luz um bebê no exterior? Durante sua estadia no internato, por exemplo? Ou na França?”

“Mas é claro! Como é que não pensei nisso antes? Veja se é possível conseguir algo por intermédio dos canais internacionais. E também se há alguma maneira de averiguar onde a família Carlgren pode ter se metido. Passaportes, vistos, embaixadas. Em algum lugar deve haver um registro de para onde eles foram.”

Annika tomou nota de absolutamente tudo.

“A propósito, algum dos colegas conseguiu alguma informação que valha a pena?”

“Ernst verificou o álibi de Bengt Larsson, e ele se sustenta, então podemos riscá-lo da lista de suspeitos. Martin conversou com Henrik Wijkner por telefone, mas não conseguiu nada mais sobre a ligação entre Anders e Alex, mas pretende continuar a interrogar os companheiros de bebedeira de Anders para saber se ele teria dito qualquer coisa sobre o assunto. E quanto a Gösta... ele está sentado no escritório, compadecendo-se de si mesmo, tentando juntar forças para ir a Gotemburgo e interrogar a família Carlgren. Aposto que ele não sai antes de segunda-feira, no mínimo.”

Patrik suspirou. Se quisessem resolver aquele caso, provavelmente seria melhor não confiar em seus colegas. Ele mesmo teria de fazer o trabalho grosso.

“Você não pensou em perguntar à família Carlgren diretamente?”, Annika disse. “Talvez não haja nada de suspeito no

assunto. Quem sabe, existe alguma explicação razoável.”

“Foram eles que nos deram informações sobre Alex. Por alguma razão, tentaram omitir o que fizeram entre 1977 e 1978. Vou falar com eles, mas antes quero saber mais a respeito. Não quero que tenham a menor oportunidade de escapulir.”

Annika relaxou em sua cadeira e riu de maneira maliciosa. “Então, quando tocarão os sinos do casamento?”

Patrik percebeu que ela não queria abandonar esse assunto “suculento” tão rápido. Ele teria de se conformar em ser a fonte de diversão da delegacia por um tempo.

“Bem, acho que é um pouco cedo para isso. Talvez devamos ficar juntos por pelo menos uma semana antes de reservarmos uma igreja.”

“Ahhh, então vocês estão juntos, né?”

Ele percebeu que tinha caído direitinho na armadilha.

“Não, digo, sim, talvez estejamos... Não sei, estamos nos dando bem até agora, mas é muito recente, e talvez ela volte para Estocolmo em breve... Ah, eu não sei. Você vai ter de ficar satisfeita com o que já sabe.”

Patrik se retorcia como uma minhoca na cadeira.

“Tudo bem, mas quero ficar atualizada sobre o que acontecer, entendeu?”, Annika balançou o dedo em sua direção.

Ele assentiu resignado. “Claro, a mantereii informada, prometo. Satisfeita?”

“Bom, por ora, me conformarei.”

Ela se levantou, circundou a mesa e, antes mesmo de que se desse conta, viu-se preso num abraço de urso, esmagado contra os seios fartos de Annika.

“Estou tão contente por você. Não estrague tudo, Patrik, prometa-me.” Ela lhe deu mais um aperto que fez com que suas costelas protestassem. Ele não tinha acesso a nem um pouco de ar

naquele momento, e por isso não pôde responder, mas aparentemente ela aceitou seu silêncio como consentimento e o largou, mas não sem antes encerrar toda a operação com um beliscão na bochecha.

“Vá para casa agora e troque de roupa! Você está fedendo!”

E com tal comentário, Patrick viu-se de volta ao corredor, com as costelas e a bochecha doloridas. Então apalpou seu tórax com cuidado. Ele gostava muito de Annika, mas às vezes queria que ela fosse mais cuidadosa com um pobre homem de trinta e cinco anos cujo físico estava indo por água abaixo.

Badholmen, a ilha dos banhistas, parecia deserta e abandonada. No verão, ela ficava repleta de turistas felizes e crianças barulhentas, mas agora o vento uivava de forma desoladora por cima da neve que havia caído, como um cobertor grosso, do dia para a noite. Erica pisou com cautela sobre as pedras cobertas de neve. Ela sentiu uma grande necessidade de tomar um pouco de ar fresco e dali, de Badholmen, tinha uma vista, sem que ninguém a atrapalhasse, das ilhas e do gelo que parecia não acabar mais. Podia ouvir o barulho dos carros a distância, mas, fora isso, reinava um grato silêncio, a ponto de ela quase conseguir ouvir-se pensando. O deque assomava a seu lado. Não era tão alto quanto achava quando pequena; naquela época parecia que ele alcançava o mais alto do céu, mas ainda era alto o suficiente, e ela nunca ousaria pular dele num dia quente de verão.

Ficaria lá para sempre, se possível. Bem agasalhada, sentia que o frio tentava, em vão, penetrar por suas roupas. Dentro dela, sentia o gelo descongelar. Não havia percebido quão sozinha tinha estado até a solidão ir embora. Mas o que seria dela e de Patrik se tivesse de voltar para Estocolmo? Eram muitos quilômetros, e ela já estava velha demais para um relacionamento a distância.

Se se visse obrigada a aceitar a venda da casa, haveria alguma possibilidade de ela ficar ali? Não queria morar com Patrik até que o relacionamento fosse propriamente submetido ao teste do tempo. Então, a única alternativa seria encontrar outro lugar para morar em Fjällbacka.

O problema era que aquela ideia não a atraía nem um pouco. Se a casa fosse vendida, preferia cortar todos os laços com Fjällbacka e ir para lá e ver estranhos em sua casa de infância. E sequer podia imaginar alugar um apartamento ali, pois se sentiria muito estranha. Estava percebendo sua felicidade escapulir à medida que ia acumulando os pontos negativos. É claro, seria possível resolver aquele dilema, mas precisava admitir que, mesmo que não fosse muito velha, aqueles anos vivendo sozinha, pensando somente nela, tinham deixado cicatrizes, e não se sentia muito mais flexível. Após muita ponderação, decidiu que podia abandonar sua vida em Estocolmo, mas somente se pudesse continuar vivendo no ambiente familiar da casa de sua infância. Senão, seria mudança demais de uma vez só no seu universo. Ela não conseguiria encarar, por mais que estivesse apaixonada.

Talvez a morte de seus pais a tivesse deixado menos disposta a grandes transformações. Essa mudança tinha sido suficiente para muitos anos pela frente. Agora ela queria afundar-se numa vida previsível e segura. Antes, tinha medo de se comprometer num relacionamento. Agora não queria outra coisa além de incluir Patrik nesse novo tipo de vida. Queria poder planejar toda a vida com os estágios atuais: viver juntos, noivado, casamento, filhos, e então muitos dias normais, um após o outro, até que um dia eles pudessem olhar um para o outro e perceber que tinham envelhecidos juntos. Isso não seria pedir demais.

Pela primeira vez, Erica sentiu uma pontada de tristeza ao pensar em Alex. Parece que somente agora ela tinha percebido que sua vida havia se acabado, e que isso não tinha volta. Muito

embora seus caminhos não tivessem se cruzado por muitos anos, ainda pensava em Alex de vez em quando. E ela sempre soube que a vida da amiga de infância estava correndo paralelamente à sua. Agora era a única que tinha um futuro, que teria a experiência de todas as tristezas e alegrias que os dias vindouros trariam. Toda vez que pensasse em Alex, agora e pelo resto de sua vida, a imagem que apareceria em sua mente seria a do seu corpo pálido na banheira. Do sangue no assoalho e do seu cabelo com gelo, que parecia uma auréola. Talvez fosse esta a razão pela qual tivesse decidido começar a escrever um livro sobre ela. Era uma maneira de reviver os anos nos quais tinham sido tão próximas uma da outra e, ao mesmo tempo, conhecer a mulher que Alex tinha se tornado após terem se separado.

O que preocupava Erica ultimamente era que o material parecia um pouco inconsistente. Era como se estivesse olhando para um modelo tridimensional somente de um lado. Os outros lados eram muito importantes para que tivesse uma ideia da figura toda, mas ainda não conseguia isso. Decidiu então olhar mais para as pessoas que viviam perto de Alex, não somente para os atores principais, mas para os que representavam papéis secundários, que tinham participado de sua vida. Pensou, em primeiro lugar, no que tinha sentido e intuído quando criança, mas que nunca entendera claramente.

Algo acontecera um ano antes de Alex se mudar, e ninguém nunca se importou em contar para Erica o que fora. Os sussurros sempre cessavam assim que se aproximava; tinha sido protegida de algo que agora ela precisava entender desesperadamente. O problema era que não sabia por onde começar. A única coisa de que se lembrava das suas tentativas de bisbilhotar as conversas sussurradas dos adultos era que tinha ouvido a palavra “escola” mencionada mais de uma vez. Não era grande coisa, mas não havia mais do que isso. Erica sabia que o professor que as duas

tiveram ainda morava em Fjällbacka, e tanto fazia começar ali ou em qualquer outro lugar.

O vento tinha se intensificado e, apesar das grossas camadas de roupa que estava vestindo, o frio começava a entrar. Erica sentiu que era hora de voltar. Olhou rapidamente para Fjällbacka, que ficava protegida por uma grande montanha que se elevava ao fundo. No verão, geralmente ficava submersa com luz dourada, mas agora estava cinzenta e erma, mesmo assim Erica achou que ela parecia mais bonita desse jeito. No verão, a área mais parecia um formigueiro em atividade constante. Agora, paz e tranquilidade tinham descido sobre a cidadezinha, e ela quase podia vê-la hibernando. Ao mesmo tempo, sabia que aquela paz era ilusória. Sob a superfície havia tanto mal quanto em qualquer outro lugar habitado por seres humanos. Erica tinha visto bastante disso em Estocolmo, mas acreditava que fosse ainda mais sinistro ali. Ódio, inveja, ganância e vingança, tudo isso oculto debaixo de uma tampa enorme que foi criada por sentimentos como “o que as pessoas diriam?”, todo o mal, a mesquinhez e a maldade eram permitidos fermentar debaixo de uma superfície que sempre parecia tão organizada e limpa. Agora que estava sobre as rochas de Badholmen, olhando para a cidade coberta de neve, perguntava-se que segredos a cidade guardava.

Ela estremeceu, enfiou as mãos no fundo dos bolsos e voltou para a cidade.

A vida se tornava cada vez mais ameaçadora à medida que os anos se passavam. Axel Wennerström estava sempre descobrindo novos perigos. Tudo começou no dia em que tomou plena consciência de todos os milhões e bilhões de bacilos e bactérias que circulavam ao seu redor. Tocar em qualquer coisa se tornou um desafio; se fosse forçado a fazê-lo, via exércitos de bactérias correndo em sua direção, ameaçando trazer consigo uma miríade

de doenças conhecidas e desconhecidas que certamente lhe causariam uma morte longa e dolorosa. Então, os próprios lugares que o cercavam se tornavam uma ameaça. Superfícies grandes apresentavam certos perigos, ao passo que as pequenas expunham outros. Estar em meio a uma multidão de pessoas fazia que suor emanasse de todos os poros do seu corpo, e sua respiração ficava rápida e superficial. O único ambiente que ele podia controlar em parte era sua própria casa. Axel rapidamente percebeu que na verdade podia viver sua vida sem nunca ter de pôr os pés fora de casa novamente.

A última vez que tinha saído de casa fora há oito anos. Ele tinha reprimido com tanta eficácia todo desejo possível de se aventurar lá fora, que não sabia mais se o resto do mundo existia ou não. Estava satisfeito com sua vida, e não via razão para mudar nada.

Axel Wennerström passava os dias seguindo uma rotina que fora solidamente implantada. Todos os dias seguia o mesmo esquema, e hoje não era diferente. Levantava-se às sete da manhã e tomava café. Então limpava toda a cozinha com desinfetantes poderosos a fim de erradicar quaisquer bactérias que a comida que ingerira pudesse ter espalhado após ter sido tirada da geladeira. Passava as próximas horas tirando pó, limpando e organizando o resto da casa. Somente à uma hora da tarde se dava uma pausa e sentava na sacada para ler jornal. Segundo um acordo feito com Signe, o carteiro, ele recebia o jornal dentro de um saco plástico todas as manhãs. Isso o permitia reprimir, pelo menos parcialmente, a imagem das imundas mãos humanas que tinham manuseado o jornal antes de chegar à sua caixa de correios.

Uma batida à porta fez sua adrenalina disparar. Não esperava ninguém àquela hora do dia. A pessoa que lhe entregava comida geralmente vinha de manhã, às sextas-feiras. Essa era a única visita que recebia. Com grande esforço, Axel foi se aproximando da

porta, centímetro por centímetro. As batidas se fizeram ouvir mais uma vez, insistentes. Estendeu sua mão trêmula à fechadura de cima e a destrancou. Ele gostaria de ter um olho mágico na porta, daquele tipo que se vê em apartamentos mais modernos, mas nesse prédio não havia nem mesmo uma janela pela qual ele pudesse controlar os intrusos. Também destrancou a fechadura de baixo e, com o coração palpitante, abriu a porta. Teve que conter um desejo de fechar os olhos para a criatura anônima e horripilante que o esperava lá fora.

“Axel? Axel Wennerström?”

Ele relaxou. Mulheres eram menos ameaçadoras do que homens. Mas, por segurança, deixou a corrente presa à porta.

“Pois não?”

Tentou soar o mais arisco que pôde. Só queria que aquela pessoa, seja lá quem fosse, partisse e o deixasse em paz.

“Olá, Axel. Não sei se você se lembra de mim, mas eu estava em sua classe na escola. Erica Falck?”

Esforçou-se para se lembrar. Já fazia tantos anos, e já tivera tantos alunos. Vagamente, a imagem de uma garotinha loira começava a aparecer. É isso, a menina de Tore.

“Será que eu poderia ter uma palavra com você?”

Erica lançou um olhar ansioso pela fenda da porta. Axel deu um suspiro profundo, retirou a corrente e a deixou entrar. Tentou não pensar em quantos organismos desconhecidos ela estava trazendo consigo para sua casa limpa. Ele lhe mostrou uma sapateira, indicando que deveria tirar os sapatos. Ela educadamente obedeceu e também tirou seu casaco e o cachecol. Para evitar levar sujeira ao resto da casa, ele a levou para o sofá de vime da sacada. Ela se sentou no sofá, e ele disse a si mesmo que lavaria as almofadas assim que a mulher fosse embora.

“Certamente já faz muito tempo.”

“Sim, já deve fazer vinte e cinco anos que fui sua aluna, se estou calculando certo.”

“Sim, está certo. Os anos passam tão rápido.”

Axel achava aquele tipo de conversa tão frustrante, mas com relutância se rendeu. Ele queria que Erica fosse direto ao assunto e dissesse por que tinha ido lá. Então ela iria embora, e ele poderia ter a casa somente para si novamente. Simplesmente não podia compreender o que ela queria dele. Alunos antigos tinham ido e vindo aos montes ao longo dos anos; até agora, ele tinha sido poupado de suas visitas. Mas então Erica Falck estava diante dele. Sentia-se tenso enquanto ficava sentado no sofá de vime. Estava muito ansioso para se ver livre dela. Seus olhos não se desviavam da almofada que estava debaixo dela, e podia literalmente ver todas as bactérias que ela trouxera rastejando, arrastando-se e se espalhando do sofá para o chão. Talvez não fosse o suficiente lavar a almofada; ele teria que limpar e desinfetar a casa toda após ela sair.

“Você deve estar se perguntando por que vim aqui.”

Ele simplesmente balançou a cabeça como resposta.

“Você deve ter ouvido dizer que Alexandra Wijkner foi assassinada.”

Ele ouvira a respeito, e aquilo trouxe à tona coisas que passara boa parte de sua vida tentando reprimir. Agora queria mais ainda que Erica se levantasse e fosse embora. Mas ela ainda estava sentada lá, e ele teve que lutar com um impulso infantil de tapar os ouvidos com as mãos e começar a murmurar algo para não ter de ouvir o que ele sabia que viria.

“Tenho minhas próprias razões para investigar várias coisas associadas a Alex e à sua morte, e gostaria de lhe fazer algumas perguntas, se não se importa.”

Axel fechou os olhos. Ele sabia que esse dia eventualmente chegaria.

“Tudo bem, não tem problema.”

Ele não queria perguntar por que razões ela estaria indagando sobre a vida de Alex. Podia ficar com elas, se quisesse; ele não estava interessado. Ela podia fazer suas perguntas, mas não havia nada que o forçasse a respondê-las. Ao mesmo tempo, sentia, para sua surpresa, uma estranha vontade de contar tudo para a loira que estava sentada a sua frente. Para descarregar em alguém, qualquer pessoa, tudo que guardara por vinte e cinco anos. Isso tinha envenenado sua vida. Crescera como sementes no fundo de sua consciência para então se espalhar como veneno por seu corpo e sua mente. Nos seus momentos mais lúcidos, sabia que isso constituía a origem de sua necessidade por limpeza e de seu medo crescente por tudo aquilo que pudesse pôr em risco o controle que tinha do seu ambiente. Erica Falck podia perguntar o que quisesse, mas ele faria de tudo para refrear qualquer impulso de responder. Sabia que, se começasse a ceder, as comportas não aguentariam e ameaçariam erradicar o escudo que ele tinha construído com tanto esmero. Isso não deveria acontecer.

“Você se lembra da Alexandra na escola?”

Ele sorriu de forma amarga para si mesmo. A maioria das crianças da escola tinha deixado somente lembranças vagas e indefinidas, mas Alexandra permanecia hoje em sua memória com tanta clareza quanto há vinte e cinco anos, embora não pudesse dizer isso em voz alta.

“Sim, lembro-me de Alexandra. Mas como Alexandra Carlgren, e não Wijkner, é claro.”

“Sim, isso é óbvio. Do que você se lembra a respeito dela, da época da escola?”

“Ela era quieta, um pouco reservada, e agia como se fosse uma pessoa mais velha do que era.”

Ele viu que Erica ficou frustrada com sua resposta breve, mas estava fazendo um esforço consciente para dizer o mínimo

possível, como se as palavras pudessem tomar conta e começassem a fluir sozinhas se fossem muitas.

“Ela era uma boa aluna?”

“Bom, era regular. Não era uma das alunas mais ambiciosas de que posso me lembrar, mas era inteligente, de uma maneira calada. Ela provavelmente se encontrava na média da classe.”

Erica hesitou um pouco e Axel percebeu que agora estavam se aproximando das perguntas que ela realmente queria fazer. As perguntas que ela fizera até agora tinham sido somente para aquecer.

“Mas sua família se mudou no meio do semestre. Você se lembra das razões que a família deu para se mudar?”

Ele fingiu ponderar a pergunta, unindo os dedos e descansando seu queixo neles num gesto fingido de quem estava se esforçando para lembrar. Viu que Erica tinha avançado um pouco no sofá, demonstrando ansiedade para ouvir a resposta. Teria que decepcioná-la a respeito disso. A única coisa que podia lhe dizer era a verdade.

“Sim, acho que o pai dela conseguiu um emprego numa outra cidade. Para ser sincero, não me lembro muito bem, mas me recordo vagamente de que foi algo assim.”

Erica não pôde ocultar seu desapontamento. Novamente, Axel sentiu o impulso de abrir seu coração e revelar o que tinha estado oculto lá por todos aqueles anos. Para limpar sua consciência, ao derramar toda a verdade nua e crua. Mas respirou fundo e segurou o que estava ameaçando vir à tona.

Erica continuou, teimosa: “Mas a decisão foi um pouco repentina, pelo que entendi. Você tinha ouvido algo sobre isso antes, eles tinham mencionado alguma coisa de que fossem se mudar?”.

“Bom, não acho que foi muito estranho. É claro que isso veio de modo muito repentino, como você disse, se me lembro bem. Mas essas coisas podem acontecer rápido. Talvez o pai tivesse recebido uma oferta com pouca margem de tempo, como é que eu vou saber?”

Abriu os braços num gesto que indicava que ele sabia tanto quanto Erica, o que fez suas rugas entre as sobrancelhas ficarem mais nítidas ainda. Essa não era a resposta que ela queria, mas teria que se contentar com ela.

“Sim, mas houve algo depois”, Erica continuou. “Eu me lembro vagamente de que, naqueles dias, as pessoas falavam de algo relacionado com Alex. Eu também ouvia os adultos mencionarem algo sobre a escola. Você sabe o que pode ter sido isso? Só tenho lembranças vagas, como disse, mas trata-se de algo que foi ocultado das crianças.”

Axel sentiu todas as juntas do seu corpo ficarem rígidas. Esperava que a consternação não fosse tão óbvia quanto a sentia. É claro que sabia que devia ter havido rumores, sempre houve. Era impossível guardar qualquer segredo, mas ele acreditava que o dano havia sido limitado. Ele até mesmo ajudou a limitá-lo; isso era parte do que ainda estava corroendo dentro dele. Erica estava esperando uma resposta.

“Não, não consigo imaginar o que possa ter sido. Mas as pessoas falam tanto, você sabe como elas são. Em geral, essas conversas não têm muito de verdade. Eu não daria muita importância a isso se fosse você.”

O rosto de Erica refletia uma decepção imensa. Ele percebeu que ela não havia descoberto nada do que tinha se proposto a descobrir ao ir para lá. Mas ele não tinha escolha. Era como uma panela de pressão. Se levantasse nem que fosse um pouco, tudo explodiria. Ao mesmo tempo, algo continuava se remexendo no seu interior. Sentia como se alguém tivesse tomado conta do seu corpo.

Sentiu sua boca se abrir e formar as palavras, palavras que não deveriam ser pronunciadas. Para seu alívio, Erica se levantou e o impulso passou. Ela colocou seu casaco e suas botas e estendeu a mão. Ele olhou para a mão dela e engoliu saliva algumas vezes antes de segurá-la. Teve que conter o impulso de fazer uma careta. Contato com a pele de outra pessoa lhe dava um nojo indescritível. Por fim, ela saiu pela porta, mas se virou justo quando ele a estava fechando.

“Ah, a propósito, você sabe se Nils Lorentz tinha alguma relação com Alex, ou mesmo com a escola?”

Axel hesitou, mas se decidiu. Ela descobriria isso mais cedo ou mais tarde se não fosse por ele, seria por outra pessoa.

“Você não se lembra? Ele foi professor substituto por um semestre no ensino médio.”

Então Axel fechou a porta, trancou-a com os dois cadeados, colocou a corrente, encostou-se na porta e fechou os olhos.

Sem demora, buscou os produtos de limpeza e limpou todos os vestígios da visitante indesejada. Somente depois disso é que seu mundo ficou seguro para ele.

A noite não tinha começado bem. Lucas estava de mau humor quando chegou em casa, e ela tentava ficar atenta para não dar mais razões para ele ficar irritado. Anna sabia que nessa situação, quando ele chegava em casa de mau humor, procurava qualquer razão para despejar sua raiva.

Ela caprichou na preparação do jantar. Fez seu prato predileto e arrumou a mesa com perfeição. Ela tinha que manter as crianças quietas; para Emma, colocou o desenho de *O Rei Leão* no quarto e deu a Adrian uma mamadeira para ele dormir. Colocou o CD favorito de Lucas, Chet Baker, e, além disso, se vestiu melhor do que de costume, e caprichou no penteado e na maquiagem. Mas logo percebeu que naquela noite não importaria o que ela fizesse por ele. Lucas tivera visivelmente um dia ruim no trabalho e a

raiva que se acumulara dentro dele tinha de sair de alguma forma. Anna viu que seus olhos brilhavam de raiva, e para a bomba estourar, era só uma questão de tempo.

A primeira pancada veio sem aviso. Um tapa com a mão direita que fez sua cabeça rodopiar. Ela pôs a mão no rosto e olhou para Lucas como se esperasse que ele tivesse pena dela por ter deixado marcas na sua pele. Em vez disso, um desejo suscitou dentro dele, de lhe fazer mais mal ainda. O fato de que ele gostava de machucá-la foi o que mais tempo levou para ela entender e aceitar. Por muitos anos, ele lhe assegurou que suas bofetadas doíam tanto nele quanto nela, mas isso já tinha terminado. Anna tinha visto a fera que ele carregava dentro de si antes, e isso já lhe era familiar.

Por instinto, ela se encolheu para se proteger das bofetadas que seguiriam. Quando começaram a despencar nela, tentou se concentrar num ponto em seu interior, um lugar que Lucas não poderia alcançar. Era algo em que ela havia se aperfeiçoado bastante. Mesmo estando ciente da dor, podia se distanciar dela a maior parte do tempo. Era como se estivesse flutuando no teto e olhando para si mesma, para baixo, à medida que estava encolhida no chão enquanto Lucas descontava sua fúria nela.

Um som a fez voltar rapidamente à realidade e ao seu próprio corpo novamente. Emma estava em pé, à porta, com o polegar na boca e o cobertor na outra mão. Anna tinha conseguido fazê-la parar de chupar o dedo havia um ano, mas agora ela o estava chupando forte para se consolar. Lucas não tinha se dado conta ainda, pois estava de costas para o quarto de Emma, mas se virou quando viu que os olhos de Anna estavam fixos em algo atrás dele.

Rapidamente, antes que Anna pudesse detê-lo, Lucas foi na direção de sua filha, ergueu-a bruscamente com seus braços e a balançou com tanta força que Anna podia ouvir os dentes da menina batendo uns nos outros. Ela começou a se levantar do chão, mas tudo parecia que estava acontecendo em câmera lenta.

Ela sabia que sempre reprisaria aquela cena na sua mente – Lucas balançando Emma, que olhava com olhos arregalados e sem compreender que seu querido papai tinha se tornado de repente um temível estranho.

Anna se lançou contra Lucas para proteger Emma. Mas ela não chegou a tempo e, horrorizada, viu ele jogar o corpo da filha contra a parede. Anna ouviu um terrível som de esmagamento e sabia que sua vida tinha, a partir daquele momento, mudado de forma irreversível. Os olhos de Lucas, cobertos por uma película brilhante, olhavam com estranhamento para a criança que agora estava em suas mãos antes de deixá-la no chão com o máximo de cuidado e ternura. Então, ele a levantou em seus braços novamente, como a um bebezinho desta vez, e olhou para Anna com olhos brilhantes, como de um robô.

“Ela tem de ir para o hospital. Ela caiu da escada e se machucou. Temos que explicar isso a eles. Ela caiu da escada.”

Falava de forma incoerente enquanto ia para a porta principal, sem olhar para trás para ver se Anna o seguia. Ela estava em estado de choque, e se pôs a segui-lo sem pensar. Era como se estivesse se movendo em um sonho, mas poderia acordar dele a qualquer momento.

Lucas repetia continuamente: “Ela caiu da escada. Eles têm que acreditar em nós, contanto que lhes contemos a mesma história, Anna. Ela caiu da escada, não caiu?”.

Lucas continuava balbuciando, mas tudo que Anna podia fazer era acenar com a cabeça. Ela queria pegar Emma, que agora estava chorando histericamente de dor e confusão nos braços de Lucas, mas não ousou. No último instante, quando já estavam no poço da escada, ela acordou do seu torpor e se lembrou de que Adrian ainda estava no apartamento. Ela correu para dentro para apanhá-lo e o levou, balançando-o com ternura em seus braços

para o pronto-socorro, à medida que o nó no seu estômago ficava cada vez maior.

“Você quer almoçar comigo hoje?”

“Claro, com prazer. A que horas lhe é conveniente?”

“Posso preparar algo em mais ou menos uma hora. O que acha?”

“Sim, perfeito. Assim me dá tempo de terminar umas coisas. Vejo você daqui a uma hora”, houve uma breve pausa, e então Patrik disse, vacilante: “Beijos, tchau”.

Erica enrubesceu de alegria ao ouvir aquela pequena porém significativa palavra de carinho. Ela respondeu com a mesma palavra e desligou.

Enquanto preparava o almoço, sentiu-se envergonhada pelo que tinha planejado. Ao mesmo tempo, achava que não podia fazer outra coisa. Quando a campainha tocou, uma hora depois, ela respirou fundo e foi abrir a porta. Era Patrik, que foi recepcionado calorosamente, mas Erica teve que interromper quando o alarme da cozinha avisou que o espaguete estava pronto.

“Que há para o almoço?”, Patrik deu um tapinha na sua barriga para mostrar que estava com fome.

“Espaguete à bolonhesa.”

“Humm, parece maravilhoso. Você é a mulher dos sonhos de todo homem, sabia disso?”

Patrik se aproximou dela por trás, envolveu-a com seus braços e começou a beijá-la no pescoço.

“Você é atraente, inteligente, maravilhosa na cama, mas, acima de tudo, o mais importante de tudo, você é talentosa na cozinha. O que mais um homem poderia desejar...?”

A campainha soou. Patrik lançou um olhar inquisitivo a Erica. Ela evitou olhar para ele e foi abrir a porta, mas antes limpou suas

mãos num papel toalha. Lá fora estava Dan. Com um aspecto horrível, e muito malvestido. Seus ombros estavam caídos, e seu olhar, sem vida. Erica ficou chocada quando o viu, mas rapidamente se recompôs e tentou não demonstrar.

Quando Dan entrou na cozinha, Patrik lhe lançou novamente aquele olhar inquisitivo. Ela pigarreou e os apresentou:

“Patrik Hedström, este é Dan Karlsson. Dan quer lhe contar algo. Mas vamos nos sentar primeiro.”

Erica foi para a sala de jantar com a travessa de molho de carne moída. Todos se sentaram para comer, mas o ambiente estava tenso. Erica estava se sentindo agoniada com a situação, mas era necessário fazer assim. Ela tinha ligado para Dan naquela manhã e o convencido de que precisava contar à polícia que tivera um caso com Alex. E propôs que ele fizesse isso na sua casa, o que poderia fazer a tarefa ser um pouco mais fácil, assim esperava.

Ele ignorou o olhar perplexo de Patrik e tomou a palavra:

“Patrik, Dan está aqui agora porque tem algo a lhe dizer, e gostaria que o ouvisse como policial.”

Ela acenou para Dan, convidando-o a começar. Dan estava olhando para baixo, para seu prato, e não tinha tocado na comida. Após outro momento de silêncio desconcertante, começou a falar.

“Eu sou o homem que estava saindo com Alex. Sou o pai do bebê que ela estava esperando.”

Ouviu-se um tinido quando Patrik deixou cair seu garfo no prato. Erica pôs a mão em seu braço e lhe explicou: “Dan é um dos meus mais antigos e melhores amigos, Patrik. Ontem descobri que ele era o homem que estava saindo com Alex aqui em Fjällbacka. Convidei vocês dois para almoçar porque achei que fosse mais fácil falar sobre isso neste ambiente do que numa delegacia”.

Erica percebeu que Patrik não tinha gostado nada que ela tivesse se intrometido dessa forma, mas ele teria que lidar com isso

depois. Dan era um bom amigo, e ela pretendia fazer tudo que estivesse ao seu alcance para que a situação não piorasse ainda mais. Quando falou com ele ao telefone, ele lhe disse que Pernilla tinha levado as crianças para a casa de sua irmã, em Munkedal, dizendo que precisava de um tempo para pensar, e que não sabia o que aconteceria, e não podia prometer nada. Dan estava vendo toda sua vida se arruinando ao seu redor. De certa forma, seria um alívio contar à polícia. As últimas semanas tinham sido tão difíceis. Ele se viu obrigado a lamentar a perda de Alex em segredo ao mesmo tempo em que se assustava toda vez que tocava o telefone ou que batiam à porta, convencido de que a polícia tinha descoberto que ele era o homem com quem Alex se encontrava. Agora que Pernilla já sabia, Dan não tinha mais medo de contar à polícia. Nada podia ser pior do que aquilo. Ele não se importava com o que lhe aconteceria, contanto que não perdesse sua família.

“Dan não tem nada a ver com o assassinato, Patrik, e vai lhe dizer tudo que você quiser saber sobre ele e Alex, mas ele jura que nunca a machucou de nenhuma forma, e acredito nele. Espero que a polícia consiga manter isso em sigilo. Você sabe como as pessoas falam, e a família de Dan já sofreu bastante. Dan também, é claro. Ele errou e, acredite em mim, está pagando um preço bem alto por isso.”

Patrik ainda não parecia estar conformado, mas assentia com a cabeça como sinal de que estava ouvindo o que ela dizia.

“Eu gostaria de falar com Dan a sós, Erica.”

Ela não protestou, levantou-se educadamente e foi para a cozinha para lavar louça. De lá, ela podia ouvir que suas vozes subiam e baixavam de tom. A voz profunda e grave de Dan, e a mais fina, de Patrik. Às vezes, a discussão ficava acalorada, mas quando eles entraram na cozinha, após quase meia hora, Dan parecia aliviado. Patrik, por sua vez, ainda parecia irritado. Antes

de Dan ir embora, ele deu um abraço em Erica e apertou a mão de Patrik.

“Eu o informo se houver mais perguntas a fazer”, Patrik disse. “Talvez você tenha que deixar seu testemunho por escrito também.”

Dan somente assentiu silenciosamente e foi embora, após acenar para os dois.

O olhar de Patrik não mostrava nada de bom.

“Nunca, mas nunca faça isso de novo, Erica. Estamos investigando um assassinato, e temos que fazer tudo da forma correta.”

Quando ficava nervoso, sua testa se enrugava, e ela teve que conter um impulso de beijar aquelas rugas para que desaparecessem.

“Eu sei, Patrik. Mas você tinha o pai dessa criança bem no topo da lista de suspeitos. Eu sabia que, se Dan fosse para a delegacia, você o colocaria numa sala de interrogatório e provavelmente agiria com firmeza com ele. Dan não aguentaria algo assim neste momento. Sua esposa levou os filhos e o deixou, e ele não sabe se voltarão. Além disso, perdeu alguém que significava muito para ele, não importa como você enxergue a situação. Ele perdeu Alex. E não pôde mostrar sua tristeza a ninguém nem falar sobre o assunto. É por isso que pensei que pudéssemos começar a conversar aqui, num ambiente neutro e sem nenhum outro policial envolvido. Entendo que você tenha de interrogá-lo mais, mas agora o pior já passou. Por favor, perdoe-me por tê-lo enganado, Patrik. Você acha que pode me perdoar?”

Ela fez um beicinho do modo mais sedutor que pôde e se aproximou devagar. Pegou os braços dele e os colocou em volta da sua cintura e depois ficou na ponta dos pés para que pudesse alcançar seus lábios. De início, ela timidamente colocou a ponta da língua para fora, mas não levou muitos segundos para que viesse

uma resposta dele. Após um instante, ele a afastou e olhou no fundo dos seus olhos.

“Desta vez eu te perdoo, mas jamais faça isso de novo, você me ouviu? Agora acho que devemos esquentar o resto do almoço no micro-ondas e dar um jeito nesse meu estômago que está reclamando.”

Erica concordou e, de braços dados, eles voltaram à sala, onde a comida nos pratos estava praticamente intocada.

Quando chegou a hora de Patrik voltar à delegacia, e já a caminho da porta, Erica se lembrou de outra coisa que queria lhe dizer.

“Sabe, eu lhe disse que tinha uma lembrança vaga de que houve uma conversa sobre algo relacionado com Alex justo antes de sua família se mudar, e que isso tinha algo a ver com a escola. Tentei verificar isso, mas não descobri muita coisa. Mas me lembrei de que havia uma outra relação entre Alex e Nils, além do fato de Karl-Erik ter trabalhado na fábrica de enlatados. Nils foi professor substituto no ensino médio por um semestre. Ele nunca foi meu professor, mas sei que ele lecionava na classe de Alex de vez em quando. Não sei dizer se isso tem alguma importância, mas achei que deveria falar, de qualquer maneira.”

“Entããã Nils foi professor de Alex”, Patrik parou para pensar no alpendre. “Como você diz, talvez isso não tenha importância, mas neste momento todas as conexões entre Nils Lorentz e Alex são importantes. Não temos muitas outras pistas em que nos basear”, ele lançou um olhar sério para ela. “Há uma coisa que Dan me disse em que não consigo parar de pensar. Ele disse que ultimamente Alex falava muito em resolver seu passado. Que era importante ousar cuidar das coisas que são difíceis para poder seguir adiante... Eu me pergunto se isso tem alguma coisa a ver com o que você está dizendo, Erica.”

Ele ficou em silêncio por um instante, mas em seguida voltou à lucidez e disse: “Eu não posso descartar Dan como suspeito, espero que você entenda isso”.

“Sim, eu entendo, Patrik. Mas vá com calma com ele, se puder. Você vem para cá hoje à noite?”

“Sim, eu só tenho que ir para casa e me trocar e tudo mais. Mas estarei aqui por volta das sete.”

Eles se despediram com um beijo. Patrik entrou no carro. Erica ficou lá, nos degraus, observando-o até o veículo desaparecer de vista.

Patrik não voltou direto para o trabalho. Sem na verdade saber por que, tinha levado consigo as chaves do apartamento de Anders, antes de sair da delegacia. Decidiu ir lá para dar uma olhada com mais calma. O que precisava agora era de algo, de qualquer coisa, que abrisse uma brecha no muro da investigação. Tinha a sensação de que estava entrando em becos sem saída por onde quer que fosse, de que nunca encontrariam o matador, ou os matadores, seja lá quem ele fosse. O amante secreto de Alex, exatamente como Erica havia dito, estava no topo da lista dos suspeitos, mas agora Patrik não tinha tanta certeza. Ele não estava preparado para riscar o nome de Dan por completo, mas tinha de admitir que a pista já não era tão sólida como antes.

O ambiente no apartamento da vítima era fantasmagórico. Na sua mente, Patrik ainda podia imaginar a cena de Anders balançando lentamente de lá para cá, com a corda no pescoço, muito embora já tivesse sido retirado de lá quando chegara ao local. Ele não sabia o que estava procurando, mas colocou luvas para não comprometer qualquer evidência. Ficou parado bem embaixo do gancho no teto onde a corda tinha sido presa e tentou encontrar uma ideia de como aquilo fora feito. Como é que Anders fora alçado para lá? Era simplesmente impossível de entender. O

teto era alto e a corda tinha sido amarrada bem rente a ele. Deve ter sido necessária muita força para erguer o corpo de Anders a tamanha altura. Obviamente, ele era muito magro, mas, considerando sua estatura, devia pesar bastante. Patrik prometeu a si mesmo que averiguaria seu peso quando o relatório da autópsia chegasse. A única explicação que podia achar era que várias pessoas juntas o tinham erguido até lá. Mas como é que não havia nenhum hematoma no corpo de Anders? Mesmo que ele tivesse sido sedado de alguma forma, o ato de pendurar seu corpo lá certamente teria deixado alguns hematomas. Aquilo não fazia sentido.

Ele continuou revistando o apartamento, olhando tudo de forma rigorosa. Já que não havia muitos móveis além do colchão na sala de estar e uma mesa com duas cadeiras na cozinha, não tinha muito que examinar. Patrik percebeu que o único lugar de armazenagem eram os armários da cozinha, e ele os analisou um a um. Já tinham sido olhados anteriormente, mas ainda queria se certificar de que nada tinha sido esquecido.

Na quarta gaveta que verificou, achou um bloco de notas, ele o tirou e colocou sobre a mesa da cozinha para inspecioná-lo melhor. Segurou-o contra a janela para ver se não havia impressões digitais. De fato, viu que o que tinha sido escrito na página de cima tinha marcado a de baixo, e usou um velho truque infalível para tentar descobrir o que estava escrito nela. Usando um lápis que encontrara na mesma gaveta, passou de leve sua ponta em cima das marcas. Só pôde desvendar algumas partes do texto, mas já era o suficiente para descobrir do que se tratava. Patrik assobiou de leve. Isso era interessante, muito interessante, e isso pôs as engrenagens de sua mente para funcionar. Depositou com cuidado o bloco num dos sacos plásticos que tinha trazido do carro.

Continuou examinando as gavetas. A maior parte de seu conteúdo era de bugigangas mesmo, mas, na última, ele achou

algo muito curioso. Ficou olhando para o pedaço de couro que tinha entre os dedos. Era exatamente igual ao que vira na casa de Alex quando ele e Erica tinham ido lá. Estava na cômoda, e ele lera exatamente a mesma inscrição que estava lendo agora: “O.T.M. 1976”.

Quando o virou do outro lado, viu que, exatamente como aquele na casa de Alex, havia algumas manchas de sangue ali. O fato de que havia alguma conexão entre Anders e Alex que eles não entendiam não era nada novo. Mas o que o deixava perplexo era a estranha sensação que lhe sobrevinha ao olhar para aquele pedaço de couro.

Algo no seu subconsciente exigia atenção. Algo estava tentando lhe dizer que aquele objeto era de alguma forma significativo. Patrik estava obviamente ignorando algo ali; simplesmente não conseguia enxergar o que era. Mas sabia que aquele pedaço lhe dizia que a conexão entre Anders e Alex já vinha de um ponto distante do passado. Pelo menos desde 1976. No ano em que Alex e sua família se mudaram de Fjällbacka e sumiram sem deixar pistas por doze meses. Um ano antes de Nils Lorentz desaparecer para sempre. Nils, que segundo Erica tinha sido professor na escola em que Alex e Anders tinham estudado.

Patrik se deu conta de que precisava falar com os pais de Alex. Se as suspeitas que começavam a tomar forma em sua mente estavam corretas, elas levariam às respostas finais, as que lhe permitiriam unir as peças que ele achava que já podia ver.

Ele colocou o bloco de notas e o pedaço de couro dentro dos sacos plásticos e olhou mais uma vez para a sala de estar antes de ir embora. Novamente imaginou a figura do corpo pálido, esquelético, de Anders balançando. Prometeu a si mesmo que chegaria ao fundo da questão que teria levado Anders a terminar sua triste vida com uma corda ao redor do seu pescoço. Se o quadro que tinha recriado em sua mente correspondia à verdade, tratava-

se de uma tragédia que ia além do entendimento. Ele estava torcendo, de coração, para que estivesse errado.

Patrik encontrou o telefone de Gösta na agenda e discou o número de seu ramal na delegacia. Ele provavelmente atrapalharia seu jogo de paciência.

“Oi, aqui é o Patrik.”

“Oi, Patrik.” A voz de Gösta soava tão cansada como sempre do outro lado da linha. O tédio e o abatimento o tinham dominado tanto interior quanto exteriormente.

“Olha, você já agendou uma visita à família Carlgren em Gotemburgo?”

“Ainda não tive tempo de fazer isso. Tive muitas outras coisas para cuidar.”

Gösta soava defensivo. A pergunta de Patrik o deixou tenso; estava nervoso, pois achava que ia ser criticado por não ter cumprido a tarefa ainda. Ele simplesmente não tivera forças para fazê-lo. Pegar o telefone e fazer uma ligação parecia impossível; e entrar no carro e ir para Gotemburgo, insuportável.

“Você se importaria se eu me encarregasse disso?”

Patrik sabia que aquela era simplesmente uma pergunta retórica. Ele sabia muito bem que Gösta ficaria superfeliz em tirar o corpo fora. Como tinha julgado, Gösta respondeu com uma energia renovada em sua voz. “Não, é claro que não! Se você acha que pode dar conta, fique à vontade! De qualquer forma, tenho tantas outras coisas a fazer que nem sei como encaixaria isso.”

Ambos sabiam que estavam interpretando, mas seus papéis tinham sido estabelecidos há anos, e funcionava bem entre eles. Patrik podia fazer o que quisesse, e Gösta, seguro ao saber que o trabalho estava sendo feito, poderia voltar ao seu jogo de computador.

“Se você puder achar o número deles para mim, ligo para eles imediatamente.”

“Sim, é claro. Ele está bem aqui. Vejamos...”, Gösta leu o número em voz alta.

Patrik o anotou no bloco que sempre levava no painel do carro. Agradeceu Gösta e desligou, para então ligar para a família Carlgren. Torcia para que estivessem em casa. Estava com sorte. Karl-Erik atendeu após o terceiro toque. Quando Patrik explicou do que se tratava, de início, Karl-Erik vacilou um pouco, mas acabou por aceitar e concordar que ele fosse para fazer algumas perguntas. O pai de Alex tentou descobrir de que tipo de pergunta se tratava, mas o policial disse que eram somente alguns pontos obscuros que ele procurava esclarecer.

Patrick saiu de ré da vaga do estacionamento do condomínio e virou a primeira à direita, e então à esquerda no próximo cruzamento para a estrada que levava a Gotemburgo. A primeira parte era lenta, com estradas pequenas e sinuosas que passam pela floresta, mas, assim que entrou na via principal, ele pôde acelerar bem mais. Passou por Dingle, depois por Munkedal, e quando chegou a Uddevalla sabia que já tinha percorrido metade do caminho. Como sempre, quando estava dirigindo, ligava o rádio bem alto. Achava que dirigir era algo bastante relaxante. Ele parou um pouco diante da mansão azul em Kalltorp, para recobrar as forças. Se sua intuição estivesse correta, ele destruiria esse idílio familiar de forma implacável. Mas às vezes isso fazia parte do seu trabalho.

Um carro parou na frente da sua casa. Não o viu, mas ouviu o barulho das pedras no chão. Erica abriu a porta da frente e deu uma olhada para fora. Ficou boquiaberta de tanta surpresa ao ver quem estava saindo do carro. Anna acenou de modo cansado e abriu as portas dos passageiros para tirar as crianças do carro. Erica calçou seus tamancos e foi ajudá-la. A irmã mais nova não lhe tinha dito nada a respeito de visitá-la, e Erica se perguntou o que estava acontecendo.

Anna tinha uma aparência pálida com aquele casaco preto. Ela cuidadosamente retirou Emma do banco, e Erica soltou o cinto da cadeirinha de Adrian e o levantou em seus braços. Ganhou um sorriso desdentado como agradecimento, e sentiu um sorriso se espalhando por seu rosto como resposta. Então, lançou um olhar inquisitivo à sua irmã, mas Anna só balançou a cabeça, como para dizer: “Não me pergunte”. Erica conhecia muito bem sua irmã para saber que ela lhe contaria quando se sentisse pronta. Antes disso, seria impossível arrancar qualquer coisa dela.

“Mas que bela visita! Imagine que vocês vieram visitar a tia!”

Erica balbuciou e sorriu para o bebê em seus braços e depois olhou para baixo e cumprimentou Emma também. Emma sempre teve uma predileção por Erica, mas desta vez ela não sorriu de volta. Em vez disso, a menina agarrou com força o casaco de sua mãe e olhou desconfiada para Erica.

Erica entrou na casa primeiro, com Adrian. Anna seguiu logo atrás, segurando Emma com uma mão, e com a outra carregava uma pequena sacola. Erica viu, com surpresa, que o bagageiro do carro estava lotado, mas fez um esforço tremendo para não fazer perguntas.

Com mãos desengonçadas e inexperientes, ela foi tirando o agasalho de Adrian enquanto Anna ajudava Emma a tirar o dela, embora com muito mais habilidade. Foi somente então que Erica viu que um dos braços de Emma estava engessado até o cotovelo. Chocada, ela olhou para Anna. Novamente a caçula, quase que imperceptivelmente, balançou a cabeça. Emma ainda olhava para Erica com olhos arregalados e sérios, e ficava ao lado de sua mãe o tempo todo. A menina tinha colocado o dedão na boca; isso também era um sinal de que algo grave acontecera. Anna tinha anunciado há um ano que por fim Emma tinha parado de chupar o dedo.

Com o corpo de Adrian quentinho em seus braços, Erica foi para a sala de estar e se sentou no sofá com ele no colo. Adrian olhava para ela com fascinação. Ele dava risadinhas entrecortadas, como se não tivesse certeza se queria rir ou não. Era tão fofo, que dava vontade de mordê-lo.

“Fizeram uma boa viagem?”

Erica não sabia bem o que dizer, e pensou que as perguntas convencionais poderiam funcionar até que Anna decidisse contar o que tinha acontecido.

“Sim, é um caminho bastante longo. Viemos por Dalsland. Emma ficou enjoada com as inúmeras estradas sinuosas que atravessam a floresta, por isso tivemos que parar várias vezes no caminho para ela tomar ar fresco.”

“Suponho que não tenha sido muito legal, Emma, não é mesmo?”

Erica tentou estabelecer um contato com a menina. A garota balançou a cabeça, mas seu olhar continuava frio, e ela não largava de sua mãe.

“Acho que você deveria dormir um pouco, Emma”, Anna disse. “Que acha? Você não dormiu nada por toda a viagem, por isso deve estar muito cansada.”

Emma acenou com a cabeça concordando e, para confirmar, começou a coçar os olhos com sua mão boa.

“Posso colocá-los para dormir lá em cima, Erica?”

“Sim, claro. Ponha-os no quarto do papai e da mamãe. Estou dormindo lá agora, por isso as camas estão todas feitas.”

Anna pegou Adrian do colo de Erica, para sua alegria, ele resmungou por ser tirado dos braços agradáveis da sua tia.

“O cobertor, mamãe”, Emma pediu quando já estava a meio caminho das escadas, e Anna voltou para pegar a sacola que tinha deixado no corredor.

“Quer uma ajuda?”

Erica achou que seria um pouco difícil carregar Adrian num braço e a sacola no outro, pois Emma teimosamente se recusava a largar de sua mãe.

“Não, obrigada. Está tudo bem, já estou acostumada.”

Anna deu um sorriso torto e amargo que Erica teve dificuldade de entender.

Enquanto Anna estava pondo as crianças para dormir, Erica se ocupou fazendo café. Perguntou-se quantas jarras tinha bebido ultimamente. Seu estômago ia começar a protestar logo. De repente, viu-se paralisada segurando a colher de café. Droga. As roupas de Patrik estavam espalhadas por todo o quarto, e Anna teria de ser uma idiota para não associar as coisas. Seu sorriso zombeteiro quando descia pelas escadas um minuto depois era uma confirmação disso.

“Entããã, irmã. O que é isso que você não me contou? Quem é esse homem que não sabe pendurar suas roupas direito?”

Erica sentiu-se ficar vermelha.

“Bem, sabe... humm... tudo aconteceu muito rápido, sabe?”

Ela podia se ouvir gaguejando, e Anna se divertia ainda mais com isso. As expressões de cansaço em seu rosto foram por um breve momento aliviadas, e Erica pôde ver rapidamente como sua irmã costumava ser, antes de ter conhecido Lucas.

“Tudo bem, quem é? Pare de gaguejar e me conte os detalhes. Você poderia começar com o nome dele, por exemplo. É alguém que eu conheço?”

“Sim, na verdade é. Será que você se lembra do Patrik Hedström?”

Anna deu um assobio e um tapa no joelho. “Patrik! Claro que me lembro do Patrik! Ele costumava te seguir como um

cachorrinho com a língua para fora. Então ele por fim teve a chance...”

“Sim, quero dizer, eu sei que ele tinha uma pequena queda por mim quando éramos mais jovens, mas não fazia ideia de quais eram seus sentimentos reais...”

“Meu Deus! Você devia estar cega! Ele tinha perdido a cabeça de paixão por você. Meu Deus, que romântico! Ele tem te desejado por todos esses anos, e por fim você olha no fundo dos seus olhos e descobre o grande amor da sua vida.”

Anna levou a mão ao coração de modo dramático, e Erica não pôde evitar uma risada. Essa era a irmã que ela conhecia e amava.

“Bem, não foi bem assim. Nesse meio tempo ele se casou, mas sua esposa o deixou, alguns anos atrás, e agora ele está divorciado e vive em Tanumshede.”

“Então, o que ele faz? Não me diga que ele é somente um carpinteiro. Eu teria muuuito ciúmes. Sempre sonhei em fazer sexo com um carpinteiro gostoso.”

Erica mostrou a língua para Anna de modo infantil, que também lhe mostrou a dela.

“Não, ele não é carpinteiro. É policial, se é que está interessada em saber.”

“Nossa, um policial. Um homem com um cassetete, em outras palavras. Olha, isso também não é nada mal...”

Erica tinha quase se esquecido de como sua irmã era gozadora. Simplesmente balançou a cabeça enquanto servia o café em duas xícaras. Anna estava à vontade. Ela foi até a geladeira, pegou o leite e colocou um pouco nas duas xícaras. O sorriso sumiu de seu rosto, e Erica compreendeu que agora descobriria a razão pela qual Anna e seus filhos tinham aparecido tão repentinamente em Fjällbacka.

“Bem, minha história de amor se acabou. Para sempre. Suponho que já tenha acabado há anos, mas foi somente agora que percebi isso.”

Anna ficou em silêncio e olhava com tristeza para sua xícara.

“Eu sei que você nunca gostou do Lucas, mas eu o amava de verdade. Não sei como, mas conseguia racionalizar o fato de ele bater em mim. Ele sempre pedia perdão e jurava que me amava, e por um tempo me amou. De alguma forma, consegui me convencer de que era tudo culpa minha. Se tão somente eu pudesse ser uma esposa melhor, uma amante melhor e uma mãe melhor, então ele não teria razão de me bater.”

Anna respondia às perguntas mudas de Erica.

“Sim, eu sei que parece absurdo, mas era incrivelmente boa em me enganar. E porque ele era um bom pai para Emma e Adrian, isso justificava muita coisa. Eu não queria tirar o pai deles.”

“Mas aconteceu algo?”

Erica estava incentivando Anna a prosseguir. Ela podia ver quão difícil era para sua irmã falar disso. Seu orgulho fora ferido, e Anna sempre foi uma pessoa bastante orgulhosa, e somente reconhecia que estava errada com relutância.

“Sim, aconteceu algo. Ontem à noite ele me bateu, como de costume. Cada vez mais ultimamente, na verdade. Mas ontem...”

Sua voz ficou embargada e Anna engoliu saliva várias vezes para junto com ela engolir as lágrimas.

“Ontem à noite ele bateu na Emma. Estava tão furioso... e no meio de tudo ela entrou na sala, e ele não conseguiu se deter”, Anna engoliu em seco de novo. “Fomos de carro ao pronto-socorro, e eles confirmaram que ela tinha fraturado o braço.”

“Suponho que você denunciou o Lucas à polícia?”

Erica sentiu um nó de ódio se formando no seu estômago, nó que estava ficando cada vez maior.

“Não.” A palavra era quase imperceptível na boca de Anna, e as lágrimas começaram a cair sobre seu rosto pálido. “Não, dissemos que ela tinha caído da escada.”

“Mas, santo Deus, eles acreditaram nisso?”

Anna sorriu com amargura. “Você sabe quanto Lucas pode ser encantador. Ele fez a cabeça do médico e das enfermeiras e, no final, eles quase sentiram tanta pena dele quanto de Emma.”

“Mas, Anna, você tem que denunciá-lo à polícia. Você certamente não pode permitir que ele saia impune disso.”

Erica olhou para sua irmã, que não parava de chorar. A simpatia estava competindo com a fúria. Anna estava se encolhendo diante de seus olhos.

“Isso nunca vai acontecer de novo, eu mesma me encarregarei disso. Fingi que estava escutando suas desculpas, e depois preparei as malas e fui embora assim que ele foi para o trabalho. Não pretendo voltar para ele nunca mais; Lucas não vai ter mais uma oportunidade de machucar meus filhos novamente. Se eu o tivesse denunciado à polícia, eles teriam trazido a assistência social e, talvez, tirado as crianças de nós dois.”

“Mas Lucas nunca vai se conformar e permitir que você fique com as crianças sem protestar, Anna. Sem um boletim de ocorrência e uma investigação, como é que você vai provar que deve ter a custódia exclusiva das crianças?”

“Eu não sei, não sei, Erica. Não consigo pensar nisso agora, só tinha que fugir dele. O resto terá de ser resolvido depois. Por favor, não grite comigo!”

Erica colocou sua xícara na mesa, levantou-se da cadeira e envolveu a irmã em seus braços. Ela alisou seu cabelo e lhe disse palavras de consolo em voz baixa. Permitiu que Anna chorasse em seu ombro, sentindo sua blusa ficar cada vez mais molhada. Ao mesmo tempo, seu ódio em relação a Lucas crescia. Ela tinha uma grande vontade de dar um soco na boca daquele canalha.

Birgit olhava para a rua, escondida atrás da cortina. Karl-Erik podia ver, por seus ombros encolhidos, como estava tensa. Andava, preocupada, de lá para cá, desde quando a polícia ligou. Pela primeira vez, depois de muito tempo, ele se sentia tranquilo interiormente. Karl-Erik pretendia dar à polícia todas as respostas, se lhe fizessem as perguntas certas.

Os segredos estavam ardendo dentro dele por tantos anos. Para Birgit tinha sido mais fácil, de certo modo. Sua maneira de lidar com a situação tinha sido negar que aquilo tivesse acontecido. Mas aconteceu, sim. Nem um dia sequer se passou sem que ele tivesse pensado nisso, e cada vez o fardo parecia ficar mais pesado para carregar. Sabia que, vendo de fora, Birgit parecia ser a mais forte. Em todos os eventos sociais ela brilhava como uma estrela, enquanto ele não passava do homem cinzento e invisível que estava ao seu lado. Ela vestia suas lindas roupas, suas joias caras e sua maquiagem como uma armadura.

Quando eles voltavam para casa após um evento brilhante e animado, e ela tirava sua armadura, parecia que a esposa virava um nada. Tudo que sobrava era uma criança trêmula e insegura que se apegava a ele como apoio. Durante todo o casamento, ele ficou dividido em sentimentos conflitantes por ela. Sua beleza e fragilidade despertavam ternura e um instinto de proteção que o faziam se sentir um verdadeiro homem. Mas sua indisposição para enfrentar os aspectos mais difíceis da vida às vezes o levava à beira da loucura. O que o deixava mais furioso era que sabia que ela não era burra, mas a educação que recebera a ensinara que uma mulher deve a todo custo ocultar o fato de possuir algum grau de inteligência. Em vez disso, deveria concentrar toda sua energia em ser bonita e carente. E em agradar aos outros. Quando eram recém-casados, ele não via isso como uma coisa ruim, pois era normal naquela época. Mas os tempos tinham mudado, requerendo comportamentos diferentes dos homens e das mulheres. Ele tinha

se adaptado, mas sua esposa, não. Por isso, aquele seria um dia muito difícil para ela. Karl-Erik acreditava que, bem no fundo, ela sabia o que ele pretendia fazer. É por isso que estava andando para lá e para cá pela sala havia duas horas. Mas ele também sabia que ela não pretendia revelar os segredos familiares sem opor resistência.

“Por que Henrik precisa vir para cá?”, Birgit se virou para ele, contorcendo suas mãos, nervosa.

“A polícia quer falar com a família, e Henrik faz parte da família, ou não?”

“Sim, mas acho que não é necessário envolvê-lo nisso. A polícia só vai fazer algumas perguntas genéricas. Será que precisamos tirá-lo de lá só por isso? Acho que não é necessário.”

O tom de sua voz subia e baixava para ocultar as perguntas não formuladas. Ele a conhecia tão bem.

“Aí vem ele.”

Birgit rapidamente se afastou da janela. Após um instante, a campainha tocou. Karl-Erik respirou fundo e foi abrir a porta, ao passo que Birgit se retirou para a sala de estar, onde Henrik já estava sentado no sofá, profundamente pensativo.

“Oi, sou Patrik Hedström.”

“Karl-Erik Carlgren.”

Eles educadamente apertaram as mãos. Karl-Erik calculou que o policial tinha a mesma idade de Alex. Ele agora fazia isso com frequência, pensava nos outros em relação a Alex.

“Entre. Podemos nos sentar na sala de estar e conversar.”

Patrik se surpreendeu ao ver Henrik, mas se recompôs rapidamente e cumprimentou tanto Birgit quanto Henrik educadamente. Todos se sentaram em volta da mesa de centro e houve um longo momento de silêncio tenso. Por fim, Patrik tomou a palavra.

“Bom, eu sei que isso foi um tanto repentino, mas fico-lhes grato por terem me recebido com tão pouco tempo de sobreaviso.”

“Estávamos nos perguntando se alguma coisa tinha acontecido. Vocês descobriram algo de novo? Faz um tempo que não temos notícias...”

“A investigação segue lenta, porém firme, e isso é tudo que posso lhes dizer a esta altura. O assassinato de Anders deu uma reviravolta no caso.”

“Sim, isso é óbvio, mas vocês já descobriram se a pessoa que assassinou Anders é a mesma pessoa que matou nossa filha?”

O palavrório de Birgit tinha um ritmo frenético que fez Karl-Erik conter o impulso de se inclinar para a frente e colocar sua mão sobre a dela, num gesto confortante. Hoje ele teria de resistir à tentação de assumir o papel de protetor, que desempenhava tão bem.

Por um instante, ele se permitiu devanear, distante do presente, a um passado que agora parecia estar tão longínquo. Olhou em volta da sala de estar de uma maneira que demonstrava desgosto. Eles tinham caído tão facilmente na tentação, quase que se podia sentir o cheiro do dinheiro manchado de sangue. A casa de Kallstorp era mais do que eles jamais tinham sonhado quando as crianças eram pequenas. Ela era grande e arejada, conservava detalhes dos anos 1930, e tinham até se permitido ter todos os confortos da vida moderna. Com o salário do emprego em Gotemburgo, eles finalmente puderam ter dinheiro para tudo isso.

A sala na qual estavam era o maior cômodo da casa. Havia móveis demais nela para seu gosto, mas Birgit tinha uma predileção por objetos brilhantes e luminosos, e tudo era praticamente novo. A cada três anos aproximadamente Birgit começava a reclamar de que tudo parecia muito velho. Ela então lhe dizia que estava bastante cansada de tudo que tinha na casa, e após algumas semanas de olhares suplicantes, ele geralmente cedia

e tirava a carteira do bolso. Era como se, ao ter tudo sempre novo, Birgit pudesse reinventar a si e à sua vida. Agora ela se encontrava em seu período Laura Ashley, e a sala estava repleta de padrões de flores e laços que davam uma impressão de feminilidade sufocante. Karl-Erik sabia que não conseguiria suportar essa situação por mais um ano, no máximo. Se tivesse sorte, na próxima redecoreação ela se inclinaria por poltronas Chesterfield e por motivos de caça ingleses. Por outro lado, provavelmente haveria motivos de onça da próxima vez.

Patrik pigarreou. “Tenho várias perguntas, e ficaria grato se puderem cooperar.” Como ninguém disse nada, ele continuou: “Vocês por acaso sabem como Anders e Alex se conheceram?”

Henrik pareceu chocado, e Karl-Erik disse que não fazia ideia. Foi doloroso ter que dizer aquilo, mas não podia fazer nada.

“Eles estavam na mesma classe, mas isso foi há muitos anos.”

Birgit estava inquieta no sofá, ao lado de seu genro.

Henrik disse: “Eu reconheço o nome. Alex não tinha algumas de suas pinturas à venda na galeria?”

Patrik acenou com a cabeça. Henrik continuou: “Não entendo. Deveria haver alguma conexão a mais entre eles? Que razão haveria para alguém assassinar minha esposa e um de seus artistas?”

“Isso é precisamente o que estamos tentando averiguar.” Patrik pausou antes de continuar. “Infelizmente, também pudemos confirmar que eles tiveram uma relação íntima.”

Durante o silêncio que se seguiu, Karl-Erik viu uma avalanche de emoções nos rostos das duas pessoas sentadas na sua frente, Birgit e Henrik. Ele mesmo só ficou levemente surpreso, mas isso rapidamente deu lugar à aceitação. O que o policial disse devia estar certo. Levando em conta as circunstâncias, era natural.

Birgit levou a mão à boca num gesto de choque, e o rosto de Henrik foi lentamente perdendo a cor. Karl-Erik observou que Patrik não estava gostando nada de seu papel de mensageiro de más notícias.

“Isso não deve estar certo.” Sem saber o que fazer, Birgit olhou para os outros, mas não encontrou nenhum apoio. “Por que Alex teria um relacionamento com alguém assim?”

Ela lançou um olhar suplicante a Karl-Erik, mas ele se recusou a olhar para a esposa e, em vez disso, olhou para suas próprias mãos. Henrik não disse nada; ele parecia ter desfalecido.

“Vocês não sabem se eles mantiveram contato após se mudarem?”, Patrik perguntou.

“Não, acredito que não. Alex cortou todos seus vínculos quando nos mudamos de Fjällbacka.” Novamente foi Birgit quem falou, ao passo que Henrik e Karl-Erik permaneciam em silêncio.

“Há outra pergunta que gostaria de fazer. Vocês se mudaram para Gotemburgo no meio do semestre quando Alex estava na oitava série. Por quê? Tal mudança parece ter ocorrido de forma muito repentina.”

“Não há nada de estranho nisso. Karl-Erik recebeu uma fantástica oferta de emprego que simplesmente não podia recusar. Tinha de se decidir rapidamente, pois eles estavam precisando de alguém urgentemente. É por essa razão que tudo aconteceu tão rápido”, ela retorcia as mãos incessantemente enquanto falava.

“Mas vocês não matricularam Alex numa escola de Gotemburgo, ou matricularam? Em vez disso, ela entrou num internato na Suíça. Qual foi a razão disso?”

“Com o novo emprego de Karl-Erik, nossa condição financeira melhorou muito, e simplesmente queríamos dar a Alex as melhores oportunidades que podíamos”, disse Birgit.

“Mas não havia escolas boas em Gotemburgo?”, Patrik estava metralhando-os com perguntas. Karl-Erik não pôde deixar de admirar seu interesse e sua dedicação. Ele já tinha sido cheio de energia e entusiasmo assim. Agora simplesmente estava cansado.

Birgit continuou: “É claro que havia, mas imagine as redes sociais que ela formaria ao frequentar um internato como aquele. Havia até alguns príncipes que frequentavam aquela escola. Somente imagine o que contatos como esses poderiam fazer em sua vida.”

“Vocês foram para a Suíça com Alex?”

“É claro que fomos, para matriculá-la no internato, se é isso que deseja saber.”

“Bem, não foi exatamente isso que eu quis dizer.” Patrik olhou em suas anotações para refrescar sua memória.

“Alexandra foi embora daqui no meio do semestre da primavera de 1977. Ela foi matriculada no internato na primavera de 1978, que foi quando Karl-Erik começou a trabalhar aqui em Gotemburgo. Portanto, minha pergunta é: onde vocês estavam durante esse intervalo?”

Um franzido se formou entre as sobrancelhas de Henrik, e ele olhava ora para Birgit, ora para Karl-Erik. Ambos evitavam olhar para ele. Karl-Erik começou a sentir uma dor crescente em seu coração.

“Não estou entendendo aonde você quer chegar com todas essas perguntas. Que importa se nos mudamos em 1977 ou 1978? Nossa filha está morta e você vem aqui fazer perguntas como se nós fôssemos os culpados. Deve ter havido algum erro em algum lugar. Alguém deve ter escrito errado em algum documento, deve ser isso. Nos mudamos para cá na primavera de 1977, ao mesmo tempo em que Alex começava a escola na Suíça.”

Patrik olhou consternado para Birgit, que parecia ficar cada vez mais alterada. “Sinto muito, senhora Carlgren, por estar causando

tanto incômodo. Sei que vocês estão passando por um momento difícil, mas tenho de fazer essas perguntas. E a minha informação está correta. Vocês dois não se mudaram para cá até a primavera de 1978, e por todo o ano anterior não há nenhuma prova de que estivessem nem mesmo na Suécia. Por isso, tenho que perguntar mais uma vez: onde vocês estavam durante a primavera de 1977 e a primavera de 1978?”

Com desespero nos olhos, Birgit se virou para Karl-Erik em busca de apoio, mas ele sabia que não lhe podia dar o tipo de ajuda de que estava precisando. Acreditava que estava fazendo isso pelo bem da família, em longo prazo; também sabia que, em curto prazo, poderia destroçar Birgit. Mas não tinha escolha. Ele lançou um olhar triste para ela e pigarreou.

“Nós estávamos na Suíça, minha esposa e eu.”

“Silêncio, Karl-Erik! Não diga mais nada!”

Ele a ignorou: “Estávamos na Suíça porque nossa filha de doze anos de idade estava grávida”.

Ele não ficou surpreso ao ver que Patrik deixou sua caneta cair ao chão, estupefato com o que tinha acabado de ouvir. Por mais que o policial tivesse suposto, ou suspeitado, era completamente diferente ouvir aquilo em voz alta. Como é que alguém poderia ter imaginado algo tão horrível?

“Minha filha foi violentada, estuprada. Ela não passava de uma criança.”

Karl-Erick sentiu sua voz ficar embargada e apertou fortemente o punho em seus lábios para tentar se recompor. Após alguns instantes, pôde continuar. Birgit se recusava até a olhar para ele, mas agora não havia mais volta.

“Nós podíamos perceber que havia algo de errado, mas não sabíamos o que era. Ela sempre pareceu feliz, segura. Mas em algum momento, quando estava na oitava série, começou a mudar. Ficou quieta e introvertida. Nenhuma de suas amigas vinha visitá-

la mais, e ela podia ficar por horas fora de casa sem que soubéssemos onde estava. Nós não levamos isso muito a sério, achando que era somente uma fase pela qual estava passando. Um estágio preliminar para sua adolescência, talvez, eu não sei.”

Ele teve que pigarrear novamente. A dor em seu coração estava aumentando. “Foi somente no quarto mês de gestação que soubemos que ela estava grávida. Deveríamos ter visto os sinais antes, mas quem ia acreditar... Não podíamos nem mesmo imaginar...”

“Karl-Erik, por favor.”

O rosto de Birgit parecia uma máscara cinzenta. Henrik parecia anestesiado, como se não se conformasse com o que estava ouvindo, e provavelmente não estava acreditando. Até mesmo aos seus próprios ouvidos Karl-Erik podia perceber quão inacreditável aquilo soava quando pronunciava as palavras em voz alta. Por vinte e cinco anos essas palavras corroeram seu interior. Por consideração a Birgit, sufocou sua necessidade de expressá-las, mas agora elas simplesmente fluíam e ele não conseguia detê-las.

“Para nós, o aborto era impensável. Não sob aquelas circunstâncias. Nem demos a Alex a oportunidade de escolha, mesmo que ela pudesse fazê-la. Em vez disso, encobrimos o assunto. Nós a tiramos da escola, fomos para o exterior e ficamos lá até ela dar à luz o bebê. Ninguém podia saber nada a respeito disso. O que as pessoas diriam?”

Ele mesmo pôde ouvir quão amargas aquelas últimas palavras soaram. Nada tinha sido mais importante do que isso. Mais ainda que a felicidade e o bem-estar da sua própria filha. Nem sequer podia culpar totalmente Birgit por aquela escolha. Ela nunca foi a pessoa mais preocupada com as aparências. Após anos de autoanálise, ele se viu forçado a reconhecer que tinha permitido que ela agisse assim por causa do seu próprio desejo de manter uma fachada imaculada. Estava sentindo uma acidez subindo por

sua garganta. Engoliu saliva e continuou: “Após Alex ter tido o bebê, nós a matriculamos no internato, voltamos a Gotemburgo e retomamos nossa vida”.

Cada palavra estava impregnada de amargura e autodesprezo. Os olhos de Birgit estavam repletos de fúria, talvez também de ódio. Ela olhava para o marido de forma intensa, como se quisesse usar somente o poder da mente para fazê-lo parar. Mas ele sabia que o processo tinha começado no mesmo momento em que Alex tinha sido encontrada morta na banheira. Sabia que a polícia ia indagar, virar cada pedra e levar à luz do sol tudo que saísse debaixo delas. Seria melhor que dissessem a verdade com suas próprias palavras. Ou com as palavras dele, como aconteceu. Talvez tivesse sido melhor ter contado isso antes, mas ele precisou de tempo para ganhar coragem. A ligação de Patrik Hedström foi o empurrão definitivo.

Karl-Erik estava ciente de que tinha omitido bastante coisa, mas um cansaço enorme o dominara como se fosse um cobertor, por isso foi deixando Patrik fazer as perguntas que preencheriam as lacunas. Ele se recostou na poltrona e segurou com força os braços do assento.

Henrik foi o primeiro a falar. Sua voz estava claramente trêmula. “Por que vocês não disseram isso a ninguém? Por que Alex não disse nada? Eu sabia que ela estava escondendo algo de mim, mas não isso.”

Karl-Erik abriu os braços num gesto de resignação. Não tinha nenhuma explicação a dar ao marido de Alex.

Patrik teve que se esforçar muito para manter seu profissionalismo, mas estava claro que ficara abalado. Pegou a caneta que deixara cair e tentou se concentrar no bloco de notas que estava em sua frente.

“Quem é que atacou Alex? Foi alguém da escola?”

Karl-Erik somente acenou com a cabeça.

“Foi...”, Patrik vacilou. “Foi Nils Lorentz?”

“Quem é Nils Lorentz?”, Henrik perguntou.

Birgit lhe respondeu, com um tom duro em sua voz: “Ele foi um professor substituto na escola. É o filho de Nelly Lorentz.”

“Mas onde ele está agora? Ele deve ter ido para a cadeia pelo que fez a Alex, não?” Henrik estava fazendo um esforço supremo para entender o que Karl-Erik tinha acabado de contar.

“Ele desapareceu há vinte e cinco anos”, Patrik explicou. “Ninguém o viu desde então. Mas o que eu também queria saber é por que nenhum boletim de ocorrência foi feito. Procurei em nossos arquivos, e nunca houve nenhuma queixa na polícia contra ele.”

Karl-Erik fechou os olhos. Patrik não estava fazendo aquelas perguntas como uma acusação, mas essa era a impressão que ele tinha. Cada palavra era como uma agulha penetrando na sua pele, lembrando-o do terrível erro que tinham cometido há vinte e cinco anos.

“Nunca entramos com uma queixa. Quando descobrimos que Alex estava grávida, e ela nos disse o que tinha acontecido, fui, enfurecido, à casa de Nelly e lhe disse o que seu filho tinha feito. Eu tinha a intenção de denunciá-lo à polícia, e até disse isso a Nelly, mas...”

“Mas Nelly veio e falou comigo, e sugeriu que resolvêssemos isso sem envolver a polícia”, disse Birgit, sentada no sofá, ereta como uma estaca. “Ela disse que não havia razão para humilhar Alex mais ainda, como aconteceria se toda Fjällbacka começasse a fofocar sobre o que tinha acontecido. Somente pudemos concordar, e decidimos que seria melhor para ela se pudéssemos lidar com o assunto entre a família. Nelly prometeu que cuidaria do Nils de maneira apropriada.”

“Nelly também me ofereceu um trabalho com um ótimo salário aqui em Gotemburgo”, disse Karl-Erik. “Suponho que agimos como

qualquer outra pessoa, vislumbrados pela promessa do ouro.” Karl-Erik estava sendo implacavelmente sincero a respeito de si mesmo. Agora era a hora de começar a admitir as coisas.

“Isso não tinha nada a ver com a história. Como você pode dizer isso, Karl-Erik? Somente estávamos pensando no que seria melhor para Alex. Que bem lhe faria se todos soubessem? Demos a ela uma oportunidade de recomeçar sua vida.”

“Não, Birgit, nos demos a oportunidade de recomeçarmos *nossa* vida. Alex perdeu essa chance quando decidimos encobrir a história.”

Eles se olharam, um de cada lado da mesa de centro, e Karl-Erik sabia que algumas coisas nunca poderiam ser consertadas. Ela nunca entenderia.

“E o bebê? O que aconteceu com o bebê? Foi deixado para adoção?”, perguntou Patrik.

Silêncio. Então uma voz se fez ouvir da porta da sala de estar.

“Não, o bebê não foi deixado para adoção. Eles decidiram ficar com o bebê e mentir para ele sobre sua identidade.”

“Julia! Achei que você estava no seu quarto!”

Karl-Erik se virou e viu Julia em pé na porta da sala de estar. Ela devia ter descido as escadas em silêncio, porque ninguém a ouvira chegar. Ele se perguntou quanto tempo fazia que estava lá.

Ela estava encostada no batente da porta com os braços cruzados. Todo seu corpo expressava rancor. Muito embora fossem quatro horas da tarde, ela ainda não havia tirado o pijama. Parecia que não tomava banho fazia uma semana. Karl-Erik sentiu simpatia se mesclar com dor no peito. Coitadinho do seu patinho feio.

“Se não fosse por Nelly, ou será que deveria chamá-la de ‘avó’, vocês nunca teriam dito nada, ou teriam? Nunca teria ocorrido a vocês me contar que minha mãe não é minha mãe, mas minha avó,

e que papai não é meu pai, mas, sim, meu avô e, acima de tudo, que minha irmã não é minha irmã, mas, sim, minha mãe. Vocês entenderam ou devo repetir tudo mais uma vez? Sei que é complicado.”

O comentário sarcástico foi direcionado a Patrik. Parecia que ela estava gostando de ver a expressão de horror no seu rosto.

“Perverso, não é?”, ela abaixou a voz, com um sussurro teatral, e pôs o dedo indicador nos lábios. “Mas, silêncio, vocês não devem dizer isso a ninguém. O que as pessoas diriam? Imagine se elas comessem a fazer fofocas sobre a abastada família Carlgren.” Ela levantou a voz novamente: “Mas, graças a Deus, Nelly me disse tudo no verão passado quando eu estava trabalhando na fábrica de enlatados. Ela me disse o que eu tinha direito de saber. Quem eu sou de verdade. Toda a minha vida me senti como uma estranha, que não pertencia a essa família. Ter uma irmã como Alex certamente não era fácil, mas eu a adorava. Ela era tudo o que eu queria ser, tudo que eu não era. Eu via a maneira que vocês olhavam para ela e a maneira como olhavam para mim. E parece que Alex nunca se importou muito comigo, o que somente me fazia adorá-la mais ainda. Agora entendo por quê. Ela provavelmente nem aguentava olhar para mim. A menina bastarda que tinha nascido de um estupro. E vocês a forçavam a se lembrar disso toda vez que ela olhava para mim. Vocês não conseguem ver mesmo como isso era cruel?”

Karl-Erik se arrepiou com suas palavras como se tivessem lhe dado um tapa na cara. Ele sabia que ela tinha razão. Foi terrivelmente cruel ficar com Julia, e, dessa maneira, forçar Alex a reviver continuamente o incidente monstruoso que tinha marcado o final de sua infância. E nem foi justo para com Julia. Ele e Birgit nunca poderiam se esquecer do modo que ela tinha sido concebida. Aparentemente, Julia tinha sentido isso desde o início, porque veio ao mundo berrando. Tinha continuado a gritar e lutar contra o

mundo durante toda sua infância. Julia nunca perdeu uma oportunidade de se comportar mal, e ele e Birgit eram velhos demais para lidar com uma criança, especialmente uma tão exigente quanto Julia.

De certa forma, fora um alívio quando ela veio para casa, um dia, no verão passado, com ódio saindo de cada poro, e os confrontou. Não os surpreendia que Nelly, por iniciativa própria, tivesse lhe dito a verdade. Nelly era uma velha rabugenta que somente se importava com seus próprios interesses. Se lhe beneficiaria de alguma forma dizer a Julia o que sabia, então ela o faria. E por isso eles tentaram impedir que Julia aceitasse o trabalho de verão, mas a garota tinha sido teimosa, como de costume.

Quando Nelly contou a verdade, um horizonte completamente novo se abriu para ela. Pela primeira vez, havia alguém que realmente a amava, alguém a quem Julia pertencia. Apesar do fato de Nelly ter Jan, com Julia eram laços de sangue. Ela lhe dissera que, quando o tempo viesse, ela legaria sua fortuna à neta. Karl-Erik entendia muito bem como isso a tinha afetado. Ela estava cheia de ódio para com as pessoas que achava que eram seus pais, e adorava Nelly com a mesma intensidade que uma vez demonstrara por Alex. Tudo isso passou rapidamente por sua mente enquanto via Julia em pé, encostada no batente da porta, sob a luz tênue vinda da cozinha. O mais triste era que, muito embora tivessem olhado para Julia e se lembrado da coisa horrível que acontecera no passado, ela nunca perceberia quanto eles a amavam. Ela tinha sido como uma estranha naquela casa, e eles não sabiam o que fazer diante dela. E ainda se sentiam daquela forma. Agora provavelmente seriam forçados a aceitar que a tinham perdido para sempre. Ela ainda estava morando naquela casa, mas mentalmente já os havia abandonado.

Henrik parecia que mal conseguia respirar. Ele se inclinou para a frente, abaixou a cabeça, e fechou os olhos. Por um instante, Karl-Erik se perguntou se tinha sido correto pedir que Henrik fosse lá participar. Ele o tinha convidado porque achava que Henrik deveria saber a verdade. Ele também tinha amado Alex.

“Oh, Julia...”, Birgit esticou os braços para Julia, num gesto suplicante e desajeitado. A garota somente virou de costas, desprezando-a, e eles a ouviram subir as escadas, batendo fortemente os pés.

“Sinto muito mesmo”, disse Patrik abrindo os braços num gesto de resignação. “Eu sabia que algo não ia bem, mas nunca teria imaginado isso. Não sei o que dizer.”

“Nós mesmos também não sabemos. Especialmente uns aos outros”, disse Karl-Erik para sua esposa.

“Sabem por quanto tempo duraram os abusos?”

“Não temos muita certeza. Alex não queria falar disso. Provavelmente, por pelo menos alguns meses, ou talvez até um ano”, ele vacilou. “E aí você tem também a resposta à sua pergunta anterior.”

“A qual delas você se refere?”

“Aquela sobre a conexão entre Alex e Anders. Anders também era uma vítima. Um dia, antes de nos mudarmos, encontramos um recado que Alex tinha deixado para Anders. Parece que ele também fora violentado por Nils. Obviamente, entenderam, ou souberam, que ambos estavam na mesma situação; como isso aconteceu, eu não sei. E eles buscaram consolo um no outro. Levei o recado para Vera Nilsson. E lhe disse o que tinha acontecido com Alex e o que provavelmente tinha acontecido com Anders. Foi uma das coisas mais difíceis que já fiz. Anders é... ou era”, ele se corrigiu instantaneamente, “tudo que Vera tinha. Acho que eu tinha esperança de que Vera pudesse ser capaz de fazer o que nós não tínhamos coragem de fazer: denunciar Nils e responsabilizá-lo pelo

que tinha feito. Mas não aconteceu nada, então suponho que Vera tenha se sentido tão debilitada quanto nós”.

Inconscientemente, ele começou a massagear o peito com seu punho. A dor aumentava cada vez mais. Ela começava a se irradiar para seus dedos.

“E você não faz ideia de onde Nils tenha ido?”

“Não, não faço ideia. Mas, onde ele estiver, espero que aquele demônio esteja sofrendo.”

A dor agora parecia uma avalanche. Seus dedos começaram a ficar anestesiados e ele sabia que algo estava errado. Seriamente errado. A dor fez seu campo de visão se contrair, e muito embora pudesse ver a boca dos outros se mexer, parecia que todos os sons e todas as imagens estavam vindo em sua direção em câmera lenta. A princípio, ficara contente que o ódio nos olhos de Birgit tivesse ido embora, mas quando viu que isso tinha sido substituído por preocupação, ele entendeu que algo de sério estava acontecendo. Então a escuridão invadiu seu ser.

Após o precipitado trajeto de ambulância ao hospital Sahlgrenska, Patrik se sentou no carro e tentou tomar fôlego. Ele tinha seguido a ambulância com seu próprio carro e ficado com Birgit e Henrik até que fossem informados de que, embora o enfarte de Karl-Erik tivesse sido grave, ele estava fora de perigo.

Aqueles dias foram um dos mais terríveis de sua vida. Tinha visto muitos horrores nos seus anos como policial, mas nunca ouvira uma história tão triste como aquela que Karl-Erik lhe contara naquela tarde.

Muito embora Patrik reconhecesse a verdade quando a ouvia, ainda achou difícil aceitar o que tinha ouvido. Como alguém poderia continuar vivendo após passar por tudo que Alex sofreu? Ela não somente fora violentada e destituída de sua infância, como, também, forçada a viver o resto de sua vida se lembrando

disso. Por mais que Patrik se esforçasse, ainda assim não conseguia entender a atitude dos pais dela. Não podia se imaginar deixando o criminoso sair impune se uma filha sua fosse violentada, nem que ele escolhesse tentar encobrir as coisas. Como é que manter as aparências podia ser mais importante do que a vida e a saúde de sua filha? Era isso que simplesmente não conseguia entender.

Ele ficou sentado dentro do carro com os olhos fechados, a cabeça no encosto do assento. Começava a anoitecer, e ele já deveria estar voltando para casa, mas sentia-se fraco e apático. Nem mesmo pensar que Erica estava esperando por ele o incitava a ir para casa. Sua sólida atitude positiva diante da vida tinha sido abalada ao limite. Pela primeira vez, duvidou que o bem fosse maior no ser humano do que o mal.

Por outro lado, sentia-se um tanto culpado. Aquela história chocante o tinha emocionado profundamente, mas ao mesmo tempo sentira uma satisfação profissional quando pensou que as peças do quebra-cabeça estavam se encaixando uma a uma. Muitas perguntas tinham sido respondidas numa única tarde. Mas agora estava sentindo uma frustração ainda maior do que antes. Tinha encontrado a explicação de tanta coisa, mas ainda estava andando às cegas na escuridão quando se tratava de quem tinha assassinado Alex e Anders. Talvez o motivo tivesse sua origem no passado, mas nenhuma relação com ele, embora achasse isso difícil de acreditar. Apesar de tudo, aquela era a única conexão que tinha achado entre Alex e Anders.

Mas por que alguém ia querer assassiná-los por causa de um estupro que tinha acontecido há mais de vinte e cinco anos? Se esta era a razão, por que agora, e não antes? Qual seria o motivo que ficara latente por tantos anos e que então resultou em dois assassinatos no período de duas semanas? A coisa mais frustrante era que Patrik não fazia ideia de que direção tomar agora.

As informações obtidas naquela tarde tinham causado grande reviravolta na investigação, mas, ao mesmo tempo, o conduziram a um beco sem saída. Patrik revisou em sua mente o que tinha visto e ouvido, e ficou surpreso ao se lembrar de que tinha a posse de uma importante pista no carro. Algo que havia esquecido após o assunto delicado tratado na visita à família Carlgren e o tumulto ocorrido em razão do enfarte de Karl-Erik. Novamente Patrik sentiu o mesmo entusiasmo que sentira naquela manhã. Ele percebeu que tinha uma oportunidade singular de seguir aquela pista mais de perto. Tudo que precisava era de um pouco de sorte.

Abriu seu telefone celular, ignorando as três mensagens de voz na caixa postal, e ligou para a telefonista para obter o número do hospital Sahlgrenska. Então transferiram sua ligação.

“Hospital Sahlgrenska.”

“Alô, meu nome é Patrik Hedström. Gostaria de saber se há um Robert Ek trabalhando no departamento de medicina forense.”

“Aguarde um momento, vou verificar.”

Patrik prendeu a respiração. Robert era um antigo colega de classe da Academia de Polícia que seguiu os estudos para se tornar um técnico forense. Eles foram muito amigos durante o curso, mas depois perderam contato. Patrik tinha ouvido dizer que agora Robert estava trabalhando no Sahlgrenska, e torcia para que isso fosse verdade.

“Vejam, sim, temos, sim, um Robert Ek trabalhando lá. Gostaria que transferisse a ligação?”

Patrik comemorou silenciosamente. “Sim, por favor.”

O telefone tocou algumas vezes e então ele ouviu a voz conhecida de Robert.

“Medicina forense. Robert Ek.”

“Oi, Robban. Pode adivinhar quem está falando?”

Houve um silêncio por alguns instantes. Patrik nunca achou que Robert pudesse se lembrar de sua voz, e já estava prestes a ajudá-lo. Então, ouviu um grito do outro lado da linha.

“Patrik Hedström, seu cachorrão! Mas que diabos, faz tanto tempo! Por que está ligando? Quero dizer, não é algo tão corriqueiro.”

Robert estava caçoando dele, e Patrik se sentiu um pouco envergonhado. Sabia que era péssimo em manter contato com as pessoas. Robert era bem melhor nisso, mas após um tempo desistiu, quando viu que Patrik nunca retornava suas ligações. E se sentiu ainda mais envergonhado, agora, que estava finalmente ligando, porque o motivo era pedir um favor. Mas ele não podia retroceder.

“Não, eu sei, eu sou uma droga em manter contato. Mas neste momento estou sentado no carro, no estacionamento do Sahlgrenska, e me lembrei de ter ouvido de alguém que você estava trabalhando aqui. Achei que seria bom ver se você estava para que pudesse dar um pulo aí e cumprimentá-lo pessoalmente”.

“Mas é claro! Venha, não tem problema nenhum!”

“Como é que eu te encontro? Onde é o seu escritório?”

“Estamos no subsolo. Entre pela porta principal, pegue o elevador e desça, vire à direita e vá até o final do corredor. Há uma porta no final, é aqui que estamos. Apenas toque a campainha e deixarei você entrar. Vai ser legal revê-lo.”

“Igualmente. Então, até daqui a alguns minutos.”

Novamente Patrik sentiu-se envergonhado por estar prestes a explorar um velho amigo. Por outro lado, ele tinha uma longa lista de favores que Robert lhe devia. Na Academia, Robert era seu companheiro de quarto. Era noivo de uma garota chamada Susanne, mas ao mesmo tempo estava tendo um caso amoroso com uma de suas colegas de classe, Marie, que também estava comprometida. Isso durou por quase dois anos, e Patrik perdeu a

conta de quantas vezes salvou a pele de Robert. Apresentava vários álibis, demonstrando sua imaginação fértil, quando Susanne ligava e perguntava se ele sabia onde Robert estava.

Apesar de não achar isso um comportamento muito honrável, nem de sua parte nem da de Robert. Mas eles eram tão jovens e imaturos naquela época. Para ser sincero, Patrik achava tudo aquilo muito legal, e tinha até um pouco de inveja do amigo, que ficava com duas garotas ao mesmo tempo. É claro, numa hora, a bolha estourou, e Robert acabou ficando sem teto e sem namorada. Mas, sendo um conquistador nato, Robert não precisou dormir no sofá de Patrik por muitas semanas até achar uma nova namorada e se mudar para o apartamento dela.

Quando lhe contaram que Robert estava trabalhando no hospital Sahlgrenska, também soube que tinha se casado e tido dois filhos, e teve muita dificuldade de imaginar tudo isso. Patrik pretendia descobrir se tudo aquilo era verdade ou não.

Ele caminhou até os aparentemente intermináveis corredores do hospital. Muito embora tivesse parecido muito simples quando recebeu as instruções, Patrik se perdeu duas vezes até finalmente estar diante da porta certa. Ele tocou a campainha e esperou. De pronto, a porta se abriu.

“Ooooooooooi!”

Abraçaram-se carinhosamente e deram um passo para trás para ver os efeitos do tempo em cada um deles. Patrik constatou que os anos tinham sido bons para Robert, e esperava que o amigo achasse o mesmo a seu respeito. Só para garantir, empurrou a barriga para dentro e estufou o peito um pouco mais.

“Entre, entre.”

Ele acompanhou Robert até seu escritório, que era minúsculo, onde mal cabia uma pessoa, quanto mais duas. Patrik examinou Robert mais de perto enquanto estava sentado numa cadeira em frente a ele, à sua mesa. Seu cabelo loiro estava tão bem penteado

quanto em sua época de jovem, e, debaixo do jaleco branco, suas roupas estavam muito bem passadas. Patrik sempre achou que a necessidade de Robert de asseio funcionava como uma compensação do caos que tendia a criar na sua vida particular. Seu olhar se fixou numa fotografia sobre uma prateleira que havia atrás de sua mesa.

“É sua família?”, formulou a pergunta sem poder controlar de todo seu assombro.

Robert sorriu orgulhoso e pegou a foto da prateleira.

“É. Essa é minha esposa Carina, e meus dois filhos, Oscar e Maja.”

“Que idade eles têm?”

“Oscar tem dois anos, e Maja, seis meses.”

“Que ótimo. Há quanto tempo estão casados?”

“Já faz três anos. Aposto que você nunca acreditou que um dia eu seria pai, não é?”

Patrik deu risada. “É, tenho de admitir que me custa um pouco acreditar.”

“Bem, você sabe, quando o diabo envelhece, ele se torna religioso. Mas e você? Provavelmente já tem uma penca a esta altura.”

“Não aconteceu. Estou divorciado, na verdade. Sem filhos, o que é provavelmente uma sorte nessas circunstâncias.”

“Lamento ouvir isso.”

“Não é tão ruim assim. Tenho algo em mãos que parece muito promissor, vamos ver.”

“Então, me explica como é que você aparece aqui como uma caixa de surpresa após tantos anos?”

Patrik se mexeu na cadeira um pouco nervoso. Novamente se lembrou de quão embaraçoso era para ele não ter mantido contato por tantos anos e então ir ali para pedir um favor.

“Vim aqui por um assunto policial, e ouvi dizer que você estava trabalhando na área forense. Preciso resolver um caso e sua ajuda seria valiosa, pois não tenho tempo para esperar pelos trâmites administrativos habituais. Levaria semanas para eu obter uma resposta, e não tenho tempo, ou paciência.”

Parecia que a curiosidade de Robert tinha sido despertada. Ele uniu as pontas dos dedos e esperou Patrik prosseguir.

Patrik se inclinou e tirou da sua mala um pedaço de papel envolto num saco plástico. Entregou-o a Robert, que o segurou contra a lâmpada forte da luminária de mesa para ver com mais detalhes do que se tratava.

“Peguei esse papel de um bloco de notas da casa de uma vítima de assassinato. Vi as marcas de algo que haviam escrito na folha de cima, mas elas estão muito fracas e não se vê mais do que fragmentos. Você provavelmente deve ter o equipamento técnico necessário para examiná-lo aqui, não tem?”

“S-s-s-im, claro que temos”, a resposta de Robert foi um pouco vacilante, enquanto continuava a examinar o papel sob a luz. “Mas, como você diz, há regras bastante rígidas sobre como solicitações deveriam ser feitas e em que ordem. Já temos uma pilha de coisas esperando.”

“Claro, eu sei. Mas achei que não fosse demorar muito tempo e que seria fácil verificar. Pensei em lhe pedir isso como um favor, para dar uma olhada rápida, ver se pode revelar algo, então...”

Robert franziu a testa enquanto pensava no que Patrik tinha acabado de dizer. Então deu um sorriso astuto e se levantou de sua cadeira.

“Tudo bem. Suponho que eu não deva ser tão burocrático. Só vai demorar alguns minutos. Venha.”

Ele conduziu Patrik do escritório amontoado para uma sala que havia em frente, grande, iluminada e cheia de toda sorte de equipamentos com aparência estranha. Estava tinindo de limpa e

parecia uma clínica por causa das paredes brancas, das bancadas de trabalho e dos gabinetes de cromo brilhante. O aparelho de que Robert precisava estava na outra extremidade. Com um cuidado supremo, ele retirou o papel do saco plástico e o depositou sobre uma bandeja de vidro. Pressionou o botão “ligar” e uma luz azulada acendeu. As palavras no papel imediatamente ficaram nítidas, com toda a claridade desejada.

“Dê uma olhada. Era isso que você esperava?”

Patrik leu o texto rapidamente. “Isso é exatamente o que eu esperava. Você poderia deixá-lo aí enquanto eu anoto?”

Robert sorriu. “Vou fazer algo ainda melhor do que isso. Com esta máquina, posso tirar uma foto do texto e você pode levá-la.”

Um sorriso largo se espalhou pelo rosto de Patrik. “Excelente! Isso seria perfeito. Obrigado!”

Meia hora depois, Patrik saía do hospital com a fotocópia do pedaço de papel do bloco de notas de Anders. Ele fez uma promessa solene de que entraria em contato com Robert mais vezes, e esperava poder manter sua palavra. Mas, infelizmente, se conhecia muito bem.

Refletiu muito no caminho de casa. Ele adorava dirigir no escuro. A paz que o envolvia na noite escura, quebrada somente pelas luzes de carros que passavam ocasionalmente, o fazia pensar com maior clareza. Pouco a pouco, acrescentava o que já sabia ao que tinha lido no pedaço de papel há pouco tempo. Quando estava entrando no estacionamento do seu prédio em Tanumshede, tinha bastante certeza de que havia resolvido pelo menos um dos mistérios que o estavam atormentando.

Era estranho ir para a cama sem Erica. É esquisito como as pessoas se acostumam rapidamente com uma coisa como se isso fosse algo natural. Ele pensou que agora acharia difícil dormir sozinho. Surpreendeu-se por ter ficado profundamente desapontado quando Erica ligou para lhe dizer que sua irmã tinha

ido visitá-la sem avisar. Ela achou que seria melhor se ele dormisse na sua própria casa. Patrick queria mais detalhes, mas percebeu pela voz de Erica que ela não poderia explicar, então teve de se contentar em lhe dizer que ligaria no dia seguinte e que estava com saudades.

Agora seu sono se enchia das imagens de Erica, assim como de pensamentos do que ele teria de fazer de manhã. Para Patrik, foi uma noite longa demais.

Com as crianças já dormindo, elas por fim tiveram oportunidade de conversar. Erica tinha rapidamente descongelado alguns pratos prontos porque Anna parecia que precisava de algo para saciar a fome. Erica também tinha se esquecido de comer, e seu estômago estava grunhindo.

Anna somente espetava sua comida com o garfo. Erica começava a sentir aquela conhecida preocupação com sua irmã menor. Exatamente como na época em que eram mais novas. Ela queria pegar Anna nos braços, acalenta-la e lhe dizer que tudo ia acabar bem, beijar onde estava doendo e fazer a dor ir embora. Mas elas eram adultas agora, e os problemas de Anna eram bem maiores do que um joelho ralado. Diante disso, Erica se sentia impotente e desamparada. Pela primeira vez na vida, sua irmã menor parecia uma estranha, e ela se sentia desajeitada e incerta de como falar com ela. Então ficou em silêncio, esperando que Anna tomasse as rédeas. Depois de um longo tempo, por fim, ela o fez.

“Não sei o que fazer, Erica. O que vai acontecer comigo e com as crianças? O que vamos fazer? Como é que vou sustentar a todos nós? Tenho sido uma dona de casa por tanto tempo, que já não sei fazer mais nada.”

Erica viu que os nós dos dedos de Anna estavam brancos de tanto que apertava a mesa com a mão, numa tentativa física de manter o controle da situação.

“Shh... Não pense nisso agora. Tudo vai acabar bem. Você só precisa se preocupar com um dia por vez, e pode ficar aqui com as crianças pelo tempo que desejar. A casa é sua também, lembra?”

Erica deu um meio sorriso e viu, para sua alegria, que Anna respondeu do mesmo modo, limpando o nariz com as costas da mão e, inconscientemente, beliscando a toalha da mesa.

“Eu simplesmente não consigo me perdoar por ter deixado isso ir tão longe. Ele machucou Emma. Como é que eu o deixei machucá-la?”

Seu nariz começou a escorrer de novo, e dessa vez ela usou um lenço de papel em vez da mão.

“Por que permiti que ele machucasse Emma? Será que já não sabia que isso aconteceria um dia? Será que resolvi fechar meus próprios olhos só porque era mais cômodo para mim?”

“Anna, se há uma coisa de que estou certa é que conscientemente você nunca permitiria que ninguém machucasse seus filhos.”

Erica se inclinou sobre a mesa e pegou a mão de Anna. Estava incrivelmente magra. Seus ossos pareciam os de um pássaro, dando-lhe a impressão que se quebrariam se ela apertasse um pouco mais forte.

“O que ainda não entendo é que, apesar do que ele fez, ainda há uma parte de mim que o ama. Eu amei Lucas por tanto tempo que esse amor já se integrou a mim, tornou-se parte de quem sou. Não importa o que ele tenha feito, ainda não consigo me livrar dessa parte. Gostaria de pegar uma faca e arrancá-la fisicamente de mim. Sinto-me nojenta e suja.”

Com a mão trêmula, ela tocou no peito como que para mostrar onde estava o mal.

“Isso não é anormal, Anna. Você não precisa ficar com vergonha. A única coisa que tem de fazer agora é se concentrar em

se sentir bem novamente”, ela fez uma pausa. “Mas você tem, sim, que denunciar o Lucas para a polícia.”

“Não, Erica, eu não posso.”

As lágrimas saíram de seus olhos e algumas gotas ficaram penduradas em seu queixo antes de cair e deixar marcas de molhado na toalha de mesa.

“Sim, Anna, você deve. Não pode deixá-lo sair impune disso. Não me diga que pode continuar a viver tranquila sabendo que deixou que ele quase quebrasse o braço da sua filha sem fazer o possível para que ele pague pelas consequências!”

“Não, sim, eu não sei, Erica. Não consigo pensar claramente, é como se na minha cabeça tivesse um monte de vento. Não consigo pensar nisso neste momento, talvez depois.”

“Não, Anna, depois, não. Depois será tarde demais. Tem de fazer isso agora! Eu vou com você à delegacia amanhã, mas precisa fazer isso, não somente pelas crianças, mas por você também.”

“Eu simplesmente não tenho certeza de que tenho forças para isso.”

“Você sabe que tem. Diferente de mim e de você, Emma e Adrian têm uma mãe que os ama, uma mãe que está disposta a fazer qualquer coisa por eles.”

Ela não pôde evitar que a amargura aparecesse em suas palavras.

Anna suspirou. “Você tem que esquecer isso, Erica. Eu aceitei há muito tempo que só tínhamos o papai. Também deixei de me preocupar por ter sido assim. Como vou saber? Talvez mamãe nunca tenha desejado ter filhos. Talvez não tenhamos sido as filhas que ela desejava ter. Nunca saberemos, e não trará nenhum benefício ficar apertando a mesma tecla. Embora eu provavelmente tenha sido a mais sortuda de nós duas. Porque também tinha você. Talvez eu nunca tenha dito isso, mas sei o

quanto fez por mim. Sei quanto você significava para mim enquanto estava crescendo. Você não tinha ninguém, Erica, ninguém que cuidasse de você exceto a mamãe. Mas você não deve ficar magoada, me prometa isso. Acha que não percebo como você se retrai quando conhece alguém e parece que a relação vai ficar séria? Você se retrai antes de se arriscar a ficar magoada. Precisa aprender a não ficar apegada ao passado, Erica. Parece que tem algo muito bom acontecendo na sua vida agora. Não deve se retrair desta vez também. Eu quero, sim, ser tia um dia.”

Ambas começaram a dar risada, ainda com lágrimas nos olhos, e agora foi a vez de Erica limpar o nariz com um lenço de papel. Toda a emoção presente no recinto fez que ele ficasse sobrecarregado, mas ao mesmo tempo dava a sensação de que elas tinham feito uma limpeza geral na alma. Havia tanta coisa que não fora dita, tanta poeira nos cantos, e ambas estavam sentindo que já tinha chegado a hora de pegar a vassoura.

Elas conversaram a noite toda, até a escuridão do inverno começar a ser substituída pela neblina cinzenta da manhã. As crianças dormiram mais do que o normal, e quando Adrian por fim anunciou que tinha acordado com um berro ensurdecedor, Erica se ofereceu para cuidar das crianças e deixar que Anna dormisse por algumas horas.

Erica se sentia mais leve do que podia se lembrar de já ter sentido. Obviamente ainda estava furiosa com o que tinha acontecido com Emma, mas ela e Anna tinham dito um monte de coisas que deveriam ter sido ditas muito tempo atrás. Algumas verdades não foram agradáveis de se ouvir, mas foram, sim, necessárias. Surpreendeu-se de ver como sua irmã menor a conhecia bem. Tinha de admitir para si mesma que provavelmente subestimara Anna. Podia até tê-la menosprezado, achando que era uma criança irresponsável. Ela era muito mais do que isso, e Erica estava contente por finalmente ter visto a verdadeira Anna.

Elas também falaram muito de Patrik, e, com Adrian nos braços, Erica estava ligando para ele. Em casa ninguém atendia, por isso resolveu ligar para seu celular. Fazer uma ligação se tornou um desafio maior do que ela estava acostumada, pois Adrian ficou maravilhado com o brinquedo fantástico que ela tinha na mão e tentava de todos os modos pegá-lo. Quando Patrik atendeu o telefone após o primeiro toque, todo seu cansaço da noite sumiu como num passe de mágica.

“Oi, meu amor.”

“Humm, eu gosto quando você me chama assim”, Erica respondeu.

“Como estão as coisas?”

“Tudo bem, obrigada. Temos uma pequena crise familiar aqui. Eu te conto tudo quando nos virmos. Aconteceu muita coisa, e Anna e eu ficamos acordadas a noite inteira, conversando. Neste momento, estou cuidando das crianças enquanto ela dorme um pouco.”

Ele a ouviu suprimir um bocejo.

“Parece que você está cansada.”

“Estou cansada, sim. Até o âmagô. Mas Anna está precisando dormir mais do que eu, por isso tenho que ficar acordada algumas horas mais. As crianças ainda não são crescidas o suficiente para cuidarem de si mesmas.”

Adrian balbuciou, confirmando suas palavras.

Patrik se decidiu num segundo.

“Há outro modo de resolver isso.”

“Ah, é? Como? Quer que os deixe amarrados ao corrimão por algumas horas?”, ela deu risada.

“Eu vou para aí tomar conta deles.”

Ela resfolegou incrédula. “Você? Tomar conta das crianças?”

Ele fingiu o tom mais ofendido de que foi capaz: “Você está insinuando que não sou homem o suficiente para o trabalho? Se pude pegar dois ladrões sozinho, certamente posso lidar com dois seres humanos extremamente baixinhos. Ou você não confia em mim?”.

Ele fez uma pausa, para causar suspense, e ouviu Erica dando um suspiro teatral do outro lado da linha.

“Tudo bem, você pode até dar conta do trabalho. Mas já vou avisando, eles são umas pestinhas selvagens mesmo. Tem certeza de que vai aguentar o ritmo? Na sua idade, quero dizer?”

“Vou tentar. Acho que vou levar meu remédio para o coração, só por prevenção.”

“Está bem. Oferta aceita.”

“Já estava indo para Fjällbacka para cuidar de outro assunto, e acabo de passar a pista de minigolfe. Então a vejo daqui a mais ou menos cinco minutos.”

Quando Patrik saiu do carro, ela estava esperando na porta. Nos braços dela tinha um garoto com bochechas redondas que agitava os braços sem parar. Atrás, quase não dava para notar, havia um garotinha com o dedo na boca e o outro braço engessado apoiado numa tipoia. Ele ainda não sabia por que Anna tinha vindo de forma tão repentina, mas pelo que Erica havia dito a respeito de seu cunhado, juntando com a vista da garota com o braço engessado, começou a imaginar as piores coisas. Ele não perguntou. Erica lhe diria o que tinha acontecido quando surgisse oportunidade.

Patrik cumprimentou os três, um de cada vez. Cumprimentou Erica com um beijo na boca, Adrian com um tapinha nas costas e se agachou para dizer “oi” a uma Emma muito séria. Ele pegou sua mão boa e disse: “Oi, meu nome é Patrik. Qual é o seu?”.

A resposta veio somente após uma grande espera: “Emma”. Então ela colocou o dedo novamente na boca.

“Ela se acalmará”, disse Erica enquanto passava Adrian para Patrik e se virava para Emma.

“A mamãe e a titia têm que dormir um pouco, por isso Patrik veio para tomar conta de vocês. Não tem problema, né? Ele é um amigo meu e é muito, muito legal. E, se você também for muito legal com ele, talvez ele te dê um sorvete dos que tem no congelador.”

Emma olhou desconfiada para Erica, mas a chance de ganhar um sorvete parecia atraente demais, e ela acenou com a cabeça, relutante.

“Então os deixo com você e te vejo daqui a pouco. Certifique-se de que ainda estejam inteiros quando eu acordar, por favor”, e desapareceu escada acima.

Patrik se virou para Emma, que ainda estava olhando para ele desconfiada.

“Então, o que você me diz? Vamos jogar xadrez? Não? Que tal tomarmos um sorvete de almoço? Acha uma boa ideia? Ótimo. O último que chegar à geladeira vai ganhar uma cenoura.”

Lentamente, Anna foi voltando à consciência. Parecia que dormira por cem anos, assim como a Bela Adormecida. Quando abriu os olhos, a princípio encontrou dificuldade em se orientar. Então reconheceu o papel de parede de seu quarto de infância e a realidade desabou em cima dela como uma tonelada de tijolos. Rapidamente sentou-se na cama. As crianças! Logo em seguida, ouviu o gritinho alegre de Emma vindo do andar de baixo e se lembrou de que Erica estava cuidando deles enquanto ela dormia. Voltou a se deitar e decidiu cochilar por mais alguns minutos naquela cama quentinha. Assim que se levantasse, teria de lidar com tudo; dessa forma, podia se permitir mais alguns minutos para escapar da realidade.

Lentamente seu cérebro foi se dando conta de que não era a voz de Erica que ela estava ouvindo lá embaixo, mesclada com a risada de Adrian e de Emma. Por um instante, pensou, atemorizada, que Lucas estava ali, mas logo se lembrou de que Erica lhe daria um tiro antes de deixá-lo entrar. Teve um pressentimento e começou a suspeitar quem a visita pudesse ser e, por curiosidade, foi furtivamente ao patamar e olhou pelas barras do corrimão. Parecia que uma bomba tinha explodido na sala de estar. As almofadas do sofá, assim como as quatro cadeiras da sala e uma manta tinham sido convertidas em um forte, e os blocos do jogo de construção de Adrian estavam espalhados por todo o chão. Sobre a mesa de centro havia tantas embalagens de sorvete que Anna torceu para que Patrik fosse um grande comilão. Com um suspiro, percebeu que provavelmente seria muito difícil fazer sua filha almoçar ou jantar. Emma estava cavalgando nas costas de um homem de cabelos escuros que tinha um rosto simpático e olhos castanhos amigáveis. Ela ria tanto que estava quase se engasgando. Adrian parecia compartilhar de sua alegria deitado sobre um cobertor estendido no chão, usando somente uma fralda. Mas quem parecia estar se divertindo mais era Patrik, e foi exatamente naquele momento que ele ganhou um lugar no coração de Anna para sempre.

Ela se levantou e pigarreou para chamar a atenção dos três companheiros de brincadeira.

“Mamãe, olha, tenho um cavalinho!”

Emma fez uma demonstração de que tinha o domínio absoluto do “cavalo” ao puxar forte os cabelos dele, mas os protestos de Patrik eram suaves demais para que a pequena tirana desse alguma importância.

“Emma, você tem que ser boazinha com o cavalo. Senão, ele pode não deixá-la montar mais.”

Aquela observação incitou certa reflexão por parte da amazona. Só para se garantir, ela acariciou o cavalo com sua mão boa, para

se certificar de que não perderia seus privilégios.

“Ei, Anna, quanto tempo!”

“Sim, muito. Espero que não tenham deixado você exausto.”

“Não, estamos nos divertindo bastante.” De repente, ele pareceu um pouco preocupado. “Tomei muito cuidado com o braço dela.”

“Eu acredito. Parece que ela está se dando bem com você. Erica está dormindo?”

“Sim, ela parecia estar tão cansada quando nos falamos por telefone hoje de manhã que me ofereci para vir ajudar.”

“E, como se pode observar, com muito entusiasmo.”

“Sim, embora tenhamos bagunçado tudo. Espero que Erica não fique brava quando acordar e vir que acabei com a sala de estar dela.”

Anna achou encantadora sua preocupação. Parecia que Erica já o tinha dominado.

“Eu o ajudo a organizar tudo. Mas primeiro acho que preciso de uma xícara de café. Você gostaria de uma também?”

Eles beberam café e conversaram como dois velhos amigos. O caminho para o coração de Anna era através de seus filhos, e a admiração nos olhos de Emma era inconfundível quando subia em cima de Patrik, que ignorava todos os pedidos de Anna para que o deixasse em paz por um tempo. Quando por fim Erica desceu, com uma cara sonolenta, cerca de uma hora depois, Anna tinha perguntado tudo sobre Patrik, desde o número de seus sapatos até a razão de seu divórcio. Quando ele finalmente disse que precisava ir embora, todas as garotas protestaram, e com certeza Adrian o faria também, se não estivesse no seu cochilo da tarde.

Assim que ouviram Patrik indo embora com seu carro, Anna se virou para Erica com os olhos arregalados.

“Meu Deus! Ele é o sonho de toda sogra. Ele não tem irmãos mais novos, tem?”

Erica lhe respondeu com uma risada gostosa.

Permitiram que Patrik tivesse algumas horas de descanso da tarefa com que ele sabia que teria de lidar, algo que o fizera se revirar pela cama a noite inteira. Raramente ele temia algo tanto quanto isso, mas sabia que era uma parte inevitável da profissão que tinha escolhido. Sabia a solução de um dos assassinatos, mas isso não o fazia feliz.

Patrik estava dirigindo devagar de Sälvik em direção ao centro da cidade. Queria adiar aquilo o máximo possível, mas não era longe, e ele chegou lá mais cedo do que desejava. Estacionou o carro no espaço ao lado do Mercado da Eva e caminhou o resto do percurso. A casa ficava no final de uma das ruas que descia numa ladeira abrupta até as casas de barcos, já na costa. Era uma bela casa antiga, mas parecia que não tinha sido cuidada por muitos anos. Antes de bater à porta, respirou fundo, mas, assim que os nós de seus dedos tocaram na madeira, se sobrepôs o profissional que havia dentro dele. Não podia deixar ser envolvido por seus sentimentos pessoais. Ele era um policial e, como tal, devia fazer seu trabalho, independente de como se sentisse como cidadão comum.

Vera abriu a porta quase que imediatamente. Ela lhe lançou um olhar inquisitivo, mas deu espaço quando Patrik perguntou se podia entrar. Ele a seguiu até a cozinha e os dois se sentaram à mesa. Patrik surpreendeu-se pelo fato de ela não ter perguntado do que sua visita se tratava, mas por um instante achou que era porque talvez já soubesse. Independente da razão, tinha que apresentar o que ele queria dizer da forma mais sutil possível.

Ela o olhava com tranquilidade, mas ele percebeu que debaixo dos seus olhos havia olheiras, sinal do sofrimento pela morte do

filho. Sobre a mesa havia um álbum de fotos antigo, e suspeitou de que, se o abrisse, veria fotos de Anders durante sua infância. Era difícil para ele ir lá, visitar uma mãe que estava lamentando por seu filho que tinha morrido há apenas alguns dias. Mas novamente teve que deixar de lado seus instintos protetores naturais para se concentrar no trabalho que o levava ali, descobrir a verdade sobre a morte de Anders.

“Vera, a última vez em que nos vimos foi sob uma circunstância muito triste, e quero começar dizendo que lamento muito pela morte de seu filho.”

Ela somente acenou com a cabeça e aguardou silenciosamente que ele continuasse.

“Mas, embora eu entenda quão difícil isso é para você, é o meu trabalho investigar o que aconteceu com Anders. Espero que você entenda.”

Patrik falava lenta, mas claramente, como se se dirigisse a uma criança. O porquê ele não sabia, mas achava que era importante que ela entendesse de verdade tudo o que estava dizendo.

“Estamos investigando a morte de Anders como um assassinato, e também temos procurado por uma conexão com a morte de Alexandra Wijkner, mulher com a qual sabemos ele teve um relacionamento. Ainda não encontramos pistas do possível assassino, e tampouco evidências de como o assassinato foi cometido. Para ser sincero, isso está sendo um dilema para nós. Ninguém até agora pôde dar uma explicação sensata de como os acontecimentos se desenrolaram. E então, encontrei isso no apartamento de Anders.”

Patrik colocou a fotocópia do pedaço de papel na mesa da cozinha, na frente de Vera, para que ela pudesse ler. Uma expressão de assombro se refletiu no seu rosto, e ela olhou várias vezes do papel para o rosto de Patrik. Pegou o papel e o virou.

Passou os dedos por sobre as letras e então pôs o papel sobre a mesa novamente, com uma expressão de choque no rosto.

“Onde você achou isso?”, sua voz estava rouca de dor.

“No apartamento de Anders. Você está surpresa porque achou que tinha pego a única cópia desta carta, não é mesmo?”

Ela acenou com a cabeça.

Patrik continuou: “Na verdade, você fez sim. Mas encontrei o bloco de notas em que Anders escreveu a carta, e, ao pressionar a caneta sobre o papel, as impressões também ficaram na folha de baixo. Foi assim que pudemos reaver a mensagem.”

Vera esboçou um sorriso irônico: “Eu nem pensei nisso, é claro. Foi inteligente de sua parte descobri-lo”.

“Eu acho que sei mais ou menos o que aconteceu, mas realmente gostaria de ouvir você contar com suas próprias palavras.”

Ela brincou com a carta por um momento, sentindo as palavras com a ponta dos dedos, como se estivesse lendo em braile. Então, soltou um suspiro profundo para daí satisfazer o pedido amigável, mas firme, de Patrik.

“Fui para a casa de Anders com um pacote de comida. A porta não estava trancada, mas quase nunca estava, por isso o chamei e entrei. Tudo estava calmo e em silêncio. Eu o vi de imediato. Senti meu coração parar naquele instante. Foi exatamente esta sensação que tive. Como se meu coração tivesse parado de bater e tudo ficasse estático dentro do meu peito. Seu corpo se mexia ligeiramente. Para a frente e para trás. Como se houvesse um vento dentro da sala, que, é claro, eu sabia que era impossível.”

“Por que você não chamou a polícia? Ou uma ambulância?”

Ela deu de ombros: “Não sei. Meu primeiro instinto foi correr em sua direção e descê-lo de alguma forma, mas quando entrei na sala de estar vi que já era tarde demais. Meu garoto estava morto.”

Pela primeira vez desde que começaram a conversar, ele ouviu um leve estremelecimento em sua voz, mas então ela engoliu em seco e se obrigou a continuar com uma serenidade aterradora.

“Encontrei esta carta na cozinha. Você a leu, sabe o que ela diz. Que ele não podia continuar vivendo. Que a vida era um tormento longo e que ele não conseguia lutar mais. Todas as suas razões para continuar tinham acabado. Devo ter ficado sentada lá na cozinha por uma hora, talvez duas, realmente não sei. Rapidamente, coloquei a carta na minha bolsa, e então somente precisei tirar a cadeira que ele usou para amarrar a corda no gancho e colocar de volta no seu lugar, na cozinha.”

“Mas por que, Vera? Por quê? Qual é o propósito disso?”

Seu olhar era sereno, mas Patrik podia ver pelas suas mãos trêmulas que sua calma exterior era mera fachada. Ele não conseguia nem conceber que horror devia ter sido para ela ver seu filho pendurado no teto, com a língua roxa e inchada, e os olhos esbugalhados. Tinha sido difícil o suficiente para ele olhar para Anders, e agora sua mãe teria de viver o resto de sua vida com aquela imagem na mente.

“Eu queria poupá-lo de mais humilhação. Por todos esses anos, as pessoas o olharam com desprezo. Elas apontavam para ele e davam risada. Arrebitavam o nariz quando passavam por ele, sentindo-se superiores. O que diriam quando soubessem que Anders se enforcou? Eu queria poupá-lo dessa vergonha, e o fiz da única maneira em que pude pensar.”

“Mas eu ainda não entendo. Por que seria pior se ele tivesse se matado do que se tivesse sido assassinado por alguém?”

“Você é jovem demais para entender. O desprezo por suicidas ainda está enraizado nas pessoas que vivem aqui, em regiões costeiras. Eu não queria que elas falassem assim do meu menino. Elas falaram besteira sobre ele o suficiente ao longo dos anos.”

Sua voz era dura. Por todos aqueles anos ela tinha se dedicado a proteger e a ajudar seu filho, e, embora Patrik não entendesse seus motivos, talvez fosse mais natural que ela continuasse a protegê-lo mesmo após sua morte.

Vera estendeu o braço para pegar o álbum de fotos sobre a mesa e o abriu para que ela e Patrik pudessem ver. A julgar pelas roupas, as fotos deviam ser da década de 1970. Anders sorria, despreocupado, em todas as fotos levemente amareladas.

“Meu Anders não era bonito?”

Sua voz tinha um tom sonhador, e ela acariciou as fotos com um dedo.

“Sempre foi um bom garoto. Nunca tive problema com ele.”

Patrik olhava para as fotos interessado. Era inacreditável que aquela era a mesma pessoa que ele conhecera somente como um bagaço. Sorte que o jovem das fotos não sabia o destino que o aguardava. Uma das imagens despertou ainda mais seu interesse. Uma garota loira e magra estava ao lado de Anders, montada numa bicicleta que tinha um assento anatômico e guidão *chopper*. A garota mostrava somente um leve sorriso e olhava timidamente por trás de sua franja.

“Esta é Alex, não é?”

“Sim”, o tom de Vera foi áspero.

“Eles brincavam muito quando eram crianças?”

“Não muito. Só às vezes. Afinal, estavam na mesma classe.”

Com muita cautela, Patrik começou a penetrar numa área delicada. Mentalmente experimentava a água com a ponta dos pés antes de colocá-los dentro dela por inteiro.

“Creio que ambos tiveram Nils Lorentz como professor por um tempo, não?”

Vera olhou para ele com curiosidade: “Sim, é possível. Foi há muito tempo.”

“Pelo que ouvi, falava-se muito de Nils Lorentz. Especialmente porque ele depois simplesmente desapareceu.”

“As pessoas falam de todo tipo de coisa aqui em Fjällbacka. Então provavelmente falaram de Nils Lorentz também.”

Era claro que agora ele cutucava uma ferida aberta, mas tinha que continuar e ir mais fundo ainda.

“Falei com os pais de Alex, que me contaram algumas coisas sobre Nils Lorentz. Alegações que também afetaram Anders.”

“Entendo.” Obviamente ela não facilitaria sua vida.

“De acordo com eles, Nils Lorentz violentou sexualmente Alex, e alegaram que Anders também foi abusado.”

Vera estava sentada completamente ereta à beira da cadeira, e não reagiu à afirmação de Patrik, que pretendeu que fosse uma pergunta. Ele decidiu esperar, e após um momento de luta interior, ela lentamente fechou o álbum de fotos e se levantou da cadeira.

“Não quero falar de histórias passadas. Quero que você vá embora agora. Se quiser me culpar pelo que fiz quando encontrei Anders, então já sabe onde me encontrar. Mas não pretendo ajudá-los a remexer em coisas que deveriam permanecer enterradas.”

“Só uma pergunta. Alguma vez você conversou com Alexandra sobre isso? Pelo que entendi, ela decidiu lidar com o que tinha acontecido, e teria sido compreensível que tivesse conversado com você também.”

“Sim, ela falou comigo. Estive em sua casa cerca de uma semana antes de ela morrer, ouvindo suas ideias ingênuas sobre resolver o passado, sobre tirar o esqueleto do armário etc. etc. Historinhas da modernidade, na minha opinião. Hoje, todos estão obcecados em lavar a roupa suja em público, afirmando que é muito bom e saudável revelar todos os segredos e pecados. Mas algumas coisas deveriam permanecer em segredo. Eu disse isso a ela também. Não sei se me ouviu, mas espero que sim. Se não, a

única coisa que consegui foi uma inflamação da bexiga que contraí na sua casa gelada.”

Com aquelas palavras, Vera deu a entender que a discussão tinha se encerrado e caminhou em direção à porta. Abriu-a para Patrik e se despediu de forma reservada.

Quando se encontrou novamente no frio, com o gorro puxado para baixo para cobrir suas orelhas e com luvas calçadas, Patrik não sabia por onde começar. Deu alguns pulinhos para se aquecer e se dirigiu rapidamente para o carro.

Vera era uma mulher complicada, foi isso que ele depreendeu da conversa. Pertencia a uma geração completamente diferente, e de muitos modos tinha conflitos com os valores daquela geração. Durante a infância do filho, ela o tinha sustentado com o próprio trabalho, e mesmo após ele ter se tornado adulto, quando deveria cuidar de si mesmo, continuava a mantê-lo sob suas asas. Do seu modo, era uma mulher liberada que conseguiu viver sem um homem durante todos aqueles anos. Ao mesmo tempo, estava presa pelas regras que existiam para as mulheres, e obviamente para os homens também, de sua geração. Ele não podia evitar sentir uma certa admiração relutante em relação a ela. Vera era uma mulher forte. Uma mulher complexa, que tinha suportado mais do que qualquer pessoa deveria na vida.

Ele não sabia quais seriam – quando isso viesse à tona – as consequências de ela ter pretendido fazer o suicídio de Anders parecer um assassinato. Definitivamente teria que revelar aquela informação na delegacia, mas não fazia ideia do que aconteceria após isso. Se fosse ele quem tivesse que decidir, faria vista grossa, mas não tinha certeza. De um ponto de vista puramente legal, era possível acusá-la de impedir uma investigação, por exemplo, mas ele esperava, de coração, que isso não acontecesse. Gostava de Vera, isso era indiscutível. Ela era uma lutadora, e não havia muitas pessoas como ela.

Quando entrou no carro, viu seu celular e descobriu que havia uma mensagem. Era de Erica. Ela lhe dissera que três damas e um cavalheiro muito, mas muito pequeno, o estavam esperando para jantar hoje à noite. Patrik olhou para o relógio. Já eram cinco horas, então decidiu, sem muito debate interior, que provavelmente era muito tarde para ir à delegacia. E o que ele precisava fazer em casa? Antes de dar partida no carro, ligou para Annika e lhe deu um breve relatório do que ele tinha realizado, mas omitiu os detalhes, pois queria relatar toda a situação quando estivesse na frente de Mellberg. Ele queria, a todo custo, que a situação não fosse mal interpretada, e evitar que Mellberg mobilizasse uma enorme operação simplesmente para se satisfazer.

No caminho de volta para a casa de Erica, Patrik pensava continuamente no assassinato de Alex. Sentia-se frustrado por se deparar com outro beco sem saída. Dois assassinatos supunham o dobro de possibilidades de que o assassino tivesse cometido um erro. Agora ele tinha voltado ao início novamente, e pela primeira vez achou que nunca descobriria quem era o assassino de Alex. Aquilo o deixou estranhamente triste. De certo modo, tinha a sensação de que conhecia Alex melhor do que ninguém. O que descobrira sobre sua vida e sua infância após os abusos o emocionaram profundamente. Queria encontrar seu assassino mais do que havia desejado qualquer coisa em sua vida.

Mas tinha que aceitar a situação. Chegara agora a outro beco sem saída e não sabia para onde ir ou para onde olhar. Patrik fez um esforço consciente para deixar aquele assunto de lado por enquanto. Hoje ia ver Erica, sua irmã e especialmente as crianças, e isso era exatamente do que precisava naquela noite. Toda aquela tragédia o fazia sentir-se desgastado por dentro.

Mellberg tamborilava com os dedos sobre sua mesa, impaciente. Onde diabos tinha se metido aquele juvenzinho? Por

acaso ele achava que aquilo era uma creche? Que podia ir e vir a qualquer hora? Era sábado, claro, mas quem achava que podia tirar o dia de folga antes que o caso estivesse solucionado estava muito enganado. Mas logo Mellberg tiraria essa ideia da cabeça dele. Na sua delegacia, o que contavam eram as regras muito estritas e a disciplina rígida. Uma liderança indiscutível. Era a frase da moda, e se alguém tinha nascido com as qualidades de liderança, esse alguém era ele. Sua mãe sempre lhe dizia que ele seria grande. Embora tivesse que admitir que o momento ansiado tinha chegado um pouco mais tarde do que ele calculara, nunca duvidou de que suas excelentes qualificações compensariam, mais cedo ou mais tarde.

É por isso que era tão frustrante que eles ainda estivessem presos àquela investigação. Mellberg percebia que sua grande oportunidade estava muito próxima, e até podia senti-la. Mas se a sua infeliz equipe não começasse a produzir resultados logo, ele poderia desistir de qualquer chance de promoção e de se mudar para Gotemburgo. Preguiçosos – era isso que eles eram. Policiais rurais que não eram capazes de encontrar seu próprio traseiro, nem com as duas mãos e uma lanterna de bolso. Ele ainda tinha alguma esperança com o jovem Hedström, mas parecia que ele também o decepcionaria. Patrik ainda não tinha relatado os resultados de sua viagem a Gotemburgo, e isso provavelmente não seria nada mais que outra entrada no livro de gastos. Já eram 9h10 e ele ainda não tinha sinal de Patrik.

“Annika!”, ele gritou em direção à porta aberta e sentiu sua irritação crescer ainda mais quando ela levou um longo minuto para se predispor a responder à sua chamada.

“Pois não?”

“Você sabe alguma coisa sobre Hedström? Ainda está dormindo na sua cama quente ou o quê?”

“Acho que não. Ele me ligou e disse que teve problemas para ligar o carro hoje de manhã, mas que estava a caminho”, ela olhou para o relógio. “Ele deve chegar daqui a mais ou menos quinze minutos.”

“Mas que inferno! Não podia vir andando de sua casa?”

Annika hesitou e, para surpresa dele, esboçou um leve sorriso.

“Bem, creio que ele não estava em casa.”

“Onde diabos ele estava, então?”

“Isso você terá que perguntar a ele”, Annika disse, virando-se para voltar a sua sala.

Por alguma razão o fato de Patrik parecer ter uma boa desculpa para estar atrasado irritou Mellberg ainda mais. Ele não poderia pensar adiante e dar um tempo de tolerância a mais pela manhã, caso seu carro tivesse algum problema?

Quinze minutos depois, Patrik bateu discretamente na porta aberta e entrou. Ele parecia sem fôlego e estava com as bochechas vermelhas, além de parecer descaradamente feliz e alerta, muito embora tivesse deixado o chefe esperando por quase meia hora.

“Você está achando que isso é um emprego de meio período ou o quê? E onde diabos você estava ontem? Não faz dois dias que você foi para Gotemburgo?”

Patrik se sentou na cadeira de visitantes em frente à mesa e calmamente respondeu à enxurrada de perguntas de Mellberg.

“Desculpe por chegar atrasado. O carro não pegava hoje de manhã, e demorei mais de meia hora para fazê-lo andar. Sim, foi anteontem que fui a Gotemburgo, e gostaria de relatar sobre isso primeiro antes de falar sobre o que fiz ontem.”

Mellberg resmungou, aceitando com relutância. Patrik lhe disse o que tinha descoberto sobre a infância de Alex, e incluiu todos os detalhes mórbidos. Ao ouvir a notícia de que Julia era filha de Alex, Mellberg ficou boquiaberto. Nunca ouvira algo parecido.

Patrik continuou contando que acompanhara Karl-Erik à ida de emergência ao hospital e como conseguiu que analisassem o pedaço de papel que encontrara no apartamento de Anders. Explicou que se tratava de um bilhete de um suicida, e então lhe contou o que tinha feito no dia anterior e por quê. Patrik resumiu tudo isso para um Mellberg insolitamente mudo.

“Então, um dos nossos assassinatos na verdade é um suicídio, e quanto ao outro, ainda não fazemos ideia de quem o tenha cometido e por quê. Tenho impressão de que há uma relação com o que os pais de Alexandra me disseram, mas não tenho absolutamente nenhuma evidência ou fatos palpáveis para sustentar essa teoria. Bom, agora você sabe tudo o que sei. Tem alguma ideia de como proceder?”

Após outro instante de silêncio, Mellberg conseguiu se recompor novamente. “Olha, essa é uma história impressionante. Eu estava apostando mais no cara que saía com ela do que numa história de vinte e cinco anos atrás. Sugiro que você fale com o amante de Alex e que aperte bem as roscas desta vez. Creio que vai resultar numa exploração bem mais frutífera de nossos recursos.”

Assim que Patrik lhe dissera quem era o pai da criança, Mellberg colocou Dan no topo da lista dos suspeitos.

Patrik assentiu, um pouco condescendente demais aos olhos desconfiados de Mellberg, levantou-se e foi embora.

“Eh, humm, bom trabalho, Hedström”, Mellberg disse, com relutância.

“Claro, chefe, pode considerar como feito.”

Será que ele percebera um vestígio sarcástico ali? Mas Patrik olhou para ele com uma expressão inocente e Mellberg ignorou a desconfiança. O garoto tinha juízo suficiente para reconhecer a voz da experiência quando a ouvia.

O objetivo do bocejo era conseguir mais oxigênio para o cérebro. Patrik estava duvidando muito de que isso lhe estivesse fazendo algum bem. O cansaço da noite que ele passara em casa, se remexendo, lhe sobreveio, e ficou decidido por meio de votação majoritária dormir na casa de Erica. Exausto, ele olhou para as pilhas de papéis, já bem conhecidas, sobre sua mesa e teve que controlar o impulso de pegar todos aqueles documentos e jogá-los na cesta de lixo. Sinceramente, estava farto de toda aquela investigação àquela altura. Tinha a sensação de que meses tinham se passado, quando somente se passaram quatro semanas, nada mais do que isso. Tanta coisa acontecera, mas mesmo assim ele não avançara nada. Annika passou por sua sala e o viu coçando os olhos. Ela voltou com uma xícara de café, de que estava precisando muito, e a colocou na sua frente.

“Atolado de trabalho?”

“Sim, tenho que admitir que é difícil. Mas tudo que necessito fazer é começar do começo. Em algum lugar desta pilha de papéis está a resposta, eu sei. A única coisa de que preciso é uma pequena pista que deixei passar por alto”, ele jogou o lápis em cima da pilha num gesto de resignação.

“Nada mais?”

“O quê?”

“Digo, como vai a vida, além do trabalho? Você sabe o que quero dizer.”

“Sim, Annika, sei exatamente o que você quer dizer. Mas diga assim mesmo.”

“Ainda é bingo?”

Patrik não tinha certeza do que ela realmente queria saber, mas achou melhor se certificar: “Bingo?”

“Sim, sabe, cinco seguidos...”, então ela foi embora, fechando a porta com um sorriso malicioso nos lábios.

Patrik riu para si. Sim, podia se chamar assim, bingo.

Ele se esforçou para concentrar seu pensamento na tarefa que tinha diante de si e coçou a cabeça com o lápis, pensativo. Havia algo que não se encaixava. Algo que Vera disse simplesmente parecia não estar certo. Ele tirou o bloco no qual fazia anotações durante a conversa e revisou, metodicamente, palavra por palavra. Uma ideia lentamente estava se formando. Era somente um detalhe pequeno, mas poderia ser importante. Ele tirou uma folha de papel de uma das pilhas que estava sobre sua mesa. A impressão de caos era enganadora. Ele sabia precisamente onde tudo se encontrava.

Patrik leu o documento com extrema atenção e cuidado, e então pegou o telefone.

“Alô, aqui é Patrik Hedström, da delegacia de Tanumshede. Gostaria de saber se você vai estar em casa, porque tenho algumas perguntas a fazer. Vai estar? Ótimo, então estarei aí dentro de vinte minutos. Onde exatamente você mora? Bem na entrada de Fjällbacka. Viro à direita assim que passar o morro íngreme, é a terceira casa à esquerda. Uma casa vermelha com janelas pintadas de branco? Está bem, acho que não vai ser difícil achá-la. Caso contrário, ligo novamente. Até mais.”

Em menos de vinte minutos, Patrik estava do lado de fora da porta. Não teve dificuldade em achar a casinha, onde supunha que Eilert morava fazia anos com sua família. Quando bateu à porta, uma mulher de expressão amarga a abriu quase imediatamente. Ela se apresentou expansivamente como sendo Svea Berg, a esposa de Eilert, e o conduziu a uma sala de estar pequena. Patrik pôde perceber que sua ligação tinha desencadeado uma atividade febril. A porcelana fina estava sobre a mesa de jantar e sete tipos de doce estavam empilhados numa bandeja alta de três camadas. Ao terminar, esse caso ainda lhe renderia alguns pneuzinhos. Patrik deu um suspiro.

Da mesma forma instintiva que não fora com a cara de Svea Berg, ele instantaneamente gostou do jeito do seu marido, que o recebeu com um par de olhos claros e animados e um aperto de mãos firme. Ele podia sentir os calos na mão de Eilert, e deduziu que tinha trabalhado duro a vida toda.

A capa do sofá estava enrugada quando Eilert se levantou, e, com a testa franzida, Svea foi arrumá-la, não sem antes lançar um olhar de repreensão para seu marido. A casa inteira estava tinindo de limpa e organizada, de tal maneira que era difícil acreditar que havia gente morando lá. Patrik sentiu pena de Eilert, que parecia perdido em sua própria casa.

O efeito foi quase cômico quando Svea finalmente alternou entre um sorriso solícito, quando estava olhando para Patrik, e uma careta de repreensão, quando virava para seu marido. O policial se perguntou o que é que Eilert teria feito para causar tanta irritação, mas suspeitou que sua simples presença já era uma fonte de desgosto para Svea.

“Bem, agente, sente-se e tome um pouco de café com bolo.”

Patrik obedientemente se sentou numa cadeira que dava para a janela, e Eilert foi se sentar na cadeira em frente à dele.

“Aí não, Eilert, você sabe disso. Sente-se lá.”

Como uma ditadora, ela apontou para a cadeira que estava no extremo da mesa, e Eilert a obedeceu educadamente. Patrik olhava ao seu redor enquanto ela ia para lá e para cá como uma alma perdida, simultaneamente servindo café e alisando as rugas da toalha da mesa e da cortina. A casa tinha aparentemente sido decorada por alguém que lhe havia dado a aparência de uma prosperidade que não existia. Tudo era uma cópia malfeita da coisa genuína, desde as cortinas, que deviam parecer de seda, com muitos babados e rosetas, num desenho “progressivo”, à abundância de bugigangas de prata e de imitação de ouro. Eilert parecia um peixe fora d’água com toda aquela pompa simulada.

Para a frustração de Patrik, demorou algum tempo para poder abordar o assunto que o tinha levado ali. Svea falava incessantemente, quando não bebia ruidosamente o seu café.

“Veja bem, estas xícaras, foi minha irmã que me mandou dos Estados Unidos. Ela se casou com um homem rico lá e sempre me manda presentes finos assim. Este conjunto é bem caro.”

Ela ergueu a xícara elegantemente decorada com grande ostentação. Patrik estava cético quanto ao valor da xícara, mas sabiamente resolveu não comentar nada.

“Sim, eu também teria ido para a América, se não estivesse sempre com a saúde tão frágil. Não fosse por isso, provavelmente teria me casado com um homem rico de lá também, em vez de viver nesta cova por cinquenta anos.”

Svea lançou um olhar de reprovação para Eilert, que ele deixou passar tranquilamente. Era provavelmente algo que já tinha ouvido muitas vezes antes.

“É gota, o agente tem que saber. Minhas juntas estão todas gastas, e tenho dores desde a manhã até a noite. Por sorte, não sou do tipo que reclama. Com minhas horríveis enxaquecas também, haveria muito para eu me queixar, mas não é do meu feitio, entende? Não, devemos suportar os sofrimentos com serenidade, como dizem por aí. Eu não sei quantas vezes já ouvi: ‘Como você é forte, Svea, suportando dia após dia essa doença!’. Mas eu sou assim.”

Ela modestamente abaixou as pálpebras, ao mesmo tempo em que retorcia as mãos que, aos olhos do leigo Patrik, não estavam nem um pouco afetadas pela gota. ‘Que mulherzinha astuta!’, ele pensou. Enfeitada demais com joias baratas e uma grossa camada de maquiagem, a única coisa positiva que poderia dizer a respeito de sua aparência era que pelo menos combinava com a decoração da casa. Como raios um casal tão diferente como Svea e Eilert poderia ter ficado casado por cinquenta anos? Ele achou que isso

era uma questão de cultura. Na geração deles, as pessoas se divorciavam somente por razões muito piores do que diferenças mútuas. Mas era uma pena. Eilert não deve ter se divertido muito na vida.

Patrik pigarreou para interromper a torrente de palavras de Svea. Ela obedientemente ficou em silêncio, e seus olhos se fixaram na boca de Patrik para ouvir que notícias excitantes ele estava prestes a divulgar. A cadeia de fofoca ia se espalhar assim que ele pusesse os pés para fora da porta.

“Bem, tenho algumas perguntas sobre os dias antes de você encontrar o corpo de Alexandra Wijkner. Quando estava lá, cuidando da casa.”

Ele parou e olhou para Eilert, esperando ouvir o que ele diria. Mas Svea tomou a palavra primeiro.

“Ora, ora, é o que eu digo. Que algo assim aconteceria aqui. E que o meu Eilert descobriria o corpo. Ninguém falou sobre mais nada nessas últimas semanas.”

Suas bochechas brilhavam de entusiasmo, e Patrik teve de se conter para não responder com um comentário mordaz. Em vez disso, sorriu pacientemente e lhe disse: “Desculpe-me, mas gostaria de conversar somente com seu marido, sem ser interrompido, por um instante. É norma da polícia que somente tomemos o depoimento sem a presença de pessoas que não estejam diretamente ligadas.”

Pura mentira, mas ele viu, para sua satisfação, que Svea, apesar de muito irritada por ser excluída do centro de toda excitação, aceitou a autoridade de Patrick e se levantou da mesa com relutância. Patrik foi recompensado com um olhar interessado e de gratidão de Eilert, que mal podia esconder sua alegria ao ver Svea ser privada tão descaradamente de suas fofocas.

Quando ela saiu da cozinha contra sua vontade, Patrik continuou: “Onde estávamos mesmo? Sim, você ia começar a me

contar sobre o que ocorreu uma semana antes de você ir à casa de Alexandra Wijkner.”

“Por que isso é importante?”

“Bom, ainda não posso dizer com certeza. Mas pode, sim, ser importante. Por isso, tente se lembrar do máximo de detalhes possível.”

Eilert pensou por um instante, usando o tempo para encher seu cachimbo cuidadosamente com tabaco que tirava de um pacote em que havia o desenho de três âncoras. Ele não falou nada até acender o cachimbo e baforar algumas vezes.

“Agora, vejamos. Eu a encontrei numa sexta-feira. Eu sempre ia lá nas sextas-feiras para verificar se tudo estava em ordem antes de ela chegar, à noite. Então, a última vez em que estive lá antes de sua morte foi na sexta-feira anterior. Não, na verdade, tivemos que ir à festa de aniversário de quarenta anos do nosso filho caçula, por isso fui na noite de quinta-feira.”

“E como estava a casa? Você notou algo incomum?”, Patrik teve dificuldade de esconder sua ansiedade. “Nada de anormal?”

Eilert fumava lentamente seu cachimbo enquanto tentava se lembrar.

“Não, tudo estava em ordem. Dei uma volta pela casa toda e pelo porão, mas tudo parecia estar em ordem. Tranquei a casa direitinho quando saí, como sempre. Ela tinha feito uma cópia da chave para mim.”

Patrik sentiu-se obrigado a fazer a pergunta que estava lhe corroendo o interior. “E a fonalha? Estava acesa? A casa estava aquecida?”

“Ah, sim, certamente. Não havia nada de errado com a fonalha naquele dia. Ela deve ter sido apagada depois de eu ter ido lá. Não entendo que importância isso tem. Quando a fonalha apagou?”, Eilert tirou temporariamente o cachimbo de sua boca.

“Para ser muito sincero, não sei se é importante. Mas lhe agradeço pela ajuda. Pode ser crucial para a investigação.”

“Só por curiosidade, por que é que você não podia ter me perguntado isso por telefone?”

Patrik sorriu. “Suponho que seja um tanto antiquado. Parece que não obtenho tanto de uma pessoa por telefone quanto pessoalmente. Às vezes, me pergunto se teria sido melhor se tivesse nascido há cem anos, antes de todas essas invenções modernas.”

“Bobagem, garoto. Não acredite em toda essa besteira de que as coisas eram melhores antigamente. Passar frio, ser pobre e trabalhar das oito até o anoitecer não é algo para se invejar. Não, eu uso todas as conveniências modernas que posso. Tenho até um computador conectado à internet. Aposto que não acreditaria que um velho como eu tivesse isso”, ele disse, apontando com o cachimbo para Patrik.

“Na verdade, não posso dizer que estou surpreso. Enfim, tenho que ir agora.”

“Espero que eu tenha ajudado e que você não tenha vindo até aqui por nada.”

“De maneira alguma. Obtive todas as informações que queria. E tive a oportunidade de provar todos os deliciosos doces que sua esposa fez.”

Eilert bufou: “Sim, ela certamente sabe cozinhar, isso eu posso dizer dela”, e, então, ficou num silêncio que parecia conter cinquenta anos de privações.

Svea, que sem dúvida estava escutando tudo por trás da porta, não pôde mais se conter e entrou na sala.

“Então, você conseguiu tudo que queria saber?”

“Sim, obrigado. Seu marido cooperou bastante. E também gostaria de agradecê-la pelo café e pelos doces, estavam ótimos.”

“Não há de quê. Fico contente que tenha gostado. Então, Eilert, comece a limpar a mesa enquanto acompanho o agente até a porta.”

Obedientemente, Eilert começou a recolher as xícaras de café e os pratos enquanto Svea acompanhava Patrik até a porta sob um fluxo constante de palavras.

“Feche bem a porta depois de sair. Não suporto correntes de vento, sabe?”

Patrik soltou um suspiro de alívio quando a porta se fechou atrás de si. Que mulher medonha. Mas ele obteve a confirmação de que precisava. Agora tinha bastante certeza de quem era o assassino de Alex Wijkner.

No enterro de Anders, o tempo não estava tão bonito quanto no de Alex. O vento castigava as pessoas e fazia suas bochechas ficarem avermelhadas. Patrik tinha se agasalhado bem, mesmo assim não fora o suficiente para lutar contra o frio implacável. Ele estava tremendo diante da cova aberta, para onde o caixão era baixado lentamente. A própria cerimônia foi curta e lúgubre. Somente algumas pessoas foram à igreja, e Patrik ficou sentado de modo discreto, num banco lá no fundo. Somente Vera estava sentada à frente.

Ele nem tinha certeza de que deveria ir ao enterro, mas decidiu no último momento que isso seria o mínimo que poderia fazer por Anders. A expressão de Vera era a mesma, sempre que Patrik olhava para ela, mas não achou por isso que sua dor fosse menos intensa. Ela simplesmente era uma pessoa que não gostava de mostrar seus sentimentos em público.

Patrik podia entender e simpatizava-se com isso. De certa forma, ele a admirava. Ela era uma mulher muito forte.

Após terminar a cerimônia do enterro, os poucos convidados presentes seguiram, cada um, seu caminho. Com a cabeça baixa,

Vera lentamente subiu o caminho de pedras em direção à igreja. O vento frio estava castigando, e ela enrolou seu cachecol como um lenço sobre sua cabeça. Patrik vacilou por um instante. Após uma luta interior que crescia à medida que a distância entre ele e Vera aumentava, ele por fim se decidiu e correu para alcançá-la.

“Que cerimônia bonita.”

Ela deu um sorriso amargo. “Você sabe tão bem quanto eu que o enterro de Anders foi tão patético quanto a maior parte de sua vida. Mas, obrigada. Foi gentil de sua parte dizer isso.”

A voz de Vera trazia a marca de anos de cansaço. “Talvez eu devesse estar agradecida. Não muito tempo atrás, ele nem poderia ter sido enterrado num cemitério público da igreja. Teriam lhe concedido um espaço ao lado do campo santo, um pedaço de terra reservado especialmente para os suicidas. Muitos dos mais velhos acham que os suicidas não vão para o céu.”

Ela ficou em silêncio por um instante. Patrik deixou que ela continuasse.

“Haverá consequências legais do que fiz para encobrir o suicídio de Anders?”

“Não, posso lhe garantir que não haverá. Foi lamentável o que a senhora fez, e certamente há leis contra isso, mas não, não acho que haverá consequências desse ato.”

Eles passaram pela paróquia e caminharam lentamente em direção à casa de Vera, que ficava somente a uns duzentos metros da igreja. Patrik ficara preocupado a noite inteira pensando em como deveria proceder, e chegou a uma conclusão cruel, mas que esperava desse um bom resultado.

De modo negligente, ele disse: “A coisa mais trágica que acho que existe nesta história da morte de Anders e de Alex é que uma criança também teve que morrer.”

Vera se virou impetuosamente para ele. Ela parou e segurou na manga de sua camisa.

“Que criança? Do que você está falando?”

Patrik ficou contente que, apesar de toda a probabilidade contra, uma tampa tivesse sido conservada sobre essa informação.

“O filho de Alexandra. Ela estava grávida quando foi assassinada. No terceiro mês.”

“Seu marido...”

Vera gaguejou, mas Patrik continuou com uma frieza forçada. “Seu marido não tinha nada a ver com isso. Eles claramente não tinham relação nenhuma, fazia anos. Não, parece que o pai é alguém com quem ela se encontrava aqui em Fjällbacka.”

Vera estava segurando tão forte a manga da camisa dele que os nós de seus dedos ficaram brancos.

“Meu bom Deus, meu bom Deus.”

“Sim, certamente é muito cruel. Matar um bebê que ainda não nasceu. De acordo com o relatório da autópsia, parece que era um menino.”

Ele estava se repreendendo por dentro, por sua frieza, mas obrigou-se a não dizer mais nada por enquanto. Em vez disso, esperava que ela tivesse a reação desejada.

Eles estavam debaixo de uma enorme castanheira, a cinquenta metros da casa de Vera. Quando, de repente, a mulher começou a se mexer, ele foi pego desprevenido. Ela corria surpreendentemente bem para sua idade, e levou alguns segundos para Patrik se recuperar do susto e correr atrás dela. Quando chegou à sua casa, a porta estava escancarada e ele entrou, com cautela. Patrick ouviu soluços vindo do banheiro e, ao cabo de alguns instantes, ele a ouviu vomitando.

Ele não achava certo ficar parado lá no corredor e esperar com o chapéu na mão, ouvindo-a vomitar, por isso tirou seus sapatos

molhados, pendurou seu casaco e foi para a cozinha. Quando Vera chegou, alguns minutos depois, a água estava fervendo na cafeteira, e havia duas xícaras sobre a mesa. Ela estava pálida e, pela primeira vez, ele viu lágrimas no seu rosto. Somente uma lembrança, como um brilho no canto dos seus olhos, mas já era o suficiente. Vera se sentou, muito tensa, em uma das cadeiras.

Em alguns minutos ela tinha envelhecido muitos anos, e se mexia de modo vagaroso, como uma mulher muito mais velha do que era. Patrik lhe concedeu alguns minutos a mais para se acalmar enquanto servia café para eles dois. Mas no momento em que Vera se sentou, ele lhe lançou um aviso, com um olhar imperioso, de que a hora da verdade tinha chegado. Ela sabia que ele sabia, e que não havia mais volta.

“Então eu matei meu neto?”

Patrik interpretou isso como uma pergunta retórica, e não se incomodou em responder. Se o fizesse, se veria obrigado a mentir. Ele tinha vindo de tão longe, e não podia mais retroceder. Com o tempo, ela descobriria a verdade. Mas, primeiro, era a sua vez.

“Eu soube que foi você quem matou Alex quando mentiu ao dizer que esteve lá uma semana antes de ela morrer. Você disse que ficou na sua casa gelada, mas a fornalha só quebrou uma semana depois de sua morte, na semana em que ela morreu.”

Vera estava olhando para o vazio, e parecia que nem mesmo tinha ouvido o que Patrik dissera.

“É estranho. Somente agora percebo que tirei a vida de uma pessoa. A morte de Alexandra nunca pareceu muito real para mim, mas o filho de Anders... Eu quase posso enxergá-lo diante de mim...”

“Por que Alex tinha que morrer?”

Vera levantou uma mão para detê-lo. Ela lhe diria tudo, mas no seu próprio ritmo.

“Teria havido um escândalo. Todos iam apontar e falar dele. Fiz o que achei que era a coisa certa. Não achei que, mesmo assim, ele fosse ser motivo de escárnio. Que meu silêncio o corroeria por dentro e destruiria tudo que tinha valor em sua vida. Era tão simples. Karl-Erik veio a mim e me disse o que tinha acontecido. Ele tinha falado com Nelly antes de vir, e eles entraram num acordo. Não traria nenhum benefício se a cidade toda soubesse. Seria o nosso segredo, e se eu quisesse o melhor para Anders, ficaria de bico fechado. Por isso, eu me calei. Permaneci calada por todos esses anos. E a cada ano que passava, Anders se afundava mais. A cada ano ele ia definhando em seu inferno particular, e optei por não ver minha parte da culpa. Eu limpava o que ele sujava e o sustentava da melhor maneira que podia, mas a única coisa que não podia era desfazer o que tinha acontecido. O dano do silêncio não pôde ser reparado.”

Ela tomou o café em vários grandes goles e ergueu sua xícara em direção a Patrik. Ele se levantou e pegou o bule, vertendo mais café na xícara dela. Parecia que era o hábito de tomar café que a fazia se apegar à realidade.

“Às vezes, acho que o silêncio foi pior do que os estupros. Nunca falamos disso, nem mesmo dentro destas quatro paredes, e somente agora consigo enxergar as consequências causadas por esse silêncio. Talvez ele tenha interpretado meu silêncio como uma repreensão. Essa é a única coisa que não aguento. Que ele possa ter pensado que eu o estivesse culpando pelo que aconteceu. Nunca pensei nisso, nem mesmo por um segundo, mas nunca saberei se ele pensava isso ou não.”

Por um instante, Patrick teve a impressão de que a fachada se quebraria, mas então Vera se endireitou e continuou. E ele somente podia acompanhar, imaginando.

“Ao longo dos anos, encontramos uma espécie de equilíbrio. Muito embora a vida fosse triste para nós dois, sabíamos quem

tínhamos e com quem contávamos. Obviamente, eu sabia que ele ainda se encontrava com Alex, às vezes, e que eles tinham um tipo de atração estranha um pelo outro, mas ainda acreditava que podíamos continuar como sempre. Então Anders me disse que Alex queria revelar o que tinha acontecido com eles. Ela queria revelar tudo o que levava guardado no coração, creio que foi isso o que ele disse. Anders tinha um tom quase indiferente ao dizer isso, mas senti aquilo como um choque elétrico. Isso mudaria tudo. Nada seria o mesmo se Alex revelasse os segredos após tantos anos. Que benefício traria? E o que as pessoas diriam? Além disso, mesmo que Anders fingisse que isso não o tinha afetado, eu o conhecia bem. Acredito que ele não queria que ela revelasse, assim como eu. Eu conheço, conhecia o meu filho.”

“Então você foi visitá-la.”

“Sim. Fui visitá-la naquela noite de sexta-feira na esperança de lhe passar um pouco de juízo. Tentar fazê-la entender que não podia fazer sozinha algo que afetaria a todos nós.”

“Mas ela não entendeu.”

Vera deu um sorriso amargo. “Não, não entendeu.”

Ela tinha terminado sua segunda xícara de café antes que Patrik tivesse terminado a metade de sua primeira; Vera colocou a xícara de lado e entrelaçou os dedos sobre a mesa.

“Supliquei para que ela não fizesse isso. Expliquei quão difícil seria para Anders se ela revelasse o que tinha acontecido, mas ela olhou no fundo dos meus olhos e afirmou que eu estava somente pensando em mim mesma, e não em Anders. Ele ficaria feliz se isso se tornasse público, ela disse. Ele nunca nos pediu para mantermos silêncio, e ela também me disse que eu, Nelly, Karl-Erik, Birgit não pensamos neles quando decidimos manter o assunto em segredo. Somente estávamos interessados em manter nossa própria reputação imaculada. Você acredita na audácia dela?”

O ódio que apareceu no olhar de Vera por um instante se apagou com a mesma rapidez com que surgiu, substituído por um olhar morto e indiferente. Ela continuou, monótona:

“Algo se arrebentou dentro de mim quando ouvi uma afirmação tão ultrajante como aquela. Quando eu tinha feito tudo pelo bem de Anders. Parece até que ouvi um clique na minha cabeça, e simplesmente agi sem pensar. Estava com as minhas pílulas para dormir na bolsa e, quando ela foi para a cozinha, despedacei algumas no copo de cidra dela. Ela tinha me dado um copo com vinho quando cheguei. Quando Alexandra voltou da cozinha fingi ter aceitado o que ela tinha dito e ofereci fazer um brinde como amigas antes de ir embora. Ela pareceu gostar da ideia e bebeu sua cidra para me acompanhar. Após alguns instantes, ela adormeceu no sofá. Eu realmente não tinha planejado o que ia fazer depois disso. As pílulas para dormir foram algo em que pensei como um impulso, naquele momento, mas então tive a ideia de fazer aquilo parecer um suicídio. Eu não tinha pílulas para dormir o suficiente para lhe administrar uma dose fatal. A única coisa em que pude pensar foi cortar os seus pulsos. Eu sei que muitas pessoas fazem isso na banheira, então essa parecia uma ideia factível.”

Sua voz não era monocórdia. Parecia que ela estava relatando um incidente completamente corriqueiro, e não um assassinato.

“Tirei todas as suas roupas. Achei que possivelmente conseguiria carregá-la, já que meus braços ficaram fortes por tantos anos de faxina, mas não foi possível. Em vez disso, tive de arrastá-la para o banheiro, e enfiá-la como pude dentro da banheira. Então cortei as veias de seus dois braços com uma lâmina que encontrei no armário da pia. Após ter limpado a casa uma vez por semana, por vários anos, eu conhecia tudo nela. Lavei o copo no qual bebi, desliguei as luzes, tranquei a porta e pus a chave reserva em seu lugar.”

Patrik estava chocado, mas esforçou-se para que sua voz permanecesse calma.

“Você sabe que terá que me acompanhar agora, não? Não terei que chamar reforço, ou terei?”

“Não, você não precisa fazer isso. Posso somente juntar algumas coisas para levar comigo?”

Ele acenou com a cabeça. “Sim, não há problema.”

Ela se levantou. Quando chegou à porta, ela se virou.

“Como é que eu ia saber que ela estava grávida? É claro, ela não bebeu vinho, eu pensei nisso, não, eu não fazia ideia do porquê. Talvez ela somente bebesse álcool com moderação, ou tivesse que dirigir para algum lugar. Como eu ia saber? Era impossível saber, você não acha?”

Sua voz agora tinha um tom suplicante, e Patrik somente podia acenar com a cabeça, em silêncio. Com o tempo, ele diria que a criança não era de Anders, mas por enquanto não queria abalar aquela confiança que tinha sido construída. Havia mais várias pessoas para as quais ela teria de contar essa história antes que eles pudessem fechar o caso de Alexandra Wijkner para sempre. Mas algo o importunava. Sua intuição lhe dizia que Vera não tinha contado toda a história.

Mais tarde, quando entrou no carro, ele pegou a cópia da última carta que Anders tinha escrito. Lentamente ele a leu, e novamente sentiu a dor que havia por trás daquelas palavras.

Capítulo 6



A ironia da vida muitas vezes chamou minha atenção. Como tenho a habilidade de criar a beleza com meus dedos e olhos, ao passo que em tudo mais somente posso criar feiura e destruição? É por isso que a última coisa que vou fazer é destruir minhas pinturas para conseguir algum tipo de consistência em minha vida. É melhor ser consistente e somente deixar merda para trás a parecer ser uma pessoa mais complexa do que mereço ser.

Na verdade, sou muito simples. A única coisa que sempre quis fazer é apagar alguns meses e acontecimentos de minha vida. Não acho que isso seria pedir demais. Mas talvez eu tenha merecido o que obtive da vida. Talvez eu tenha feito algo terrível numa vida anterior que me fez pagar o preço na atual. Não que isso faça alguma diferença. Mas, se for assim, seria bom saber o que é que estou pagando.

Por que é que estou escolhendo este momento para deixar uma vida que foi tão sem sentido por tanto tempo?, você deve estar se perguntando. Sim, pode perguntar. Por que alguém faz algo num certo momento? Será que amei tanto Alex que a vida perdeu todo e qualquer sentido? Esta é provavelmente uma das explicações às quais você vai recorrer. Na verdade, não sei se isso é totalmente verdade. A morte é uma amiga com a qual convivi por tanto tempo, mas somente agora é que me sinto preparado. Talvez tenha sido precisamente o fato de Alex ter morrido que tornou a minha própria liberdade possível. Ela sempre

foi a inalcançável. Era impossível fazer o menor arranhão na sua concha. O fato de que ela pudesse morrer de repente escancarou a possibilidade de que eu poderia ir pelo mesmo caminho. Faz tempo que fiz minhas malas e que estou pronto, e tudo que me resta é ir a bordo.

Perdoe-me, mamãe.

Anders.

* * *

Ele nunca conseguiu se livrar do hábito de acordar cedo, ou de madrugar, como alguns dizem. Foi algo que este caso deixou de útil. Svea não reagia quando ele acordava às quatro da manhã, mas por segurança descia furtivamente as escadas com suas roupas nas mãos. Eilert se vestiu silenciosamente na sala de estar e então pegou sua mala, que cuidadosamente tinha escondido bem no fundo da despensa. Ele planejara isso por meses, e nada tinha sido deixado para a sorte. Hoje era o primeiro dia do resto da sua vida.

O carro pegou logo na primeira tentativa, apesar do frio, e às quatro e vinte da manhã ele deixou a casa onde tinha vivido nos últimos cinquenta anos. Atravessou uma adormecida Fjällbacka e não pisou fundo no acelerador antes de chegar ao velho moinho e virar em direção a Dingle. Eram quase duzentos quilômetros que separavam Gotemburgo e o aeroporto de Landvetter, por isso ele podia ir com calma. O avião para a Espanha somente sairia por volta das oito horas.

Ele finalmente ia viver sua vida do jeito que queria vivê-la.

Tinha planejado isso há muito tempo, há muitos anos. As dores e os sofrimentos pioravam a cada ano que passava, bem como a frustração de sua vida com Svea. Eilert achou que merecia algo melhor. Na internet, tinha achado uma pequena pensão numa cidadezinha na Costa del Sol. Ficava um pouco longe das praias e da área turística, por isso o preço era razoável. Enviara *e-mails* e

verificara se poderia morar lá o ano todo se quisesse. Na verdade, a proprietária até lhe daria um preço melhor se ele fechasse um contrato. Tinha levado um bom tempo para economizar dinheiro sob os olhos vigilantes de Svea, que observava tudo que ele fazia, mas por fim havia conseguido. Calculava que poderia se sustentar por cerca de dois anos com suas economias atuais se vivesse frugalmente, e depois disso simplesmente teria que encontrar uma saída. Nesse momento, nada podia refrear seu entusiasmo.

Pela primeira vez em cinquenta anos, sentia-se livre, e até se viu pisando um pouco mais no acelerador do seu velho Volvo por pura alegria. Teria que deixar o carro no estacionamento durante um longo período. Svea logo ia descobrir onde ele estava. Não que isso importasse. Ela nunca tirou a carteira de motorista, mas usava Eilert como motorista particular sem salário quando quer que precisasse ir de carro para algum lugar. A única coisa que pesava um pouco na sua consciência eram as crianças. Por outro lado, eles eram mais filhos de Svea do que dele e, para sua tristeza, eles tinham se tornado tão mesquinhos e de mente fechada quanto a mãe. Sem dúvida, Eilert tinha uma parcela de culpa, visto que trabalhava longas horas e então achava toda sorte de desculpas para ficar longe de casa o máximo que podia. Mas ainda assim tinha decidido mandar-lhes um cartão-postal de Landvetter para lhes explicar que tinha partido por vontade própria, e que eles não precisavam se preocupar. Tampouco queria que pusessem em marcha uma investigação policial para encontrá-lo.

As estradas estavam vazias enquanto ele dirigia no escuro, e ele nem mesmo ligou o rádio. Em vez disso, só queria desfrutar do silêncio.

“Eu só estou achando difícil entender isso. Não posso acreditar que Vera mataria Alex para que ela não falasse dos abusos

cometidos contra ela e Anders que aconteceram há mais de vinte e cinco anos.”

Erica balançava seu cálice de vinho, pensativa.

“Você nunca deveria subestimar a necessidade de não se destacar numa cidade tão pequena como esta”, Patrik disse. “Se a velha história sobre os abusos viesse à tona, as pessoas teriam uma nova razão para apontar o dedo. Por outro lado, não acredito quando Vera diz que fez isso por causa de Anders. Talvez ela tenha razão em dizer que Anders não queria que alguém soubesse o que acontecera com eles. Mas acho que era mais ela que não suportava a ideia de que as pessoas iam falar por trás de suas costas. Especialmente se fosse descoberto que Anders não somente foi vítima de abuso sexual quando criança, mas que sua mãe não fez nada a respeito; na verdade, ela ajudou a encobrir toda a história. Eu acho que era a vergonha que ela não podia aguentar. Vera matou Alex no calor do momento, quando percebeu que Alex estava decidida. Ela teve um impulso, que levou a cabo de um modo metódico e frio.”

“Como ela está reagindo agora que foi descoberta?”

“Está surpreendentemente calma. Acho que ficou imensamente aliviada quando lhe dissemos que Anders não era o pai da criança, ou seja, que ela não tinha matado seu neto. Agora parece que não está se importando com o que vai lhe acontecer. E por que deveria? Seu filho está morto, ela não tem nenhum amigo, nenhuma vida. Tudo foi descoberto, e ela não tem nada mais a perder. Somente sua liberdade, mas isso não significa muito para ela agora, ou pelo menos assim parece.”

Eles estavam no apartamento de Patrik tomando uma garrafa de vinho juntos após terem jantado. Erica desfrutava de paz e tranquilidade. Ela adorava quando Anna e as crianças ficavam na sua casa, mas às vezes era demais, e aquele tinha sido um dia assim. Patrik ficou preso ao interrogatório o dia todo, mas, quando

terminou, foi buscá-la, juntamente com sua mala. Agora eles estavam sentados, encolhidos no sofá, como um casal de idosos trabalhadores.

Erica fechou os olhos. O momento era maravilhoso e assustador ao mesmo tempo. Tudo estava tão perfeito, mas não podia deixar de pensar que, justamente por isso, o que estava por vir só podia piorar. Não queria nem pensar no que aconteceria se ela voltasse para Estocolmo. Ela e Anna tinham evitado o assunto da casa por vários dias; como se por consentimento tácito, haviam decidido não lidar com aquilo por enquanto. E Erica acreditava que Anna não estava em condições de tomar nenhuma grande decisão, por isso teria que deixar o assunto para mais adiante.

Mas, naquela noite, ela não queria pensar no futuro. Era melhor não pensar mesmo no amanhã e tentar aproveitar o momento o máximo que podia. Afastou todos os pensamentos negativos.

“Eu falei com os editores hoje”, ela disse a Patrik. “Mencionei o livro sobre Alex.”

“Então, o que eles disseram?” O olhar ansioso de Patrik a agradou.

“Eles acharam que a ideia era brilhante e quiseram que eu mandasse o material que eu tinha sem demora. Ainda tenho que terminar de escrever o livro sobre Selma Lagerlöf, mas eles me deram mais um mês, então agora prometi terminar a biografia até setembro. Na verdade, acho que posso conseguir trabalhar com os dois ao mesmo tempo. Tem ido muito bem até agora.”

“O que seus editores disseram a respeito do aspecto legal? Você acha que há o risco de ser processada pela família de Alex?”

“A lei de liberdade de imprensa é bem clara. Tenho o direito de escrever sobre ela, mesmo sem a aprovação deles. Mas é claro que espero que apoiem depois de eu ter uma oportunidade de lhes explicar o projeto e o que pretendo com o livro. Realmente não

quero escrever uma história sensacionalista e sem nenhuma substância. Quero escrever sobre o que realmente aconteceu e quem era na verdade Alex.”

“E quanto ao mercado? Eles acham que haverá interesse por esse tipo de livro?”

Os olhos de Patrik estavam brilhando. Erica ficou feliz por estar tão entusiasmado por ela. Ele sabia quanto esse livro significava para ela e queria compartilhar seu interesse.

“Tanto eles como eu achamos que há interesse. Nos Estados Unidos, a demanda por livros de ‘crimes reais’ é enorme. A autora mais famosa desse gênero, Ann Rule, vende milhões de exemplares. Aqui na Suécia, é um fenômeno bastante novo. Há alguns livros seguindo essa linha, como um que foi escrito alguns anos atrás sobre o caso do médico e do patologista, mas nada ainda que fosse puramente ‘crime real’. Assim como Ann Rule, eu queria dar bastante importância à investigação. Verificar os fatos, entrevistar os envolvidos, para então escrever um livro que seja o mais verossímil possível ao que de fato aconteceu.”

“Você acha que a família de Alex vai aceitar ser entrevistada?”

“Não sei”, Erica enrolou uma mecha de cabelo em volta do seu dedo. “Realmente, não sei. Mas vou perguntar, e se não quiserem participar, terei que desistir da visão deles. Tenho uma vantagem enorme porque já sei bastante sobre a família. Devo dizer que estou um pouco incerta quanto a lhes perguntar, mas terei de lidar com isso. Se esse livro vender bem, não teria nada contra continuar a escrever sobre casos interessantes, e então eu teria que me acostumar a perturbar familiares e tal. Isso é inevitável. Também acho que as pessoas têm necessidade de falar, de contar sua história. Tanto do ponto de vista da vítima quanto do criminoso.”

“Em outras palavras, você vai tentar falar com Vera também.”

“Sim, claro. Não faço nem ideia se ela vai aceitar, mas pretendo tentar de qualquer maneira. Talvez ela fale, talvez não. Não posso forçá-la.”

Erica deu de ombros num gesto de indiferença, mas claramente o livro ia ser melhor se ela pudesse fazer Vera contribuir. O que tinha escrito até agora fora somente o esqueleto; agora teria de se ocupar em preencher o esqueleto com a carne.

“E você?”, ela se virou um pouquinho no sofá e pôs suas pernas no colo de Patrik, que entendeu a mensagem e obedientemente começou a massagear seus pés. “Como foi seu dia? Você é o grande herói na delegacia agora?”

O suspiro profundo de Patrik indicava que este não era o caso.

“Não, você não acha que Mellberg daria crédito para quem merece, ou acha? Ele ficou o dia inteiro andando pela sala de interrogatório e em várias coletivas de imprensa. O pronome mais frequente que usava nas conversas com os repórteres era ‘eu’. Ficaria surpreso se ele ao menos mencionasse meu nome. Mas, fazer o quê? Quem é que quer ver seu nome na imprensa, de qualquer forma? Prendi uma assassina ontem, e isso já é o suficiente para mim.”

“Nossa, como você é nobre!”, Erica deu um soco de brincadeira no braço dele. “Admita que você ia gostar de ficar lá, na frente do microfone, numa grande coletiva de imprensa, estufando o peito e lhes dizendo como descobriu, de uma forma tão brilhante, quem era o assassino.”

“Tudo bem, teria sido muito legal ser mencionado pelo menos um pouco nos jornais locais. Mas isso não vai acontecer. Mellberg vai roubar a glória toda para si mesmo, e não há nada que eu possa fazer.”

“Você acha que ele vai conseguir aquela transferência que tanto quer?”

“Quem nos dera. Mas suspeito que os chefes em Gotemburgo estão bastante satisfeitos de ele estar onde está. Temo que teremos de aguentá-lo até ele se aposentar. E esse dia parece muito distante ainda.”

“Pobre Patrik.” Ela acariciou seu cabelo, e ele interpretou isso como um sinal para pular em cima dela e imobilizá-la debaixo de seu corpo no sofá.

O vinho começava a surtir efeito em seus membros, que estavam pesados, e o calor do seu corpo lentamente se espalhou para o dela. O ritmo de sua respiração mudou; estava mais rápido. Mas Erica ainda tinha algumas perguntas a lhe fazer. Ela se esforçou para se sentar e, usando força moderada, o afastou de volta para seu canto do sofá.

”Mas você está satisfeito com a resolução do caso? E quanto ao sumiço de Nils, por exemplo? Você não descobriu mais nada de Vera?”

“Não, ela alega que não sabe de mais nada. Infelizmente não acredito. Acho que ela tinha uma motivação muito mais séria de proteger Anders do que a de que as pessoas descobrissem que Nils tinha abusado dele. Acho que ela sabe exatamente o que aconteceu com Nils e que esse segredo tem de ser preservado a qualquer custo. Mas tenho que admitir que me incomoda que isso ainda seja somente uma especulação de minha parte. As pessoas simplesmente não viram fumaça e somem assim. Ele está em algum lugar, e há alguém que sabe onde. Mas tenho, sim, uma teoria.”

Patrik expôs passo a passo o provável curso dos acontecimentos e explicou as circunstâncias por trás de sua ideia. Erica viu que ele estava tremendo, apesar do calor que estava na sala. Parecia inacreditável, mas estranhamente plausível. Ela também entendeu que Patrik nunca poderia provar nada do que estava dizendo. E mesmo que pudesse, provavelmente não adiantaria nada. Tantos

anos já tinham se passado. Tantas vidas já tinham sido destruídas. Não traria nenhum benefício estragar mais uma.

“Eu sei que isso nunca vai levar a nada. Mas quero saber, por mim. Estou convivendo com este caso há várias semanas, e quero achar algum tipo de desfecho.”

“Então, o que você vai fazer? Ou melhor, o que você pode fazer?”

Patrik suspirou. “Simplesmente pedirei respostas. Se não tentar, não vou ganhar nada, certo?”

Erica olhou para ele intrigada. “Não parece uma ideia muito boa, mas tenho certeza de que você sabe o que está fazendo.”

“Espero que sim. Será que podemos deixar a morte e a tristeza de lado pelo resto da noite e, em vez disso, nos concentrarmos em nós?”

“Acho essa uma ideia brilhante.”

Ele se arrastou para cima dela novamente e, dessa vez, ninguém o afastou de lá.

Quando ele acordou, Erica ainda estava na cama. Patrick não teve coragem de acordá-la, levantou-se silenciosamente, se vestiu e foi embora de carro.

Ele sentiu certa surpresa, mas também certa reticência, quando agendou o encontro. A condição era de que eles se encontrassem de modo discreto, e Patrik não teve o menor inconveniente em aceitá-la. É por isso que já estava de pé às sete da manhã de uma segunda-feira. Conforme ia para Fjällbacka, na escuridão, somente alguns poucos carros passavam. Virou quando viu uma placa indicando Vaddö e continuou mais um pouco até chegar a um estacionamento. Seu carro era o único. Então ele esperou. Após dez minutos, outro carro entrou no estacionamento, parando ao lado do dele. O motorista saiu do carro, abriu a porta do passageiro do

carro de Patrik e entrou. O policial deixou o carro ligado para que o aquecedor ficasse funcionando, se não eles, logo, logo, ficariam completamente congelados.

“Parece um tanto excitante nos encontrarmos em segredo desta maneira, com a cobertura da escuridão. Minha única pergunta é por quê?” Jan estava completamente relaxado, mas tinha uma expressão de perplexidade. “Pensei que a investigação tivesse acabado. Você pegou a assassina de Alex, ou não?”

“Sim, é verdade. Mas ainda há algumas peças que não se encaixam bem, e isso está me importunando.”

“Entendo. O que exatamente não está se encaixando?”

O rosto de Jan não esboçava nenhum sentimento. Patrik se perguntou se por fim teria acordado àquela hora ingrata por nada. Mas agora que já estava ali, ia terminar o que tinha começado a qualquer custo.

“Como você deve ter ouvido, Alexandra e Anders foram molestados por seu meio-irmão Nils.”

“Sim, ouvi a respeito. Terrível. Especialmente por causa de minha mãe é que acho isso.”

“Embora isso não tenha sido nenhuma novidade para ela. Ela já sabia disso.”

“É claro que sabia. Ela somente lidou com a situação da única maneira que achava correta. E com a maior discrição possível. O nome da família tinha de ser protegido, isso é óbvio. Tudo mais era secundário.”

“E como você se sente a respeito? A respeito do fato de que seu meio-irmão era um pedófilo e de que sua mãe sabia disso e o protegeu?”

Jan não se deixou alterar pela pergunta. Limpou algumas manchas de poeira da sua lapela, e, então, simplesmente ergueu

uma sobrelha e, após alguns segundos de reflexão, respondeu a Patrik:

“Obviamente eu entendo a mãe. Ela agiu do único modo que podia, e o estrago já tinha sido feito, não?”

“Sim, suponho que se possa enxergar dessa maneira. Mas a questão é: para onde Nils foi depois disso? Alguém da família tem notícias dele?”

“Quanto a isso, claro que teríamos informado a polícia, como bons cidadãos.”

A ironia estava tão bem mesclada ao seu tom de voz que mal se percebia. “Mas eu posso entender por que ele desapareceu. O que havia restado para ele aqui? Minha mãe já tinha entendido que tipo de pessoa ele era, e ele não podia mais continuar trabalhando na escola. Ela teria cuidado disso. Então ele se mandou. Provavelmente, está vivendo num país quente com acesso fácil a garotinhas e garotinhos.”

“Eu acho que não.”

“Ah, não? E por quê? Será que você encontrou seu esqueleto em algum lugar do armário?”

Patrik ignorou seu tom zombeteiro. “Não, não achei. Mas tenho uma teoria, sabe...”

“Que emocionante...”

“Eu acho que Nils não molestou somente Anders e Alex. Acho que sua vítima principal era alguém que ele tinha mais perto de si. Alguém que era bastante acessível. Acho que você também foi molestado.”

Pela primeira vez, Patrik achou ter visto uma rachadura na fachada limpa e brilhante de Jan, mas alguns segundos depois já tinha o controle de si novamente, ou pelo menos assim parecia.

“Essa é uma teoria interessante. Em que você se baseou?”

“Em nada de mais, devo admitir. Mas achei um elo comum entre vocês três. Na sua infância. Vi uma pequena tira de couro no seu escritório quando o visitei. Suponho que seja bastante importante para você, não? Ela simboliza algo. Um pacto, uma solidariedade, um juramento de sangue. Você a guardou por mais vinte e cinco anos. Anders e Alex também guardaram as deles. Na parte de trás de todas elas há uma impressão digital manchada com sangue, e é por isso que acho que todos vocês fizeram um juramento de sangue do mesmo modo melodramático que as crianças o fazem. Então as três iniciais foram gravadas na parte dianteira das tiras, O.T.M., mas não consegui decifrá-las. Será que você pode me ajudar com isso?”

Patrik podia ver que havia duas forças distintas lutando dentro de Jan. Por um lado, o bom-senso lhe estava dizendo para não revelar nada; por outro, o desejo de compartilhar um segredo não deveria ser subestimado, a vontade de fiar-se em alguém. Patrik tinha confiança no ego de Jan, e até apostaria dinheiro no fato de que lhe seria irresistível aliviar o peso do seu coração com alguém que estivesse disposto a ouvi-lo, interessado. Ele resolveu tentar facilitar a decisão de Jan.

“Tudo que dissermos aqui hoje permanecerá entre nós. Não tenho nem a energia nem os recursos para dar seguimento a um acontecimento de vinte e cinco anos atrás. E acho que nem poderia achar uma prova, mesmo que tentasse. Isto é pessoal. Tenho que saber.”

A tentação ficou grande demais para Jan.

“‘Os Três Mosqueteiros’. É isso o que significa O.T.M. Tolo e ridiculamente romântico, mas é assim que nos enxergávamos. Era contra o nosso mundo. Quando estávamos juntos, podíamos nos esquecer do que tinha acontecido conosco. Nunca conversamos sobre isso, nem precisávamos. Entendíamos sem palavras. Fizemos um pacto de que sempre seríamos leais uns aos outros. Com um

caco de vidro, cada um de nós fez um corte no dedo, misturamos nossos sangues e então carimbamos nosso emblema com o sangue.

“Eu era o mais forte de nós três. Fui forçado a ser o mais forte. Os outros podiam pelo menos se sentir seguros em casa, mas eu sempre olhava para trás. À noite, dormia com o cobertor puxado até o meu queixo e ficava atento às pegadas que eu sabia que viriam, primeiro pelo corredor, e ficavam cada vez mais perto.”

Era como se uma comporta tivesse arrebentado. Jan falava num ritmo furioso, e Patrik não dizia nada para não interromper o fluxo de palavras.

Jan acendeu um cigarro, abaixou a janela do carro um pouco para deixar sair a fumaça e continuou. “Nós três vivíamos em nosso próprio mundo. Nos encontrávamos quando ninguém estava olhando e buscávamos consolo e conforto uns nos outros. O estranho é que, embora devêssemos na verdade ter servido de lembrança do mal uns para os outros, era somente juntos que podíamos por um tempo escapar da realidade. Eu nem sequer lembro como soubemos. Ou por que primeiro buscamos refúgio um no outro. Mas de alguma forma sabíamos. Era inevitável que procurássemos uns aos outros. Fui eu quem decidiu que deveríamos resolver o problema do nosso jeito. Alex e Anders enxergavam isso como um jogo, de início, mas eu sabia que ficaria sério. Não havia outra saída.

“Num dia ensolarado e frio de inverno, meu meio-irmão e eu saímos para as águas congeladas. Não foi difícil convencê-lo a ir. Ele ficou muito contente que eu tivesse tomado a iniciativa, e estava ansioso pela nossa pequena excursão. Eu tinha passado muitas horas sobre o gelo naquele inverno e sabia exatamente aonde levá-lo. Anders e Alex estavam esperando lá. Nils ficou surpreso quando os viu, mas ele era tão arrogante que nunca nos via como uma ameaça. Éramos somente crianças, afinal. O resto foi fácil. Um buraco no gelo, um empurrão, e ele já era.

“No início, ficamos muito aliviados. Os primeiros dias foram maravilhosos. Nelly estava fora de si de preocupação tentando saber aonde Nils tinha ido, mas eu, deitado na minha cama à noite, sorria. Eu ‘ouvia’ a ausência de pegadas. Depois, o inferno veio à tona. Os pais de Alex tinham descoberto algo, como eu não sei, e foram falar com Nelly. Suponho que Alex não tenha resistido à pressão e às perguntas e tenha lhes contado tudo, tanto sobre mim quanto sobre Anders. Não sobre o que fizemos a Nils, mas sobre tudo que tinha acontecido antes disso. Se alguma vez achei que ia encontrar simpatia por parte de minha mãe adotiva, aprendi bem minha lição naquele dia. Nelly nunca mais olhou nos meus olhos. Ela nunca mais perguntou onde Nils estava. Às vezes me perguntava quando suspeitava de algo.”

“Vera também me falou sobre os abusos.”

“Sim, mas a mamãe era esperta. Ela se aproveitou da necessidade de Vera em proteger Anders e manter as aparências. Ela nem mesmo teve que lhe dar dinheiro ou suborná-la com um bom emprego para mantê-la quieta.”

“Você acha que Vera também chegou a saber o que tinha acontecido a Nils?”

“Estou completamente convencido disso. Não acho que Anders teria conseguido esconder algo assim de Vera por todos esses anos.”

Patrik estava pensando alto. “Então, provavelmente, Vera matou Alex não somente para mantê-la quieta sobre os abusos, mas porque temia que Anders fosse indiciado por assassinato.”

Jan esboçou um sorriso quase malévolo. “O que é quase cômico. Em primeiro lugar, o assassinato prescreveu, em segundo, ninguém se importaria de nos denunciar agora, tanto tempo depois, em vista das circunstâncias e do fato de que éramos somente crianças naquela época.”

Patrik, relutantemente, foi obrigado a concordar com ele. Não teria havido nenhuma consequência se Alex tivesse ido à polícia e dito a eles tudo que tinha acontecido. Mas, aparentemente, Vera não entendeu isso; ela acreditava que havia um perigo real de que Anders fosse condenado por assassinato.

“Vocês mantiveram contato depois disso? Você, Alex e Anders?”

“Não. Alex se mudou quase que imediatamente e Anders se retraiu em seu próprio mundinho. É claro que nos víamos de vez em quando, mas não nos falamos por vinte e cinco anos até depois da morte de Alex, quando Anders veio gritando e berrando que era eu quem a tinha assassinado. Naturalmente neguei. Não tive nada a ver com sua morte, mas ele insistia.”

“Você não sabia que ela tinha pensado em ir à polícia e contar sobre a morte de Nils?”

“Não, antes de ela morrer, não. Anders me disse isso depois.”

Jan fumava desinteressado, formando anéis de fumaça dentro do carro.

“O que teria acontecido se você tivesse descoberto?”

“Suponho que nunca saberemos, não é mesmo?” Ele se virou para Patrik e o olhou com seus olhos azuis e frios. Patrik estremeceu: “Não, eles nunca saberiam.”

“Como eu disse, ninguém nunca teria se importado de nos mandar para a prisão pelo que fizemos. Mas é claro que eu serei o primeiro a admitir que isso complicou um pouco minha relação com a minha mãe.”

Então Jan mudou de assunto abruptamente.

“Parece que eles transavam, Alex e Anders, de acordo com o que ouvi. Quem diria, a bela e a fera! Eu também deveria ter aproveitado a oportunidade, por nossa velha amizade...”

Patrik não sentia nenhuma simpatia pelo homem que estava sentado ao seu lado. É bem verdade que ele tinha vivido um

inferno quando criança, mas havia algo mais em Jan. Algo maligno e podre emanava de seus poros. Por impulso, Patrik disse: “Seus pais morreram em condições trágicas. Você sabe mais alguma coisa do que aconteceu, além do que veio à tona na investigação?”.

Um sorriso apareceu em sua boca. Ele abaixou a janela mais um centímetro ou dois e jogou para fora a bituca do cigarro.

“Um acidente pode ocorrer tão facilmente, não? Uma lâmpada de óleo derrubada, uma cortina tremulando. Pequenos acidentes podem juntar forças e causar um acontecimento maior. Claro que se pode dizer que é da vontade de Deus que os acidentes acontecem às pessoas que os merecem.”

“Por que você aceitou se encontrar comigo? Por que está me dizendo tudo isso?”

“Na verdade, eu mesmo fiquei surpreso. Não pretendia vir, mas a curiosidade foi maior, eu acho. E todos nós temos a necessidade de dizer a alguém o que fizemos. Especialmente se aquele alguém não pode fazer nada em relação àquilo que ouve. A morte de Nils já são águas passadas, é a minha palavra contra a sua, e receio que ninguém acreditaria em você.”

Jan saiu do carro, mas se virou e debruçou na janela.

“Eu acredito que o crime compensa, sim, para algumas pessoas. Um dia vou herdar uma fortuna considerável. Se Nils estivesse vivo, creio que minha situação seria outra.”

Ele se despediu de forma brincalhona com dois dedos na sobancelha, fechou a porta e caminhou de volta para o seu carro. Patrik podia sentir um sorriso malévolo se espalhar sobre seu rosto. Jan provavelmente não sabia da relação de Julia com Nelly ou do conteúdo que teria o testamento no dia em que ele fosse lido. Os caminhos de Deus eram, sem dúvida, inescrutáveis.

Uma brisa quente acariciava suas bochechas sulcadas enquanto ele estava sentado na pequena sacada. O sol aqueceu e curou suas juntas doloridas; ele se movia com maior facilidade a cada dia que passava. Todos os dias ia para o trabalho no mercado de peixes, onde ajudava a vender a mercadoria que os pescadores traziam de seus barcos muito cedo, de manhã.

Ali não havia ninguém que quisesse tirar dos mais velhos o direito de ser úteis. Em vez disso, ele se achava mais respeitado e apreciado do que nunca fora em sua vida, e lentamente ia fazendo amizades naquela cidadezinha. É bem verdade que tinha um pouco de dificuldade com a língua, mas percebeu que se dava bem com gestos e boa vontade, e seu vocabulário ia aumentando com o tempo. Depois de cada dia de trabalho, tomava alguns drinques, que também o ajudavam a se soltar um pouco e ficar menos tímido. Ele achava, para sua surpresa, que estava se tornando um tagarela.

Enquanto ficava sentado lá na sacada, com vistas para a exuberante vegetação que se unia à água mais azul que já tinha visto, Eilert sentiu que nunca estaria tão perto do paraíso quanto ali.

Um condimento a mais na sua vida era sua paquera diária com a proprietária peituda da pensão, Rosa. De vez em quando, ele se dava ao luxo de namorar a ideia de que, com o tempo, isso poderia resultar em algo mais que um divertido flerte. A atração existia, não havia dúvida, e as pessoas não foram feitas para viver sozinhas.

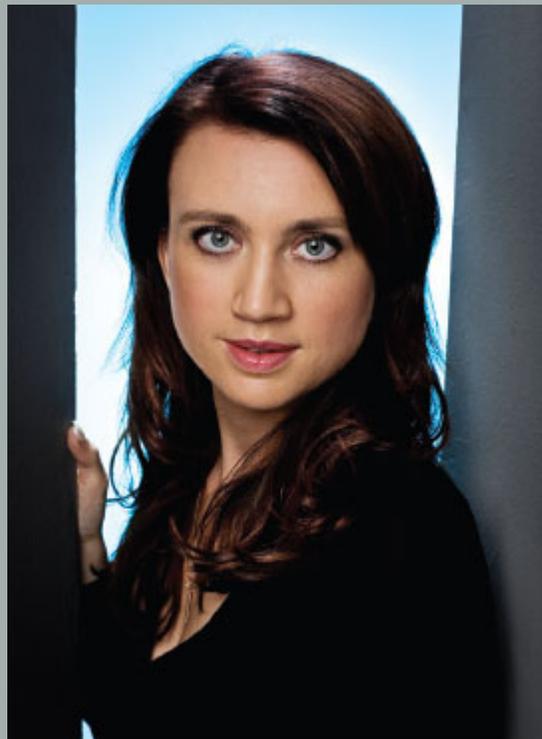
Por um instante, pensou em Svea, que ficara em casa, lá na Suécia. Então afastou aquele pensamento desagradável, fechou os olhos e desfrutou uma merecida sesta.

1 Programa de trabalho remunerado que consiste em morar em outro país participando de uma família, cuidando de crianças e estudando.

A biógrafa Erica Falck volta à sua cidade natal, a pequena Fjällbacka, em busca de um lugar sossegado para concluir seu próximo livro e resolver algumas questões referentes ao inventário da morte de seus pais. Em pouco tempo, Erica percebe que a cidade em que cresceu já não é mais uma tranquila vila de pescadores, por estar sendo invadida por um crescente número de turistas.

Ao mesmo tempo em que tenta adaptar-se às transformações da cidade, Erica Falck recebe uma dura notícia: Alexandra Wijkner, sua amiga de infância, é encontrada morta na banheira da casa onde morou quando criança despertando a suspeita de suicídio. Porém, nem tudo se encaixa. Por que alguém atraente, confiante e tão cheia de vida como Alex daria fim à própria vida? Por que Alexandra estava em Fjällbacka e não em Göteborg com seu marido?

Erica parte, então, em uma busca por respostas que a levará a desvendar mentiras e segredos guardados a sete chaves e capazes de mudar o destino de muitos.



Camilla Läckberg nasceu em 1974, em Fjällbacka, Suécia. Antes de se tornar uma das mais conhecidas escritoras de romances policiais do mundo, trabalhou, por vários anos, como produtora e diretora de marketing.

"Com muito suspense e talento, Camilla Läckberg detalha como importantes segredos podem nunca ser esquecidos e como o silêncio pode matar a alma."

Publishers Weekly

Camilla Läckberg acaba de receber a coroa de nova rainha do crime. Seus livros vêm desafiando os leitores pelo mundo todo com tramas originais e mistérios além da imaginação. Traduzida em mais de dez idiomas, a jovem Camilla Läckberg é presença constante nas listas de *best-sellers*. Por onde passa, esse fenômeno da literatura policial arrebatava milhares de fãs. Seu reinado começa no Brasil com este *A Princesa de Gelo*, primeira aventura de Erica Falck, uma biógrafa que encontra seu passado mergulhado num lago gelado de sangue. A história leva o leitor a acompanhar os passos de Erica e descobrir como grandes segredos que permaneceram tanto tempo escondidos podem abalar sólidas estruturas. Descubra você também por que Camilla Läckberg é considerada a nova Agatha Christie.